POMERANOS

SOB O CRUZEIRO DO SUL

Colonos Alemães no Brasil

1859 - 2009
Edição Comemorativa dos 150 anos da Imigração Pomerana no Espírito Santo

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Rua 7 de Setembro, 414, Centro, Cep.: 29.015.905
Vitória, Espírito Santo, Brasil

www.ape.es.gov.br

Coleção Canaã
Volume 10

KLAUS GRANZOW

POMERANOS
SOB O CRUZEIRO DO SUL

Colonos Alemães no Brasil

Vitória, 2009
Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

Coordenação Editorial
Agostino Lazzaro

Tradução
Selma Braum
Título original: **Pommeranos Unter Dem Kreuz Des Südens** - *Deutsche Siedler in Brasilien.*
(obra publicada na Alemanha por Horst Erdmann Verlag/Tübingen und Basel, 1975)

Apoio Técnico
Cilmar Franceschetto

Revisão Técnica
Agostino Lazzaro
Cilmar Franceschetto

Editoração, Programação Visual e Capa
Ivens da Silva Erler

Fotografias e mapas
Reprodução da edição do original publicado em 1975 pela Horst Erdmann Verlag, Alemanha. Reprodução das imagens impressas no livro *Pommeranos in Brasilien,* do autor, publicado em 1972 na Alemanha.

Agradecimentos
Waltraud Granzow Schlichting, pela cessão dos direitos de publicação ao Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Hilda Braun, Joel Velten, Valdemar Holz, Pastor Helmar Rölke, Débora do Carmo, Michel Caldeira. Deputado Claudio Vereza pela destinação de recursos na forma de emenda parlamentar em prol da ACAES.

Impressão
Grafisana - GHE - Central dos Impressos Ltda.

G765p

Granzow, Klauz
Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: *colonos alemães no Brasil*/ Klaus Granzow. – Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2009.

226 p. : il., mapas – (Coleção Canaã, 10)

ISBN: 978-85-98928-05-0

1. Pomeranos – vida e costumes. I. Título.

CDD:325.24317098152

KLAUS GRANZOW:

RELATO DA VIDA DOS CAMPONESES POMERANOS DURANTE A DITADURA MILITAR NO BRASIL

Brasil, governo de Ernesto Geisel, década de 1970. Em plena ditadura militar o ator, escritor e poeta regionalista pomerano, Klaus Granzow, visita os descendentes de pomeranos no Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nessa época ele já era um consagrado estudioso da história e da cultura da Pomerânia, sua terra natal.

Através de uma observação minuciosa o autor relata, de forma clara e sensível, a vida dos imigrantes pomeranos e seus descendentes em terras brasileiras.

É um relato que denuncia as dificuldades dos colonos, em meio às florestas brasileiras, mas também revela a superação dos obstáculos através do trabalho e da dedicação à terra conquistada pelos antepassados imigrantes.

No Espírito Santo, Granzow se depara com uma população atingida em cheio pelas ações da ditadura: pobreza na agricultura resultante da falta de uma política agrária e de incentivos reais aos trabalhadores do campo. Estrategicamente, o governo militar controlava os meios de comunicação e impunha o silêncio e a censura. O "milagre econômico", fruto do projeto desenvolvimentista dos militares, abriu o país ao capital estrangeiro, quando então dezenas de multinacionais aqui se instalaram sob as benesses do Estado brasileiro que lhes concedeu vantagens e incontáveis privilégios.

Nesse período, a política salarial do governo federal e a distribuição de renda já era uma das piores do mundo. O "milagre econômico" brasileiro beneficiou o capital estrangeiro. Enfraquecida a economia nacional, as pequenas e médias empresas perderam espaço

enquanto a nossa dívida externa crescia assustadoramente. A massa de trabalhadores do país via seu salário cada vez mais ser literalmente devorado pela inflação. Os grandes projetos industriais determinavam o deslocamento e a migração de milhares de pessoas do campo para as grandes cidades e para outros Estados do país. O próprio Granzow constata, em seu relato, que a febre de migrar para Rondônia já havia chegado no município de Baixo Guandu (ES). A política agrária era completamente desfavorável ao trabalhador rural, que se via impelido a buscar outras alternativas de sobrevivência. Disfarçada pelo "milagre econômico" a recessão já dominava a economia e prenunciava o fracasso da ditadura militar no Brasil.

Some-se a isso as graves conseqüências do "Plano de Erradicação dos Cafezais" (1962-1970), instituído pelo governo federal. Dados do Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) informam que no Espírito Santo foram erradicados 1,4 bilhão de pés de café, liberando uma área de 1,5 milhão de hectares de terra, sendo 80% no Norte do Estado. As lavouras cafeeiras foram aos poucos sendo substituídas por pastagens e as pequenas propriedades, pertencentes aos descendentes de imigrantes, deram lugar aos latifúndio geridos por grandes empresas depredadoras do meio-ambiente.

Quando Granzow passou pelo interior do Espírito Santo não encontrou o "milagre econômico" dos militares em nosso território. Encontrou, sim, o esforço dos camponeses em sobreviver num contexto político e econômico completamente desfavorável a eles. Sem falarmos na péssima rede de infra-estrutura do Estado na época: falta de rodovias asfaltadas; falta de políticas de incentivo ao trabalhador rural; de saneamento básico; de hospitais e de escolas. Por isso, no final de seu livro, o autor compara a grande defasagem sócio-cultural e econômica dos pomeranos capixabas em relação aos pomeranos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde a economia local, devido a outras variantes (pois não dependia da monocultura do café como a capixaba,) talvez não tenha sofrido tanto com o impacto causado pela política de erradicação dos cafezais, que praticamente arruinou com a vida econômica de milhares de agricultores em nosso Estado.

Por isso, a leitura deste livro não deve ser feita sem considerarmos o contexto social, político e econômico do Brasil e suas conseqüências na vida de todos os brasileiros, que tiveram a sua cidadania violada e cassada pela ditadura militar, quando milhares de pessoas foram ilegalmente detidas, torturadas, assassinadas ou dadas como desaparecidas. Ao ler este livro percebemos que cada um de nós pagou o seu preço. Os camponeses capixabas, de todas as origens, também sofreram em silêncio as torturas físicas e psíquicas da perda da pequena propriedade e do seu modo de vida tradicional. Mas muitos sobreviveram. Suas histórias, de luta e resistência, estão retratadas nas páginas deste livro que ora publicamos, em língua portuguesa, 34 anos após o seu lançamento na Alemanha.

Granzow um aficcionado pela cultura e história do povo pomerano certamente retomaria suas pesquisas no Espírito Santo, mas faleceu na Alemanha em 1986. Não teve tempo suficiente para interpretar historicamente todos os seus estudos realizados no Brasil. O seu rico acervo documental (entrevistas, filmes e fotografias), colhido junto aos pomeranos brasileiros, é um convite no mínimo desafiador para os pesquisadores e demais interessados na história da imigração pomerana sob o "Cruzeiro do Sul".

Agostino Lazzaro
Cientista Social
Diretor-Geral do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

Estamos comemorando os 150 anos da chegada do povo pomerano no Brasil. São inconfundíveis, entre outras, suas contribuições econômicas, políticas, culturais, religiosas, em diferentes contextos do cenário nacional. Infelizmente há poucas publicações disponíveis sobre o tema. O número de estudos acadêmicos desenvolvidos sobre a presença e contribuições da cultura pomerana é ainda irrisório. Todavia há

muito a se conhecer sobre os pomeranos, a respeito de sua história e do seu legado cultural.

Muitas vezes este povo foi considerado exótico, devido ao seu jeito peculiar de ser. Durante mais de 120 anos criou-se uma imagem fantasiosa em relação aos pomeranos, por vezes até estereotipada, reforçada pela mídia. É necessário distinguir de forma inequívoca os aspectos especulativos e pejorativos daqueles que correspondem à realidade de lutas na produção da vida diária de cada um e de todos.

Diversas campanhas pela nacionalização dos imigrantes germânicos tiveram impactos muito negativos, principalmente sobre as gerações mais jovens. As perseguições e humilhações públicas por ocasião da Segunda Guerra àqueles que tinham alguma relação com a Alemanha, afetaram de maneira particular as comunidades pomeranas, principalmente quando foram forçadas a entregar seus livros para incineração e adotar o uso obrigatório da língua portuguesa nas escolas e nos templos. Estas são razões históricas que ajudam a explicar até certo ponto os motivos pelos quais as gerações mais novas têm vergonha de se comunicar em pomerano nos espaços públicos, de mostrar sem constrangimento sua culinária, de compartilhar seu modo de se vestir e praticar seus ritos espirituais.

Este povo é trabalhador, cultiva com muito suor e dedicação a terra que lhe dá o sustento. Os pomeranos reverenciam a natureza e as pessoas. São eternamente gratos a Deus por tudo que a terra lhes oferece em resposta ao trabalho realizado e por poderem viver em comunidade. Os mutirões na abertura de estradas e construção de escolas comunitárias, o fervor da Festa da Colheita, realizada anualmente, o batizado, a confirmação e o casamento são exemplos marcantes disso.

Há que se implementar ações afirmativas oficiais para valorizar as origens e identidade campesina deste que é um dos povos tradicionais da organização social brasileira. Seus territórios e saberes constituem cenários humanos e ecológicos sustentáveis belíssimos, a serem compartilhados, para fortalecer lutas coletivas por um mundo melhor e mais digno para todos.

Os mais velhos e as gerações mais jovens precisam ser incentivadas para se engajar em movimentos coletivos de luta política pela valorização da língua, que é falada atualmente por sujeitos de diferentes faixas etárias somente no Brasil. Inegavelmente o pomerano é idioma vivo e dinâmico.

Oportunizar mais estudos e pesquisas, conclamando principalmente as universidades e seus intelectuais para a tarefa de registrar e divulgar saberes deste povo é uma das possibilidades concretas e históricas de resgate da dívida social com os pomeranos hoje no país. Assim um número cada vez maior de pessoas e instituições aqui e no exterior poderá conhecer de forma efetiva aspectos da cultura, da identidade, enfim, das origens dos pomeranos, cujas primeiras famílias desembarcaram no Porto de Vitória em 28 de junho de 1859. Desde então fundaram e consolidaram comunidades reconhecidas no Estado do Espírito Santo, imprimindo para sempre importantes marcas na identidade espiritossantense. Mais tarde famílias migraram para outras regiões e Estados (PR, RO, PA), fertilizando outras culturas e delas recebendo influências, num movimento de trocas interculturais.

Este livro *Pomeranos unter den Kreuz des Südens* (Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul) com certeza contribui para entender melhor quem são os pomeranos. Resulta de relatos colhidos em mais de quarenta encontros e palestras nas comunidades locais do ES, SC e RS na primeira metade da década de 1970. Na obra é evidente também o sentimento de perda e, ao mesmo tempo, de busca pelo resgate do próprio autor que, ao ser exilado aos 12 anos, perdeu o contato com as tradições de sua infância na Pomerânia, tradições estas que teve a oportunidade de reviver e recordar nas vezes quando esteve no Brasil em meio aos pomeranos.

Desde a década de quarenta do século XX houve intensa discriminação no uso de línguas germânicas entre nós, o que resultou na desvalorização do estudo da língua alemã. Com isso poucas pessoas dominam o alemão na modalidade oral e, muito menos na escrita, no presente momento. Portanto, a tradução deste livro do alemão para o português oportunizará, certamente, para que essas e muitas outras

pessoas, em diferentes contextos, tenham acesso ao seu importante conteúdo. Por esta razão a Associação de Cultura Alemã no Espírito Santo (ACAES) somou esforços, junto ao Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, para que esta obra pudesse ser traduzida e editada em português.

Vale ressaltar como o autor conseguiu captar e registrar tantas informações em período relativamente curto de convívio aqui no Brasil entre os pomeranos. Se não tivesse falecido tão jovem certamente poderia ter contribuído muito mais, pois hoje em dia os descendentes de pomeranos estão em franco movimento de valorização de sua identidade e cultura, o que na época era bastante raro.

Hilda Braun
Coordenadora-Geral
Associação da Cultura Alemã do Espírito Santo

A SAGA DA IMIGRAÇÃO POMERANA NO ESPÍRITO SANTO

Neste 2009, o Espírito Santo comemora 150 anos da chegada dos imigrantes pomeranos em terras capixabas. No longínquo dia 28 de junho de 1859, aportavam em Vitória 117 imigrantes saídos do porto de Hamburgo em 27 de abril daquele mesmo ano.

Da nossa capital, essas 27 famílias seguiram para a Colônia de Santa Leopoldina, em canoas, rumo aos lotes a elas destinados, de acordo com a política imigrantista do Império Brasileiro. Era a região que hoje equivale, em sua maior parte, ao município de Santa Maria de Jetibá.

Na década de 1870, novos imigrantes pomeranos chegaram ao Estado. Ao todo, mais de 2.300 pomeranos se instalaram em terras capixabas ao longo do século XIX. Ajudando a desbravar localidades das regiões serrana e norte do Espírito Santo, seus descendentes estão presentes em quase duas dezenas de nossos municípios.

A saga da imigração pomerana no Espírito Santo, assim como no Brasil, é mais um capítulo de uma história de resistência, força e crença desse povo na possibilidade de uma vida sempre melhor, a partir do trabalho responsável e dedicado.

Da antiga Pomerânia, que não mais existe como unidade geográfica na Europa, para uma diáspora intercontinental, ao longo dos séculos os pomeranos mantêm vivos os traços de sua identidade.

Destacado espírito de comunidade, dedicação ao trabalho e expressões simbólicas, como o dialeto, os costumes socioculturais, o artesanato, a música, a dança e a culinária, marcam um jeito de ser ímpar entre nós. São manifestações que ajudam a compor o quadro capixaba

de uma identidade fundada na diversidade, mas mobilizada pelo projeto comum de bem-estar coletivo.

Realizamos várias iniciativas para marcar os 150 anos da imigração pomerana. Destacamos a celebração oficial da data, ocorrida no Palácio Anchieta, quando mais de 800 descendentes puderam expressar o orgulho de suas origens, em meio a apresentações culturais e homenagens, como a entrega de Registros de Entrada de Imigrantes, expedidos pelo Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

Nessa mesma ocasião, sancionamos a lei de autoria do deputado Atayde Armani, instituindo 28 de junho como o Dia Estadual da Imigração Pomerana.

A edição deste livro de referência acerca da presença pomerana em nosso Estado e nosso País é uma das principais iniciativas no calendário de nossas comemorações.

Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: *Colonos Alemães no Brasil*, é uma obra-prima da literatura dedicada a descrever o dia a dia dos imigrantes em sua incansável empreitada pelo alcance de melhores condições de existência.

Klauz Granzow descreve, de forma envolvente e apaixonada, um relato de suas viagens aos lugares pomeranos na *terra brasilis*. São palavras de pura emoção, para destacar um olhar atento à vida que se construía longe da Europa, que riscara a Pomerânia do mapa.

São palavras plenas de sentimentos, para descrever o reencontro com a alma pomerana nos trópicos e seus novos espaços de busca árdua e incansável pela construção do sonho de uma nova vida.

Granzow ficou seis semanas em nosso Estado, entre a capital e o interior. Esteve em Vila Pavão, Laranja da Terra, Santa Maria de Jetibá, entre outros. E, resumidamente, pode-se descrever assim a sua sensação nos dias aqui corridos. Com suas próprias palavras: “Muitas vezes tive a impressão de que estivesse em minha casa na Pomerânia”.

O Espírito Santo tem uma vocação acolhedora. Como bem disse o poeta, “é um verdadeiro porto de pátrias”. Nesses últimos anos, ao

acolhimento somou-se uma nova realidade político-institucional e um novo modelo de desenvolvimento econômico, que estão fundamentando as bases de um Estado com oportunidade para todos.

É o "porto de pátrias" caminhando para se tornar a terra da prosperidade compartilhada, numa história em que a diversidade de nossa origem só faz enriquecer as nossas possibilidades de crescer com igualdade de oportunidade e sustentabilidade.

E, nessa história, nossos irmãos descendentes de pomeranos vêm inscrevendo, há 150 anos, uma marca indelével de trabalho, talento, sucesso e dedicação. Boa leitura.

Paulo Hartung
Governador do Estado do Espírito Santo

ÍNDICE

ENTRE OS POMERANOS NO ESPÍRITO SANTO

I

“A sua alma ainda não o acompanhou na viagem” disse amável a pequena freira alemã, me encarando com o seu olhar bondoso. Concordei imediatamente com ela, pois me sentia como um tímido garoto camponês da Pomerânia Oriental perante ela, no Hospital Evangélico do Rio de Janeiro. Sentia-me um pouco atrapalhado e dominado pela beleza extraordinária da cidade. Apreciava a paisagem deslumbrante, a harmonia que existe entre a terra e o mar. Porém, ela olhava para o Corcovado, onde no topo da montanha se encontra uma estátua iluminada do Cristo Redentor, de braços abertos abençoando a cidade. Senti que “a minha alma realmente ainda ia levar alguns dias para me acompanhar na viagem”.

No dia anterior, na Alemanha, eu ainda teria achado graça de tanta ingenuidade. Porém, depois de ter sido surpreendido e em poucas horas ter visto tanta beleza na América do Sul, me perguntei: Quando será que realmente a “minha alma” poderia me acompanhar na viagem? Cheguei à conclusão de que a mesma deveria se apressar um pouco, pois no dia seguinte eu já deveria seguir 500 km no sentido norte, ou seja, para Vitória, capital do Espírito Santo.

Tinha conhecimento que os primeiros pomeranos que imigraram para terras brasileiras, há mais de 100 anos, teriam se estabelecido lá. Eles ali chegaram após uma viagem que durou mais de três meses em veleiros, enfrentando perigos. Enquanto a minha viagem aérea durou apenas uma noite da Alemanha para o Brasil, e do Rio de Janeiro para Vitória levarei apenas duas horas.

Porém, o avião teve uma pane no motor e por esta razão cheguei com 8 horas de atraso. No entanto, os leais pomeranos me aguardaram com paciência e me receberam afetuosamente. Também estavam presentes no aeroporto de Vitória, o cônsul da Alemanha e alguns amigos alemães da assistência aos

países subdesenvolvidos, neste caso, evidentemente, eu falei em alemão. Os "Pomeranos", como aqui são conhecidos, se surpreenderam com isto, pois haviam anunciado que chegaria alguém da Alemanha que falaria em pomerano. Felizmente, notei logo a decepção dos mesmos e passei a me comunicar em pomerano com eles, que me olhavam perplexos, como se ainda não pudessem acreditar no que estava acontecendo. Porém, quando continuei falando o idioma deles, um jovem da família Pagel bateu palmas e disse em pomerano: "Ele fala igual a nós, como isto é possível?".

Agora começam a me fazer inúmeras perguntas de todos os lados e tenho dificuldades de responder a todos ao mesmo tempo, pois eu preciso me habituar e encontrar as palavras em pomerano que falávamos em casa mas lá, na comunicação do dia-a-dia o pomerano não é mais usado. Porém, não levo muito tempo para relembrar, já estou me habituando e encontro as palavras novamente.

Repetidamente me perguntam: "Você realmente vem da Pomerânia?" Confirmo, "sim, eu venho da Pomerânia!" Com orgulho então afirmam: "Meu avô também veio da Pomerânia, da mesma forma que você!"

Evidentemente numa cidade onde moram famílias com sobrenome Nitz, Stabenow, Dummer e Pagel, não posso ir a um hotel. A família Stabenow já havia arrumado um quarto para mim, onde fui recebido com grande amabilidade e hospitalidade.

Na mesma noite ainda tenho um convite para um jantar de recepção na casa do cônsul Nickmann, durante o qual logo há comentários sobre os problemas dos pomeranos. Depois da Segunda Guerra Mundial, dr. Nickmann trabalhou durante longos anos no meio dos pomeranos como médico e sabe contar muitos relatos sobre os mesmos. Ele os denomina como "Heróis da Mata" e ressalta que devemos tirar o chapéu para o trabalho e a produção agrícola dos mesmos. Mas ele não quer relatar muito e sim, quer que eu mesmo possa descobrir e conviver com tudo de perto. Ele havia comunicado a minha vinda aos pastores das comunidades nas regiões pomeranas.

Após uma visita à cidade de Vitória e também a oito famílias pomeranas que moravam nas redondezas, seguimos segunda-feira de manhã sentido oeste, refazendo o caminho dos imigrantes. Naquela ocasião os imigrantes viajaram em canoas pelo rio Santa Maria, para alcançar as primeiras colônias, que ficavam no local simplesmente denominado "Número Um". Alugamos um Fusca, da Volkswagen, para chegar à estrada que leva a Santa Maria de

Jetibá, de cuja comunidade "Número Um" hoje pertence como filial.

Os imigrantes pomeranos levaram dias, semanas, meses e anos para avançarem mata virgem adentro e chegar bem no interior. Hoje chegamos em poucas horas de carro. Mesmo assim, este interior ainda é muito imprevisível. No dia da nossa chegada choveu tão forte que as estradas no sentido oeste se tornaram intransitáveis! Desta forma, fomos no sentido norte pela estrada de asfalto que segue próximo ao litoral. No início a estrada era transitável, porém mais adiante estava tão precária que o nosso Fusca apenas conseguiu seguir lentamente e com dificuldades. Em alguns trechos tivemos que passar sobre pedras e pranchas de madeira improvisadas. Por volta do meio-dia alcançamos a cidade de Colatina, por onde passa o rio Doce, que aqui tem uma largura de 1/3 de km e ainda nem faz 50 anos que começou o desmatamento do outro lado do rio. Porém, os filhos e netos dos pomeranos cada vez mais avançaram mata adentro no sentido norte para o desmatamento. Após ter atravessado a longa ponte sobre o rio Doce, chegamos à região onde, de acordo com o nosso motorista Samuel Pagel, somente residem famílias "alemãs", ou seja, pomeranas. O nosso motorista somente falava português e pomerano, o alemão ele não entendia. Seu sogro, que também nos acompanhou, falava os três idiomas; ele era conhecido como ex-comerciante de gado entre os pomeranos e bem conhecido na região. O mesmo nos ofereceu hospedagem, o que aceitamos de bom grado. Para mim e para a sra. Ingeborg Christiansen que escrevia uma tese de doutorado, de cunho etnográfico, sobre os usos e costumes da comunidade de Laranja da Terra.

Num cruzamento, atrás de uma plantação de café e mata bem fechada, ficamos sem saber por onde seguir. Avistamos um jovem senhor que fazia uma pausa e dava comida ao seu cavalo enfeitado. O nosso motorista perguntou em português, pedindo informações sobre o caminho que deveríamos seguir, mas ele não entendeu nada e subiu na sela do seu cavalo e queria sair. Quando nos aproximamos dele, percebi que se tratava de um tímido filho de camponês e perguntei em pomerano: "O que você está fazendo aqui? Para onde vai?" Neste momento o rosto dele se transformou, parou o cavalo e respondeu cordialmente: "sou um *Hochtietsbitter* pomerano (mensageiro que convida para a festa de casamento), a minha irmã vai se casar e estou convidando as pessoas para o casamento."

Pensamos não ter entendido direito, pois não esperávamos encontrar logo no primeiro dia da visita aos pomeranos, no meio da mata no Espírito Santo, um "*Hochtietsbitter*".

Somente quando descemos do carro pudemos observar os trajes festivos do mesmo. O seu chapéu de palha e também a garrafa de cachaça era enfeitada com fitas coloridas, que também servem para fixar o galho de murta na garrafa. Ele nos informou que de acordo com a tradição deveria usar roupa preta, mas que estava quente demais para isto. Enfim, ele tinha 60 famílias para convidar, mas que normalmente conseguia convidar apenas três por dia, já que os colonos pomeranos moravam muito distante uns dos outros.

Perguntei se ele declamava algum verso no convite. Ele ficou um pouco desconsertado, pois se envergonhava de declamar o mesmo para nós. Porém, de qualquer forma, queríamos ouvir o verso e decidimos acompanhá-lo até a próxima família a ser convidada, que aqui são conhecidas como casas de colonos.

Paramos na estrada que vai para São Gabriel da Palha e seguimos o mensageiro para uma casa de colonos: a família Gumz. Na varanda havia uma dúzia de adolescentes loiros, com olhares curiosos. Convidaram-nos para entrar na sala de visitas, onde a família inteira estava reunida. Após um breve cumprimento, todos se sentaram nos bancos que rodeavam a sala. No meio ficava uma mesa robusta, em volta da qual o mensageiro girava, declamando o seguinte verso de convite:

"Cheguei aqui montado a cavalo
e entrei nesta sala marchando
deixei meu cavalo em frente da porta
para entrar aqui andando
queridos amigos unidos,
senhor, senhora, adultos e crianças,
todos, que aqui reunidos estão:
sou mensageiro enviado
pelo dono da casa sr. Friedrich Tietz,
porém, não somente dele sozinho,
mas também da sua senhora,
como também não só destes dois,
mas também pelo noiva e noivo,
para anunciar que todos compareçam
na cerimônia cristã na igreja
e depois participar na alegre festa de casamento em casa.
Para se alimentarem com aquilo
que o querido Deus nos concedeu para comer e beber.
Pois sou jovem de idade,
ainda tenho pouca experiência,
ainda sou imaturo nas minhas decisões,

não aprendi a fazer grandes saudações."

Na declamação deste verso, o mensageiro chegou a transpirar, mesmo tendo se apressado bastante e mal ter pronunciado as palavras. Era notório que simplesmente decorou o texto e que tinha dificuldades para interpretar as palavras em alemão.

Todos nós batemos palmas pela declamação do verso e uma das meninas da família Gumz fixou um lenço colorido no ombro dele que ficou balançando em suas costas. Eu não conhecia este costume dos pomeranos, mas, posteriormente, o encontrei várias vezes aqui no Espírito Santo. Infelizmente, nós não tínhamos um lenço colorido para fixar no ombro do mensageiro e tampouco pudemos aceitar o convite para o casamento, apesar de muita insistência por parte dos presentes, pois não poderíamos permanecer por duas semanas. Fomos informados sobre os detalhes e duração de uma festa de casamento: quantas vitelas, porcos e galinhas seriam mortos, a quantidade de cachaça consumida e quantos bolos e pães seriam assados.

As meninas jovens, evidentemente, sonhavam com a música, com o baile e com os homens que se encontram em frente ao balcão de bebidas. Eles reconhecem que, numa oportunidade dessas, muitas vezes bebem além do limite. Afirmam que também já ocorreram brigas, mas os pomeranos não largam este costume. Se brasileiros natos se envolvem em briga, normalmente usam armas, se pessoas negras brigam, normalmente usam facas. Porém, os pomeranos são de tal forma "humanos" que se limitam a dar pauladas nas cabeças. Os pomeranos nos contaram este fato de uma forma séria e eu dei algumas risadas a respeito e logo se deu um coro de gargalhadas, pois ficaram satisfeitos por eu ter apreciado e ter conseguido interpretar o sentido correto das facetas e anedotas contadas.

Ao final da tarde chegamos a Vila Pavão, uma das colônias pomeranas do norte do Espírito Santo. Fomos hospedados pelo membro mais rico da comunidade, ou seja, pelo sr. Franz Ramlow. Ele era proprietário de aproximadamente 100 cabeças de gado e muitas terras e um dos primeiros pomeranos que se mudaram para lá em 1948. O motivo foi a grande invasão, no centro sul do Estado, das colônias pomeranas por parte de pessoas estranhas, que ninguém conhecia e cuja procedência era desconhecida. Atacaram os colonos de várias formas e eles não conseguiram se defender das agressões. Também na propriedade do sr. Ramlow, numa só noite, foram roubados 14 burros e desta forma ele decidiu ir para o norte para conseguir terras para os sete filhos. Porém, ele gostou tanto do local que acabou comprando uma

boa quantidade de terras para si e mudou-se de vez para cá. Logo chegaram muitas outras famílias e hoje é um local pacífico, onde gostam de viver.

Tudo isto o Franz Ramlow me contou na primeira noite, dentro da sua ampla casa. Durante o nosso diálogo surgiu um clima amistoso como se estivéssemos numa sala de tear na Pomerânia Oriental, onde os avós contavam as suas histórias. Estávamos todos sentados na grande mesa robusta na sala de estar, que pelos pomeranos é chamada de antessala. Na porta havia uma lamparina com uma chama fumegante. Na varanda se observava várias moças e rapazes que prestavam atenção em nossa conversa sobre os colonos pomeranos que chegaram em "Número Um", vindos da Pomerânia, na Alemanha. Sentia-me como se estivesse na Pomerânia Oriental, num tempo que nem cheguei a conviver e ao mesmo tempo me senti bem e protegido, como se estivesse em minha própria casa.

Antes de adormecer, lembrei-me da pequena freira no Rio de Janeiro. Qual não seria a reação dela se lhe contasse que aqui a minha alma já teria chegado antes de mim e eu a teria reencontrado numa casa de colonos pomeranos, no meio da mata no Espírito Santo? Até podia ver a expressão de espanto no rosto dela, enquanto me estendia sobre o colchão duro de palha, na larga cama colonial. Ao adormecer, senti uma coberta macia de penas e tive a impressão de que não me encontrava nos trópicos e sim, no lugar mais frio da Pomerânia Oriental.

II

Na casa colonial de Franz Ramlow, em Vila Pavão, levanta-se às cinco horas da madrugada para tratar das criações, o que não se passava despercebido. Nós também saímos cedo das cobertas de penas, debaixo das quais aqui se dorme profundamente, apesar de nos encontrarmos num clima tropical. Tomamos o café da manhã coletivamente. Foram servidos pão (*Brot*) de milho, manteiga, geleia e café que evaporava do bule marrom, em cima do fogão espalhando no ar o seu aroma.

Combinamos que à noite eu daria uma palestra em pomerano na grande sala de estar da casa. Para isto, convidaríamos as famílias pomeranas que lá residiam. Chegamos à conclusão que a melhor forma seria nós mesmos

fazermos os convites, pois desta forma já teríamos a oportunidade de conhecer várias pessoas, bem como visitar as suas casas e propriedades, que aqui são conhecidas por colônias.

A primeira visita foi feita ao ex-professor de alemão Alfred Schulz, que devido a um recente derrame tinha dificuldades para falar.

Também na segunda casa encontramos alguém muito enfermo. Tratava-se de um jovem de 24 anos de idade, que se acidentou num corte de árvore e que havia esmagado a coxa direita. Ele estava deitado no piso da sala e se rolava de dores. O médico mais próximo ficava a 200 km do local e, após o acidente, o mesmo foi transportado no carro da comunidade evangélica para o hospital em Colatina. Essa viagem durou várias horas pelas estradas precárias. Lá fizeram uma radiografia e engessaram a perna, mas como a internação hospitalar custaria caro, trouxeram o mesmo de volta para casa.

O sr. Schwanz, pai do jovem, tinha doze filhos e o próprio acidentado já tinha três filhos pequenos. Todos viviam em casas apertadas de tábua e trabalhavam na roça, cujas terras contornavam a casa. Ter uma numerosa família, em tempos passados, ali significava riqueza, pois os jovens representavam uma mão-de-obra boa e barata. Porém, hoje com a escassez das terras, uma família grande é sinônimo de pobreza e miséria.

O pai, Rudolf Schwanz, contou-me que seu irmão possuía o mesmo tanto de terras, porém tinha apenas dois filhos e teve condições de manda-los para estudar na cidade. Um deles é médico em Vitória e o outro um comerciante bem sucedido. Para ele, pelo contrário, não há perspectivas de que seus doze filhos melhorem socialmente e subam na vida.

Atualmente já existe uma escola primária no local, mas a obrigatoriedade de frequentar as aulas é de somente três ou quatro anos. Muitas famílias que moram distante da escola sequer mandam os filhos para estudar, pois teriam dificuldades físicas para percorrerem a pé o longo caminho de casa até a escola.

Em seguida visitamos a família Scholz e Peters. O sr. Peters, de 68 anos de idade, possui uma propriedade ampla, inclusive um moinho de pedra. A casa de moradia e a cozinha são construídas uma ao lado da outra. Com grande satisfação ele comentou que pretende construir mais uma casa, pois ao todo ele tem vinte filhos. O propósito dele é de enviar um dos filhos para a Alemanha para lá estudar agronomia.

Para o almoço, às onze horas, voltamos para a casa dos Ramlow e ainda demos uma volta pela redondeza. Entramos numa venda (o que é uma

mistura de mercearia e comércio, onde os colonos fazem as suas compras). Ali, inclusive, um bar e mesas de bilhar faziam parte do comércio, cujo proprietário era Heinrich Oost. Ele também falava o pomerano e comentou: "Este é um bom lugar para morar, temos bons vizinhos e as pessoas são de boa convivência. Aqui não há brigas, ou seja, as brigas que acontecem uma vez ou outra, se limitam a algumas bofetadas".

Estas palavras soam um tanto da Pomerânia Ocidental, apesar de o sr. Oost mencionar que os seus antepassados vieram de Stettin. Ele usa muitas palavras pomeranas que eu há muito tempo não ouvia, tipo: "*gestukt*", "*Fosen*", "*sied Land*". Entre cada parágrafo ele diz "*Mannich?, Mannich?*", o que equivale a: "certo?, certo?".

Também o dentista falava um bom pomerano, apesar dele ter nascido em Viena (Áustria). O aspecto do consultório dele é difícil de ser descrito. Uma cadeira simples com estofamento rasgado, uma broca movida a pedal e uma cômoda empoeirada, na qual se encontravam alguns ganchos e próteses quebradas. No entanto, exibe com orgulho um diploma na parede. Espontaneamente, o dentista confirma que aprendeu a profissão sozinho e que o diploma era comprado. Quando era jovem, havia emprestado dinheiro a um dentista e como o mesmo não estava em condições de lhe pagar a dívida, deu-lhe em troca o consultório. Então pensou o que faria com aquele material inútil e resolveu começar a extrair dentes. Milagrosamente, ninguém teve problemas mais sérios com o tratamento efetuado, o que por outro lado prova a grande resistência e boa saúde dos pomeranos. Na despedida, o dentista declarou orgulhosamente: "aqui no Brasil a gente vale pela capacidade e não pelo que devemos comprovar, como na Alemanha".

Neste ínterim, o comentário de que à noite eu faria uma palestra sobre a Pomerânia já havia se espalhado pela região. Isto para todos era um acontecimento fora do comum e resultou numa grande excitação entre as famílias da comunidade. Ainda estávamos jantando quando as primeiras esposas de colonos apareceram com algumas crianças e timidamente perguntaram se podiam entrar. Imediatamente foram juntados bancos e levados para a sala de estar, porém, em número insuficiente para a grande quantidade de participantes que vieram. Desta forma, os rapazes ficaram na varanda para participar acanhadamente através das janelas.

Sentei-me à mesa em frente ao lampião a gás e comecei a falar em alemão e também em pomerano sobre a Pomerânia, terra dos seus antepassados; também li histórias e anedotas do meu livro. Logo percebi que nem todas as

palavras faladas por mim eram conhecidas dos participantes e solicitei ao sr. Dummer de que sempre me avisasse quando surgisse uma palavra desconhecida por eles.

Constatei que as palavras "*Dörp*", "*Finster*", "*Hof*", "*Bauer*", "*Kuchen*" eram desconhecidas e não mais usadas atualmente entre os pomeranos. A palavra "*Dörp*" que significa *vila* se perdeu por todos residirem no interior e pelo desuso, por três gerações, a palavra ficou esquecida. "*Fenster*" que significa *vidraça*, não é mais conhecida, devido ao fato de no interior não serem usadas vidraças, que foram substituídas por janelas de madeira. A palavra "*Bauer*" que significa *camponês*, aqui não era usada, por serem denominados de colonos. Portanto, o camponês é um colono. Feno aqui não é necessário, pois os animais pastam o ano inteiro. O mais impressionante para mim foi a palavra "*Kauke*" que se perdeu e que significa *bolo*. A única explicação que achei foi que as primeiras gerações que aqui chegaram, eram tão pobres que não tinham condições de fazer um bolo e desta forma a palavra se perdeu. Somente ressurgiu quando os pastores trouxeram o costume de fazer bolo, mas denominado em alemão de "*Kuchen*". Também assimilaram a palavra portuguesa *rosca*, que os pomeramos literalmente chamam de "R*oske*".

No momento que passei a ler uma história em alemão, um semblante sério surgiu nos rostos dos participantes, como se estivessem numa igreja e o pastor estivesse fazendo o sermão. Porém, quando passei novamente a falar em pomerano todos se alegraram e acharam graça, uns tocando os outros e batendo firmemente sobre as próprias coxas. Agradaram, principalmente, as anedotas simples do interior como: *Christian compra berços* e *O papagaio e o gato*. Trata-se de um rapaz ingênuo que compra um grande número de berços para seu primeiro filho e o papagaio que diz a palavra certa num momento impróprio.

Cada vez mais as pessoas se aproximaram e queriam ouvir mais e mais. Os senhores e senhoras de mais idade queriam também contar as suas aventuras e vivências. As crianças começaram a resmungar e as mães as conduziram para os quartos, onde eram enfileirados lado a lado sobre as camas largas. Os maridos tratavam de cuidar das demais crianças para não incomodarem. Quando perdiam o controle e os falatórios ficavam altos demais, o sr. Ramlow se encarregava de chamar atenção e desta forma todos ficavam atentos, mas explodiam numa risada estrondosa quando a história tinha um final divertido.

O que mais os impressionou foi que existem histórias escritas em pomerano o que na opinião deles valoriza muito o idioma materno. Repetidas

vezes mencionaram como soava bem as minhas palavras e as leituras em pomerano. Mas, também, observaram que muitas vezes se sentiam envergonhados ao falarem o pomerano em público, por não ser um idioma oficial, como o alemão, ou o português, pois sequer era uma língua escrita. Desta forma, ficaram muito gratos com a minha vinda, como pomerano da Alemanha, trazendo para eles histórias e poesias escritas na língua materna. Os mais idosos queriam ler no meu livro em voz alta e os demais estavam felizes, por não precisarem mais se envergonhar da sua língua materna e não se sentirem mais rejeitados como bichos-do-mato. Franz Ramlow e Otto Tressmann me cumprimentaram batendo nas minhas costas e disseram: "Você nos encorajou e renovou as nossas forças! Somos-lhe imensamente gratos!"

Quando no dia seguinte estávamos nos preparando para seguir viagem, o sr. Heinrich Dummer perguntou ao sr. Ramlow, dono do alojamento: "Franz, quanto lhe devemos?" O sr. Ramlow quase se ofendeu, por termos perguntado isso e disse: "Me devem nada, nada, nada" e com lágrima nos olhos repetiu: "venham novamente, venham novamente! Pois, nós pomeranos devemos nos reencontrar em breve e é isto que me devem!"

III

Já que antes da nossa partida de Vila Pavão novamente choveu bastante, não foi possível ir à comunidade pomerana vizinha de Córrego Peneiras e fomos obrigados a nos manter na estrada segura que leva à Córrego Bley (São Gabriel).

No caminho, numa serraria, conhecemos o velho sr. Küster. Ele já havia tomado conhecimento dos pomeranos na Alemanha e queria sem falta dialogar comigo. Ele me contou que tinha vinte e um filhos e que o filho mais velho estava indo à Alemanha para trabalhar numa madeireira. Ele não sabia de que região da Pomerânia os seus antepassados vieram. Porém, confirmou que com certeza iria comparecer à palestra em Córrego Bley para conhecer um pouco mais sobre a Pomerânia. Ficamos um pouco surpresos, pois não estávamos sabendo de uma palestra em Córrego Bley. Decidimos então seguir até lá para não decepcionar o pastor local, que teria anunciado uma apresentação de *slides* da minha parte.

Apressamos-nos para voltar ao nosso carro e procurar pela comunidade de Bley. Seguimos rapidamente pela estrada escorregadia que passava por nascentes e pequenos riachos, inclusive passando no meio de várias pastagens de gado. As pontes pequenas eram feitas apenas de madeiras entrelaçadas e muitas vezes possuíam buracos imprevisíveis. Também existiam os mata-burros que eram feitos para que os animais não ultrapassem os limites e, felizmente, sempre conseguimos atravessar os mesmos sem maiores problemas.

Quando a chuva finalmente deu uma trégua até foi possível admirar um pouco a linda paisagem, que na Alemanha, certamente, atrairia muitos turistas. Em vales românticos ficavam situadas as casas dos colonos, cercadas de flores, palmeiras e bananeiras. Em cima das rochas imponentes reinava a mata virgem, entre elas plantações de laranja e cafezais em pleno florescimento. No topo das montanhas existia uma neblina fina com um tom azul deslumbrante, tal como existe nos quadros pintados por Caspar David Friedrich[1].

Após termos atravessado a cidade de Nova Venécia, habitada por descendentes de italianos, ainda levamos duas horas para chegar a Córrego Bley. Na linda casa pastoral apareceu um jovem senhor amistoso e que se mostrava muito contente com a nossa visita. Era o novo pastor Pumpmacher, que tinha assumido a comunidade há apenas algumas semanas. Apresentei-me como palestrante da noite e ele me olhou assustado, por não estar sabendo de nada. Logo descobrimos que, nesta noite, ele mesmo estava querendo mostrar alguns *slides* sobre a viagem feita por ele ao noroeste do Brasil. No entanto, os membros da comunidade não o haviam entendido bem, primeiro por ele falar somente o alemão e o português, devido sua procedência ser do Rio Grande do Sul e os antepassados dele serem do Hunsrück, da Alemanha. Também porque todos da região sabiam da minha estada ali e automaticamente assimilaram que eu faria a palestra. O "telefone da mata" funciona muito rápido, mas muitas vezes transmite dados errados, já que a maioria apenas entende o pomerano.

Para não decepcionar ninguém decidimos fazer a palestra em con-

---

1 (N.do E.) Nascido em Greifswall, Caspar David Friedrich (1774-1840) foi um pintor, gravurista, desenhista, e escultor alemão. É considerado um dos maiores representantes da pintura Romântica alemã. Suas paisagens são contemplativas e transcendentes. De seus quadros mais famosos podemos destacar "Os penhascos de Rügen" (1818), ilha famosa da Pomerânia, além de "Nascer da lua sobre o mar" (1822), "O viajante sobre o mar de névoa" (1818), e "Manhã sobre a montanha" (1810). Granzow em vários momentos compara a luz deslumbrante da paisagem dos vales e montanhas capixabas, envoltos pela neblina, com os quadros de Friedrich (páginas 27 e 59).

junto. Pastor Pumpmacher esperava mais os visitantes da juventude, sobre os quais ele gostaria de obter um melhor controle. Desde a saída do último pastor da Alemanha, as coisas aqui mudaram drasticamente. A juventude passou a se encontrar clandestinamente para bailes, que se transformaram em festas com consumo exagerado de bebidas alcoólicas. Num destes encontros um jovem atirou em outro por ciúmes e estava atrás das grades cumprindo pena. Os pomeranos dizem "*Hei is inspundt!*", ou seja, ele está preso. Atualmente os bailes são proibidos na comunidade. Os mais idosos condenam de qualquer forma os bailes, já que os antepassados mantinham regras rígidas.

Já que o pastor ainda não tinha família e não era casado, pernoitamos na casa da família Gröner. O pai, Valdevino Gröner, se mudou para cá em 1946, como um dos primeiros pomeranos. Com o pouco dinheiro que possuía abriu uma venda. Carregava as mercadorias nas costas e levava três horas a pé para chegar ao destino. Logo vieram mais colonos para cá e plantaram café, milho e feijão. Também ele adquiriu terras e hoje possui 23 alqueires. Mas a renda principal vinha do comércio, da mercearia. Nas terras dele moravam 13 famílias que trabalhavam como meeiros. Valdevino Gröner era uma pessoa inteligente e mesmo confessando que apenas frequentou um ano de escola, se interessava muito em dar uma boa educação escolar aos seus filhos.

Em frente à sua casa Gröner deixou construir uma escola. A professora era brasileira e morava na casa dele como pensionista. Ele se preocupou, pois queria que seus filhos dominassem bem o idioma do país e por outro lado lamentou que a juventude da nova geração aos poucos está perdendo a língua alemã oficial. Salvo o pomerano que ficava gravado na mente por ser a língua usual falada na casa dos pais.

Os mais antigos se orgulhavam por somente residirem pomeranos na região. Todos os arrendatários que moravam nas terras do sr. Gröner também eram pomeranos. Ele disse: "*Eir annert verdarwt mi de ganz Supp!*" (Um outro me estragaria a sopa!).

À noite foi realizada a palestra conjunta no salão da casa paroquial da igreja evangélica, que era pequeno demais para abrigar tantos participantes. Desta forma, foram abertas as janelas e as portas para que os mais jovens pudessem participar através delas do lado de fora. Eles se divertiram dizendo: "*Graor so as Taukiekers bi de Hochtiet!*" (Parecemos olheiros curiosos num casamento!).

Em primeiro lugar o pastor Pumpmacher mostrou os *slides* da mata virgem de Rondônia: barracas de tábua precárias, diante das quais apareciam

um grande número de crianças lourinhas, filhos dos colonos que lá residem e ao fundo um impiedoso desmatamento com as plantações sob um sol escaldante. Para nós europeus era inacreditável que pessoas podiam se mudar para um lugar daqueles para tentar a "sorte". Somente da região de Córrego Bley, todos os dias mudavam entre cinco a oito famílias para esta colonização no noroeste do Brasil, que ficava a uma distância de seis dias de viagem. O Estado lhes vendeu as terras por um preço bem em conta para ser cultivado. De acordo com o pastor Pumpmacher, alguns adquiriram terras de 12 km de comprimento, pensando em garantir já o futuro dos filhos e netos. Pois ali, no Espírito Santo, as terras já eram escassas e desta forma muitas vezes não lhes restava outra opção, a não ser a migração para o interior do Brasil no sentido norte. As mudanças eram feitas de uma forma bem primitiva, muitas vezes, feitas por caminhões de carga e assim chegavam a um lugar desconhecido e inexplorado. Nota-se que eram realmente sucessores dos pomeranos imigrantes e nos perguntamos de que grau devia ser a miséria atual para se convencerem a tentar a vida num mundo desconhecido? E quais não foram as dificuldades enfrentadas há 100 anos passados, que motivou a saída dos imigrantes do seu país de origem para um lugar desconhecido? Certamente não se tratava de uma aventura, pois para isto, o pomerano, em geral, é, por natureza, acomodado e conservador demais.

Após uma pequena pausa comecei a minha palestra em pomerano. Inicialmente, as pessoas ficaram perplexas. Para eles era inacreditável que um alemão dominasse o idioma materno deles. Passada esta fase de perplexidade, notava-se a grande alegria estampada nas faces dos mesmos. Sorriam e os seus olhos brilhavam nos rostos rosados que até pareciam um tanto transtornados.

Precisei explanar várias vezes sobre os *slides* da Pomerânia, pois as pessoas não tinham a mínima noção sobre a localização da Alemanha e tampouco da Pomerânia. Para eles este país não passava de um belo sonho distante e constantemente me via tentado explicar para os ouvintes que a Alemanha não é um país tão fabuloso, como eles imaginavam ser. Mas não queria lhes roubar a ilusão. Felizmente, encontrei um dirigente da igreja que me ajudou a fazer algumas colocações sobre a posição política da Alemanha. Alguns até já sabiam que a Alemanha foi dividida, que existe o muro de Berlim "*mirrenmang de Hüser durch*" (que passa por dentro das casas), outros lembravam "*Pommerland abgebrannt*" (a Pomerânia ficou reduzida a cinzas).

Após a palestra, muitos jovens se aproximaram e quiseram saber sobre a vida atual na Alemanha Ocidental. Interessaram-se principalmente

em saber de que forma poderiam chegar lá. Mas como estas possibilidades eram muito limitadas, a conversa entre eles voltou a ser sobre as previsões de mudar para Rondônia e para a região Amazônica. Percebi então que a vida das pessoas dessa localidade era muito direcionada para o futuro, ou seja, se preocupavam em encontrar terras para seus sucessores.

No dia seguinte, bem cedo, visitamos o sr. Wilhelm Gröner, pai do Valdevino. Ele, com 77 anos de idade, tinha a aparência de um pescador pomerano de barba branca. Como tinha uma bom papo, liguei sigilosamente o gravador e gravei a nossa conversa.

Ele sabia que o pai dele veio num veleiro com muitas outras famílias e que a viagem durou 18 semanas. Deve ter sido no ano de 1874, já que a sra. Tietz, que acabou de falecer com 97 anos de idade, teria nascido durante a viagem neste navio (ela sempre considerou o motivo de sua longevidade a este fato). O avô e pai dele eram pedreiros. Eles construíram a igreja em Número Um, cujas paredes foram socadas de terra e pedras.

A vida destes jovens pomeranos deve ter sido dura e rude. Eles trabalhavam arduamente para fazer as derrubadas das matas, mas também se divertiam intensamente nas festividades. O velho Gröner lembrou que quando se reuníam, os Hackbarth, os Rossow, os Strehlow, os Binz, os Pieper, os Tietz, os Rätzke e outros mais para beber cachaça, muitas vezes surgiam brigas com troca de pauladas na cabeça até que o sangue escorria pelo rosto. Na opinião dele os jovens de hoje são medrosos demais. Eles logo correm quando há apenas uma discussão, temendo que possa ser atingidos por eventuais tiros fatais.

O sr. Wilhelm Gröner contou como saiu da casa dos pais. Na partida o pai dele ainda gritou de longe "*Wat willst du doar bi all de Wille?*" (O que você quer lá no meio dos índios?). Porém, os índios não o intimidaram e também ele sequer os encontrou. Mas presenciou um ataque de onça, quando seu vizinho Heinrich Tietz foi atacado por esse animal e conseguiu escapar com vida, pois um outro vizinho pomerano acertou uma bala na cabeça da onça. E assim, o sr. Gröner conversou e conversou ...

De repente, pediu uma pequena pausa para tomar algo contra a febre. Neste ínterim retrocedi a fita e quando ele reapareceu liguei o gravador com a nossa conversa. Ele olhou surpreso para o aparelho que transmitia a sua voz. O seu filho e os netos se divertiram com este fato. Mas o avô não ficou constrangido, muito pelo contrário, achou impressionante poder ouvir a

própria voz. Na despedida me disse: “Volte em breve para que possamos nos divertir novamente!”

Depois fomos à casa de Karl Schmidt. Ele já era bem idoso e não precisava trabalhar mais, porém, como pomerano nato, não conseguia viver sem fazer nada. Ele e a esposa estavam capinando na roça. Quando chegamos lá imediatamente abandonaram as enxadas no meio da plantação e nos convidaram para entrar na casa. A residência deles ficava num vale e foi construída sobre pilastras, um bom lugar para morar.

O sr. Karl Schmidt transmitia uma alegria contagiante. Logo pegou a concertina e mencionou que em pomerano era chamada de “*Trecksack*”. Ele tocou algumas músicas divertidas e quando lhe perguntei sobre o tipo de dança, ele respondeu “*Ick späl immer Schottsche*” (Sempre toco xote). Este tipo de música antigamente era tocada na Pomerânia e deve ter representado a dança moderna na Alemanha por volta de 1870 e que foi conservada aqui no meio da mata.

Antes da nossa partida, o casal Schmidt ainda nos mostrou a foto mais atual da família. Ele mostrou o avô e avó no centro da foto, rodeados de 10 filhos e 77 netos. Ficamos surpresos, mas aqui isto é bem comum, os avós falecerem e deixarem aproximadamente 100 sucessores.

As últimas visitas em Córrego Bley foram à casa da família Raduenz e Bullerjahn. Este nome pomerano bem antigo aqui é pronunciado “*Bulljoahn*” e o pastor novo, no registro de batismo, até se confundiu e o registrou o sobrenome como “*Bouillon*”, pois acreditava se tratar de uma família descendentes de Hugenotten. A família Bullerjahn era composta de oito meninas e dois rapazes. Eles nos contaram que os rapazes, quando casam, ganham um pedaço de terra. Porém as meninas estão sujeitas a viverem como arrendatárias caso se casem com alguém que não possua terras.

Ao lado da casa dos pais havia uma casa de tábuas bem precária, parecia mais uma barraca abandonada. Nela morava uma das filhas com o marido que tinha uma ferida na perna. Ele nos contou que não podia ir ao médico, por não ter dinheiro. Depois o pastor nos informou que o mesmo não conseguiria sobreviver se não fizesse um tratamento médico rapidamente. Dentro da comunidade se comentava que em breve viria uma freira/enfermeira de Kaiserswerth, Alemanha, e ela trataria dos doentes. Desta forma, o pessoal daqui aguardava com ansiedade por milagres que a freira/enfermeira eventualmente poderia fazer, ou seja, de encontrar cura e tratar todos os en-

fermos do local, cuja região era quase do tamanho da Pomerânia.

Na parte da tarde fizemos um passeio por Vila Valério e visitamos as famílias Dettmann e Arnoldo Schulz. Visitamos a igreja nova da qual se tem uma bela vista sobre a cidade. Os pomeranos comentam que no dia da inauguração a maior parte do povo ficou do lado de fora da igreja, já que não entendiam o que o pastor pregava em língua portuguesa. Desta forma, eles se revoltaram e disseram: "Já que nada entendemos, também podemos ficar do lado de fora e conversarmos entre nós".

Mais tarde, cheguei a conhecer o pastor que, realmente, apesar do lindo sobrenome alemão, somente dominava o português. O pastorado dele era dirigido somente à nova geração. Porém, esperamos que, no futuro, ele possa se tornar um pouco mais caridoso com a geração mais antiga e ao menos se mostrar interessado em tentar compreendê-los. Este fato ainda muito me preocupou posteriormente.

Também na casa dos Gröner observei uma certa divisão na forma de comunicação. Os mais antigos se sentavam na varanda e falavam em pomerano, enquanto os jovens se encontravam dentro de casa falando português, ouvindo músicas brasileiras e, inclusive, cantavam em português.

Quando no dia seguinte nos despedimos de Valdevino Gröner, ele disse tristonhamente: "Agora os bons pomeranos vão todos embora". Tentei consolá-lo dizendo que também ainda permaneciam muitos pomeranos bons e alegres por ali.

IV

Um pouco antes da minha viagem ao Brasil falei na transmissora de Rádio/TV Deutsche Welle, em Colônia, algumas palavras de cumprimento para os pomeranos que vivem no Espírito Santo, Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Como o programa *A Voz da Alemanha* era muito ouvido na América do Sul, quase todos já sabiam da minha visita ao Brasil. Alguns escreveram para o cônsul alemão, outros escreveram diretamente para mim e diziam que queriam sem falta conhecer a figura admirável que ainda falava o pomerano.

Uma carta muito simpática veio da cidadezinha de Baixo Guandu, na qual moravam os srs. Holz, Rossmann e Sierau que solicitaram a minha visita. Evidentemente, eu queria satisfazer este pedido e decidimos ir direto de Córrego Bley para Baixo Guandu, que fica perto da divisa com Minas Gerais.

Novamente seguimos à margem do rio Doce. A paisagem era de uma beleza ímpar, montanhas arredondadas e íngremes, rochas imponentes, entre elas matas e pastos queimados. Nos vales férteis ficavam as casas dos colonos pomeranos. As casas de madeira, cujas paredes eram pintadas de branco, eram construídas sobre pilastras e as varandas, portas e janelas eram pintadas em azul claro. Quando vimos essa mistura de cores azul e branco, pudemos ter certeza que aqui residiam pomeranos.

Finalmente o sol apareceu e, em pouco tempo, transformou as estradas escorregadias em terra firme e então a poeira começou a levantar. Ficamos bronzeados de poeira e não bronzeados do sol como desejávamos. Por volta do meio-dia chegamos em Baixo Guandu, uma cidadezinha que se destaca pela limpeza local.

Perguntamos pelo sr. Holz, que possuía uma grande venda na rua principal. Fomos convidados para chegar até a sua casa, numa praça antiga do lugar, cercada por enormes seringueiras.

A família Holz se alegrou com a nossa visita. Até mesmo o papagaio ficou contente e nos cumprimentou em pomerano "*Gun'n Morge, gun'n Morge!*" (Bom Dia! Bom Dia!). A sra. Holz contou que de madrugada é acordada pelo papagaio que chama: "*Gun'n Morge, Erna!*" (Bom Dia Erna!). Ele somente reage se falam pomerano com o mesmo. Há pouco tempo havia se soltado da corrente e saiu voando pela cidade e as crianças tentaram chamá-lo de volta em português e ele nada. Somente reagiu quando a sra. Holz veio debaixo da árvore e o chamou em pomerano "*Papagai, kümmst du eis nach Huus!*" (Papagaio vem para casa!) e imediatamente voou no ombro dela e gritava de alegria "*Gun'n Morge, Erna!*" (Bom Dia Erna!).

Com muito orgulho o sr. Heinrich Holz nos mostrou o seu comércio, no qual trabalhavam três funcionários. Porém, ele se preocupava em não deixar dívidas, ou emprestar dinheiro ao pessoal, pois muitos estavam se mudando para Rondônia. Também ali a febre de migrar para Rondônia já havia chegado.

Também visitamos a cidade de Aimorés, que fica no Estado de Minas Gerais. A tribo de índios que habitava aquela região se chamava Aimorés. Esses índios que habitaram a mata virgem até mais ou menos 100 anos, apesar

de não serem oficialmente proprietários das terras, estas pertenciam a eles. Hoje, esses índios não existem mais, nem mesmo nas reservas das matas.

Para a despedida fomos convidados pelos srs. Heinrich Holz, Sireau e Rossmann para almoçar num restaurante. Fomos servidos por um rapaz jovem que se comunicou em português comigo. Apenas fiz um gesto com os ombros e falei em pomerano: "*Ick verstauh di nich!*" (Não lhe entendo). Ele reagiu em pomerano: "Porque não disseste logo em pomerano?" Portanto, ambos fomos surpreendidos com pessoas que vivem na cidade e ainda falam o pomerano, já que o mesmo é mais falado pelos habitantes no interior do Estado.

Conversamos e conversamos sobre todos os tipos de pessoas. Sobre pessoas que chegam e se mudam da cidade, sobre alemães, brasileiros e evidentemente sobre os pomeranos. O nosso anfitrião, Heinrich Dummer, observou que o sr. Tietz sempre falava que "existem muitos tipos diferentes de pessoas, apenas não existem ainda pessoas em formato redondo!".

De Baixo Guandu seguimos para Itaguaçu, onde residia a mãe do nosso motorista. Ela era uma verdadeira pomerana e como o ditado diz "possuía o coração no lugar certo". Apesar dos 56 anos de idade, vestia um lindo vestido vermelho e no seu cabelo preto usava uma rosa vermelha que combinava bem com o seu vestido. O filho indagou: "Mãe, que aparência é esta?" Ela desviou e desviou do assunto e, finalmente, afirmou que queria ir dançar quadrilha para a despedida escolar, pois ela aprendera a ler e escrever num curso noturno.

O filho, adulto, ficou decepcionado e replicou em pomerano: "Mãe, não acredito que você vai dançar quadrilha!" Na nossa frente se desenvolveu um desentendimento que parecia uma farsa onde os papéis tinham sido trocados. Pois, não era a mãe que gritava com o filho e sim o filho que gritava com a mãe para ela não ir dançar! Finalmente intervimos e tentamos explicar ao filho a importância que o fato representava para a sua mãe, por ela ainda ter tido a chance de estudar nessa idade. Finalmente conseguimos tranquilizar o filho e que agora se orgulhava por ter uma mãe alfabetizada. Como recompensa ele a liberou para poder ir dançar até a hora que quisesse.

Também o sr. Heinrich Dummer não deixou de visitar a mãe dele, que morava perto de Palmeira. Ela já tinha 96 anos de idade e foi uma das poucas crianças que sobreviveu às dificuldades enfrentadas no navio. Ela ainda se lembrava de quando a irmãzinha faleceu no meio da viagem e que simplesmente foi lançada ao mar. Depois ficaram por um longo tempo em um

alojamento de imigrantes, antes de terem recebido a sua colônia de terra demarcada. Quando chegaram para habitar a colônia no meio da mata virgem, não tinham lugar para dormir e finalmente sua mãe encontrou uma árvore, cuja raiz formava um pequeno abrigo e que usaram para se instalar. Moraram lá por alguns anos, pois ela se lembrava de que a mãe contava ter feito três partos dentro do abrigo formado pelas raízes da árvore, que em pomerano se chamava de "*Auck*".

Queria gravar estas lembranças no gravador, mas a sra. Dummer tinha medo do aparelho estranho. O filho tentou convencê-la e disse em pomerano: "Mãe, conta algo de antigamente para este jovem que veio da Pomerânia". Ela perguntou: "Sobre o que devo falar?" Heinrich Dummer respondeu humoristicamente: "Conta como foi a vida com o nosso pai. Você realmente o amava?" Ela hesitou um pouco e respondeu: "Sabe, eu nem gostava do seu pai, porém, tínhamos 10 filhos juntos e neste caso eu era obrigado a ficar com ele!"

Desta forma ela tolerou o marido por causa dos filhos que lhe deram muitos netos e até bisnetos. O número certo ela não sabia mais e disse com uma risada nos lábios: "Sabe, eu sempre me perco na contagem!"

No pé direito ela tinha uma ferida, provavelmente erisipela. A ferida estava muito feia. Disse a ela: "A senhora deve ir ao médico, pois isto pode piorar!" Mas ela pegou tranquilamente uma folha de banana, colocou-a sobre a ferida, amarrou-a com um barbante e disse: "Isto vai resolver o caso e eu não vou ao médico. Mandei rezar e agora isto vai ficar bom!".

A "reza" é um costume, ou melhor, um hábito antigo da Pomerânia Oriental que data do século XIX. O pastor Reinsberg, de Palmeira, sabia contar muito a respeito. Como todos os demais pastores, também ele lutava em vão contra este hábito. Uma vez ele obteve êxito e conseguiu convencer um velho membro da igreja, com o apoio de um médico, a largar esse costume. O colono pomerano então lhe trouxe todos os versos mágicos de feitiçaria que possuía em casa. Entre eles, havia até uma fórmula juramentada de feitiçaria de meados do século XIX. Este documento foi guardado por mais de 100 anos. Muitos dos versos usados soam literalmente estranhos, como por exemplo, o verso contra dor de dente:

> " Pedro estava parado na beira do rio chorando.
> Disse então Jesus: "Pedro porque choras?"
> Pedro respondeu: "Porque eu não deveria chorar?
> Meu dente está doendo muito!"
> Então Jesus disse: Toma água na boca

e cospe-a até o fundo do rio,
e o seu dente ficará bom!”

A fórmula juramentada terminava com a tripla repetição da frase: “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Muitas vezes este costume até era usado por pessoas que tinham uma fé firme e liam a Bíblia, ou até membros que exerciam cargos na igreja. Se referiam aos apóstolos, que de acordo com a Bíblia, também teriam curado doenças. Desta forma, o pastor Reinsberg estava convicto que 90% das crianças que receberam o batismo, já teriam recebido secretamente qualquer tipo de reza em casa. Também os animais eram tratados com benzimentos, muitas vezes até terras e plantações. Principalmente os cafezais, que representavam a maior fonte de renda, eram benzidos com tais fórmulas mágicas.

Outro costume estranho era o ato de “*Taurüggraupe*” (chamar de volta) na hora do falecimento das pessoas. Quando notavam que a pessoa estava falecendo, eles começavam a sacudir e bater no mesmo para reanimá-lo, muitas vezes, até jogavam água fria no rosto da pessoa para, desta forma, ainda viver por mais algumas horas, o que chamavam de “*Wachraupe*”. A única explicação que encontramos para este costume peculiar era de que, às vezes, teriam tido êxito na reanimação de alguém e, por esta razão, faziam ao menos uma tentativa de animar o morto de volta.

O pastor Reinsberg também conhecia alguns costumes usados durante o enterro. Por exemplo, o caixão não devia ser pregado e sim amarrado com um grande laço, para que no dia do juízo final o corpo pudesse ouvir o som da trombeta e ressuscitar da morte. O transporte do caixão, no trajeto do velório até o cemitério, era feito numa vara de bambu, na qual o caixão era amarrado e carregado nas costas num passo bem acelerado e não devia ser arreado no meio do caminho. Se por acaso, por um motivo qualquer, acontecesse uma parada em frente à alguma moradia isto significava que, daquela casa, sairia o próximo cortejo fúnebre, ou seja, alguém daquela casa seria o próximo a falecer. Após o término do enterro, as ferramentas usadas (pás e enxadas) eram jogadas simultaneamente sobre a sepultura. Se a enxada ficasse por cima, o próximo a falecer seria um homem, se a pá ficasse por cima, o próximo a falecer seria uma mulher.

Porém, aos poucos esses costumes estão sendo esquecidos e o pastor Reinsberg informou que Palmeira estava se “abrasileirando” e que nos últimos anos tinha se desenvolvido a tal ponto, que todas as crianças ali frequentavam as escolas e aprendiam a falar o português, língua oficial do país. Antigamente

havia muitas escolas alemãs, que normalmente eram mantidas pelas igrejas e desta forma quase todos aprendiam a ler e a escrever em alemão. Porém, no ano de 1937 veio um decreto nacional que proibia a existência de escolas estrangeiras no Brasil. Assim, como no interior não existiam outras escolas, as crianças se tornaram analfabetas. São os que hoje estão na faixa etária entre 20 – 40 anos. Muitos deles apenas falam o pomerano e outros falam um pouco de alemão e português, mas não sabem interpretar o que leem. Escolas começaram a ser construídas após a Segunda Guerra Mundial e principalmente nos últimos tempos, para que finalmente as crianças possam aprender a língua portuguesa. Isto é de grande valia, pois não se pode progredir sem dominar o idioma oficial do país onde se vive.

Sobre todos estes problemas pude dialogar e discutir abertamente com o casal Reinsberg. A situação dos pastores alemães nem sempre é fácil. O salário é insatisfatório se comparado com o prometido na Alemanha, o salário aqui é muito baixo. Mas aos olhos dos colonos, os pastores são muito bem remunerados. Muitos donativos vieram da Alemanha e desta forma a casa paroquial de Palmeira foi construída com verbas financiadas da Alemanha, provenientes dos impostos da Igreja Evangélica Luterana. Trata-se de uma bela construção e neste caso indagamos se os dirigentes alemães, que aqui são criticados por apenas aparecerem para fazer "turismo evangélico", não teriam sido benevolentes demais.

Recebi esta afirmação no dia seguinte quando um colono me disse em pomerano: "Esta casa é luxuosa demais e nem podemos entrar nela! Ah, não faremos isto!" Estes colonos residindo em casas muito simples, tem pavor de casas pastorais luxuosas.

O colono Prezilius era uma pessoa inteligente e portanto muito crítico. Ele reclamou sobre as altas contribuições paroquiais e que a maioria dos membros enfrentava dificuldades para pagar, uma vez que não tinham como ganhar dinheiro. "Se não conseguimos pagar em dia, são cobrados juros altos e se não estamos com os pagamentos em dia, os pastores se negam a fazer o batismo destas crianças, ou prestar qualquer outra assistência". Neste caso, os dirigentes de igreja ficam admirados porque muitos membros mudam para a igreja "Missouri", já que lá tudo é bem mais em conta. Fiquei chocado com estas informações, pois neste curto espaço de tempo já havia ouvido falar muitas vezes das comunidades "Missouri", uma seita luterana da América do Norte, que ali chegou durante a Segunda Guerra Mundial, quando houve a perseguição dos alemães e ao mesmo tempo das igrejas evangélicas alemãs.

Um pastor alemão estava de tal forma alterado que me disse: “Creio que o céu é lá, onde não existem Missouris!”.

Quando tentamos fotografar a família Prezilius chegando da roça, todos correram para dentro da casa e rapidamente colocaram suas vestimentas de passeio. As crianças se esconderam atrás dos paióis. Elas eram muito tímidas, tão tímidas como eram as crianças da Pomerânia Oriental, quando algum estranho aparecia no recinto.

Na parte da tarde o pastor Reinsberg ministrou um culto em Tancredinho. Pude acompanhá-lo nesta longa viagem para a distante filial. Ele atendia a oito filiais e dois pontos de pregação. Uma área que engloba 70 km no sentido sul e norte e 100 km no sentido oeste e leste. Ao mesmo tempo, ele era pastor distrital que se estendia por 200 km sentido leste e oeste e 500 km no sentido norte e sul.

Quando chegamos em Tancredinho, as senhoras e seus filhos já estavam conversando diante da igreja. Os homens estavam sentados em círculo comentando sobre os trabalhos na lavoura. De todos os lados recebemos cumprimentos afáveis. Enquanto o pastor se reuniu com os dirigentes da comunidade para prestação de contas, eu me comuniquei com as pessoas lá fora, que ficaram surpresas por eu poder me comunicar com eles em pomerano. Uma torta foi leiloada e o lucro revertido para a construção da igreja. Pois, da mesma forma como muitas outras, a igreja não possuía torre. Já que antigamente não era permitido construir torres nas igrejas evangélicas. Este decreto evidentemente foi desfeito e hoje por menor que seja a paróquia, já se constrói a igreja com uma torre imponente. Os homens, olhando para os andaimes dentro do qual se erguia a torre em direção ao céu, disseram: “*Süss is dat schi goar kein ordentlich Kirch*” (Ao contrário, sequer se trata de uma verdadeira igreja).

Com manifestação de tanta seriedade, até fiquei inseguro se deveria contar algumas anedotas e histórias mais animadas da Pomerânia. Mas o meu receio era infundado, pois os pomeranos gostaram de se divertir com as anedotas e de saber algo mais sobre a Pomerânia, terra dos seus antepassados. Um senhor da primeira fila estava tão feliz que levantou a voz dizendo: “*Dat herr ick nich dacht, dat dat hüt in de Kirch so schön ware kunn!*” (Nunca pude imaginar que o culto de hoje poderia se tornar tão belo!).

À tarde, quando retornamos a Palmeira, fomos recebidos pela pequena filha do casal. Há alguns anos eles haviam adotado essa criança, pois

a encontraram em frente à sua casa com um bilhete dizendo: "*Fru Preister, ick will bi di bliewe*" (sra. pastora, quero ficar contigo). Era uma anã, que hoje cresce junto com os filhos do pastor. Durante as férias do pastor, levaram-na para a Alemanha e lá foi submetida a uma cirurgia de tireóide bem complicada. A cirurgia foi bem sucedida e desta forma a menina tem chances de se desenvolver normalmente até os 19 anos de idade.

Também nas famílias pomeranas encontramos muitos filhos adotados. Muitos casais bem sucedidos adotavam sobrinhas e sobrinhos pobres, ou mesmo órfãos que cresciam no meio dos filhos naturais. Antigamente acreditavam que com isto teriam uma mão-de-obra barata, mas atualmente não é mais o caso e, tal ato, representa sobretudo uma obrigação cristã que praticam.

V

No domingo cedo viajamos com o pastor Reinsberg de Palmeira para Lagoa Serra Pelada, onde seria comemorada a colocação da pedra fundamental para uma nova igreja. Seguimos por uma estrada cheia de pedras e valetas, contornando as montanhas. Em compensação apreciamos uma vista fantástica sobre as baixadas enormes e rochas com formações surpreendentes. Os cumes das montanhas arredondadas muitas vezes se apresentam num tom azulado escuro, coberto de mata nativa de cor verde escuro e os pastos numa cor verde empoeirada. Entre estes, ficavam os caminhos abertos, em terra vermelha e bem árida.

Depois de duas horas de viagem ultrapassamos o primeiro caminhão que transportava carga e pessoas e que também estava a caminho de Lagoa. Atrás dos veículos levantava uma densa nuvem de poeira e as pessoas que estavam indo a pé, desviavam para os lados para não se sujarem e estragarem as "boas vestimentas", que ali são conhecidas como o luxo dominical. Um garoto loiro abraçava e segurava firmemente um bezerro, que ele pretendia levar para casa. Nos caminhões abertos, viajavam principalmente pessoas jovens, que seguiam cantando e gritando de alegria por poder participar num dia de festa.

Em Lagoa Serra Pelada existia um cruzamento de cinco estradas e por esta razão surgiu aqui a pequena e simpática vila. Em 1936 foi construída

uma igreja nos arredores, quando a maioria dos pomeranos ainda morava fora da vila. Aos poucos, aproximadamente 70 famílias se mudaram para a vila e desta forma ficou decidido construir uma nova igreja luterana num lugar mais elevado no centro do povoado.

Por causa da construção desta nova igreja e também por causa de outras dúvidas, surgiu uma grande briga na comunidade, na qual até os dois pastores da Alemanha estavam envolvidos. A comunidade se dividiu em dois partidos e tal fato trouxe grande transtorno às famílias. Finalmente, os dois pastores alemães foram transferidos de volta ao país de origem e veio um novo pastor brasileiro, descendente de alemães, para tentar reunificar os dois grupos.

Tudo isto não seria relevante se na vida dos pomeranos a igreja não exercesse um papel tão importante pois, na Alemanha, os membros pagam as contribuições e não ligam para a igreja. Mas, para a família pomerana, a igreja evangélica é o ponto culminante na vida deles e, desta forma, apoiam integralmente o "seu" pastor.

Para acabar com os desentendimentos, todos e também os políticos que não eram evangélicos, foram convidados para a da colocação da pedra fundamental. Isto resultou numa grande festa popular na cidade. Em volta da igreja em construção foram instaladas várias lonas onde era servido churrasco, cafezinho e guloseimas. Também aconteciam jogos de sorte e outras brincadeiras. O local era enfeitado com festões e bandeirolas de papel colorido, que balançavam freneticamente ao vento. No meio do canteiro já se encontravam os tijolos para o levantamento das primeiras paredes e estava preparado o muro para a colocação da pedra fundamental. Em frente deste muro foi instalado um altar, coberto com uma toalha verde, uma cruz prateada e duas velas bem grandes.

Durante o culto a céu aberto foi realizada festivamente a colocação da pedra fundamental, para a qual todos os pastores do distrito estavam presentes. Um a um, apresentou uma pequena mensagem. O pastor distrital Reinsberg mencionou claramente que aos poucos os pastores alemães seriam substituídos por brasileiros, já que nos últimos anos muitos jovens dali estavam se formando como pastor ou diácono. Como filhos de colonos, eles conheciam bem as condições do interior.

O pastor demissionário, Schmekel, desejou ao seu sucessor principalmente bons nervos para conseguir reunificar a comunidade. Os novos pasto-

res brasileiros dominam tanto o idioma português como o alemão e esperam poder executar um bom e abençoado trabalho na comunidade.

Após o culto também os representantes das autoridades políticas fizeram os seus discursos, bem como os dirigentes da igreja e representantes de comunidades vizinhas. Entre as palestras duas bandas de trombonistas executavam hinos de igreja e canções folclóricas. Também fui chamado para dizer algumas palavras em pomerano e aceitei o convite com muito prazer. Logo que comecei a falar se instalou um grande silêncio e novamente o pessoal ficou estarrecido sobre a minha fala em pomerano. Um senhor de mais idade me perguntou como eu pude, em tão pouco tempo, aprender o pomerano aqui no Brasil. Eles não tinham a mínima ideia que ainda hoje existem pessoas na Alemanha que também dominam a língua materna deles.

Enquanto eu comia o meu churrasco, constantemente vinham pessoas para falar em pomerano comigo, como se quisessem comprovar que eu realmente sabia falar a língua deles e confirmar que não se tratava de um truque ou que teriam ouvido algo errado.

Nos intervalos eram oferecidas rifas para jogos de sorte. Tratava-se de um jogo bem original, pois em cima de uma plataforma redonda de madeira, estavam fixadas 36 casinhas numeradas na borda e no meio havia um toco de madeira oco no qual foi colocado um porquinho-da-índia. Quando todas as rifas eram vendidas, o toco de madeira era levantado e o porquinho-da-índia, assustado, corria para dentro de uma das casinhas numeradas e este número era o premiado.

À noite aconteceu um baile para a juventude numa tenda coberta com folhas de palmito que foi construída pelas próprias meninas e rapazes. Mas eu também queria ver esta festa na tenda de folhagem. Quando atravessei a rua, veio um negro de cabeça branca ao meu lado e disse-me em pomerano: "*Kumm, will wi eis rinnekieke, wo dat doar binne utsüht!*" (Vem, vamos entrar para ver o que acontece lá dentro!). Um negro, falando pomerano! Já havia ouvido falar nisto. Mas quando nos deparamos com esta realidade ficamos perplexos e sem palavras. Porém, mais tarde, ainda tive oportunidade de conhecer outros negros que usavam o pomerano como língua materna, já que foram criados por famílias pomeranas e conviviam entre eles. Famosa é a história do negro leal que foi à guerra e disse para um pomerano: "*Nu mötte wi Dütsche ower toophulle!*" (Agora nós alemães precisamos nos manter unidos!).

A tenda verde era bem espaçosa. Um aroma sedutor vinha do telha-

do de folhas de palmito. No centro armaram uma tábua de madeira estreita e em volta mesas e cadeiras bem simples. Num pequeno móvel havia um toca-disco com alto-falantes, do qual soavam músicas brasileiras em tom estridente. Focos de lâmpadas vermelhas ofuscavam a iluminação. Os jovens estavam entusiasmados, enquanto os mais velhos tremiam de medo de que pudesse acontecer algo desagradável. Em tempos passados muitos bailes terminaram em pancadarias ou troca de tiros. Este era o motivo pelo qual os pastores desaconselhavam os bailes também ali. Muitos membros da igreja também eram totalmente contra bailes, ou danças. Essa experiência também teve o novo pastor recém-chegado da Alemanha, pois no primeiro casamento que foi convidado ele dançou, por delicadeza, uma volta com a noiva, como era usual na Alemanha. Os pomeranos interpretaram este ato como "pecado" e no domingo seguinte fizeram uma corrente humana em frente à porta da igreja para que o pastor "dançante" não tivesse mais acesso à casa de Deus...

Mencionei este detalhe para destacar mais uma vez com que seriedade os pomeranos levam a sua fé cristã e de que forma criticam o que no entendimento deles é "pecado". Deparamos-nos com isto muitas vezes quando no dia seguinte fomos dar uma volta nas colônias. Queríamos saber sobre o dia-a-dia da vida dos pomeranos, sobre os seus costumes e rituais. Porém, eles falaram em primeiro lugar sobre a igreja, informaram de que lado estavam na briga pastoral, o que a comunidade fazia de errado no ponto de vista deles. Muitos reclamaram da alta contribuição paroquial e disseram não ter condições de pagar. Senhores mais jovens destacaram a satisfação por terem agora um pastor brasileiro e que as crianças agora tinham condições de receber o ensinamento de catecismo para a confirmação em língua portuguesa.

Depois de ter visitado várias famílias com as quais somente conseguimos falar sobre igreja e briga de pastores encontramos, finalmente no sr. Bessert, uma pessoa que sabia algo sobre a colonização e ocupação das terras, pois o sr. August Bessert se mudou para cá, no meio da mata virgem, em 1905, junto com Wilhelm Nitz e Carl Seik. Estes eram praticamente os pioneiros aqui em Lagoa Serra Pelada. Em 1910, Bessert fundou o cemitério e depois construiu uma capela. Evidentemente ele também destacou, em primeiro lugar, os comentários sobre a vida na igreja e das contribuições injustas. Depois começou a contar sobre seu pai, que imigrou com 10 anos de idade, trazido pelos pais que vieram de Bublitz. Ele também lembrou que seu avô muitas vezes juntava as mãos sobre a cabeça e lamentava ter saído da Alemanha, pois todos adoeceram de tanta saudade da sua terra. Muitas vezes teria falado sobre a cena horrível das muitas crianças que morreram no

meio do caminho e que teriam sido lançadas aos tubarões em alto mar, pois os tubarões ameaçavam derrubar o navio. Após esta terrível viagem ficaram satisfeitos de finalmente terem alcançado terra firme, mas lá muitos outros problemas os aguardavam. Pois como tinham sido diaristas na Pomerânia, eles pouco entendiam do trabalho no campo num país tropical e muito menos possuíam um ofício profissional. Quando o primeiro pomerano faleceu no meio da mata, eles sequer sabiam como fazer um caixão. Finalmente tiraram lascas de árvores e as fixaram em volta do defunto.

August Bessert veio então com 22 anos de idade para cá e adquiriu uma grande área de terras. Com orgulho mostra até onde se estendia a sua propriedade. Hoje ele possui bem menos terra e mora numa casa de madeira bem primitiva, que deixa uma impressão de miséria, pois o casal bem idoso vive ali sozinho, com um filho deficiente. Eles somente conseguem fazer o estritamente necessário. Nem pensar em poder executar um trabalho de campo modernizado, o que ultrapassa a qualquer imaginação humana.

O único colono que trabalhava de uma forma mais moderna e se mantinha atualizado nas técnicas era o Carl Hartwig. Para nós era uma satisfação, depois de tantos outros que não queriam saber de adubação e somente reclamavam da terra infértil, finalmente encontrarmos um agricultor de mente mais aberta e que aceitava e aplicava as instruções da ACARES, um órgão que dá apoio à agricultura, ensinando os métodos mais modernos. Não é difícil entender que os pomeranos, durante duas ou três gerações, se esqueceram que para colher bons frutos há necessidade de adubação da terra. Quando chegaram aqui plantaram em terras frescas por dezenas de anos e tudo crescia maravilhosamente. Quando a terra ficava fraca, derrubavam outro pedaço de mata e passavam a plantar numa área nova e assim sucessivamente até que a mata ficou escassa.

Carl Hartwig estava ciente de que não existem terras improdutivas. Ele aprendeu isto na ACARES e hoje aduba as suas terras e instalou uma fazenda modelo. O engenheiro agrônomo alemão, Peter Hartmann, que trabalhava na ACARES, contou que estão tentando encontrar em cada região um agricultor que se interesse pelos ensinamentos e passe a aplicá-los para servir de modelo para os outros colonos. Porém, até o momento obteve pouco êxito neste sentido.

Também Carl Hartwig lamentou que os pomeranos rejeitam qualquer proposta e não gostam de aceitar conselhos. Há alguns anos a ACARES plantou um cafezal modelo que produziu quatro vezes mais do que o normal.

Porém, apenas Carl Hartwig seguiu as instruções e plantou café em terras magras, terras consideradas improdutivas e pelas quais os outros não pagariam sequer alguns cruzeiros. Os resultados foram surpreendentes e ele até ganhou um relógio de ouro, como prêmio pela colheita de café.

Carl Hartwig também reclamou da falta de espírito de coletividade. Por exemplo, o cônsul alemão tinha um projeto para conseguir verbas para instalar na região uma rede de luz elétrica. No entanto, não encontrou ninguém disposto a pagar parte da instalação, pois pelas normas da instituição de desenvolvimento, a mesma poderia assumir apenas 70% do valor e os 30% deveriam ser assumidos pelos usuários. Como não chegaram a uma conclusão pacífica, o projeto não pôde ser executado. No momento Carl Hartwig estava instalando, por iniciativa e conta própria, uma rede elétrica na sua propriedade. Durante a nossa visita, um carro de boi estava justamente puxando os longos postes de madeira para a fixação da fiação. Do lado político, ele recebeu gratuitamente apenas os dois touros para puxar os postes, acompanhados de dois serventes, que comentavam em todos os cantos sobre os caminhos que levam ao vale dos Hartwig.

Apesar de naquele momento Hartwig estar sobrecarregado de trabalho e compromissos na fazenda, ele encontrava tempo para nos mostrar as plantações de tomate, abóboras e principalmente as novas mudas de café. As plantações de café me lembraram muito as plantações de nabos na Pomerânia. As mudas eram feitas em grandes canteiros, depois transplantadas para saquinhos plásticos com terra adubada. Posteriormente estes saquinhos eram colocados no cafezal, dentro de covas e em posição inclinada. Após um ano já se podia colher os primeiros frutos, enquanto antes levavam três ou quatro anos.

Visitamos então um cafezal que ficava entre duas rochas cobertas de mata nativa. Ali pudemos apreciar pés de café de todos os tamanhos e que se encontravam em pleno florescimento. Pareciam luzes brancas brilhando no meio das folhas verdes e brilhantes. Do outro lado, numa pequena montanha, existia uma linda plantação de laranja, com os frutos já bem amadurecidos e que estavam caindo das árvores. Colhemos algumas frutas para chupar, mas existe uma certa técnica para fazer isto pelo sistema brasileiro: corta-se apenas um buraco no fundo da fruta e coloca-se este orifício na boca enquanto apertamos a fruta e sugamos o suco.

Perto do cafezal ficava a instalação para secagem do café, equipada com máquinas para lavar e selecionar os grãos. Os outros colonos evidentemente não possuíam instalações tão modernas e normalmente secavam o café

sobre uma superfície de madeira, tipo uma caixa rasa, aberta, com rodas que deslizavam sobre trilhos de madeira e eram instalados sob os sótãos dos paióis. Vimos um destes secadores na casa do arrendatário de Heinrich Schulz. Porém, como agora não era época de colheita de café, usavam o mesmo para secagem de cebola, que em pomerano se chama de "*Polle*" ou "*Zipolle*", a palavra correta "*Zwiebel*" praticamente não era usada.

Finalizando, Carl Hartwig fez uma comparação dos preços que ele hoje recebe pelo seu café e o que recebia quando ainda trabalhava da forma antiga, quer dizer: como os outros ainda trabalham. Ele estava convicto que estes lucros comprovados nesta proporção, somente poderiam ser obtidos se houvesse uma modernização no trabalho agrícola, feito em conjunto e com apoio estatal. O que mais se ouvia aqui era: "*Wie moake dat so as Vaoter um Grossvaoter dat moak hett!*" (Faremos da forma como os nossos pais e avós o fizeram!) e desta forma a pobreza cada vez mais predomina entre eles.

Não podemos deixar de mencionar que os colonos tinham receio de assumir financiamentos bancários, ou assinar contratos com órgãos públicos, já que em tempos passados muitas vezes foram enganados ou passados para trás, por não dominarem o idioma oficial do país. Isto, principalmente, se encontrava impregnado na mente da antiga geração que somente falava o pomerano, todavia, esperamos que isto possa mudar em breve na nova geração.

Em Lagoa Serra Pelada estávamos hospedados na casa do dentista Carl Seibel, cuja família descendia do Hunsrück da Alemanha. Como todos os homens provenientes do Hunsrück, também ele se casou com uma linda pomerana, cujos antecedentes eram das famílias Krause, Sill e Reblin. Ida Seibel recordou que estas três famílias vieram da região de Köslin. O avô Krause teria sido pastor de ovelhas numa grande propriedade e possuía uma pequena casa, que fora vendida para pagar as despesas de viagem para a América. A primeira moradia deles aqui na mata nativa também foi debaixo de uma enorme raiz de uma árvore, debaixo da qual a avó Sill deu à luz a vários filhos.

Mais tarde as famílias Krause, Sill e Reblin receberam terras doadas pelo Imperador Pedro II. Abriram picadas na mata e finalmente puderam então construir as suas barracas. O Imperador e a sua esposa até vieram uma vez para visitar os colonos alemães fixados no Espírito Santo e mesmo que ambos tenham permanecido cobertos por véu, para se proteger dos mosquitos, os pomeranos ficaram muito honrados com a visita deles, pois lhes deviam gratidão pela concessão das terras. Quando o Brasil passou a ser República, estas doações parcialmente não eram mais reconhecidas e os pomeranos fo-

ram obrigados a pagar pelas próprias terras, o que levou muitos a uma pobreza absoluta.

A família Seibel morava numa casa bonita e se orgulhava por morar no centro da cidade. Mas durante as brigas na igreja, até pensaram em se mudar de lá, pois não suportavam mais assistir a tantos desentendimentos entre as famílias evangélicas. Porém, como os desentendimentos acabaram, o dentista aposentado ajudava voluntariamente na construção da nova igreja, o que pelos demais membros era considerado um ato normal. Surge em mim um sentimento de tristeza quando me lembro que membros que pagam contribuições para a igreja são obrigados a construir por conta própria e sem compensação financeira as suas igrejas, o que na Alemanha seria inaceitável!

Concluído o trabalho, o velho sr. Seibel se senta na varanda e fala com a pequena netinha dele, que vive com eles para poder frequentar as aulas na cidade. Na casa paterna, longe da cidade, ela apenas aprendeu a falar o pomerano e agora estava aprendendo a falar o português. Também a avó Seibel estudava junto com a netinha para aprender a falar o português. Somente o papagaio, que ficava numa vara em frente à varanda, não se preocupava em aprender o português e continuava falando pomerano. Quando ele tem fome chama em voz alta: "*Ida, kumm eis her!*" (Ida, vem pra cá!). Ele também já havia fugido para longe, mas a fome o trouxe de volta. Após dois dias, de repente se ouvia a voz do papagaio vindo de um pé de laranja: "*Ida, kumm eis her!*". Quando colocaram pão na soleira da cozinha, imediatamente veio para dentro de casa dizendo: "*Ach du leiwe Tiet!*" (Meu precioso tempo!) .

Já que esta história do papagaio se tornou pública em toda a região, alguém me contou a mesma história durante uma palestra que fiz à noite na escola, quando contava as minhas anedotas em pomerano. Também ali, as histórias simples do interior fizeram o maior sucesso e o ambiente se tornou extremamente agradável. Apesar da escola ser bastante espaçosa, nem todos conseguiram entrar e muitos participavam em pencas em frente às portas e desta forma precisei falar em alto tom para que os participantes do lado de fora pudessem me ouvir. Novamente, tentei descobrir até que ponto ainda entendiam o alemão. Li uma história bem divertida em alemão, mas apenas poucas pessoas mais idosas se manifestaram. Os jovens não demonstravam nenhuma reação: portanto, pouco ou nada entenderam. Quando passei a ler a mesma história em pomerano, houve uma grande manifestação e todos deram altas risadas.

Após a minha palestra surgiu mais uma discussão. O jovem Valdemar

Holz queria saber como será que os parentes na Alemanha o receberiam se ele algum dia quisesse visitar os seus antepassados. Afirmo que logicamente ficariam muito felizes. Ele me mostrou cartas da década dos anos de 1920 provenientes de Mögenthin, da região Bublitz. Os antepassados dele tinham os nomes de Kleefeld e Klemz. Mudaram-se para Berlim e depois disso perderam o contato.

Valdemar Holz era um jovem bem inteligente, que queria ir à Alemanha com a sua família para estudar administração hospitalar. O bom domínio do idioma alemão ele aprendeu na Escola Bíblica em Lagoa, onde são formados diáconos e auxiliares pastorais. Valdemar era bastante sincero e honesto quando informou que fora a língua alemã, ele não conseguira aprender muita coisa lá. Infelizmente, a língua portuguesa ficou de tal forma abandonada, que quando ele mais tarde quis assumir um emprego público, teve muitas dificuldades. Esta crítica de que os pastores alemães relaxam e não se interessam pela língua portuguesa, ouvi muitas vezes por parte dos pomeranos mais jovens. Mas eles hoje desejam ser em primeiro lugar brasileiros e depois brasileiros descendentes de alemães.

No último dia da nossa estada em Lagoa, visitamos a sra. Nitz, de 86 anos de idade. Apesar da idade sua mente estava bem lúcida e andava de corpo erguido. Também ela era uma das pioneiras da região e ainda ajudara na derrubada das matas. Humildemente ela conta que havia 20 filhos na casa, dos quais nove eram filhos próprios. A língua materna dela também era o pomerano, mas fez questão de que todos os filhos aprendessem o alemão e também o português e desta forma todos os filhos foram bem sucedidos na vida. Alguns se mudaram para a cidade e os netos frequentaram boas escolas e até os bisnetos já estavam estudando. Nesta família notamos, claramente, a ascensão social que leva um colono até a universidade na capital. Alguns dos bisnetos da sra. Nitz estavam justamente ali de visita, por estarem de férias escolares na cidade. Entre si falavam somente o português e não entendiam mais o alemão, mas com a bisavó falavam em pomerano, que eles ainda dominavam, apesar de residirem na cidade.

Após esta visita, seguimos com Valdemar Holz para São João, que ficava em direção de Laranja da Terra. No meio do caminho ultrapassamos caminhões, em cima dos quais eram transportadas várias pessoas adoentadas. Descobrimos que todos se dirigiam ao "doutor mágico" para procurar lá a última solução para suas enfermidades. Já que se tratava de um pomerano, resolvemos seguir caminho até lá. Diante de um barraco miserável que ficava

numa ladeira, encontramos aproximadamente umas 100 pessoas acampadas e aguardavam pacientemente a vez da "consulta" delas. Vários caminhões se encontravam estacionados debaixo da sombra das árvores. Vieram de lugares distantes e inimaginários, o que pudemos comprovar pelas mais diversas placas dos caminhões.

O "médico mágico" era uma pessoa de estrutura magra, com falha nos dentes. No rosto dele, não barbeado, me deparei com dois olhos com um olhar demoníaco. Ele nos convidou para o seu "consultório" no qual somente encontramos uma cama esfarrapada, uma mesa de madeira e uma cadeira. O único instrumento era um medidor de pressão. Ele explicou que reconhece em cada traço do marcador do aparelho medidor de pressão um outro tipo da doença. Quando ele percebeu que não acreditava nas palavras dele, ele se distanciou, apesar de estarmos falando em pomerano. Seu olhar penetrante nos indicou a porta de saída, onde os próximos pacientes já estavam aglomerados e aguardando o atendimento. Entravam desesperadamente, como se a vida deles dependesse de obter uma receita do "médico mágico" para a cura da doença. Ele não cobra pelas consultas e sim, apenas, aceita "presentes". Se cobrasse pelas consultas, entraria em conflito com os médicos formados da região, mesmo com os que ficam mais distantes dali. Existem vários comentários sobre o "médico mágico" como por exemplo, sobre uma senhora de Laranja da Terra que ele teria curado de hidropisia. Porém, em nossa volta por Laranja da Terra, pudemos constatar que isso não correspondia à verdade, pois os sinos tocavam, anunciando o enterro dela que era feito naquele momento.

VI

Depois de termos encontrado logo no primeiro dia da nossa viagem um "*Köstebitter*" (convidador de casamento), assistimos em Laranja da Terra um casamento de colonos pomeranos. Acompanhamos o pastor Maruhn numa filial distante em Guandu Perdido. Os noivos aguardavam em frente à capela pintada de azul e branco. Heinrich Prochnow se casou com Alice Potratz. Ambos não completaram 20 anos de idade. Ele era uma pessoa bem extrovertida e ela muito séria. Ele estava vestido de terno azul com uma grande flor branca artificial no bolso do paletó, cabelos loiros, o rosto queimado do

sol e as mãos grandes castigadas pela ação do trabalho. Ela usava um vestido de renda branca. Nas mãos carregava um buquê de flores artificiais, também brancas; no cabelo escuro usava uma grinalda de flores brancas com um véu curto. Formavam um lindo par de noivos.

Parte dos convidados veio de caminhão, inclusive as testemunhas, os pais e o "*Köstebitter*" como aqui é chamado o mensageiro que faz os convites para o casamento. Após a cerimônia simples, feita em língua alemã, os noivos entraram no caminhão e seguiram para a casa onde aconteceu a festa do casamento. Acompanhamos o divertido cortejo. O "*Brautjunge*" foi atrás da boléia do caminhão e abanou freneticamente a bandeira azul e branca, os outros soltavam gritos de júbilo contra as montanhas, cujo eco não ressoava o suficiente e por isso, gritavam cada vez de forma mais alta e estridente.

De repente, a estrada terminou e estacionamos nosso carro debaixo de uma casa, construída numa ladeira. Todos desembarcaram e seguiram o caminho a pé até a casa dos pais da noiva, que ficava num vale bem distante em Guandu Perdido. Caminhamos mais de meia hora subindo o morro e andamos sobre pedras, pastos, arroios, matas queimadas e penhascos desmatados. No meio do caminho o noivo e o mensageiro soltavam fogos, que representava um sinal para as cozinheiras "*Domit de Köksche weite, nu kaome de Hochtietslüür! Dat Ete mutt up de Disch sett ware!*" (Para que as cozinheiras soubessem que os noivos e participantes do casamento estavam chegando! Era hora de colocar a comida na mesa!).

Depois de termos transposto a última montanha, avistava-se uma bela imagem. A casa do casamento estava enfeitada com muitos galhardetes coloridos. No terreiro via-se hasteada uma bandeira branca com uma cruz aplicada em azul, num poste de 10 metros de altura. Em frente da casa vimos pessoas bem vestidas. Foram convidadas aproximadamente 60 famílias. Portanto, participaram da festa aproximadamente 200 pessoas, ou até mais. Sobre a porteira de entrada da propriedade estava dependurado um galhardete grande, enfeitado com muitas bandeirolas azuis e brancas.

Ao lado do portão de entrada estava sentado o sr. Marquardt que, com a sua concertina "*Trecksack*", tocava uma canção para toda família que chegava ao casamento. Este ato era conhecido na Pomerânia como: "*Taur Hochtiet inspäle*" (Boas vindas para o casamento) e também aqui é referido da mesma forma. Para este fim o sr. Marquardt colocou um velho prato de latão ao seu lado, no qual ouvimos o tilintar das moedas. Caso alguém se esquecesse de pagar, era declamado o seguinte verso:

"*Komm man rinner, komm man rinner,*
riet man nich vörbi!
Wenn du nicht betaohle wist,
kast du blieve, wo du bist!"

(Vamos entrando, vamos entrando,
e não passa se esquivando!
Se não quiser pagar,
Você pode ficar onde você está!).

Evidentemente, pagamos pelo toque de música de recepção e fomos bem-vindos. Como convidados de honra, fomos chamados para sentar na longa mesa, que foi armada debaixo de barracas cobertas com folhas de palmeiras e lonas, atrás da casa para alimentar o grande número de pessoas. Na cabeceira da mesa sentavam os noivos, debaixo de um arco enfeitado com murta e deveriam permanecer no local até que todos os convidados terminassem de comer. Isto é imposto pelo costume pomerano, que diz trazer desgraça, caso os noivos se levantem da mesa enquanto ainda existir algum convidado faminto.

Foi servido: sopa de macarrão, carne de galinha, carne de boi, salada de batata, tomate e para sobremesa arroz doce. As cozinheiras se movimentaram intensamente em volta do fogão e ao término da refeição apareceram com os pratos de latão, pediram dinheiro, declamaram versos em pomerano. Para recompensar o trabalho duro delas, normalmente recebem pequenas notas de dinheiro velho e sujo. Todavia, foram mortos, assados e cozidos: um boi e 55 galinhas. Isto parece um total desperdício, quando notamos na conversa que na casa tem 10 filhos (enquanto a mais velha se casa, a mais nova ainda é amamentada no seio da mãe da noiva). Porém, por aqui casamentos são as únicas festividades que podem ser festejadas abundantemente e portanto são curtidas ao máximo. Aliás, muitas galinhas e ovos foram doados pelos convidados (muitas famílias doam até duas galinhas). Também este costume ainda vem da Pomerânia e ainda me lembro bem, que eu precisava levar manteiga e leite, quando tinha um casamento na localidade.

Ao lado da casa foi instalado um botequim, dentro do qual os pais da noiva serviam cachaça e vinho. Em pouco tempo surgiu um clima bem animado e os primeiros começaram a dançar. Porém, antes da dança o casal de noivos precisa voltar ao quarto e se sentam numa cama bem arrumada, cheia de presentes – principalmente de panelas – para fazer uma foto. Mesmo tendo um fotógrafo contratado, pediram-me para também fazer algumas fotos. O noivo então me contou que ia receber por parte do pai dele um pedaço de ter-

ra e lá pretendia construir a sua própria casa. Ele teria preferido uma festa de casamento menor, mas os pais da noiva fizeram questão de fazer uma grande festa "*dormit de Lüür ok seihe, dat we wat hewwe!*" (Para que as pessoas vejam, que possuímos algo!).

Porém, as preocupações habituais são deixadas de lado numa noite de casamento. Logo que o sol ficou menos intenso e não castigava mais tanto, começou o "*Brauttanz*" (Dança dos Noivos), durante a qual o noivo dança com todas as mulheres e moças presentes e a noiva dança com todos os homens e rapazes presentes. Ao final, são jogados no salão ossos e murta, entre os quais o casal era obrigado a dançar. Enquanto as moças tentavam varrer o salão, a noiva se refugiou dentro do seu quarto. Os convidados então fizeram gestos, como se quisessem rasgar o véu da noiva, que no entanto era protegida pelo noivo para chegar ao quarto com o véu intocado e inteiro.

Contaram-me que em outros lugares ainda existe o costume da dança dos noivos para a retirada da grinalda e às vezes também a dança do noivo e a retirada do chapéu. Nesta cerimônia os recém-casados são admitidos no mundo dos casados e após terem perdido grinalda, véu e chapéu, dançam mais uma vez com todos os convidados da festa. A retirada dos noivos somente é permitida à meia-noite, porém os convidados continuam dançando e cantando animadamente até a madrugada seguinte.

No entanto, como estávamos em companhia de pastores, não pudemos ficar muito tempo e notava-se claramente que a presença de estranhos estava inibindo o comportamento festivo deles. Principalmente na presença do pastor, eles não se arriscam a dançar mais intensivamente ou beber além do limite. Isto para mim não representa uma novidade, pois nos casamentos de agricultores que ainda participei na Pomerânia, estes também sempre se alegravam quando os pastores iam para casa. Assim, ainda saímos em dia claro para voltar a Laranja da Terra.

De certa forma fiquei triste por não poder participar do casamento até o final, pois esperava ainda poder identificar mais alguns costumes, ou canções de antigamente. Porém, o velho Stange, que ainda visitei na mesma noite, me disse não ter perdido muita coisa, pois "*dei towe (toben) doch bloss rümmer um denke: wer ligge bliwt, bliwt liege!*" (somente se divertem alucinadamente e pensam: quem cair deitado, deitado ficará!). Ele me contou que na terça-feira a noiva mudaria para a casa do noivo e levaria o enxoval, composto de: uma vaca, uma novilha, um baú com roupas e às vezes um armário. Ele lamentou muito que o "*Polterabend*" (noite de quebra-louças) foi desativado.

Conta que no casamento dele aplicaram esse costume e ele foi obrigado a sair no escuro carregando os cacos nas costas, para que os mesmos pudessem lhe trazer sorte.

Carl Stange sabia contar muitas passagens da sua juventude e até sabia cantar canções em pomerano que eu nem conhecia e portanto aproveitei para gravar as mesmas no meu gravador. Uma dessas canções era:

"*Hans satt up a Schornstein und flickt sien Schauh,*
doar kamm eir schier schmuck Mäke an und kiekt ehm dorbi tau.
Mäke, wenn due frieje willst, denn friej doch man gliek mi,
denn eine Doaler heww ick noch, den gäv ich denn glieck di!"

(Hans estava sentado na chaminé, consertando seu sapato,
Veio então uma moça elegante e bonita que o observava.
Moça, se queres se casar, case-se logo comigo,
Pois tenho ainda uma moeda que lhe entregarei de imediato!)

A outra canção era bem divertida, composta por muitos versos e começava com:

"*As Jens Gau' s Mäke grot weere deer*
wull es gern en Hinn hewwe,
all Lüü wulle weite,
wo dei Hinn schull heite".

(Quando a filha de Jens Gau cresceu
ela quis ter uma galinha,
Todas as pessoas queriam saber,
Qual seria o nome da galinha.)

Uma outra canção era:

"*Pitte-pitte-tinne*
heil mim gal Hinne.
As sei en Hinn herr,
wull's ok eine Haohn hewwe.
All Lüür wulle weite,
wo dei Haohn schull heite.
Gockelhaohn heit de Haohn
pitte-pitte-pinn
heit mien Tit-Hinn ..."

(Pitte-pitte-tinne
Salve a minha galinha dourada,
Quando ela a galinha tinha,

também queria ter um galo.
Todos queriam saber
como seria o nome do galo.
O galo se chamava Cacarijó,
Pitte-pitte-pinn ...)

Depois continua sobre outros animais tipo: pato, ganso, ovelha, vaca e cavalo. No final a moça também quer um homem e um filho. O homem deve se chamar "*Gänrichermann*" e o filho "*Kiek inn't Spind*".

O sr. Stange também sabia contar várias anedotas e piadas. Desta forma ele conta de papagaios que falaram as palavras erradas em momentos errados, de jacarés que foram usados para puxar canoas na água e outras histórias fantásticas sobre caças, do tipo: "onde animais arrancaram olhos de caçadores e depois os reencontraram", etc.

Bem mais interessantes são os acontecimentos da vida dele na juventude, do seu pai e da espingarda que trouxe da Alemanha e com ela caçava a comida necessária para o sustento da família no meio da mata, pois naquela época existiam muitos animais silvestres.

Os rapazes adolescentes não tinham direito de usar armas de fogo, mas em compensação usavam pedaços de pau de todos os tamanhos e resistência, com os quais passavam a caçar. O sr. Stange disse orgulhosamente: "*Jao, de ulle Pommern herre Couraosh!*" (Sim, estes pomeranos antigos tinham muita coragem!). Destacando, disse em pomerano: "trabalhavam muito e apesar de não estarem acostumados ao clima quente, continuaram trabalhando direto sem se importar com o sol e mesmo assim se mantinham saudáveis". Complementando disse: "O que as pessoas hoje chamam de 'trabalhar', antigamente era conhecido como 'lazer' e bem menos pessoas ficavam doentes. As pessoas apenas começaram a ficar doentes quando tomaram conhecimento que existiam médicos na cidade".

O sr. Stange também contou histórias divertidas do tempo escolar. Tinha 10 anos quando foi pela primeira vez à escola. Lá eram obrigados a escrever letras do alfabeto alemão. Tinham muitas dificuldades em conseguir traçar linhas retas com o lápis na pequena lousa, pois se tratava apenas de tocos e que eram prolongados com a ponta de penas de pato, pois os pais não tinham dinheiro para comprar um lápis novo. Apenas tinham aula duas vezes por semana e muitas vezes o pastor precisava ir a cavalo para fazer enterro e neste caso sequer aula tinha. Sr. Stange ainda se admira hoje por ter conseguido aprender a ler e a escrever nesses três anos de escola.

Da mesma forma, o sr. Friedrich Nass me contou histórias fabulosas. Ele voltou no dia seguinte à casa pastoral para me mostrar um par de estribos em latão, usados antigamente nas montarias para proteger os pés de arranhões de espinhos e de pedras. Ele me contou histórias fantásticas sobre caças, nas quais os javalis perseguiam os cães. Histórias sobre doenças, quando os médicos lhe fizeram uma cirurgia para a retirada da apêndice e desta forma tentar curar o reumatismo dele, etc. Ele teve 11 filhos e lamentou não ter conseguido completar uma dúzia. Todos os filhos homens se casaram e moram enfileirados em terrenos doados por ele como presente de casamento.

Por último, ainda fizemos uma visita na linda colônia de Wilhelm Seibel e na fazenda-modelo de Theodor Seibel. O patriarca dos Seibel contou sobre a chegada dele ao local, quando as terras por aqui ainda eram muito baratas devido a água da região ser considerada de má qualidade e por isso eram obrigados a carregar a água potável por alguns quilômetros. A sra. Seibel informou que o pai dela imigrou da Alemanha com 18 anos de idade. De início foi canoeiro, depois ganhou dinheiro abrindo caminhos pelas matas e desta forma conseguiu adquirir terras por ali. Hoje, eles plantam café, milho, arroz, feijão e cana-de-açúcar. Também possuem algumas cabeças de gado, mas que dão pouco leite. Eles ficaram muito admirados quando lhes contei que na Alemanha os bezerros são logo separados das vacas quando nascem. Acharam que isto seria impossível ali, pois desta forma, as vacas não soltariam uma gota de leite nas ordenhas.

Todos reclamaram que o café e o milho estavam sendo atacados pela doença chamada ferrugem. A ACARES já tinha providenciado remédio para tratamento da praga, mas não tinham conseguido combater totalmente o problema. Também existia ali o grande problema das formigas-cortadeiras. As formigas-cabeçudas cortam durante uma só noite árvores inteiras. Já existiam várias formas para atacar os viveiros das formigas, mas o que adiantava se um colono tentava exterminá-las na sua propriedade e o outro vizinho nem se incomodava com as mesmas na sua propriedade.

Um dos filhos, Orlando Seibel, de 20 anos de idade, no momento estava na Alemanha para fazer um curso de agronomia. Ele foi um dos poucos aprovados nas provas difíceis, aplicadas pela Assistência e Desenvolvimento Agrícola para que os estudos na escola agrícola na Alemanha pudessem ser bem aproveitados e assim poderia trazer os frutos desejados.

Após termos tido contato com várias famílias bem sucedidas, também fomos conhecer outras pessoas pomeranas bem mais pobres, que nor-

malmente moravam mais distante nas filiais ou viviam como arrendatários. Entre eles existiam mulheres que não iam ao culto por não terem um vestido digno para vestir. A esposa do pastor Maruhn sabia bem disto e desta forma houve gritos de júbilo quando numa manhã chegaram dois sacos de roupas usadas, vindos da Alemanha. Isto rapidamente se espalhou pela região e em poucas horas já chegaram as primeiras famílias ao depósito para escolher algumas roupas. Eles provavam as roupas nos corpos franzinos e rostos castigados pelo tempo e as crianças ficavam pasmas com as novas vestimentas (calças, camisas e calças) que receberam. Um dos meninos aparentava estar doente, provavelmente estava com vermes, pois a barriga apresentava-se inchada. A sra. Maruhn disse para a mãe que no dia seguinte o pastor Maruhn iria levá-lo para o médico. O dinheiro para a consulta seria retirado da Caixa Assistencial dos Pobres, cujo fundo era proveniente dos mais abastados, ou seja, quando os mesmos queriam alguma roupa recebida em doação da Alemanha, deviam pagar uma certa quantia pelas roupas.

O desejo da sra. Maruhn era ter uma máquina de tricô, para poder ensinar as mulheres pomeranas a fazer tricô e poderem desta forma confeccionar suas próprias roupas de frio, blusas ou casacos. O desejo do pastor Maruhn era ter uma máquina de debulhar feijão, pois muitos colonos ainda batiam o feijão manualmente com varas no terreiro. Na opinião dele, se pudessem adquirir ao menos uma só máquina em forma coletiva (cooperativa) já seria uma grande ajuda.

Em Laranja da Terra dei quatro diferentes palestras. A primeira foi logo após um encontro de estudo bíblico na enorme sala da família Schmidt, que desencadeou uma atmosfera pomerana tão fraternal que o velho dono da casa me deu a mão e a apertou repetidas vezes em forma de agradecimento, e com a voz embargada, disse: "*Wat hest du us doch beschenkt, nee, wo sind wi doch beschenkt waore!*" (Como você nos presenteou, ah, como fomos presenteados!). Ele fez isto de uma forma tão bondosa e com tanto carisma, que nem tive vontade de me despedir! Sim, gostaria de ter lido muito mais histórias até à meia-noite, mas os pomeranos normalmente neste horário já dormem há mais de duas ou três horas.

A minha segunda palestra foi feita no espaçoso salão paroquial, que estava cheio de gente. Muitas pessoas participaram pelas portas e janelas e lá permaneceram em pé por duas horas seguidas. Como o pastor estava presente, os participantes se mantiveram arredios e bem comportados e desta forma também pude ler assuntos mais sérios. As explicações sobre os *slides*

fiz em pomerano, pois ao contrário os jovens ficariam sem entender. Como em todos os outros lugares, notamos pouca reação sobre as fotos de cidade, mas o entusiasmo crescia, quando apareciam fotos do interior. Chegavam até a respirar fundo quando surgiam fotos sobre cavalos, gado, casas em estilo artesanal, pastagens e campos.

Mal terminei a palestra, a maior parte dos ouvintes correu para casa, que nem os gansos pomeranos. Isto porque tinha um baile nas redondezas. Acharam muita graça e deram altas gargalhadas durante o último poema citado: "*Hüt is Danz im Kraug!*" (Hoje Tem Baile na Roça), onde o velho camponês diz numa determinada frase: "*In mien Bein' dat ok noch treckt*" ("As minhas pernas também ainda repuxam para dançar"), quer dizer, ele também ainda tem vontade de dançar.

O velho sr. Ahnert e a sua filha nos convenceram a participarmos também do baile. Evidentemente somos curiosos e vamos juntos. Em um vale mais distante, o colono Tesch construiu um paiol na sua propriedade e era dentro dele que os jovens dançavam. Veio uma pequena banda de música de Colatina. Os dois rapazes tocavam guitarra e acordeão e cantavam estridentemente. Foram cercados por rapazes, mas da mesma forma que na Pomerânia, isto não representa uma atitude negativa. Do outro lado da sala, ao redor das paredes, as moças estavam sentadas num banco estreito. Logo que a música começou a tocar, começou um grande tumulto e todos se movimentaram para ir dançar. O salão encheu de tal forma que quase não conseguimos mais respirar. Evidentemente não havia luz elétrica e sim apenas lamparinas e a penumbra era muito bem-vinda para os jovens. Nesta penumbra apenas vimos sombras da massa de gente em movimento e ouvimos o barulho dos sapatos e sandálias deslizando no chão. Era uma dança bem monótona e apenas empurravam um pé diante do outro. Também, neste aperto, sequer seria possível desenvolver algum passo de dança!

No terreiro havia alguns jogos de sorte: jogo de dados, pescaria, etc. Próximo do forno à lenha se encontrava o bar com bebidas. Como balcão, havia uma tábua apoiada dos dois lados. Os jovens beberam bastante, mas mesmo assim se comportaram pacificamente. Porém, os mais antigos contam das brigas que surgiam antigamente por causa das moças e que resultavam em pancadarias. Um deles diz em voz alta: "*Mier Vaoter hett hüt noch eine Peike-Noagel im Kopp sitte!*" (Meu pai até hoje carrega um espinho cravado na cabeça!).

De modo geral o "baile no Tesch" era um divertimento bem sadio e

como visitante fiquei a me perguntar que motivos levaram os pastores a criticarem tanto os bailes. O sr. Tesch informou que ele fazia os bailes para que os jovens, que não possuíam outra forma de divertimento, pudessem ter uma forma diferente de distração e alegria. Em forma de compensação para aqueles que não aprovavam esta atitude, ele fazia uma doação espontânea de um certo valor para a igreja, ou seja, para a construção da nova lavanderia na casa pastoral.

No domingo havia culto em Picadão, uma filial que ficava bem distante dali. Lá fiz minha terceira palestra dentro de uma igrejinha bem simpática, que evidentemente era pintada em azul e branco por dentro e, também, por fora.

Durante o culto alguns homens cantavam em tom tão alto, que tememos que as tabuinhas pudessem sair voando do telhado. Também quando li as minhas histórias em pomerano, deram gargalhadas tão altas e contínuas, que precisei fazer longas pausas. Além disto, fizeram comentários explícitos em pomerano. Após cada ponto final, altas risadas que ultrapassavam de longe o recinto. Gosto muito mais destas reações voluntárias deste povo numa capela do interior do que o som de um órgão refinado numa igreja urbana na Alemanha.

A quarta palestra foi feita em Laranja da Terra e foi a mais bela e mais impressionante. Posteriormente, a esposa do pastor Maruhn e eu, fomos visitar a sra. Berger. Ela morava numa casa velha e precária. O espaço no qual ela vivia é quase indescritível. Como já estava escuro, levamos uma lamparina, cujas sombras mais pareciam fantasmas. Uma cama simplória, uma cadeira empoeirada e um recipiente de metal debaixo da cama. Na borda da cama, havia alguns panos estendidos, que certamente serviam como toalhas. Ela estava sentada num banquinho velho e segurava a barriga, que estava inchada como um globo terrestre. O tumor não podia mais ser operado e exalava um tremendo mau cheiro que quase nos sufocava.

Fizemos de conta que isto não nos incomodava, mas precisamos ficar perto da porta para poder respirar um pouco de ar puro. A sra. Berger já tinha ouvido falar de mim e ficou muito contente com a minha visita. Li algumas histórias em pomerano e logo ela começou a comentar sobre os fatos de que ainda se lembrava dos velhos costumes de casamentos da juventude dela. Ela era uma pessoa tão amável, que acabamos esquecendo o estado lamentável em que se encontrava! Os fantasmas desenhados pela lamparina tinham desaparecido e o ambiente até nos parecia familiar.

Na volta para a casa pastoral encontrei o sr. Orlando Mayer, da filial Picadão, que me ofereceu pedras preciosas para vender. Ele era um garimpei-

ro apaixonado. Como um fanático, me contou que prefere manter em sigilo o que Deus lhe reserva e lhe daria do fundo da terra: turmalinas, águas-marinhas, topázios e ametistas! "*Ik hol mi dorbi ganz an de Bibel!*" (Para isto obedeço fielmente a Bíblia), pois Deus disse: "*Wer seuke det, dei ward ok wat finne!*" (Quem procura, há de achar algo!).

Pelo jeito a procura fantástica dele já rendeu bons frutos, pois numa sacola guardava as mais variadas pedras semi-preciosas. Eles as espalhou na palma da mão e destacou principalmente o quartzo rosa e um aglomerado de ametistas. Ele me pediu para avaliar as mesmas, mas queria um preço justo. Porém, precisei decepcioná-lo dizendo que não tinha qualquer conhecimento sobre preço de pedras preciosas e também não estava em clima de comprar nada, pois após a visita feita àquela senhora moribunda, estava perfeitamente ciente quão pouco valiam todas as pedras preciosas do mundo.

VII

Quando perguntamos aos pomeranos no Espírito Santo de onde vieram os avós eles respondem entusiasmados: "*Ut Pommerland!*" (da Pomerânia!). Se perguntamos de onde vieram os pais, respondem: "de Santa Maria", ou de "Jequitibá!" As pessoas mais velhas respondem simplesmente de "Número Um" ou "Número Dois", pois estas foram as primeiras colonizações de famílias pomeranas. Chegaram em canoas até à importante cidadezinha de Santa Leopoldina. Lá cada um deles recebia as terras delimitadas e de lá abriam picadas pela mata para chegarem ao local das terras determinadas. Os ex-diaristas, pastores de ovelhas, empregados e empregadas dos senhores feudais europeus eram tão carentes de um pedaço de terra própria, que enfrentavam os trabalhos mais rudes e duros para construir as suas primeiras moradias nos vales mais longínquos e cada um se sentia um rei dentro da sua colônia.

Quando seguimos o caminho de Laranja da Terra para Santa Maria de Jetibá passamos por vários destes "reinados". As casas dos colonos ficam em vales românticos, rodeados de quintais, bananeiras e palmeiras. Nos topos das montanhas íngremes ainda vimos um pouco de mata nativa e entre elas encontramos plantações de laranja e café. Por cima dos cumes das montanhas aquela névoa azulada, que novamente me lembrava as pinturas de paisagens

de Caspar David Friedrich.

Porém, no fundo, a vida dos colonos pomeranos não era nada romântica mas, sim, uma vida dura e impiedosa. Estima-se que 400 a 600 famílias pomeranas imigraram para cá, há 100 anos. Hoje são aproximadamente 10.000 famílias que se consideram pomeranas. Somam-se a estes os muitos "*Hunsrücker*" que se casaram com moças pomeranas e os descendentes dos mesmos adotaram o pomerano como língua usual, já que os mesmos representavam a maioria do povo local.

Há um grande crescimento de brasileiros descendentes de pomeranos. Basta dar uma olhada nos registros da igreja de Santa Maria de Jetibá: no ano de 1970 foram registrados 42 óbitos, 84 casamentos e 176 batismos. Em Jequitibá a média anual é de 30 óbitos, 40 casamentos e 100 batismos. Desta forma entendemos bem quando, no meio dos pastores, usa-se um ditado que diz que os pomeranos não apenas aumentam, mas sim, se multiplicam!

No livro de registro da igreja de Jequitibá encontrei muitos nomes pomeranos, principalmente os terminados em: "ow, in, aff e itz", como Jastrow, Plantikow, Kempin, Reblin, Sielaff, Nitz, mas também outros nomes bem conhecidos como Zibell, Voelske, Gumz, Ponath, Bull e Boldt.

De acordo com informações do pastor Edgar Vollbrecht há um crescimento bem elevado de habitantes pois, conforme os registros, chegaram lá 70 famílias de imigrantes. Todos mencionaram como local de origem a Pomerânia. Como observação constava que as terras foram adquiridas diretamente do governo brasileiro e não de fazendeiros. Hoje, depois de 100 anos moram aqui 700 famílias e que somam aproximadamente 10.000 habitantes. A primeira igreja foi inaugurada em 28 de setembro de 1882 e ainda se encontra firme em cima do cume mais alto da montanha. Ela foi construída com paredes de pau-a-pique. Em 1884 fizeram o pedido de dois sinos na Alemanha que foram instalados num campanário ao lado da igreja, já que a torre foi construída apenas meio século depois. O som dos sinos se espalha sobre os vales e montanhas chamando os colonos isolados para o culto. Atualmente a paróquia é composta de oito igrejas e 32 cemitérios. Jequitibá não é propriamente uma vila e sim uma região do interior, por onde estes membros pomeranos ficam espalhados.

A igreja e a casa pastoral ficam isoladas no cume da montanha mais alta, de onde temos uma linda vista panorâmica sobre as diversas montanhas que a circundam. O vizinho mais próximo fica tão distante que não é possível

avistá-lo da casa pastoral, pois cada colono mora nas suas próprias terras. Em cada vale normalmente moram entre três a sete colonos. Assim podemos formar uma ideia de quantos vales existem se, ao todo, residem 700 famílias na região.

Também aqui foi impossível visitar todas as famílias pomeranas. Mas de certo modo demos sorte, pois quando chegamos em Jequitibá estava sendo realizada uma reunião paroquial. Estavam na varanda da casa pastoral e nos aguardavam ansiosamente. Eram homens altos e de estatura forte, que de certa forma me lembraram meus tios em Schwolow e deste modo logo me senti integrado entre eles. Além disso, todos tinham nomes bem conhecidos como: Bienow, Dobrunz, Rätzke, Hackbarth. O presidente da paróquia se chamava Boldt e sabia que os antepassados dele vieram de Stolp e desta forma nos cumprimentamos como velhos patriotas. Ele nunca havia visto um mapa da Pomerânia, nem mesmo sabia onde ficava localizada a região de Stolp. Logo tirei o mapa da mala e o coloquei sobre a mesa para poder satisfazer a sua curiosidade. Depois consultamos outros nomes de lugares de outros imigrantes antigos e que constavam nos registros da igreja. Encontramos, principalmente, registros da região de Köslin, além das cidades de Bublitz, Schievelbein e Labes, Curtsdorf perto de Regenwalde, Tietzow, Natzmersdorf e Putzermin.

Os homens altos e fortes de repente se transformaram em crianças impressionadas e ficaram surpresos por terem a oportunidade de ver de perto um mapa da terra de onde saíram os seus avós. Mas, muito mais impressionados ficaram sobre o meu domínio do pomerano. Precisei explicar várias vezes a razão pela qual falava o idioma dos antepassados. Ainda ficaram mais atônitos quando lhes expliquei que até escrevi livros em pomerano. Para convencê-los precisei ler várias histórias que foram acolhidas com grande admiração. De repente se levantou o venerável Albert Bull e disse: "*Doar war wi noch lang, lang an denke un dorvon tähre (zehren)*" (Isto vai ficar gravado na nossa memória por um longo, longo tempo e podemos nos nutrir disto).

Como todos eram bons cantores, fundaram um coral de igreja. Para isto solicitaram a nossa ajuda para arranjar letras de hinos folclóricos, bem como livros de notas musicais para que pudessem treinar hinos novos. Também o pastor reforçou essa necessidade, apesar de que o idioma materno dele já era o português. O pastor me pediu para fazer uma palestra à noite na capela da comunidade de Belém, onde os pomeranos transformaram uma ex-fábrica de cerveja numa capela. Estava marcado lá um encontro bíblico,

que ele então queria reduzir para sobrar tempo para a minha palestra sobre a Pomerânia. Os dirigentes da igreja voltaram rapidamente para casa para anunciar a notícia na região.

À noite estava chovendo muito mas, mesmo assim, a igreja ficou lotada. Na sacristia falei com várias pessoas em pomerano. O alemão eles quase não entendiam. Todos pertencem ao coral da igreja e também gostariam de cantar outros hinos fora do hinário da igreja e da mesma forma me pedem letras e notas de músicas de outros hinos e se possível até em pomerano.

Durante o encontro bíblico os participantes cantaram com voz firme e alta. Isto me fez lembrar da minha época de juventude, quando a minha mãe contava que os pomeranos antigamente veneravam a igreja e desta forma cantavam extremamente alto. Portanto, constantemente preciso retroceder 70 anos no tempo!

No entanto, quando falamos de educação escolar precisamos retroceder para o século XIX, pois quase a metade dos pomeranos de Jequitibá são analfabetos. A princípio cada aluno deveria frequentar a escola por no mínimo três ou quatro anos e ultimamente foram construídas muitas escolas. Mas os professores vindos da cidade não paravam por muito tempo, pois os alunos não os entendiam. Aqui no Brasil se diz: “dá um jeito” e desta forma davam um jeito para poder voltar para a cidade sem que fossem punidos por tal ato.

Os alunos muitas vezes precisam caminhar duas ou três horas a pé, por meio de matas, caminhos precários e subindo e descendo montanhas para conseguirem chegar ao local da escola. Muitas vezes chegam à escola, mas a professora já foi embora e desta forma não lhes resta outra coisa a fazer a não ser voltar pelo mesmo caminho sem ter assistido à aula. Estão não devemos ficar surpresos quando os pais dizem: “*Wat schall dat? Denn brückst du nich mehr noah Schaul gauhe. Ick heww nich läse un schriewe lehrt, denn brückst du dat ok nich!*” (Para que isto? Neste caso você não precisa mais ir à escola. Eu também não aprendi a ler e a escrever e então você também não precisa disto!). Evidentemente isto não é correto e nos assustamos quando fomos informados que, dos 10.000 habitantes em Jequitibá, apenas três jovens saíram de lá para continuar estudando.

No entanto, as pessoas dali não são menos inteligentes do que em qualquer outro lugar. Mas, por natureza, são pessoas mais recatadas e custam a confiar nos outros, são tímidas e de pouca conversa. Porém, uma vez conquistada a confiança delas, são pessoas amáveis, muito leais e muito perseve-

rantes. Quando se propõem a seguir um caminho diferente para alcançar seus objetivos muitas vezes até chegam a ser obstinados. Portanto, os poucos que têm a oportunidade de continuar os estudos, sobressaem-se em suas profissões e normalmente ficam bem acima da média normal.

Para conseguir animar e estimular um pouco de autoconfiança e coragem neste povo que vive tão à margem da realidade, passei a falar nas minhas palestras sobre nomes importantes de pessoas que nasceram na Pomerânia. Portanto, quando mencionei que a televisão foi criada por um pomerano de nome Nipkow, eles ficaram surpresos e logo depois se mostraram muito orgulhosos pelo fato.

Durante a apresentação das minhas histórias em pomerano, ficaram muito atentos e muitas vezes explodiam em altas risadas. Com eles faço novamente o teste e leio uma história bem divertida em alemão. Da maioria não surge qualquer reação e apenas alguns dirigentes da igreja sorriem timidamente. Isto comprova mais uma vez que as pessoas dali não entendiam mais o alemão e sim apenas o pomerano. Os pastores que ali fazem as suas prédicas em alemão se enganam muito quando creem que o povo os entende. A língua materna em Jequitibá é o pomerano e ali nas montanhas das "terras frias" isto ainda deve permanecer por muito tempo, pois o contato com o mundo externo ainda é muito limitado. Apenas alguns fazendeiros maiores vão de caminhão para a cidade para lá venderem a sua produção agrícola, como: tomate, repolho, etc.

Um destes colonos que possui uma grande área de terras é Wilhelm Krüger, a quem visitamos no dia seguinte. Os antepassados dele eram de Schneidemühl. Como as famílias Krüger sempre tiveram muitos filhos homens, este nome era bem frequente na comunidade. Wilhelm foi o primeiro que se interessou por política. Ele dominava os três idiomas e era bem informado sobre a situação política aqui do Brasil, como também da Alemanha. Ele também estava ciente do que falta no interior do Espírito Santo e mencionou que faltam indústrias. Principalmente, deveriam existir indústrias de conservas e geleias para, desta forma, ter um lugar onde pudessem vender os legumes da região. Ele espera que a ajuda do Grupo de Desenvolvimento Agrícola também destine alguma verba para cá e que desta forma possam realizar o sonho deles. Porém, para isto, precisam trabalhar de uma forma cooperativa, mas é muito difícil conseguir convencer os pomeranos a trabalharem em conjunto.

Wilhelm Krüger conhece muito bem as características positivas e negativas dos seus "conterrâneos pomeranos". Ele faz uma pequena pausa quan-

do menciona "conterrâneos", pois venera e ama a Alemanha mas, também, se orgulha de ser brasileiro. Até o momento, a Pomerânia para eles parecia apenas um sonho distante no passado. De repente eles veem fotografias e comentários desta terra tão distante e parecem se deparar com a realidade. Wilhelm Krüger sabia que a terra dos seus antepassados, Schneidemühl, foi quase toda destruída durante a guerra. Desta forma, ele ficou muito feliz em poder ver fotografias de como a cidade era antigamente.

Quando conto para a família Krüger sobre a Pomerânia, eles me contam sobre a vida da paróquia de Jequitibá. Contam que nenhuma outra igreja teve tantos pastores como a de Jequitibá. Se consultarmos os apontamentos dos livros da igreja, veremos que o insucesso se deve à inflexibilidade e à intransigência dos pomeranos, que pouco ou nada se interessavam em tentar melhorar o nível educacional ou escolar do povo. Simplesmente não reconheciam a importância e a necessidade de seus filhos frequentarem uma escola e não se empenhavam o bastante para construir escolas ou manter professores. Mas em breve esta situação deverá mudar, apesar de existirem os problemas da falta de entendimento do idioma português e os longos caminhos a serem percorridos até as escolas.

Quanto menos os pomeranos de Jequitibá valorizavam a formação escolar dos seus filhos, mais se empenhavam numa rígida formação religiosa. Todos os anos as normas da igreja eram apresentadas para todos os membros. Por exemplo, os noivos que casassem injustamente com véu e grinalda, precisavam pedir perdão publicamente perante a comunidade, pois a norma da igreja dizia: "Se a criança nasce até nove meses após o casamento, o casal fica sujeito a pagar uma multa no valor correspondente à contribuição anual em vigor". Consultando os livros da igreja, isto resultara numa boa fonte de renda para a igreja, pois quase 20% dos recém-casados ficavam sujeitos a este pagamento e ao ato de pedir perdão em público.

Portanto, com bastante frequência era observada intimidade antes do casamento. Em compensação, quase não existiam adultérios. Isto prova que quando o pomerano faz a sua escolha, ele permanece fiel pela vida toda e isto, evidentemente, pesava mais do que a imposição da multa de perdão.

VIII

Santa Maria de Jetibá é uma cidadezinha bem agradável e está situada numa encosta. Do morro da televisão, para onde fomos, acompanhados do pastor velho e do novo, tivemos uma linda vista sobre a região da Mata Fria. Entre os vales avistamos as residências de pomeranos, que se destacavam com as suas cores azul e branco. Os muitos riachos que aqui encontramos se reúnem e formam o rio Santa Maria, que deu o nome à cidade.

O velho pastor Roelke sabia contar detalhadamente como o rio que contorna a igreja e a casa pastoral recebeu o nome de rio São Luiz. Ao lado deste rio se instalou o primeiro morador de nome Luiz Berger. Prontamente denominaram o rio de Luiz Berger e posteriormente o santificaram e passou a ser o rio São Luiz.

Um outro rio, afluente do rio Santa Maria, recebeu o nome de uma forma bem original. O velho Possmoser, um tirolês e o velho Jakob, um pomerano, estavam fazendo a agrimensura nas terras às margens do rio. Como o rio ainda não tinha nome, eles combinaram entre si que quem primeiro caísse na água daria o seu nome ao rio. Parece que o Possmoser, do Tirol, gostou da ideia e deu logo um jeito de cair primeiro no rio. O próprio August Jakob contou esse acontecimento para o pastor Roelke.

No final dos anos de 1880 os primeiros pomeranos saíram de Santa Leopoldina "Número Um" e "Número Dois" e se estenderam pelo vale de Santa Maria. No início, os colonos eram atendidos pela paróquia "Número Dois" de Jequitibá. Mas rapidamente se tornaram independentes, pois um grande número de pomeranos se mudaram para cá, por ser a terra de Santa Maria bem apropriada para plantações de legumes e verduras.

Porém, inicialmente os pomeranos não queriam saber de verduras. Pastor Roelke contou como ele trouxe algumas mudas de tomate e as plantou, mas os pomeranos se recusavam a seguir o exemplo e permaneciam fiéis ao velho ditado: "*Wat de Buer nich kinnt, dat frettt hei nich!*" (O que o camponês não conhece, ele não come!).

Então vieram imigrantes turcos cujos descendentes hoje se dominam

"*Turk*", mas também falavam o pomerano e pagavam um bom preço pelos tomates. Assim os pomeranos passaram a dar valor ao tomate e aos poucos passaram a cultivar verduras e legumes, dos quais a maioria vive hoje. Pastor Roelke tinha razão de se orgulhar do seu sucesso, apesar de tardio. Neste ínterim, também foram construídas granjas de galinha. Os frangos e os ovos são vendidos nas cidades, pois existe uma estrada que leva a Vitória.

No centro da cidade notava-se uma certa prosperidade, porém no interior ainda reinava a pobreza. O novo pastor Roelke, que aqui nasceu e foi criado, falava fluentemente o pomerano e estava acompanhando uma turma de fiscais, servindo de intérprete. Os mesmos queriam fazer um levantamento das mercadorias aqui produzidas para determinar uma taxa de impostos para cada produto. Para a surpresa deles, constataram que muitas famílias tinham uma renda anual de apenas Cr$ 50,00 (cinquenta cruzeiros)[1], na ocasião correspondendo a DM 33,00 (trinta e três marcos alemães)[2], o que é quase inacreditável, mas era a realidade. Ninguém morria de fome, pois os colonos se autossustentavam. Mas a miséria era grande por não possuírem dinheiro para a compra de roupas, ferramentas e medicamentos.

Também a sra. Potratz, professora de alemão da escola, nos informou sobre a grande miséria que reinava entre as crianças que moravam em vales mais distantes. Ela doou os uniformes dos próprios filhos para alguns rapazes e moças, os quais em forma de agradecimento chegavam criteriosamente todos os dias para assistir as aulas, mesmo tendo que caminhar mais de duas horas a pé para vir e outro tanto para voltar. Além disto, ainda trabalhavam na roça.

Quando apresentei a minha palestra no salão da comunidade, notamos o resultado das aulas de alemão de Gerda Potratz, filha do pastor Roelke. Todos dali, adultos e crianças, entenderam as minhas histórias em alemão e pude fazer a leitura e contá-las sem problemas. Pastor Roelke fez muitas perguntas sobre a Pomerânia e os pomeranos e se disse feliz por poder conhecer mais sobre os antepassados dos antigos membros da igreja, fatos que ele até então desconhecia. Evidentemente os colonos queriam ouvir também histórias em pomerano e tive a maior satisfação em atendê-los neste sentido.

No dia seguinte cedo já estava marcada a próxima palestra, porém lá

---

1 (N.do E.) Cruzeiro: moeda brasileira em vigor nos anos de 1970, quando o autor esteve no Brasil.
2 (N.do E.) Marco Alemão: moeda oficial na Alemanha Ocidental de 1948 a 1990 e da Alemanha reunificada até a introdução do Euro em 2000.

numa filial encontrei um público bem diferente. Na nova igreja de São Sebastião me aguardavam os trabalhadores rurais e os confirmandos com seus pais. A igreja ainda não estava totalmente pronta e ainda trabalhavam ativamente. O novato pastor Gusella contou que não sabia que as cores pomeranas eram o azul e o branco. Desta forma, ele foi contra a pintura e disse: "Vamos deixar esta linda cobertura de cedro em madeira natural, que é muito mais bonita". Os pomeranos não se opuseram, porém quando o pastor foi prestar exames no sul do Brasil, depois de duas semanas fora, constatou na sua volta que os pomeranos haviam aproveitado a sua ausência e pintaram a cobertura em azul claro. Ele ficou chateado, mas depois que soube que azul e branco eram as cores pomeranas, acabou aceitando a decisão deles e simplesmente achou graça.

Antes da minha palestra, que foi realizada na igreja antiga, visitamos a nova igreja, na qual estavam justamente aplainando os últimos bancos. Na cobertura brilhava o tom azul claro e também as portas e os caixilhos das janelas eram pintadas em azul que contrastavam com as paredes brancas. Senti-me como se estivesse numa igreja provinciana da Pomerânia Oriental. O novo pastor também não havia entendido a palavra "*utwiete*" (pintar) e achava, equivocadamente, que eles não queriam mais a cor branca.

Todos os homens, mulheres e crianças trouxeram seu hinário na mão, da mesma forma como antigamente era costume lá em casa, independentemente do tipo de cerimônia cristã a que íamos participar, cada um levava seu hinário. O pastor então explicou que veio um pomerano da Alemanha e que queria fazer uma palestra em pomerano. Mediante este anúncio cada vez entravam mais pessoas no espaço apertado, inclusive os operários que deveriam estar trabalhando na construção da nova igreja. Nas primeiras filas sentaram-se as mulheres com as crianças pequenas e quando começavam a chorar eram amamentadas sem qualquer constrangimento e as mães sequer deixavam desviar a atenção. (Este costume eu já havia observado também em outros lugares e alguns pastores novos, vindos da Alemanha, me contaram que no início até chegaram a perder a concentração, por terem vistos tantos seios expostos de uma só vez). Também, crianças de dois ou três anos ainda eram amamentadas com a maior naturalidade e crianças maiores de cinco ou seis anos ainda recebiam a mamadeira.

Neste ambiente tão apertado e no meio de tanto tumulto não era fácil manter a concentração e conseguir contar as minhas histórias. Porém, com um pouco de humor conseguimos contornar esta situação. Quando olhamos nos olhos confiantes e as expressões de alegria nos rostos marcados pelo

tempo, notamos a felicidade deles por estarem perante uma pessoa que tinha vindo da Alemanha e que falava o idioma deles. Neste momento se convenceram de que não estavam totalmente abandonados no interior do Espírito Santo. No ambiente reinava um ar de felicidade e serenidade, o que nos deixava muito felizes e satisfeitos. Respeitosamente, todos prestavam atenção. As crianças às vezes andavam, para lá e para cá, com os pés descalços e a poeira levantava quando os operários da obra batiam palmas.

Quando consegui me esquivar do lugar da palestra eu estava coberto com uma camada de poeira fina, de cor marrom e até as minhas roupas não escaparam. Mas que importância tinha isto? Pois a alegria dos pomeranos e os agradecimentos recebidos me foram bem mais relevantes. Para finalizar, o pastor destacou que poderia apenas me agradecer e repetir a palavra "felicidade" que eu havia dito no final da minha última história "*Tag an der See*" e esta felicidade eu teria conseguido transmitir a todos os pomeranos aqui presentes. Baseado nisto, todos balançavam a cabeça de forma afirmativa.

Depois da palestra ainda fotografamos as crianças, bem como, os operários da obra que estavam trabalhando duramente para conseguir terminar a obra da igreja dentro do prazo previsto e marcado para a inauguração. Para o sr. Schwanz, presidente da igreja, a construção do templo era de tal importância que ele gostaria de convidar todos os pastores do Brasil. Pude contribuir com uma boa notícia, pois o ex-pastor da comunidade arrecadou DM 600,00 (seisentos marcos alemães) na Alemanha para a compra dos sinos. Todos ficaram muito felizes com esta doação e decidiram escrever lá mesmo uma carta de agradecimento ao ex-pastor que vivia em Franken, Alemanha.

Contudo, na hora de escrever a carta surgiram problemas, pois eles tiveram dificuldades para redigi-la. Desta forma o atual pastor Gusella se sentou à mesa e pediu para ditarem o texto da carta e ele o transcreveu no papel. Isto se transformou numa situação bem cômica, pois para agradar os pastores, queriam ditar a carta em alemão e, evidentemente, fizeram uma grande mistura com o pomerano. Muitas vezes o pastor Gusella teve dificuldade de conseguir entender o que pretendiam escrever.

Isto me fez lembrar da reunião paroquial de Jequitibá, pois também lá os diretores da comunidade Boldt, Bull, Gumz, Krüger e Rätzke tentaram falar em alemão para agradar o pastor, mas como se tratava de uma prestação de contas e a discussão era sobre valores a serem saldados, eles se alteravam e sem querer, ou até sem perceber, passavam a falar o pomerano e o coitado do pastor ficava sem entender nada. Porém, o pastor era bastante inteligente

e sabia interpretar pela expressão dos rostos, o que os pomeranos queriam dizer de fato. Nos momentos mais alterados chegaram a se dirigir ao pastor em pomerano, ele rapidamente falava "*Jao, jao*" (sim, sim), pois estava ciente de que se quisesse continuar na comunidade, devia ao menos tentar entender o pomerano.

Na parte da tarde fomos visitar a família Friedrich, que residia num lugar muito belo no vale do rio Santa Maria. Eles tinham 16 filhos; os mais velhos já estavam casados e também já tinham vários filhos. Desta forma, existia um clima bem animado na casa. Apesar da numerosa família, não percebemos aqui vestígios de pobreza ou miséria, pois atrás da casa do sr. Friedrich existia uma mina de pedras preciosas. O velho sr. Friedrich, que tocou para nós uma moda "shottsche" na sua concertina, contou que há 50 anos encontrou a primeira água-marinha neste local. Desde então continuaram garimpando no morro. Desta forma, arrendavam mensalmente o local a outros garimpeiros interessados na exploração da mina. Quando estes encontravam pedras valiosas, o valor era dividido entre o garimpeiro e o proprietário da terra. Recentemente encontraram uma veia de cristais. Num celeiro estavam guardados três caixas cheias de pedras brutas de cristais recém explorados. Ele me pediu para escolher uma pedra para levar como recordação e como sinal de gratidão das palestras que fiz sobre a Pomerânia.

Todos ainda exaltavam as lindas fotos mostradas sobre a terra natal dos antepassados e comentavam entre si as anedotas por mim contadas. Gostaram muito da anedota do papagaio e o gato e o sr. Friedrich me contou algumas anedotas brasileiras sobre papagaios. Heinrich Potratz, o qual nos hospedou, também sabia contar muitas anedotas, por exemplo: de um noivo, cujo sobrenome era "*Kuhschwanz*" (rabo de vaca) e por esta razão sempre fazia qualquer tapeação para não precisar pronunciar o nome. Outra, de um camponês que gostava de beber além do limite e certo dia comprou um garrafão de vinho de 5 litros e quando estava a caminho de casa caiu do cavalo. A rolha se soltou e o vinho entornava pelo gargalho fazendo um barulho tipo "*kumm, kumm, kumm!*" (vem, vem, vem!). Aí o bêbado olhou para o garrafão e disse: "*Ick deer jao gern kaomme, ower ick kaomm doch nich mehr hoch!*" (Gostaria muito de ir, mas não consigo mais me levantar!).

O velho vovô Friedrich, que morava na parte mais antiga do local, veio com a sua concertina e tocou modas bem divertidas de antigamente. São músicas do final do século XIX e então cantava:

"*Ick um mien Ullsch*

danze beer Pullsch.
Keir kann dat better
As ick un mien Ullsch"

(Eu e a minha velha
Dançamos polonês.
Ninguém sabe fazer isto melhor
Do que eu e minha velha)

De repente apareceram as mulheres da família Friedrich na outra sala dançando. Elas estavam usando trajes bem antigos que serviram de vestidos de noiva e que haviam guardado por muito tempo. Os vestidos eram longos na cor preta. Até então eu apenas conhecia este tipo de vestido pelas fotos. Me admirei por ainda ter encontrado ali estas peças tão valiosas e de forma original.

Em seguida, visitamos a família Bull. O patriarca Ernst Bull era uma pessoa inteligente, esclarecida e dava aula de catecismo para os confirmandos. O pomerano dele era um pouco diferente do meu. Ele contou que já viajou muito entre as colônias pomeranas e constatou que muitos pronunciavam o pomerano de uma forma diferente, principalmente na entonação do "ü". Por exemplo, a mesma palavra poderá soar diferente "*Hühner*" ou "*Heuhner*", ambos significam *galinha*. Ou "*Höhner*", "*Heiner*" ou "*Hauhner*" que significa *galo*. Para ponte alguns dizem: "*Brigg*, *Briech*, *Brög* ou *Brüch*".

Ernst Bull ainda sabia alguns versos de antigas canções pomeranas, tipo "*Hans satt im Schornstein*" (Hans está sentado em cima da chaminé), que ouvi em Laranja da Terra. Porém, ele acrescenta um refrão que no fundo não tem nada a ver com o resto: "*Fief Heunerfeut, fief Heunerfeut, dat giwt eir siltsom Spiess, de Ossefaut, de Ossefaut is graor so gaut dorbi!*" (cinco pés de galinha, cinco pés de galinha dão um churrasco especial, o mocotó, o mocotó, servirá da mesma forma).

Isto certamente se refere ao churrasco, onde a carne é assada no espeto e deve ter sido acrescentado aqui no Brasil, pois os pomeranos são muito hábeis para conseguir inventar versos e adaptá-los a outras melodias. Ernst Bull não representou uma exceção e editou várias canções em pomerano. Depois de insistir muito, ele cantou uma dessas canções para eu gravar, que é:

"*Mäkes mit gefarwte Wange, dei sin sowiet rümmer, dei hewwe keine Wert!*"
(Moças de rostos pintados, desclassificadas estão ao ponto de
não terem mais valor algum!)

Na canção dele também são desclassificadas as moças que usam aná-

guas com brilho, quando aconselha:

"*Oh, Junges, wenn ji dornau kieke dauhe, denn kiekt bloss nich verkehrt!*"

(Oh, rapazes, se olham para elas, prestem atenção de não olharem para algo errado"!)

Ao final da canção ele chegou a seguinte conclusão:

"*Um wenn sei denn ok säge dauhe: du büst eir dumm Kolonist!*
Ower dei sik de Wange farwe dauhe, dei sin noch lang keine Christ!"

(E mesmo que digam: Você é um camponês bobo!
Lembra-te que as de rosto pintado, nem de longe são cristãs!)

Ernst Bull, que vivia bem no interior, numa colônia bem distante, comentou que a língua alemã estava se extinguindo com a geração dele, entretanto, em sua opinião o pomerano ainda devia permanecer por uns 50 – 60 anos, já que a maioria das crianças de Santa Maria de Jetibá e Jequitibá convivem diariamente com o pomerano e por ser a única língua falada em casa. Ele mostrou a sua preocupação com a crescente modernização, que exigirá destes jovens o domínio da língua oficial do país e desta forma deverão enfrentar sérios problemas para se adequar à nova situação. No entanto, observou que a minha visita veio ao encontro das suas preocupações, pois eu também dominava dois idiomas, ou seja, o alemão e, também, o pomerano. Desta forma, isto também deveria ser possível aos pomeranos dali. Confirmei que isto, evidentemente, seria possível para qualquer indivíduo, desde que ele recebesse as devidas instruções e que tivesse à disposição um número suficiente de professores.

No dia seguinte viajamos bem cedo para Santa Leopoldina. Toda a família Potratz e Roelke nos acompanhou até o ônibus e todos se despediram carinhosamente, como se fôssemos velhos amigos. Foi isso que certamente nos tornamos em tão poucos dias.

Em Santa Leopoldina visitamos o museu da imigração, bem como o marco que foi construído em 1957 para a comemoração dos 100 anos de imigração na região. A cruz alta se sobressai na cidade, que fica ao lado da margem esquerda do rio Santa Maria, que antigamente era navegável até este ponto. Hoje, isto não é mais possível e desta forma a cidade perdeu a sua importância, pois aqui era feito o transporte do café que seguia direto por via fluvial para a capital Vitória.

No museu notamos um clima de abandono que, a princípio, apenas destacava os detalhes de uma antiga família pródiga de comerciantes. O pri-

meiro andar, destinado a exposição de peças e ferramentas dos imigrantes, ainda não estava funcionando. Apenas existia lá um órgão de manivela que a sra. Ingeborg Christiansen doou para o museu e lá ocupava seu lugar de honra. O órgão até funcionava e o funcionário negro, que não tinha qualquer noção das peças do museu, girava a manivela e acompanhava sussurrando a música tocada, cuja melodia evidentemente era "La Paloma" que diz: "Me senti chamado a bordo, uma brisa fresca soprava meu rosto..." Me veio ao pensamento que certamente os imigrantes quando aqui chegaram não tinham razão para cantar e antes valia o velho ditado que diz:

> "Para os primeiros a morte,
> para os segundos a miséria,
> para os terceiros o pão".

Naturalmente me passou pela cabeça o que seria da quarta geração. Será que sempre teriam bastante pão para se alimentar, ou será que voltariam à miséria? Ou será que alguns conseguiriam progredir para uma posição social melhor? É isto que desejávamos que fosse alcançado por todas as crianças pomeranas talentosas e em fase de desenvolvimento.

Há dez anos foi construída em Vitória uma "Escola Martinho Luthero" com verbas da Alemanha. O intuito era fazer um internato para filhos de colonos do interior. Porém, neste meio tempo foram construídas muitas escolas públicas e este projeto ficou em segundo plano. A escola foi construída, porém o internato não foi concluído. Atualmente, quase não é frequentada por filhos de colonos, pois se tornou uma escola privada e que hoje serve para formação ginasial de crianças de famílias mais abastadas, cujos pais têm condições de pagar a mensalidade.

Ficamos estarrecidos quando tomamos conhecimento de como o dinheiro foi mal aplicado. Por exemplo, os arquitetos exigiram que o revestimento fosse feito com ladrilhos caríssimos que até já cairam, etc. Porém, os diretores informaram que esta seria uma possibilidade de atrair alunos e desta forma poder se manter ativa. No entanto, o diretor me assegurou que o curso de alemão estava sendo mantido. Mas quando comecei a falar em alemão ninguém entendeu uma só palavra. Mais tarde encontrei dois filhos de pomeranos que então me informaram, em pomerano, que neste ano o curso de alemão fora desativado por não terem conseguido encontrar um professor para lecionar a língua.

Quase todos os filhos de pomeranos em Vitória frequentam escolas públicas. Lá rapidamente perdem a sua língua materna, como o jovem Wag-

ner Gumz que morava na casa dos Stabenow, onde eu estava hospedado. Ele confessou que nunca deu valor ao idioma alemão e, agora que ele estava frequentando um curso técnico, descobriu como seria importante se também soubesse falar o alemão. Ele lamentou muito não ter aproveitado a oportunidade dada por sua avó que falava fluentemente o alemão. A nossa comunicação ficou restrita a umas poucas palavras em pomerano que ele ainda se lembrava de casa. Portanto, ele era um verdadeiro brasileiro e nem pretendia ser outra coisa.

Foi muito fácil constatar que estes jovens, em primeiro lugar, são brasileiros. Pois quando na televisão há transmissão de um jogo entre Brasil e Alemanha, eles torcem para os jogadores do Brasil. O ídolo deles é Pelé e não Franz Beckenbauer.

Na cidade o ensino confirmatório e os cultos eram dados somente em português. O novo pastor, descendente de alemães, fez pressão para que todos se comunicassem em português. Ele até chegou a culpar os pastores mais antigos pelo atraso dos pomeranos, pois sempre teriam se interessado em ensinar apenas o alemão e deixaram a língua oficial do país de lado. Desta forma ficaram isolados e este isolamento trouxe muita pobreza e miséria. Esta reclamação eu já tinha ouvido várias vezes, mas também ouvi muitas explicações que justificavam este fato. Mas, não queria me meter nesta briga, pois isto não fazia parte do meu objetivo, que era de fazer um relato. Como diz Theodor Fontane: "esta não é a minha área...".

IX

Conforme a lenda, em meados do século XIX, quando dois irmãos pomeranos decidiram ir conhecer terras novas, um foi para a América do Norte e o outro, mais jovem para a América do Sul. Quando o mais velho escreveu que encontrara na América do Norte um lugar muito abastado chamado Califórnia, onde fluía leite e mel, o mais novo decidiu chamar o local onde residia no Espírito Santo também de Califórnia.

Nós estávamos também seguindo rumo à Califórnia brasileira, no Espírito Santo, quando o pastor Miertschink, que já havíamos encontrado em Santa Maria de Jetibá, nos convidou carinhosamente para uma visita. Pega-

mos o ônibus de Vitória sentido Domingos Martins, cujo motorista era um jovem pomerano de cabelos loiros e de sobrenome Pagung. Depois de ter percorrido tantas estradas precárias e perigosas foi uma satisfação finalmente poder trafegar por uma estrada asfaltada. A mesma nos levava, subindo montanhas, à "terra fria". Tivemos uma vista maravilhosa sobre vales, rochas e montanhas. Entre elas ficavam espalhadas algumas casas de colonos. Atrás de caminhos de terra vermelha escura, que contornavam as montanhas, aparecia majestosamente a mata nativa. À longa distância tivemos uma vista maravilhosa sobre as terras montanhosas do Espírito Santo. Num vale lateral avistamos uma cruz dupla, nos túmulos dos dois primeiros pastores evangélicos, que faleceram pouco tempo após terem chegado aqui e que, segundo se diz, teriam sido envenenados pelos católicos fanáticos da época. Logo ao lado fica a cruz que lembra a primeira imigração alemã neste local em 1847.

Após uma viagem de aproximadamente uma hora chegamos ao centro urbano de Domingos Martins, uma cidade extremamente limpa que se desenvolve para uma estação de tratamento nas montanhas. No centro, em meio a um lindo parque florido e com um chafariz, contornado por um hotel, a casa pastoral e uma rua comercial, fica a linda igreja, de cor clara, que foi construída em 1866. O povo dali tem um orgulho especial pela torre, pois foi a primeira torre construída numa igreja evangélica no Brasil, ainda durante a época imperial.

O pastor Schneider, que ali atuava, veio de Silésia e chegou ao Espírito Santo ainda bem jovem, logo após a Segunda Guerra Mundial. Ele se casou com a filha do pastor Roelke e aprendeu o pomerano na sua primeira comunidade em Rio Ponte. Há alguns anos quando foi chamado para assumir a comunidade aqui em Domingos Martins, os irmãos Bullerjahn o perguntaram, em pomerano, se ele os entendia e ele simplesmente respondeu: "*Verköpe laot ick mi nich!*" (Não vão conseguir me vender) e neste caso já sabiam que ele fazia parte da turma deles.

O pastor Schneider gostava de contar sobre o tempo em que vivia numa comunidade de pomeranos. Teve um camponês bem do interior, numa das filiais mais distantes, que não queria pagar a sua contribuição paroquial. Ele gritava: "*Dat is mi tau düer!*" (É caro demais para mim!) e mesmo quando o valor foi reduzido, ele continuava resmungando "*Tau düer, tau düer*" (Caro demais, caro demais!). Finalmente o presidente da igreja, também um colono pomerano, quis acalmá-lo, mas nada resolvia. Aí o presidente da igreja ficou alterado e disse: "*Wilhelm, wat is doar boawen bloss los mit juche Lüüre? Sind*

doar alle so schlimm as du?" (Wilhelm, o que está acontecendo com o povo lá de cima? Lá todos são tão exaltados que nem você?). Nisto o colono que morava numa região mais elevada retrucou de uma forma ameaçadora: "*Kumm eis ruppe!*" (Vem cá pra cima!).

Sobre esta ameaça, "*Kumm eis ruppe!*", todos acharam graça e deram altas risadas e acabaram se entendendo novamente, quebrando com isto o clima pesado que havia se instalado pelo conhecido comportamento áspero e franco dos pomeranos.

Depois de nossa conversa combinamos com o pastor Schneider que no próximo domingo eu deveria fazer uma palestra numa das suas filiais, onde seria realizada a Festa da Colheita. Ele fez questão de nos levar até Califórnia. Evidentemente, a estrada não era asfaltada e mais uma vez fomos sacudidos para lá e para cá. Em compensação tivemos uma recepção bem calorosa e cordial na casa pastoral de Califórnia. Pastor Miertschink é filho de um professor alemão e nasceu aqui no Brasil. A esposa dele é de uma família pomerana de nome Thom. Ambos falavam fluentemente o pomerano, o que para a comunidade é um caso de sorte, ou chegava mesmo a ser uma benção. Ambos cresceram no meio dos pomeranos, conheciam bem os problemas existentes e se empenhavam incondicionalmente pelo bem da comunidade. Até os filhos adolescentes do pastor Miertschink, que estudavam na escola pública que ficava em frente à casa pastoral, se empenhavam em servir de intérpretes para as crianças pomeranas, já que dominavam ambos os idiomas. Com isto os filhos dos colonos pomeranos tinham mais facilidade de aprender o português, já que muitos alunos, quando iniciavam as aulas, desconheciam totalmente o idioma oficial.

O ensino confirmatório ali ainda era dado em alemão. Na ocasião era lecionado por Mathias Nickel, cujos antepassados imigraram de Falkenburg, da Pomerânia. Ele executa uma profissão um tanto exótica: tem um serpentário e extrai veneno de cobras venenosas. Ele iniciou este trabalho quando ainda era bem jovem. Pegava cobras para enviar ao Instituto Butantã em São Paulo. Porém, como muitas cobras morriam no meio do caminho, ele foi convidado a participar de um curso no próprio instituto para aprender a técnica da extração de veneno das presas das serpentes.

Orgulhosamente e com segurança ele nos mostrou o seu ofício. Num fosso propriamente adequado tinha mais de 100 cobras, de vários tipos, amontoadas. O fosso tinha dois metros de profundidade e era forrado com chapas de flandres lisas. Com uma vareta que tinha um gancho na ponta ele

pegava a serpente, colocava-a sobre uma tábua, prendendo-a com o gancho. Depois, pegava a cobra com a mão atrás da cabeça para encontrar o ponto certo para a extração do veneno – de acordo com o movimento a cobra abra e fecha a boca. Uma vez dominada, as presas eram pressionadas contra um recipiente de vidro e cada vez que a cobra dava uma mordida, o dente se abria e soltava gotas de veneno que escorriam para dentro do recipiente. Precisa-se mais de 50 cobras para encher um cálice. Este veneno é desidratado e em forma cristalizada colocado em frascos pequenos e deste modo enviado para o Instituto Butantã. Em troca, Mathias Nickel recebe soros antiofídicos que são usados para curar picadas de cobras. Ele administra uma associação contra mordidas de cobras com 1.500 membros, que pagam anualmente uma pequena taxa e desta forma são atendidos gratuitamente quando acontece acidentalmente um caso de picada. Na região de Califórnia ainda aconteciam aproximadamente 50 picadas por ano.

Atualmente quase todos os casos de picadas de cobra podem ser curados pelo soro antiofídico. Há uma década atrás isto não era assim, pois encontrei registros, em livros de igreja, de mortes causadas por picadas de cobra. Por exemplo, o óbito de um garoto de 13 anos que faleceu porque os pais o levaram a uma benzedeira, ao invés de terem procurado ajuda médica.

A sra. Nickel, da família Braun, me contou que as cobras não se alimentam enquanto estão presas. "*Dat maoke sei ut Arger!*" (Isto elas fazem de raiva!) completou o marido e informou que uma vez caiu um rato no meio das cobras e que conviveu vários dias com as mesmas, sem ter sido atacado. Normalmente pode-se extrair oito vezes o veneno da mesma cobra, mas depois de mais ou menos seis meses ela começa a ficar debilitada. As cabeças das cobras mortas são adquiridas pelos feiticeiros de origem africana que usam as mesmas para fazer seus trabalhos de bruxaria - costumes herdados de seus antepassados.

Entre os pomeranos os negros são denominados "*de Blaoje*" (os azuis). Mesmo que não tivessem nada contra eles, os contatos foram muito raros ou superficiais. Existem poucas pessoas negras no meio dos pomeranos, mas algumas delas até conviveram com as famílias pomeranas e, neste caso, evidentemente também falavam o pomerano, conforme já relatado.

Depois visitamos as famílias Strey. Adolf Strey e a esposa tinham quatro filhos homens e o irmão dele e esposa tinham duas meninas. Todos se destacavam pela extraordinária beleza e inteligência. Os Strey antes moravam num lugar de difícil acesso e trocaram as suas terras férteis de lá por outras menos produtivas aqui em Califórnia, para se aproximarem mais da civili-

zação, principalmente para que os filhos pudessem frequentar uma escola e também para encontrar uma forma mais fácil de escoamento das suas mercadorias e frutas.

Os Strey são trabalhadores bem ativos e trabalham o dia inteiro nas plantações. Porém, quando chegamos lá abandonaram as enxadas, deixaram o trabalho de lado e transformaram este dia num "domingo". Adolf Strey diz: "*Dat herr ick mi nich drööne laote, dat ich noch maol Beseuk ut Pomerland krige wüür!*" (Nunca poderia sonhar que algum dia eu teria uma visita da Pomerânia!). Desta forma fomos recebidos como príncipes. Precisamos provar o "*brot*" de milho fresquinho, comer ovos, tomar café e evidentemente também visitar as plantações. Na casa do Adolf Strey já existia uma instalação com luz elétrica. O laranjal dele teve uma carga extraordinária e vendeu mais de 90.000 laranjas, todavia por um preço muito baixo. Isto porque a colheita de laranja foi farta e em todos os lugares elas amadureceram ao mesmo tempo. Por um quilo de laranja, sequer conseguiu um centavo de marco alemão. Neste caso, entendemos o motivo de terem sacudido os pés de laranja para que os frutos já ultrapassados caíssem no chão e desta forma dessem lugar à nova floração.

No Brasil o processo de amadurecimento não é interrompido por um longo inverno como na Europa. Aqui é comum encontrar numa árvore frutos maduros e ao mesmo tempo já a nova floração, cujo perfume intenso podemos sentir de longe. (Aqui ninguém conhece a palavra "*Apfelsine*" que significa tangerina. Esta palavra deve ter surgido na Alemanha após o ano l860).

Os Strey eram pessoas mais abastadas do que os demais colonos pomeranos. Eles haviam encontrado nas suas terras anteriores uma grande pedra água-marinha, com a qual conseguiram arrecadar um bom valor, ou seja, Cr$ 44.000,00 (quarenta e quatro mil cruzeiros) correspondendo na época a DM 33.000,00 (trinta e três mil marcos alemães).

No final da nossa viagem ainda visitamos a vovó Bullerjahn, que tinha quase 80 anos e estava cega há mais de duas décadas. Após o nascimento do quinto filho ela ficou aleijada, mas apesar de poder se movimentar apenas de joelhos, ainda teve mais três filhos e conseguiu criar todos eles. Evidentemente, ela vive numa miséria profunda e quando entramos lá ficamos estarrecidos com as acomodações precárias em que vivia.

Porém, vovó Bullerjahn tinha um comportamento tão alegre e um coração tão bondoso que nem percebemos mais o ambiente precário em

que vivia. Contou-nos histórias de antigamente, sabia todas as datas, cantava canções folclóricas em alemão, deixou-se fotografar, mas tinha vergonha de falar em pomerano comigo, pois na opinião dela, eu deveria ser um "pastor"! Sabia muitas histórias da família dos pais dela, mas não tinha noção alguma sobre a velha Pomerânia.

Ela insistiu para visitarmos um dos seus filhos (o filho mais velho estava fazendo 26 anos e o mais novo acabara de nascer). Evidentemente vovó Bullerjahn era uma avó múltipla e devia ter cerca de 50 sucessores. Ela mencionou que entre os pomeranos isto é pouco, pois normalmente as pessoas têm aproximadamente 100 sucessores e se alcançarem uma vida longa, este número poderia chegar perto de 500 sucessores. Desta forma, toda hora vinha à nossa mente o ditado: "Os pomeranos não só aumentam e sim, se multiplicam!".

A palestra que fiz à noite na igreja de Califórnia foi uma das mais belas de toda a minha viagem pelo Espírito Santo. O clima do anoitecer em frente à casa pastoral transmitia um ar bem patriótico. Debaixo do céu estrelado apareciam as pessoas subindo a rampa para a igreja. As mulheres se encontravam diante da casa pastoral e se cumprimentavam. Os homens se sentavam em rodas no quintal e trocavam idéias. As crianças se divertiam na grama entre a igreja e casa pastoral e corriam freneticamente para lá e para cá.

Quando o pastor deu o sinal que a palestra iria começar todos correram para dentro da igreja. Porém, o espaço era pequeno demais para abrigar tanta gente e desta forma muitos ficaram em pé no corredor e nas portas.

Logo quando contei a primeira história sobre "*Krischan köfft Weige*" (Cristian compra berços), todos explodiram numa alta risada e Adolf Strey comentou que o seu avô teria trazido uma história parecida da Pomerânia, mas devido ao longo tempo transcorrido e por falta de prática, ele não se lembrava mais de determinados detalhes. Disse que agora queria se esforçar para gravá-la e não deixá-la cair novamente no esquecimento. Também ali percebemos que algumas palavras pomeranas se tornaram estranhas ou desconhecidas. Mas como o pastor Miertschink falava bem o pomerano, isto acabou não atrapalhando o entendimento. O clima dentro da igreja ficou cada vez mais festivo e algumas vezes até bem alterado entre os participantes. Por exemplo, quando o irmão mais velho da família Kempin, conhecido como "médico milagroso", gritou em voz alta: "*Hei räd wahrhaftig pommersch Platt, hei räd so as wie, wo is dat bloss minschemöglich?*" (Ele realmente sabe falar o pomerano, fala da mesma forma que nós. Como isto é humanamente possível?).

Ele estava totalmente transtornado e tomado pela admiração e alegria.

Os *slides* ali foram apresentados diretamente sobre a parede branca atrás do altar, o que melhorou a qualidade das imagens. Mathias Nickel ficou satisfeito por ter tido a oportunidade de ver imagens de Falkenburg, região dos seus antepassados.

Depois da palestra, ainda respondi a muitas perguntas que os pomeranos me fizeram. Quando vi que ainda muitas pessoas queriam falar comigo, resolvemos ir à casa pastoral para poder gravar as conversas. Então surgiu até um pequeno tumulto, pois a gravação e a escuta das gravações para a maioria era algo totalmente desconhecido. Gostaram tanto disto, que todos quiseram contar as suas histórias para serem gravadas. Foi impressionante ver com que talento e boa vontade os colonos conseguiram se lembrar de cenas, histórias e canções antigas e apresentá-las, com o intuito de nos alegrar e informar.

Primeiro, as irmãs Kempin contaram a história sobre os costumes de casamentos, depois os rapazes solteiros da mesma família contaram sobre a caça de javalis. Depois os irmãos Strey contaram sobre o garimpo de pedras nas suas antigas terras, as esposas cantaram em pomerano a canção do pequeno Wibbelmann e a sua grande mulher, que diz:

"*Klein Mann seit im Botterfass, hejuchhe!*
Krüüpst du rute, denn giwt dat wat!
Grot Fru wull taom Danze gaohn, hejuchhe!
Klein Mann schull tau Huse bliwen"...

(O homem baixo está sentado dentro do barril de manteiga, hejuchhe!
Se sair, vai receber uma bofetada!
A grande esposa quer ir dançar, hejuchhe!
O homem baixo deverá ficar em casa ...).

Esta canção existe com muitas variações.

No final, Irene Nickel queria de qualquer forma deixar gravado a sua história de amor com Mathias Nickel. Ela estava toda entusiasmada em poder contar tudo detalhadamente como começou a história de amor deles: Começou de uma forma bem delicada e poética na colônia do interior, de onde Irene saiu para ir trabalhar no Hospital Evangélico do Rio de Janeiro e ele, Mathias, viajava sempre para o Instituto Butantã, em São Paulo, o que para ambos representava uma certa aventura. Depois se reencontraram no Rio e a história termina com a frase: "... *un as hei tau mi säge deer, dat hei mi frieje wull, her ick mi bol up de Oas sett!*" (... e quando ele me disse que queria

se casar comigo, quase caí para trás!).

Quando ouvimos as gravações em forma de teste, todos acharam muita graça e o ambiente ficou tão animado que ninguém percebeu que já havia passado da meia-noite – que para os pomeranos é muito tarde, pois costumam ir dormir logo após o anoitecer, já que levantam às quatro horas da madrugada para os trabalhos de campo.

Quando os últimos participantes ocuparam as selas dos seus animais, a família do pastor e nós caímos muito cansados na cama, pois no dia seguinte, cedo, seguiríamos para a próxima comunidade pomerana: Rio Ponte.

No meio da viagem passamos por muitos colonos que já estavam trabalhando na roça. Todos paravam de trabalhar e abanavam com as mãos em nossa direção. Respondíamos da mesma maneira. Era como um desejo firme de um breve reencontro e saímos convictos de que deixamos aqui muitos novos amigos.

X

Com a imigração alemã aqui no Espírito Santo surgiu um inusitado mercado matrimonial. As primeiras famílias que aqui imigraram em meados do século XIX quase todas eram da região do Hunsrück. Vieram em canoas pelo rio Jucu acima, até onde era navegável, e receberam os seus lotes de terra na Colônia de Santa Izabel. Desmataram as matas nativas e se instalaram em vales mais distantes e escondidos. A imigração dos pomeranos se deu apenas 10 ou 20 anos depois e seguiram em sentido norte, pelo rio Santa Maria e se instalaram na região de Jequitibá.

Pelas condições normais teria sido difícil os dois ramos germânicos se encontrarem, devido à longa distância que existia entre os dois lugares. Porém, a aproximação foi forçada pela natureza, pois nas famílias do Hunsrück quase só nasciam filhos homens e nas famílias pomeranas nasciam mais meninas. Evidentemente, no meio dos imigrantes já instalados se espalhou rapidamente o comentário de que tinha muitas moças bonitas no meio dos pomeranos. Os rapazes vindos do Hunsrück gostaram da notícia e abriram caminho de Domingos Martins (antigamente Campinho) pelo rio Jucu rumo norte, e da

mesma forma as moças de Santa Maria seguiam caminho no sentido sul.

O encontro se dava no meio do caminho em Rio Ponte. Parece que estes encontros foram bem sucedidos e em pouco tempo os "*hunsrücker*" já se casavam com as lindas moças pomeranas e por esta razão encontramos um grande número de sobrenomes do Hunsrück entre os pomeranos. O idioma materno falado com os filhos e netos passou a ser o pomerano. Apesar de que na região do rio Jucu ainda se ouve falar o dialeto do Hunsrück, a maior parte dos colonos do interior fala predominantemente o pomerano. Repetidamente ouvimos dizer: "*Us pommersch Platt hett nu öwerall hier gewunne!*" (Por aqui o nosso pomerano venceu em todos os lugares!). Não podemos perder de vista que perto dali também existem regiões com nome de Tirol, Schweiz/Suíça e Luxemburg/Luxemburgo. Mathias Nickel que antes morava em Pedra Preta, perto do Tirol, me contou que um professor de Innsbruck estava procurando, sem sucesso, pessoas que ainda dominassem o dialeto tirolês e somente encontrou pessoas falando o pomerano, que ele não entendia.

Depois chegamos numa região onde os "*hunsrücker*" e os pomeranos convivem pacificamente. É a região que contorna Califórnia e Rio Ponte. Porém antes já encontramos muitos casais que ele era "*hunsrücker*" e ela pomerana. Se não fosse pelos nomes: Seibel, Knippel, etc., muitas vezes ficaria difícil descobrir a procedência.

Na comunidade de Rio Ponte atuava um pastor pomerano de nome Inácio Fehlberg. Ele foi um dos poucos rapazes pomeranos selecionados por um pastor alemão para seguir os estudos na Escola Bíblica de Lagoa Serra Pelada e depois fora encaminhado para uma instituição missionária na Alemanha. Para conseguir alcançar o seu objetivo de poder assumir uma comunidade pomerana no Brasil, ele se dedicou com tanta garra e seriedade aos estudos na Baviera, que até chegou a dispensar uma viagem gratuita de férias pela França, Itália e Espanha. Conseguiu realizar o seu sonho e com 45 anos de idade passou a ser pastor da comunidade de Rio Ponte.

Fomos servidos que nem reis pelo casal de pastores! Em nossa homenagem até ofereceram um prato típico alemão, pois a esposa do pastor viveu por dois anos em Düsseldorf, na Alemanha. Em seguida, Inácio Fehlberg mostrou os terrenos que adquiriu para criação de gado. Pretendia até fazer algumas plantações e queria garimpar para procurar pedras água-marinhas, que supostamente se encontravam sob a grande cascata. Ele não queria negar a sua procedência de ser filho de camponeses e era o único pastor que fazia alguns trechos em pomerano no sermão, pois sabia que este era o idioma que

o pessoal da sua comunidade melhor dominava.

A minha palestra noturna foi feita a céu aberto, pois as salas da escola não conseguiam abrigar tantos expectadores. Apesar do vento frio, as mulheres se vestiam com roupas bem tropicais, os homens usavam camisas de meia manga e as crianças andavam descalças. Parecia que a alegria e o entusiasmo que sentiam em poder saber algo mais sobre a Pomerânia, e ainda mais em pomerano, nem os deixava sentir frio. De vez em quando alguém fazia alguma observação do tipo: "*Wi säge hier nich Heuhner, hier heit das Hinner!*" (aqui não falamos "*Heuhner*" que significa galinha, e sim falamos "*Hinner*"). Estas diferenças de algumas palavras se dão por influência dos "*hunsrücker*". Além disto, também moravam algumas famílias holandesas na região, o que misturava o pomerano com o holandês.

Como em Rio Ponte não existia um projetor de *slides*, não pudemos mostrar as fotos da Pomerânia. Neste caso apresentamos as gravações que fizemos durante a viagem. Os participantes gostaram muito destas gravações e o clima ficou bem animado. Os expectadores então tentaram convencer alguns homens a gravarem também algumas histórias da sua vida. Um deles se lembrou de um longo verso, com o qual os músicos recebiam os convidados no casamento. Um outro se lembrou do verso que as cozinheiras declamavam na mesa do casamento para arrecadar dinheiro. E todos juntos contaram da última festa da igreja que foi feita para arrecadar dinheiro para comprar uma caminhonete para a comunidade. Não existe uma palavra em pomerano que defina a caminhonete, pois na época em que saíram da Pomerânia ainda não existiam carros que andavam sem cavalos. O verso das cozinheiras é em alemão e diz:

Todos os senhores e convidados em geral
peço-lhes por um pouco de silêncio, para ouvir as minhas palavras.
Ontem à noite quando quis estudar, a jovem noiva me desviou,
aí sentei com ela no quarto, acabei esquecendo meus estudos.
Peço licença aos jovens noivos, pois lhes trago mais um prato,
e peço que não fiquem assustados.
Peço que antes de lavarem as mãos, metam as mesmas no bolso,
para colocar uma moeda de mil réis no prato!
Caso não tenham um mil réis disponível,
também aceito a metade, mas meio mil réis é o mínimo aceitável.
200 réis é insuficiente. Só não me coloquem um vintém,

Pois desta forma perco a minha alegria.
(Vintém representava a moeda mínima e por esta razão é mencionada até os dias atuais).

Na despedida da noite, o pastor agradece mais uma vez a visita do pomerano da Alemanha. Desta forma, ele conseguiu comprovar aos expectadores, que ao contrário de como eles haviam suposto, os pomeranos ainda não foram totalmente extintos na Alemanha. Todos agora desejam que este contato possa continuar e não mais ser interrompido. Da minha parte confirmei que farei todo o possível para manter os contatos, ora feitos, ativos por muito tempo.

No dia seguinte, cedo, tinha uma longa fila de crianças em frente à igreja, esperando para que a porta fosse aberta para participarem do ensino confirmatório, que era lecionado pelo sr. Rätz e que era pai de 10 filhos. As crianças entre si falavam em pomerano e pediram timidamente que gostariam de ser fotografadas e perguntavam: "*Wist mi nich affnähme?*" (Não quer tirar retrato de mim?). Isso me lembrou muito a minha infância, pois nós também falávamos "*Biller affnähme*" (tirar retrato) e não "fotografar", pois essa palavra nos era estranha e não sabíamos o significado.

Visitamos a igreja cujas paredes internas e externas recentemente tinham sido pintadas de branco. As portas e os caixilhos das janelas bem como os bancos estavam pintados na cor azul clara. Os pomeranos veneram as cores azul e branco, o que nesta igreja simples e recém-pintada sobressaíam-se bastante, pois não existiam outras cores. A pintura deixou o ambiente com aspecto límpido e claro, e a gente se sentia como se estivesse numa igreja de um povoado perto do mar Báltico, onde se contrastam as cores do mar e a areia branca da praia, ou do céu com as nuvens brancas.

Quando saímos da igreja, um garoto loiro atreveu-se a falar com o pastor. Inácio Fehlberg logo entendeu o desejo do menino, pois a mãe dele de 59 anos – ele mesmo tem apenas nove anos – estava internada em estado grave no hospital de Domingos Martins e ele gostaria de vê-la mais uma vez, e queria uma carona para a cidade. Evidentemente o pastor concordou e o menino correu para casa para pegar um pedaço de "*brot*" de milho seco para ter o que comer na viagem.

Mais tarde ele aguardava pacientemente até a hora da nossa partida de carro. No meio do caminho ele pulava rapidamente do Jeep para abrir as porteiras. Todos os colonos cercam os pastos e instalam uma porteira para que o gado não possa fugir. Como as estradas passam no meio de muitos pastos, precisamos abrir muitas porteiras para chegar ao destino, que seja: uma venda, uma igreja ou outro lugar qualquer. Normalmente os pastores levam um acompanhante na viagem que abre as porteiras, pois do contrário demoraria

muito para chegar ao destino. Como eu sempre viajava de carona, abri e fechei muitas porteiras no Espírito Santo e muitas vezes tive a impressão que cada uma delas representava uma etapa que deveria ser vencida para chegar aos pomeranos do interior.

Quando alcançamos o asfalto, depois de uma precária estrada de chão, o garoto falou admirado: "*Sowat heww ick noch nich seihe!*" (nunca vi algo igual!) e ficou muito mais estarrecido quando chegou à cidade. Ele ficou quase atônito, nem conseguia falar. Quando chegou ao hospital e ficou perante a sua velha mãe doente, começou a soluçar. Tudo isto era demais para ele. Pude entendê-lo perfeitamente, pois estava me vendo quando tinha a idade dele e cheguei pela primeira vez à cidade e fiquei doente de medo e saudade.

O pequeno hospital tinha um aspecto limpo, apesar das instalações simples. Dois estagiários do último semestre de medicina da universidade de Vitória cuidavam dos pacientes. Visitei o paciente que estava com um câncer incurável no estômago, era o pai das meninas Braun. Sr. Braun era uma pessoa alegre e ficou muito feliz por eu falar em pomerano com ele. Parecia revigorado por poder esquecer durante algum tempo a sua terrível doença. No próximo dia os jovens médicos iam lhe dar alta hospitalar, pois admitiam que nada mais podiam fazer no seu caso e desta forma seria inútil a família gastar o dinheiro com um tratamento caro. Para os ouvidos europeus isto soa um tanto rude e impiedoso, mas aqui eles agem desta forma.

No domingo, acompanhamos o pastor Schneider para a filial São Bento onde comemoravam a festa da colheita. Mal saímos de Domingos Martins e já começaram as estradas escorregadias no meio da mata e tivemos dificuldades para nos locomover. No meio do caminho ultrapassamos pessoas festivamente vestidas: a pé, a cavalo e mesmo agrupadas em cima de caminhões abertos seguindo para a festa. Também paramos para dar carona a algumas pessoas mais idosas que, caso contrário, teriam levado horas para chegar à igreja de São Bento. Constatamos que uma delas era um senhor que em 1939 foi levado por um pastor para a Alemanha e por causa da Segunda Guerra Mundial ficou retido lá por 10 anos. Até hoje ele mantém contato com os agricultores da região Pfalz, onde trabalhou. O maior desejo dele era poder voltar à Alemanha para visitá-los. Mas, neste meio-tempo ele se casou no Brasil e constituiu família. A esposa dele lamenta que os filhos – aqui perto da cidade – rapidamente vão esquecer o pomerano e alemão, pois se sentem excluídos nas escolas públicas quando, por falta do domínio do idioma português, não conseguem acompanhar as matérias.

Da minha parte, orientei aos pais de que deveriam fazer o possível para que os filhos ao menos mantivessem o alemão, já que encontrei muitos jovens que hoje se arrependem por não terem aprendido o alemão com os pais. Reconhecem a importância que teria na vida deles saber falar mais que um idioma. Muitos conseguiram ocupar bons cargos por serem bilíngues. Pastor Schneider abriu cursos de alemão e está tendo uma grande procura.

Depois de duas horas de viagem alcançamos a filial e em primeiro lugar fomos convidados por um colono pomerano para um café. Diante da casa dele passava um grande número de pessoas, todas festivamente vestidas, não importa se estavam vindo a pé, de bicicleta ou de caminhão. Algumas senhoras mais idosas passavam montadas em burros, que eram amarrados nos postes da cerca do cemitério. Aquele lugar tinha passado a ser o estacionamento para os burros e cavalos.

A igreja estava festivamente enfeitada por pequenas bandeirolas. Em sua volta estavam fincados, na terra, pés de palmeiras, da mesma forma como na nossa terra são fincados os galhos de pentecostes. Armaram uma barraca com um balcão, onde o pessoal tomava café e comia um pedaço de bolo. Também existia um lugar para jogos de sorte e leilão. Nas janelas e portas se encontravam festões e enfeites coloridos que adornavam toda a área da igreja, que estava lotada de gente aguardando a comemoração da Festa da Colheita.

A igreja estava de tal forma lotada que muitos rapazes e moças ficavam em pé no meio do corredor e até se aglomeravam em frente à porta de entrada. O pastor fez um culto bilíngue: primeiro em português e depois em alemão. Durante o culto o pastor Schneider me apresentou aos participantes e anunciou que na parte da tarde faria uma palestra na festa. Os participantes giravam a cabeça e me olhavam de uma forma estarrecida.

Mal o culto terminou e fui rodeado por pessoas que queriam falar comigo. Mas isto não foi tão fácil assim, pois precisava de um lugar mais elevado para que todos pudessem me ouvir. Finalmente, subi numa cadeira frágil, que foi segurada pelo presidente da igreja para que não quebrasse. Os cinco irmãos Bullerjahn ficaram logo na primeira fila e explodiam em altas gargalhadas. Percebi que ali eram eles que melhor entendiam o pomerano. O pastor Schneider me pediu para contar algo em alemão, para que os descendentes dos "*hunsrücker*" pudessem me entender melhor, o que fiz de bom grado, mas houve pouca reação. Isto confirmou que até as famílias do Hunsrück entendiam melhor o pomerano do que o alemão.

De repente, começou uma chuva fina e eu queria finalizar para que os participantes não se molhassem. Porém, isto não os atrapalhou e cada vez queriam ouvir mais e mais histórias. Imediatamente apareceu um rapaz jovem e alto que segurava um guarda-chuva sobre mim e sobre os livros para que eu pudesse prosseguir protegido da chuva. Os pomeranos não se deixaram desviar nem por uma pancada de chuva mais forte e permaneceram firmes lá. Os Bullerjahn riam tão alto que até ofuscavam o barulho do granizo que caía sobre o telhado da igreja!

No final da minha palestra, quando o sol havia voltado a brilhar, o pastor Schneider subiu na cadeira e me agradeceu pela "contribuição pomerana" e disse ter certeza que estas anedotas da Pomerânia Oriental seriam agora passadas de boca em boca e desta forma continuariam vivas por muito tempo. Afirmei-lhe que para mim e os demais pomeranos na Alemanha não poderia existir uma gratidão maior do que essa.

XI

Agora já passei seis semanas no Espírito Santo e muitas vezes tive a impressão de que estivesse em casa na Pomerânia. Principalmente pela língua materna que me levou de volta ao passado. Até mesmo na cidade de Vitória algumas pessoas ainda falavam o pomerano. O meu anfitrião, Florêncio Stabenow, trabalhou muito tempo na roça e certamente teria ficado lá, como os seus irmãos, mas como a esposa dele não podia ter filhos se arriscaram a mudar para Vitória. Florêncio voltou a estudar para aperfeiçoar o português e conseguiu progredir numa empresa de previdência, onde ocupava um cargo de destaque. A esposa dele trouxe sua máquina de costura e era uma costureira bem habilidosa e muito procurada por pessoas que faziam questão de se vestir bem na capital.

Desta forma, conseguiram construir uma boa casa na praia e desfrutam hoje de uma vida bem próspera. Na casa deles, Ingeborg Christiansen e eu, fomos atendidos com a maior hospitalidade. Fiquei hospedado numa casinha no quintal, onde também morava um sobrinho deles de Lagoa Serra Pelada. O nome dele era Wagner Gumz e como ele diz, era um bom amigo e companheiro, mas não sabia mais falar o alemão e somente falava algumas

palavras em pomerano.

Os Stabenow hospedam e sustentam todos os parentes que pretendem estudar em Vitória. Isto é uma atitude bem louvável e como seria bom se todos os jovens pomeranos talentosos tivessem tios e tias na cidade, onde pudessem se hospedar e então ter a oportunidade de estudar e aprender um ofício para progredirem na vida!

Atualmente já existe um número bem considerado de pomeranos que vive na cidade. Normalmente, são casais jovens que se animam e se aventuram a enfrentar a vida na cidade. Os mesmos não ficam isolados ou perdidos, pois como todos são evangélicos, aos domingos, tanto adultos como crianças, se encontram na igreja para o culto. A construção da igreja ainda não estava totalmente concluída, mas o piso, as paredes e o teto já estavam prontos. O culto ali era ministrado pelo Florêncio Stabenow, evidentemente em português, pois todas as crianças dali frequentam escolas e desta forma dominam o idioma oficial. Porém, os mais velhos se contrariam com isto, pois muitos gostariam de alternadamente ouvir um sermão em alemão, já que têm dificuldade de entender o português. Porém, o jovem pastor Bruno Seibel nem quer saber desta reivindicação, apesar der ser filho de pomeranos e dominar tanto o alemão quanto o pomerano. Numa longa conversa ele me explicou a importância do fato para que todos finalmente passassem a dominar o idioma oficial do país. Ele até chegou a criticar os seus colegas mais antigos que, no seu ponto de vista, somente valorizaram o alemão, em vez de se preocuparem com o ensinamento da língua oficial do país, em benefício dos colonos.

Não posso opinar neste caso, pois conversei com muitos pastores sobre este problema e os mesmos afirmam que o analfabetismo ainda teria sido pior se forçadamente não tivessem mantido as aulas em alemão.

Bruno Seibel chega até ao extremo de querer proibir os seus irmãos menores de se comunicarem em pomerano e diz de uma forma bem enérgica: “todos precisam falar o português, pois somos brasileiros!” Enquanto isto os seus olhos azuis ficam radiantes e, furioso, joga para trás um cacho de cabelo que havia caído na sua testa. Apenas se acalma quando percebe que eu não sou um alemão fanático e que sou a favor de que cada cidadão deve dominar a língua oficial do país. Finalmente, chegamos à conclusão que o ideal seria não perder nenhum dos idiomas e que as crianças pudessem falar mais línguas. Aqui até foi construída uma escola com dinheiro proveniente de doações da igreja da Alemanha, com o objetivo de fornecer aos talentosos filhos de pomeranos a oportunidade de estudar e se graduar. Porém, o tempo acabou

atropelando este plano, pois na ocasião foram construídas várias escolas públicas no interior e os colonos preferiram colocar os filhos em escolas mais próximas de suas casas, em vez de mandar os mesmos para uma escola na cidade, cuja mensalidade era alta demais para os colonos. Por esta razão a escola construída com fundos da Alemanha hoje é um colégio particular, onde estudam filhos de brasileiros da classe mais abastada.

Quando nos deparamos com este tipo de realidade ficamos revoltados de que o dinheiro doado pela igreja na Alemanha fosse tão mal aproveitado. Por outro lado entendemos e reconhecemos que esta é a única forma de manter este colégio ativo.

Nos últimos dias da minha estada em Vitória ainda mantenho contato com o delegado da Ajuda Comunitária, Peter Hartmann. Ele é um engenheiro agrônomo e "câmera-man" (fotógrafo/filmador) e desta forma contratado pela ACARES para fazer uma série de filmes instrutivos sobre os métodos agrícolas modernos para os colonos. O nosso encontro se deu na casa dos Stabenow e discutimos a possibilidade de elaborar um filme sobre os pomeranos.

Quando Peter Hartmann voltou para a cidade, Maria Stabenow me perguntou quanto tempo o dr. Hartmann já estava em Vitória. Quando respondi, que ele estava ali há cinco meses, ela me perguntou surpreendida: "Ele é católico?" Confesso que não sei, mas suponho pela região da sua procedência "Brunsvique" que seja evangélico. Ela então disse: "não é possível, pois ele nunca frequentou a nossa igreja aqui!".

Os pomeranos não têm noção que existam pessoas evangélicas que não frequentam a igreja. Esta situação me lembrou a minha vida lá em casa, pois na Pomerânia Oriental cada região tinha a sua própria igreja e de cada família ao menos uma pessoa participava dos cultos, pois cada família tinha o seu banco na igreja e, por questão de honra, os bancos não podiam ficar totalmente vazios.

Com o engenheiro Peter Hartmann e a sua esposa ainda visitamos mais alguns colonos pomeranos no interior. A primeira visita foi feita à vovó Bullerjahn que não enxerga, em Califórnia. Ela cantou novamente algumas canções em alemão. Depois passamos na casa dos Strey, onde fomos recebidos majestosamente. Eles largaram as ferramentas na roça e dedicaram o dia à nossa visita. Depois visitamos uma escola pública em Melgacinho, onde a jovem esposa de Mathias Nickel trabalhava como professora. A filha dos Braun trabalhou por algum tempo no Hospital Evangélico do Rio de Janeiro, estudou lá num

curso noturno e lá aprendeu o português. Por causa deste estudo ela podia lecionar para os filhos dos colonos. Já que dominava o português, o alemão e o pomerano, ela não encontrava dificuldades com as lições, pois os alunos até podiam perguntar algo em pomerano e seriam atendidos. Por esta razão, a aula que assistimos se tornou muito interessante e até divertida. Evidentemente os alunos queriam ser fotografados e, desta forma, Peter Hartmann fez algumas fotos da classe. Porém, eles se assustaram com o "flash" da câmera, ao ponto que alguns dos meninos menores começaram a chorar.

A escola era bem nova e composta de duas salas enormes. Ao lado havia instalações de lavatórios e banheiros. Os alunos se sentem bem neste ambiente claro e agradável e gostam de vir à escola. Porém, a professora nos informou que nem todos os pais estavam mandando os filhos para a escola e agora queriam introduzir uma multa para aqueles que não cumprissem com a obrigação educacional.

Quando no final do dia retornamos a Vitória paramos num posto de gasolina para comer um salgadinho. De repente apareceram os irmãos Kempin, que eu havia conhecido há uma semana em Califórnia e que me contaram histórias fabulosas sobre caça e caçadores. Eles me contaram que vieram para Vitória com um caminhão lotado de tomates, porém não conseguiram vender a carga. Para não jogar os tomates na mata, acabaram vendendo a carga por Cr$ 15,00 (correspondente a DM 10,00). Este dinheiro nem pagou a gasolina consumida na viagem. Desta forma, o sr. Hartmann tomou conhecimento de perto da dura realidade enfrentada pelos colonos pomeranos e para os quais o escritório da ACARES também não tinha uma solução. Em nossa opinião, deveria bastar um pequeno filme para mostrar a realidade para as autoridades e tornar público com que sacrifício os colonos plantam os seus produtos e quando vem a colheita, não tem oportunidade para vendê-los. Já havia escutado esta reclamação de muitos outros colonos pomeranos, como por exemplo, Adolf Strey, que não teve outra opção a não ser sacudir os pés de laranja para as frutas caírem no chão, pois recebera um centavo de marco alemão por quilo.

Em resumo: no interior do Espírito Santo faltam fábricas de conservas e geleias para transformar as frutas em produtos processados. Neste caso, não teria o problema de super-abastecimento durante a colheita e os colonos não dependeriam dos comerciantes em Vitória. Se os órgãos de ajuda comunitária investissem neste sentido, certamente uma grande parte dos 100.000 pomeranos estariam salvos da miséria.

POMERANOS NAS GRANDES CIDADES

XII

Os últimos pomeranos que vi no Espírito Santo foram os dois Stabenow. Eles me levaram de carro até o aeroporto de Vitória. Sentimo-nos um pouco perdidos no aeroporto, pois era quase o único passageiro e de início isto nos surpreendeu um pouco. Porém, logo o Florêncio Stabenow se lembrou que era sexta-feira, dia 13 de agosto. Ah, esta era a razão! Me senti como um herói por não ser supersticioso e depois de receber um afetuoso abraço de despedida pude ocupar o espaço num avião quase vazio.

O voo foi maravilhoso: dia claro com sol quente, voando sobre as montanhas da terra fria. Em determinados lugares até dava para ver as casas brancas dos colonos. Depois sobrevoamos o mar e praias de areia branca. Senti como se as cores azul e branca dos pomeranos quisessem se despedir mais uma vez de mim.

Após uma parada no Rio, segui viagem rumo a Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Na casa da família Christiansen pude me recuperar um pouco do estresse das últimas semanas e somente naquele momento percebia o cansaço que uma viagem destas pode causar. Porém, pelo afeto e amabilidade recebida pelos pomeranos nem cheguei a perceber isso antes.

Porém, a atividade das irmãs Christiansen era tão contagiante que no dia seguinte já fomos juntos retomar as visitas aos pomeranos. Era domingo e na igreja evangélica tinha um culto de apresentação do novo pastor, que veio da região dos pomeranos do Rio Grande do Sul. Desta forma, surgiu logo a oportunidade de poder falar sobre a minha segunda etapa da viagem para o sul do Brasil. Pastor Wirths me contou sobre suas experiências: “Os pomeranos em todo o Brasil eram economicamente os mais atrasados, principalmente por terem vivido muito isolados no meio da mata. Mas eram as pessoas mais confiáveis que conhecia, além de possuírem uma fé firme e se dedicarem inteiramente a igreja.

No dia seguinte fizemos mais uma visita, na casa do dr. Dauch, diretor geral da empresa Mannesmann, em Belo Horizonte. A sra. Dauch era da família Schmidthals procedente de Rügenwalde e a avó dela foi inventora da conhecida linguiça "*Rügenwalder Teewurst*" (Linguiça Rügenwalde). O casal Dauch contou que a firma Mannesmann gostaria de admitir jovens pomeranos, porém os jovens entre 20 – 45 anos normalmente eram analfabetos e por esta razão isso não era possível. Além de tudo, os pomeranos não gostavam da vida da cidade, pois já haviam mudado para cá alguns deles, vindos do Espírito Santo, mas não aguentaram ficar por muito tempo. Eles somente se sentiam bem no campo, no meio do seu povo. Principalmente sentiam falta de poder se comunicar em pomerano. Desta forma, quase todos retornaram ao local de origem, ou seja, para as colônias no interior do Espírito Santo.

Aparentemente existia um verdadeiro pomerano em Belo Horizonte, cujo sobrenome era Hell. Ele trabalhava na cervejaria "Bierhaus" como operário. Também fomos visitá-lo em sua casa onde vivia com a jovem família. Ele construiu uma casa pequena nos arredores da cidade, buscou uma moça pomerana do Espírito Santo e casou-se com ela. Tiveram dois filhos loiros, que eram muito tímidos. Como estavam sendo criados na cidade, somente falavam o português, apesar de os pais só falarem o pomerano em casa.

As queixas do sr. Hell eram típicas de um camponês que mudou para a cidade e disse: "Todo o dinheiro que entra é gasto com comida, o que em casa tínhamos de graça. Na roça as plantações crescem naturalmente. Por esta razão as minhas irmãs não querem viver na cidade e voltaram para a casa paterna". Gastar dinheiro com comida era algo que desconheciam.

Por consideração, a jovem senhora tentava falar em alemão comigo e com as irmãs Christiansen, mas se perdia constantemente e misturava tudo com o pomerano. A linda e loira sra. Hell, que era alguns anos mais velha do que ele, aguardava com ansiedade a abertura de um curso noturno nas redondezas para que pudesse aprender a ler e a escrever, pois perceberam como a vida na cidade era dura quando não se sabia ler e escrever. Por exemplo: não saber o que está escrito no ônibus ou nas lojas para fazer compras. Muitas vezes eram enganados e pagavam preços indevidos, ou numa condução seguiam para a direção errada. Em breve os filhos precisariam frequentar a escola e desta forma poderiam acompanhar os mesmos nos estudos. Dei o maior apoio a eles, pois do contrário teriam muitas dificuldades para sobreviver na cidade, mesmo tendo uma pequena casa própria para residir. Para eles era fundamental pertencer à comunidade evangélica, onde foram acolhidos

e lá encontraram uma compensação para o lar pomerano que perderam no Espírito Santo. Evidentemente, sentiam muita saudade e planejavam cada ano uma viagem de férias e para a qual, com muito custo, estavam economizando um dinheirinho. Sem esta opção de poder ao menos voltar cada ano para visitar os parentes em casa, certamente não aguentariam a vida da cidade.

Também a família Christiansen havia admitido uma vez um casal de pomeranos, mas que não ficou mais do que um ano na cidade. Mesmo tendo na cidade uma vida melhor, preferiram voltar para a pobreza do campo, com a finalidade de poder estar no meio de pessoas que falavam o pomerano. Eles não se sentiram em casa e o contato pessoal para eles foi mais importante do que a vida melhor que levavam na cidade. Poderíamos filosofar por muito tempo para descobrir qual realmente seria a melhor forma de viver, ou seja: viver com as facilidades da cidade, ou viver uma vida pobre na comunidade familiar.

Alguns dias depois encontrei um jovem pomerano em Brasília e que solucionou este problema de uma forma bem moderna. Porém, ele pertencia a uma classe talentosa, que falava tanto o português quanto o alemão. Ele veio de Pomerode e por esta razão teve uma boa educação escolar. A cidade natal dele era Pomerode, mas, tinha o seu trabalho em Brasília e que lhe trazia muita satisfação. Porém, exigia grande responsabilidade, pois ele era um tipo de "Policial Secreto" e era responsável pela segurança do novo prédio do Itamaraty. A descendência pomerana dele podia ser notada no comportamento reservado e tímido, que não combinava bem com a sua profissão. Ele até se envergonhava de falar em pomerano comigo, mas confessou que na casa dos pais ainda falavam o pomerano.

Após ter visitado os pontos turísticos da cidade, à noite fomos visitar uma feira de livros que foi organizada pelo embaixador Wimmer. Cercado de curiosos, passei a contar sobre a minha viagem aos pomeranos no Espírito Santo. Nenhum deles tinha conhecimento desta província e se admiraram por eu ter meus amplos conhecimentos sobre as pessoas e do lugar. Já que estávamos numa exposição de livros, todos me aconselhavam a escrever um livro sobre as minhas experiências e cenas vividas nesta viagem, para que pudesse expor o mesmo, no futuro, nesta feira.

Achei graça desta proposta, pois para mim seria mais importante que alguém fosse ler o meu relatório com o intuito de tomar alguma providência e ajudar os pomeranos do Espírito Santo a saírem deste estado de pobreza e miséria.

Durante o jantar de despedida o jovem pastor me contou que fez

seus estudos em Heidelberg, Alemanha, mas que conseguiu manter pouco contato com as pessoas de lá. Reclamou, principalmente, de nunca ter sido convidado por amigos, ou por colegas de estudo, para uma visita ou para passar um final de semana na casa de alguém, para poder participar um pouco de uma vida familiar. Fiquei chocado com essas informações e lhe afirmei, "se você tivesse estudado numa geração anterior em Greifsfeld, Breslau ou Königsfeld, isto certamente não teria acontecido. Lá seguramente teria tido mais convites do que pudesse atender, pois a hospitalidade oriental é famosa pela amabilidade e generosidade. Vá uma vez ao Espírito Santo e lá você terá uma noção sobre o que estou falando".

No hotel desfrutei do luxo de um serviço de primeira classe que sequer consegui aproveitar tranquilamente, pois me lembrava da pobreza dos pomeranos no Espírito Santo. Podia me esticar em cima de um colchão macio enquanto lá dormiam em colchão feito de palha. Tinha à disposição um banheiro com lavatório e vaso sanitário, mas lá muitas vezes diziam: "pode sair por esta porta e depois tentar achar um lugar por aí". Ao lado das igrejas muitas vezes se encontrava um tipo de "casinha" com fossa seca, que servia como sanitário. Nas casas mais abastadas dos comerciantes ou nas casas pastorais já existiam banheiros completos. O resultado destas condições anti-higiênicas era um alto índice de doenças causadas por verminose. O cônsul Nickmann, que atuou muito tempo como médico no interior do Espírito Santo disse: "toda a população daqui deveria ser encaminhada para um tratamento coletivo de verminose".

Um outro capítulo é a água potável. É extremamente perigoso tomar água dos rios, ou água sem ser filtrada. Pastor Maruhn uma vez pediu para que cada um trouxesse um copo de água quando viesse participar do culto. Depois colocaram os copos cheios de água num lugar reservado e os deixaram lá por uma semana. Quando voltaram ao culto, no domingo seguinte, o pastor pegou uma lupa e mostrou quantos tipos de bichos vivos tinha dentro de cada copo. Esta experiência serviu para convencer a maioria que tinha um pouco de dinheiro para comprar um filtro. Tive vontade de comprar um grande número de filtros para dar de presente aos que não tinham condições de comprar um. Mas de onde eu iria tirar o dinheiro?

Estes são os pensamentos que passaram na minha cabeça lá no Hotel Alvorada, onde permaneci por apenas uma noite. No dia seguinte cedo segui viagem para a região sul do Brasil. O café tomei ainda no hotel em Brasília. Para o almoço já me encontrava perto do Pão de Açúcar, no Rio, e à noite já

estava em São Paulo onde o clima estava bem ameno. Pude constatar a diferença, pois em Brasília o tempo estava claro, com uma boa visibilidade sobre a moderna cidade, bem como sobre os campos de terra vermelha entre os quais correm alguns rios, e mais alguns mil quilômetros adiante no sentido sul, fomos recebidos por uma densa nuvem de neblina.

Fiz uma parada nesta enorme cidade, com mais de oito milhões de habitantes, para visitar o Instituto Hans Staden o qual tem uma boa reputação no mundo inteiro por prestar serviços de intercâmbio cultural entre o Brasil e a Alemanha. O instituto faz coleção de matérias escritas sobre a imigração alemã no Brasil. Na biblioteca científica e pública havia mais de 10.000 títulos que estavam à disposição de interessados ou de estudantes.

Durante várias conversas detalhadas com o gerente dr. Karl Fouquet, como também com o novo gerente, dr. Jorge Frölich, tomei conhecimento da amplitude deste trabalho gratificante que era feito em conjunto entre o Brasil e a Alemanha. Ele acabara de reeditar o livro revisado sobre a viagem de Hans Staden e me recomendou o mesmo como uma literatura indispensável. Desta forma, estava lendo: "A história verdadeira e descrição do país dos selvagens, do nudismo, dos carnívoros furiosos, no novo mundo da América".

Os relatos sobre a viagem aventureira (feita entre 1548 e 1555) foram escritos de uma forma tão interessante que não duvido encontrá-los num futuro próximo, em português, expostos numa vitrina de livrarias. Dr. Fouquet me informou que durante os últimos 400 anos este livro foi reeditado mais de 80 vezes. Para os cientistas era uma fonte informativa segura sobre a invasão das terras indígenas pelos portugueses, onde os índios viviam desde a época da idade da pedra.

Encontramos muita literatura sobre a imigração alemã no Brasil, mas quase nada sobre a imigração pomerana. Os pomeranos – pelas próprias características – sempre gostaram de uma vida simples, sempre viveram reservadamente e nunca gostaram de fazer grandes alardes sobre si próprios. Porém, encontro um livro de 1910 escrito por um pastor que fez uma visita aos cafeicultores num Estado tropical do Brasil[1]. Li o assunto com bastante entusiasmo e cheguei à conclusão que pouca coisa mudou nos últimos 60 anos. Tudo bem, os pastores hoje não andam mais a cavalo de um lado para o outro e

---

1 (N.do E.) Hugo Wernicke: *Deutsch-Evangelisches Volkstum In Espírito Santo* (Viagem às Colônias Evangélicas Alemãs no Espírito Santo).

já vão de Fusca ou Jeep mas, após seis décadas, os costumes e determinados rituais continuam em uso. Também o pomerano continuava sendo usado, apesar de que naquela ocasião já se anunciava certa retração deste "idioma", que em outra época até já foi destacado [entre aspas]. No entanto, neste meio-tempo, o pomerano desapareceu na Alemanha e se quisermos ouvir o pomerano original precisamos viajar até o Brasil para tirar as nossas dúvidas.

Também num jantar luxuoso no Clube Alemão Transatlântico, precisei contar sobre os pomeranos do Espírito Santo. Os participantes eram diretores e gerentes de empresas que participavam ativamente na vida e no desenvolvimento da cidade. Porém, apesar de quase todos serem descendentes de alemães, ninguém nunca tinha ouvido falar dos descendentes de imigrantes pomeranos no Espírito Santo, que moravam a 742 km dali. Neste caso, precisei responder muitas perguntas e até ler alguns trechos em pomerano, pois queriam saber como soavam as palavras. Nisto, constatamos que alguns deles até eram descendentes de pomeranos e desta forma me convidaram para uma visita em suas residências. Com muito prazer aceitei os convites, pois estava curioso para saber como estes descendentes de pomeranos, que imigraram no Século XIX, vivem aqui na cidade grande.

A primeira visita que fiz foi na casa do sr. Siegfried Zorn, cujos antepassados vieram de Labes. Hoje ele é diretor de uma grande siderúrgica. Um funcionário negro me acompanhou até à dona da casa, que se apresentou como "westfaliana". De livre e espontânea vontade ela acompanhou o marido ao Brasil, que havia saído de uma prisão de guerra soviética em 1953. O sr. Zorn e mais alguns colegas da mesma área me contaram de forma bem descontraída e humorada sobre o desenvolvimento das filiais de empresas alemãs na América do Sul. O maior crescimento estava ocorrendo em São Paulo, onde por exemplo, a empresa Volkswagen fabricava mais Fusca no Brasil do que na matriz em Wolfsburg. Na opinião do sr. Siefried Zorn, seria de fundamental importância alguém escrever um livro sobre o grande crescimento na área industrial de São Paulo e o título deveria ser: "Da Carroça ao Mercedes".

Além disto, as pessoas presentes alternadamente contavam sobre o desenvolvimento das pequenas empresas que eram de fundo de quintal e se transformaram em indústrias automatizadas e de destaque. Nelas trabalhavam mais de 10.000 funcionários. Todos aqui acreditavam no futuro sucesso das indústrias que poderiam se desenvolver de uma forma ordenada, para fazer jus ao lema que consta na faixa da bandeira brasileira: "*Ordem e Progresso*". Na opinião deles o Brasil é uma terra que fornece ilimitadas

possibilidades, sendo a terra dos empreendedores do século XX. Todos ali se apaixonaram por essa terra e gostariam de retroceder no tempo para se tornarem mais jovens e desta forma se atreverem a ir explorar a região amazônica. Por outro lado, todos também sentem saudade da Alemanha. No entanto, reconhecem que quando vão lá de férias, rapidamente sentem saudades do Brasil.

No dia seguinte participei de um "Domingo Pomerano" em Santo Amaro. Após o culto, o pastor Zander me pediu para contar algo sobre a minha viagem aos membros da sua igreja, chamada "Igreja da Paz". Fiquei honrado com este convite e feliz por encontrar ouvintes que se interessavam pelo assunto. Entre eles encontrei um senhor de 81 anos de nome Ewald Kruse e que veio de Putbus, da região de Rügen. Logo após a palestra o ainda bem ativo sr. Kruse me contou, num belo dialeto de Rügen, a sua história de vida. Ele veio ao Brasil em 1924, motivado pelos seus filhos que sofriam de tísica e que aqui deveriam encontrar a cura no clima mais quente. Mal chegou aqui se tornou um pioneiro em transporte coletivo de passageiros, pois criou a primeira linha de ônibus em São Paulo. Isto na época representava uma ousadia. Orgulhosamente o sr. Ewald Kruse me mostra fotografias do seu ônibus, sem cobertura, com o qual transportava os passageiros de um lado para o outro na cidade.

Exatamente no ano de 1939 Ewald Kruse viajou de férias para Alemanha e foi obrigado a permanecer lá e conviver com toda a guerra na sua pátria. Porém, tão logo terminou a terrível guerra, ele retornou ao Brasil e encontrou os seus filhos casados já há bastante tempo.

Depois que ouvi toda a sua história me convidou para uma visita ao capitão de cavalaria Livonius. Aceitei o convite de bom grado e desta forma ele me levou num dos muitos ônibus que circulavam pela cidade de São Paulo, de Santo Amaro até um parque majestoso, com um belo lago. Parecia um oásis de tranquilidade e rara beleza: de um lado, bem perto da mata, e do outro, cercado por um mar de prédios altos da cidade grande.

O velho capitão Livonius morava numa casa rústica e me recebeu com muito carisma e um belo cumprimento de boas vindas.

Aquela tarde de domingo parecia como férias numa fazenda. Como era hábito entre os pomeranos, precisei primeiro visitar as terras e instalações do capitão Livonius. Pois, apesar da idade avançada, ele ainda possuía uma grande quantidade de terras, nas quais também moravam a sua filha e seu genro numa luxuosa casa.

Evidentemente, também visitamos o haras e as suas instalações bem como o escritório da administração. Num dos quartos guardava três selas bem antigas que o acompanharam pela vida, pois Livonius foi o último capitão de cavalaria de Stolp da classe "hussarda vermelha". Ele completara a batalha de "Krim" pela linha branca e vermelha, logo após a Primeira Guerra Mundial, sem ter perdido um só homem. Ele evitava combates inúteis e desta forma trouxe de volta a Stolp muitos filhos e maridos ilesos. Isto naquela época era um feito extraordinário!

Em 1923 ele imigrou para o Brasil e disse: "Só então me dei conta que eu não tinha aprendido um ofício. Como 'hussar vermelho', apenas sabia montar. Como isto era a única coisa que eu dominava, resolvi dar aulas de montaria e abri uma escola de cavalaria. Isto acabou me dando sucesso e reconhecimento".

Quando veio a Segunda Guerra Mundial, ele se achou na obrigação de ajudar a lutar pelo seu país de origem, apesar de estar contra Hitler. Porém, o navio no qual ele se encontrava para ir lutar na guerra foi interceptado pelos ingleses e assim se tornou um prisioneiro de guerra. Mais tarde, em forma de substituição, foi encaminhado à luta. Desta forma, em 1944/45 chegou mais uma vez à Pomerânia e de lá fugiu de Stolpmünde em 4 de março, num navio soviético, carregado de carvão. Todos estes dados ele registrou numa biografia, da qual me deu uma cópia para ler. Mas muitas histórias ele me contou pessoalmente, como por exemplo: cada esposa de "hussar" recebera 1.000 Marcos em moeda de ouro que deveriam transportar na longa distância de "Krim" até "Stolp" e todos entregaram fielmente esta quantia no destino. O velho capitão exclama: "Isto é o que podemos classificar como disciplina! Que extraordinária forma de comportamento honesto possuíam esses ex-pomeranos!".

Hoje o sr. Livonius cuida da sua propriedade que certamente vale muitos marcos de ouro. Quando circulamos pelos ambientes amplos da casa, também passamos no quarto do capitão. Ao lado da cama dele ficava exposta uma arma prateada, que evidentemente estava carregada. Ele mencionou que ali valia defender a vida e a propriedade. Ele se declarou um prussiano valente: "bem abastado, mas disciplinado"! Era impressionante a energia que estava impregnada nesta figura tão pequena. Para as tarefas do dia existiam normas bem rígidas: de manhã cedo ele reunia todos os funcionários e distribuía as tarefas do dia entre eles; depois, a cavalo, dava uma volta no lago para controlar o trabalho dos funcionários. Na opinião dele: "a terra precisa de cuidados e os homens precisam de ordem". Sinceramente, existia um verdadeiro monumento prussiano vivo no Brasil!

Nas próximas semanas estaria me retirando do mar de prédios de São Paulo e seguiria para Santos. O ônibus subiu as montanhas que se encontravam cobertas pela neblina e nuvens. Porém, quando começamos a descer na estrada cheia de curvas, logo a neblina ficou mais rala e debaixo dos raios solares já dava para ver a cidade praiana, numa baía em forma de meia-lua. Debaixo do céu azul, pudemos ver os prédios brancos da ilha de pedras de São Vicente. Os proprietários ricos, ou inquilinos, que aqui alugaram apartamentos, somente vinham para cá nos finais de semana ou quando estavam de férias. Porém, no prédio "*Seven Seas*", de 20 andares, também havia movimento de pessoas em dias úteis, já que ali morava o sr. Oswald Nixdorf e a sua esposa e tinham ali o seu lar de repouso e paz para a velhice.

Ele era um senhor de estatura alta, com 70 anos, e perto dele ela parecia bem baixa e franzina. Os dois apresentavam rostos bem inteligentes. Ficaram muito felizes com a minha visita. Quando Oswald Nixdorf tomou conhecimento da minha viagem ao Espírito Santo disse: "Tiro o chapéu para o senhor, pois nunca ouvi falar de alguém da Alemanha que pudesse aguentar tanto tempo lá". Notei logo que ele apenas havia tido contato com pessoas que vinham como turistas e não como pessoas que se interessavam por questões humanitárias envolvidas.

A vida dos Nixdorf havia sido bastante agitada. Constatamos que ambos nasceram em Stettin, porque os pais trabalhavam no Estaleiro Vulcan. Mas foram criados em Bremen e Hamburgo, na Alemanha, que era o país de origem dos pais. Ele visitou a escola agrícola de Witzenhausen e se mudou, como agricultor, com a jovem esposa para a Sumatra. Na década de 1920 foi contratado pelo governo alemão para procurar terras no Brasil, para imigrantes alemães, onde pudessem fundar uma cidade.

Ele conseguiu cumprir esta incumbência de uma forma exemplar, porém enfrentaram situações precárias no meio da floresta. Eles mostraram fotos da derrubada das primeiras árvores, da construção das primeiras casas comunitárias para os novos imigrantes. O lugar mais tarde recebeu o nome de Rolândia. No meio da cidade existia uma estátua fiel dos "Roland de Bremen". Que também consta no brasão da cidade. Desta forma todas as crianças da cidade sabem o que significa o Roland, o grande, que fica em frente à câmara municipal de Rolândia.

Durante a conversa meus olhos constantemente se desviavam para o mar azul e de longe víamos os navios de carga saindo do porto de Santos e até ouvíamos o som das buzinas retumbantes. Ambos confessaram que gostavam

muito de viver neste local, pois lembrava-lhes muito Hamburgo, Bremen e até de Stettin. Estavam cientes que o destino de muitos destes navios era a Alemanha e desta forma enviavam secretamente lembranças ao país de origem. Oswald Nixdorf, com sua forte estatura, ficava na varanda do seu apartamento, como se estivesse numa proa de navio e por esta razão os amigos relataram que não se tratava de um lar de idosos e sim de uma "ponte de comando".

Mais tarde descemos para visitar a parede rochosa, contra a qual as ondas batiam fortemente. Também dali tínhamos uma linda vista para a cidade de Santos e para o mar azul, uma paisagem alegre e contagiante. Agora podia entender as palavras do presidente mundial do "Rotary Club", sr. Breitholz, quando disse entusiasmado: "Nixdorf, isto é o lugar mais lindo do mundo que eu já vi, perto dele até perdem a Florida, a Califórnia e a Riviera".

Já era tarde quando finalmente voltei para São Paulo. Lá do alto das montanhas via um mar de luzes iluminando a cidade portuária de Santos, bem como, via luzes acesas nos apartamentos da ilha de pedras, São Vicente. No mar, vários navios partiam rumo à Europa. Com certeza, novamente, levavam lembranças para a Alemanha recebidas da "ponte de comando!".

POMERODE: ESTADO DE SANTA CATARINA

XIII

De São Paulo fiz uma viagem turística para as cataratas de Foz de Iguaçu que ficam no encontro dos três países: Brasil, Paraguai e Argentina. Do hotel Cataratas tive uma vista fantástica sobre as 280 cascatas individuas, que se espalham por 7 km, com quedas de até 71 metros. De uma torre panorâmica avista-se, debaixo das cores do arco-íris, a Garganta do Diabo, que fica ao lado da queda principal.

A pequena índia, que ganhava seu dinheiro cobrando a entrada, certamente não conseguia muito, pois para ganhar um dinheirinho extra ela segurava aleatoriamente a catraca giratória, de tal forma, que obrigava o turista passar de lado sem que o contador registrasse a entrada da pessoa. Quando disse para ela prestar atenção e não se perder na conta, ela respondeu rindo num português misturado com inglês e guarani: "os índios não sabem contar até 10 e sim, apenas até 5". De imediato não entendi o que ela queria dizer com isto, mas depois percebi que ela quis dizer que não conhecia os números decimais e somente sabia contar nos dedos até 5. Por exemplo, o número 6 é composto de uma mão cheia e mais um dedo. Sete é igual a uma mão cheia e mais dois dedos e o número 20 seria representado por todos os dedos das mãos e dos pés.

Na reserva de Iguaçu ainda vivem muitos índios. O percentual de índios no Brasil é bem reduzido; a maior parte já é mestiça. Existem muito poucos índios de raça pura.

Hans Staden comentou em Magdeburgo numa de suas histórias verdadeiras de 1557: "Caminhamos durante três dias saindo de Bertioga, onde eu tinha sido preso pelos índios. Devemos ter conseguido avançar umas 30 milhas, quando identificamos uma pequena vila de sete barracas. Perto de lá trabalhavam algumas senhoras que estavam lavando raízes de mandioca e outras estavam arrancando a mandioca da terra e precisei me identificar no

idioma deles: "*Aja ne xe pee remiurama*" o que quer dizer "venho para comer a vossa comida..."

Depois Hans Staden comentou como conseguiu escapar dos índios antropófagos, mas também contou de uma forma impressionante como outros brancos foram mortos, partidos em pedaços e depois cozidos. Fiquei arrepiado quando li estes trechos. Depois continua: "Então fizeram uma fogueira, bem perto dos prisioneiros, de tal forma que precisavam notar a presença deles e uma senhora saiu correndo do Ibira-Pema com um socador de pilão na mão e levantava sua borla de penas; passava em frente aos prisioneiros gritando gloriosamente. Um homem então pegou o socador de pilão e passou em frente aos prisioneiros e parou exatamente diante dele e segurava o socador bem na sua frente, obrigando-o a encarar a peça sem poder enxergar mais adiante. Neste meio tempo o guerreiro que quis matá-lo, bem como os demais 13 ou 14 guerreiros antropófagos se afastaram e pintaram seus corpos com cinzas. Quando ele e os demais condenados retornaram para a área dos prisioneiros, o homem que portava o socador de madeira e controlava os prisioneiros deu-lhe o socador, e então veio o cacique pegou o socador e enfiou o mesmo entre as suas pernas. Este ato significava uma honra na tribo. Depois voltou o guerreiro que deveria matar um dos prisioneiros, pegou o socador, parou diante de um dos prisioneiros e disse: "Estou aqui para lhe matar, pois vocês brancos também mataram e devoraram muitos dos meus amigos e quero me vingar disto". Neste momento bateu com o socador sobre a cabeça de um dos prisioneiros de tal forma que o seu cérebro expirrou para todos os lados. Em seguida as mulheres pegaram o defunto, repartiram o corpo e o assaram no fogo ardente ...."

Aqui apenas um pequeno trecho do seu relatório. No final Hans Staden escreveu: "Tudo isto eu vi e convivi de perto". Além disto, ele mencionou:

> "*Os índios apenas sabem contar até 5, ou seja, o que pode ser representado com os 5 dedos da mão. Se querem mencionar números maiores mostram com os dedos das duas mãos e até com os dedos dos dois pés e para números ainda maiores apontam para mais pessoas até que conseguem completar o número desejado!*"

Isto Hans Staden escreveu há 400 anos e fiquei impressionado que a pequena índia, lá em Foz do Iguaçu, ainda continuava usando este sistema de contagem até os dias atuais. Eu também acreditava que os combates entre brancos e índios somente poderiam ser encontrados em leituras bem antigas. Por esta razão fiquei perplexo, quando alguns dias depois o sr. Ninow de Pomerode me contou que ele próprio, na sua juventude, ainda testemunhou

ataques indígenas, pois na região de Blumenau perto do rio Itajaí ainda existiam índios, região na qual se instalaram os pomeranos no ano de 1863. Eram das tribos "bugre" e "botucatu".

Contou que, certa vez, um jovem pomerano de nome Martin foi feito prisioneiro pelos bugres. Ele foi obrigado a acompanhar os índios nas caças e a participar dos seus rituais. Quando mais velho, deram-lhe como esposa a filha do cacique da tribo e com ela teve uma filha. Porém, a saudade de Pomerode não o largava e quando um dia a tribo veio para uma invasão perto do rio Itajaí, ele conseguiu fugir e voltar para a sua terra.

Quando retornou, os pomeranos não o conheceram mais e apenas acreditaram nele quando começou a falar em pomerano que, apesar do longo tempo decorrido, ele não havia esquecido. Eles então festejaram o retorno dele, mas nunca esqueceram o que os bugres haviam feito com a família de Martin. Por esta razão juraram-lhes vingança, de acordo com a lei silvícola, para que finalmente pudessem viver livres de ataques indígenas nas regiões entre Pomerode e Blumenau.

Como Martin conhecia bem o comportamento dos bugres foi fácil, em conjunto com mais alguns pomeranos, descobrir e observar as ocas dos mesmos. Principalmente Martin sabia que os índios bebiam muita cachaça nas festas, assim dormiam por vários dias seguidos. Neste caso aguardavam a realização de uma festa indígena, para então atacá-los enquanto dormiam. Mas poucas pessoas eram mortas nestes ataques e a maioria dos homens, mulheres e crianças, eram feitos reféns e levados para outras reservas indígenas oficiais mais distantes. A partir desta época os ataques terminaram e os pomeranos viveram tranquilos e em paz e hoje nenhuma criança precisa mais temer um ataque indígena.

O sr. Fritz Ninow, que era fabricante de carroças pegou um garoto indígena e ensinou-lhe o seu ofício. Ele confirmou que o mesmo tornou um bom trabalhador e executava o ofício com muito talento e capricho. Quando já era adulto voltou para a reserva para visitar o seu velho pai na tribo, que neste meio-tempo já era cacique. Ele logo reconheceu o seu pai, mas o pai não quis mais saber dele por ter vivido tanto tempo no meio dos brancos. Assim, ele voltou para Pomerode e se registrou com o nome de Alfred Brueckheimer, mas viveu apenas mais alguns anos depois disto.

O sr. Ninow contou tudo isto na maior tranquilidade e consegui gravar quase toda a nossa conversa. Ele evidentemente contou-me tudo isto em

pomerano e relatou:

> "*Quando meus avós chegaram aqui, eles vieram de Blumenau. Porém, não existiam estradas e, sim, apenas picadas no meio da mata; andavam a pé e carregavam tudo nas costas. No meio do caminho os bugres mataram várias famílias. Também, quando os meus avós chegaram aqui em Pomerode, ainda tinham muitos bugres. Uma vez os bugres se revoltaram e invadiram a colônia da família Manske. Ele havia saído para trabalhar para o vizinho e a esposa com os filhos estavam sozinhos em casa. A filha maior estava justamente colocando o pão no forno e os demais filhos menores estavam dentro da casa com a mãe quando uma das meninas falou: 'Mãe, lá fora estão chegando pessoas estranhas'. Mas a mãe não havia prestado atenção quando ela gritou: 'Mãe os bugres estão chegando' e correu para dentro da mata. Porém, a mãe e as demais crianças que estavam dentro da casa não conseguiram mais escapar e todos foram mortos no local. Este foi o primeiro caso de ataque aqui na região.*
>
> *Decidiram então o que fazer nesta situação e resolveram fazer o mesmo que os outros estavam fazendo nas outras regiões, ou seja, passaram a contratar seguranças para caçar os bugres. Os primeiros contratados eram: Karl Wäg, Fritz Wäg e Karl Gies. Estes seguranças, com as suas espingardas, iam todo dia bem cedo e se escondiam na mata na região onde moravam os últimos imigrantes, e de tarde voltavam para casa. Desta forma, mataram muitos bugres no meio da mata e conseguiram intimidá-los. Depois os bugres se deslocaram para lugares mais distantes. Foram para Itoupava e lá ainda aprontaram muito. Lá também adotaram um tipo de segurança. Mais tarde, voltaram mais uma vez a Pomerode porém, desta vez, mataram somente uma mulher dos brancos*".

Depois o sr. Ninow contou me sobre uma menina indígena, que também foi criada entre os pomeranos. Ela era usada como isca para conseguir atrair os bugres e botucatus para fora da mata, para que os mesmos fossem transferidos para as reservas demarcadas. Para este fim dependuravam colares e enfeites coloridos nas árvores e caso no dia seguinte os enfeites não estivessem mais lá, sabiam que ainda tinha índios por perto. Então a pequena índia era "colocada" às margens da mata e chamava em voz alta para atrair os índios a chegarem até perto dela, o que muitas vezes levava semanas ou até meses, para conseguir atraí-los e convencê-los de que não corriam mais risco de vida.

Para que os bugres não matassem e roubassem as criações dos colonos, os próprios colonos levavam algumas cabeças de gado e bezerros para perto da mata para que os índios não passassem necessidades. Com isto os brancos conseguiram conquistar cada vez mais a confiança dos índios e depois até aceitaram *pacificamente* a transferência para as reservas indígenas demarcadas pelo governo.

O sr. Ninow com seus 84 anos de idade falava de uma forma aliviada:

“Lá em cima agora podem viver tranquilamente e em paz”. De certa forma ele nunca havia aprovado a contratação dos caçadores de bugres, mas não havia outro jeito para garantir a segurança das famílias dos novos colonos no local. Na primeira geração de imigrantes o medo dos ataques indígenas inibiu o desenvolvimento na região, porém a segunda geração, já nascida no Brasil, já não se deixava intimidar pela presença dos povos indígenas chamados de “selvagens” e continuaram avançando para ocupar novas terras. Desta forma, os colonos pomeranos se expandiram cada vez mais.

XIV

Estava viajando de Curitiba para Pomerode e bem antes de chegar a Pomerode onde instalaram-se os pomeranos, a paisagem mudou e senti-me como se estivesse na Pomerânia Oriental, nas regiões da floresta de Turíngia ou em Weserbergland. Ao lado da estrada via casas típicas artesanais, como existiam na Pomerânia, ou mesmo no restante da baixa Alemanha (terras baixas do norte da Alemanha), feitas de tijolos crus, paredes brancas, vigas de madeira escura expostas e as portas e janelas pintadas de azul. Em frente às casas ficava um quintal com flores e verduras, ao lado ficavam as árvores frutíferas e, no fundo, ficavam os celeiros e paióis revestidos com tábuas. Nas casas comerciais podíamos ler nomes pomeranos, como: Wuttke, Manske, Wolf, Günther, Drews, Zybell, Strehlow.

À margem da estrada encontramos crianças loiras de cabelos cacheados indo para a escola. Elas usavam orgulhosamente o uniforme azul e branco. Sendo, as saias e calções de cor azul escuro e as blusas e camisas brancas. Os homens e as mulheres que trabalhavam na roça estavam com o rosto queimado pelo sol, mas pareciam-me tão familiar como se já os tivesse encontrado numa rua na Pomerânia Oriental.

De repente o ônibus diminuiu a velocidade, uma vez que subíamos uma estrada íngreme. Quando chegamos lá em cima apresentou-se uma vista maravilhosa sobre o vale verde, com lindas pastagens e grandes áreas de plantações. Tinha certeza de que este era o vale Rega, pois os primeiros pomeranos que ali chegaram para colonizar este vale eram quase todos provenientes da região de Rega. Desta forma, denominaram o rio do vale de Rega e mais tarde

chamaram toda a região de Rega. O rio principal tinha dois afluentes e os imigrantes pomeranos que mudaram para a margem destes também os chamaram de Rega, bem como a região dos respectivos vales. Para não se confundirem, denominaram as regiões de: Rega I, Rega II e Rega III.

O gado pastava nos campos verdes e entre eles via-se algumas éguas com seus potrinhos. Entre as pastagens ficavam grandes plantações de tabaco. Quase todos tinham contrato com as fábricas de cigarro e desta forma tinham a venda do seu produto garantido.

Por ali não se via pobreza, o que se podia notar pelas casas bem construídas nas ruas Regastrasse e Wunderwaldstrasse. O nome Wunderwald não se refere a nenhum local saudoso da Alemanha, mas sim foi dado em homenagem ao agrimensor que mediu as primeiras terras por ali e cujo sobrenome era Wunderwald. Em São Bento, no sentido norte de Pomerode, também existia uma rua com o mesmo nome. Os imigrantes de lá vieram principalmente da Baviera, de Böhmerwald. Mas, entre eles, havia também alguns pomeranos e na lista de imigrantes da "Hanseatischen Kolonisations-Gesellschaft m.b.H, de Hamburgo, entre os anos de 1874 – 1878", encontramos os nomes de Wilhelm Bentlin, Friedrich Hackbarth, Heinrich Schroeder, Wilhelm Radoll, Friedrich Labenz, August Leffke, Michael Gatz e vários outros.

Os navios à vela, nos quais embarcaram, tinham os nomes de "Sansibar" e "Humboldt". Enquanto os primeiros imigrantes fizeram uma viagem tranquila, os demais tiveram muitos problemas e passaram por necessidades, pois faltou comida e água potável e muitos morreram durante a viagem. Quando chegaram à terra firme, foram acomodados nos alojamentos de imigrantes e houve muita reclamação e revolta por parte deles. Felizmente, ficaram alojados por pouco tempo e logo cada família recebeu a documentação com a demarcação das suas colônias, que poderiam pagar em *várias* prestações por um longo período de anos.

Primeiramente, somente os homens avançaram mata adentro para abrir picadas na mata virgem e chegar às terras demarcadas. Derrubaram uma pequena área de mata, atearam fogo, para lá construírem as suas barracas. Depois voltaram para buscar as mulheres e as crianças. As crianças pequenas eram transportadas em balaios nos lombos de burros de carga. Quando penso nessa situação, vejo os olhos das crianças olhando sobre os balaios e apreciando a beleza da mata na nova pátria. O que será que se passou na cabeça dessas crianças pomeranas? Certamente gostaram dessa aventura e a alegria deve ter sido tão grande que acabou afastando o medo da realidade.

Os tempos difíceis ali não duraram por muito tempo e dentro de 20 a 30 anos conseguiram pagar as suas terras, bem como outras eventuais dívidas. Todos que imigraram para cá eram bons agricultores que entendiam do ofício e desta forma colheram bons frutos. Quando apreciamos hoje o vale Rega, com suas pastagens verdes e áreas férteis de plantação, vimos que os pomeranos ali encontraram o que jamais poderiam ter alcançado em sua antiga pátria, ou seja: terras próprias com uma boa produção, prosperidade e reconhecimento, pois aqui não eram mais empregados ou diaristas, mas sim proprietários independentes.

Será que os primeiros imigrantes, quando ali chegaram, se deram conta da exuberância e beleza deste vale e das lindas paisagens? Ou será que estavam tão dominados pelo trabalho que sequer tiveram tempo para apreciar e admirar a beleza que os cercava? De qualquer forma, se de um lado precisaram de muito esforço e perseverança para combater a mata virgem, por outro lado, devem ter se orgulhado do histórico que protagonizavam, já que chamaram a sua cidade de Pommerode (depois foi retirado um "m" quando houve a reforma ortográfica) e hoje se escreve: Pomerode!

Meu primeiro dia em Pomerode foi muito tumultuado. O pastor Lieseberg e sua esposa, que eram provenientes de Pyritz, queriam organizar as minhas visitas, bem como me acompanhar para que eu pudesse fazer várias visitas em pouco tempo. No entanto, quando já estava tudo organizado, o pastor adoeceu alguns dias antes da minha chegada. Desta forma, precisaram mudar tudo e eu fiquei hospedado na casa do escultor Teichmann, que trabalhou muitos anos na fábrica de porcelana Schmidt. Lá ele era responsável pelo desenho e desenvolvimento dos padrões das peças e havia se aposentado. Desta forma, ele teve tempo para me mostrar tudo e como possuía um carro pude desfrutar de uma boa carona.

Mal cheguei à linda casa dele, já me apresentou o intenso programa de visitas e, por sua sugestão, logo após o jantar, fizemos uma visita a Rio Cerro, que ficava a uma distância de 20 km de Pomerode. Lá, no "Palco Riesch", estavam sendo apresentadas peças e músicas folclóricas no dialeto da Baviera. As peças tinham certa semelhança com o "Ohnsorg-Theater" da Alemanha (onde trabalhei) e faziam muito sucesso no meio dos descendentes alemães no Brasil.

Os atores do "Palco Riesch" eram todos da Alemanha e conheciam bem o "Ohnsorg-Theater" pela televisão. Quando perceberam que eu tinha trabalhado lá, o diretor Riesch e a sua assistente Lizzi Obermüller sugeriram

que eu fizesse uma introdução contando algumas anedotas e histórias em pomerano. Evidentemente aceitei o convite, pois se tratava de uma oportunidade única, poder falar para tantos participantes pomeranos ao mesmo tempo. Contar-lhes algo da antiga pátria, dos seus antepassados e isto em pomerano.

Antes de iniciar a apresentação ainda tive um pouco de tempo para me comunicar com as pessoas que chegavam e, ao notarem que eu falava o pomerano, formou-se um grande círculo ao meu redor e espalharam a notícia entre si, como se fosse um milagre alguém da Alemanha dominar a língua materna deles. Eles gritavam: "*vertell wierer, vertell wierer*" (continua falando, continua falando), dizendo que isto os divertia, ou seja: "*sich lachen*" (isto os fazia rir).

Esta expressão "*sich lachen*" (fazer rir) também era usada por nós crianças na Pomerânia. O nosso professor nos reprimia pela forma incorreta da expressão, mas foi difícil perdermos este costume. Não entendíamos porque não poderíamos simplesmente falar "me faz rir". Hoje, porém, enquanto essa expressão já não é mais usada na Europa, aqui continuam usando-a, mas quase não faz sentido o "erro", já que não há ninguém para corrigi-los. No Espírito Santo, portanto acabaram por preservar um modo de falar característico da antiga Pomerânia, mesmo que oficialmente incorreto.

Após uma breve apresentação do programa teatral em alemão, apareci no palco falando em pomerano para o público que ficou perplexo. Contei anedotas e histórias da terra dos seus antepassados. Por terem sido tão surpreendidos, os primeiros minutos transcorreram em absoluto silêncio. Porém logo em seguida começaram a se manifestar e fizeram tanto barulho que me vi obrigado a interromper minha palestra várias vezes. Após cada ato, se manifestavam com altas risadas e uma grande salva de palmas. Queriam ouvir cada vez mais e mais, mas a minha apresentação teve de ser de forma bem resumida, pois a noite pertencia aos atores do teatro, que gentilmente me concederam a oportunidade de falar algo em pomerano. Eles agradeceram com uma expressão de felicidade no rosto, além de uma longa salva de palmas.

A peça teatral de início não lhes agradou tanto, pois muitos tinham dificuldades para entender o dialeto da Baviera. Porém, como se tratava de uma peça sobre a vida no campo e o diretor Riesch com a sua assistente, Lizzi Obermüller, enriquecendo as cenas com muitas onças, os expectadores acabaram se divertindo bastante, por ser algo que pertencia ao seu dia-a-dia. O sr. Riesch se comportou de uma forma tão engraçada que o público já se divertia antes mesmo dele pronunciar qualquer palavra! Isto me levou a pensar no

velho vovô, Henry Vahl, e imaginei como deveria ter sido divertido se aqui tivessem apresentado peças em pomerano, em vez do dialeto da Baviera. Que alegria isto deveria ter causado ao povo e que clima humorístico não deveria ter reinado neste ambiente! Porém, poder possuir um "Teatro Pomerano" deveria apenas permanecer um sonho não realizado.

No dia seguinte o sr. Teichmann me levou para uma visita à antiga fábrica de porcelana Schmidt. Passamos pelas instalações modernas, equipadas com máquinas de última geração e observamos o trabalho dos funcionários, que parcialmente trabalhavam por produção e desta forma sequer desviavam o olhar do trabalho. No entanto, quando ouviram que eu falava o pomerano, alguns largaram o trabalho para vir falar comigo. Principalmente o gerente Schramm que ficou muito feliz e disse: "*dat wi us wat up pommersch vertelle könne*" (que bom que podemos dialogar em pomerano). Ele me mostrou detalhadamente os processos de fabricação e observei com que habilidade e agilidade as senhoras e moças executavam as suas tarefas, decorando um jogo de louças para bodas de prata, aplicando as inscrições douradas ou prateadas com carimbos, ou usando o método de transferência por espuma. Em algumas lembranças até estava escrito em alemão "*Zur silbenen Hochzeit*" (para as bodas de prata). A grande maioria era decorada em azul e branco e lembrava muito a famosa porcelana "*Meissener Zwibelmuster*".

Por último, visitamos o bem organizado posto de vendas e recebi de presente um prato de parede, decorado com o brasão de Pomerode que há algumas décadas foi desenvolvido pelo sr. Teichmann. A composição das cores era muito bem projetada e elaborada. Embaixo das cinco pontas da coroa, a área era dividida em quatro partes, sendo que no quadro superior à esquerda aparecia o grifo pomerano vermelho com o fundo branco. No quadro logo abaixo, estavam representadas as ferramentas dos primeiros colonos: machado, enxada, foice e uma foicinha. No quadro inferior, à direita sobre um fundo azul, surgia um gavião levantando voo (tipo de águia brasileira). Este pássaro majestoso podia ser encontrado no jardim zoológico de Pomerode. O quadro superior, à direita, era dividido em duas partes, onde no lado superior ficava um lírio artesanal em azul e no lado inferior ficava a roda industrial estampada em branco, pois o principal símbolo de propaganda de Pomerode era a fábrica de porcelana. No centro, os contornos deste brasão eram feitos nas cores brasileiras, verde e amarelo.

O sr. Teichmann tinha o direito de se orgulhar por ter desenvolvido este brasão e ele me contou que certa vez um brasileiro, filho de portugueses,

lhe perguntou sobre o significado do brasão de Pomerode e quando ele lhe explicou o significado, ele exclamou entusiasmado: "Fantástico, finalmente encontrei uma cidade em que o nome tem um significado histórico e não recebeu o nome de um rio ou de um santo, tipo: Rio Negro, Rio Preto, São Lourenço ou São Paulo".

Após a visita na fábrica de porcelana ainda fizemos outras visitas às casas de famílias descendentes de pomeranos, de nome Haut, Rahn e Sievert. A atmosfera que encontramos nestes lugares podia ser comparada a dos grandes camponeses na região de Rügenwalde: riqueza, hospitalidade e excelente atendimento. Tudo isso me lembrou muito a nossa antiga casa paterna. Quando chegamos numa família, a dona da casa estava trabalhando no quintal e o marido ainda estava trabalhando no comércio. Porém, dentro de poucos minutos ela reapareceu na porta da sala, de roupa trocada e limpa, chamando: "*Kommt man rinner*" (podem entrar) e encontramos a mesa posta com café e bolo caseiro. Também o dono da casa logo apareceu e disse: "*Denn will wi us man wat vertelle*" (então vamos trocar algumas ideias).

Em primeiro lugar precisei contar sobre os pomeranos do Espírito Santo, pois todos já sabiam que eu tinha estado lá. Até então ali se sabia muito pouco sobre a existência dos pomeranos no sudeste e todos lamentavam as dificuldades pelas quais eles ainda passavam e por ainda não terem encontrado situações mais favoráveis, como eles, lá em Santa Catarina. O sr. Haut mencionou: "Aqui em Pomerode, os pomeranos tiveram a sorte de encontrar terras muito férteis e que por muito tempo dispensaram uma adubação. No meio das plantações cultivamos uma qualidade de feijão trepadeira, cujas ramas e folhas adubam as terras. Aqui em Santa Catarina, os pomeranos têm uma vida boa, nossos filhos frequentam a escola e os mais velhos estudam em universidades".

Depois de uma longa conversa, fomos visitar o sr. Rauh de, 86 anos de idade, e que era o pai da sra. Haut. Ele morava com os filhos em Regatal, numa casa típica. Conduziram-me até a ampla sala frontal, através da qual pudemos chegar à varanda. A casa era muito antiga, mas bem confortável e todos se sentiam bem dentro dela. Os filhos e netos contaram que o teto estava cheio de cupins e a casa precisava ser demolida o quanto antes. Porém, em consideração ao velho pai, estavam deixando a construção de pé para que o mesmo não se sentisse despejado da próprio lar e, desta forma, pudesse ter a alegria de viver até o fim dos seus dias na sua casa.

Apesar de o sr. Gustav Rauh estar adoentado, ele fez questão de me

contar a sua primeira caça de onça, quando tinha apenas 16 anos de idade. Seu pai, Karl Rauh e seu tio, Karl Haut, imigraram da Alemanha e no início ficaram no alojamento de imigrantes em Blumenau. Lá, muitas vezes, faltava comida para a família e desta forma os homens iam caçar antas no meio da mata. As antas têm certa semelhança com veados e o sr. Ninow me disse: "Na minha primeira caçada, pensei que havia caçado um veado, mas os demais companheiros já sabiam que se tratava de uma anta".

Os srs. Karl Haut e Karl Rauh costumavam levar o menino Gustav junto nas caçadas. Uma vez caçaram uma anta que pesou quase 100 quilos. No entanto, nem sempre a caçada era tão boa. Eles sempre levavam os cachorros de caça que deviam descobrir os animais silvestres. Porém, uma vez o comportamento dos cachorros estava estranho, pois permaneciam no mesmo lugar, latiam e choramingavam cada vez mais. Quando os três caçadores se aproximaram do local notaram que os cachorros olhavam para a copa de uma árvore. Os caçadores logo armaram as suas armas, pois uma onça estava em posição de salto em cima de um galho da árvore. Acertaram a onça embaixo do queixo e a fera caiu ruminando, fazendo um grande barulho e ficou presa dentro de vários galhos da árvore. Os homens então arranjaram duas pernas de madeira e disseram: "*Du kloppst von de eine Sier u ik von de annere Sier, Ümmer up sin Dötz ruppe!*" (Você bate de um lado e eu bato do outro lado, sempre na cabeça dele). Neste meio tempo os cachorros estavam roucos de tanto latir e receberam como prêmio o cadáver para comer. No entanto, venderam a pele da onça por um bom preço e deste dinheiro compraram alimentos para a família.

O sr. Gustav Rauh queria contar uma outra história vivida nas caçadas, mas com os seus 86 anos ficou tão entusiasmado que chegou a passar mal e desta forma os familiares impediram que ele continuasse contando a história. Os filhos então passaram a me contar a história, a qual o velho pai devia ter contado inúmeras vezes para eles e que era a seguinte: Certo dia o jovem Gustav foi caçar com um amigo e de repente os cachorros pararam e não foram mais adiante e sim, tentavam se esconder atrás deles, pois ouviram o som de um apito bem alto que eles não conheciam. Finalmente os cachorros voltaram e com medo saíram da mata. No entanto os dois jovens perceberam em tempo que o apito aparente de um tucano vinha de um índio bugre, que de fato estava chamando seus companheiros para um combate. Gustav Rauh pulou dentro de um rio e conseguiu se esconder debaixo de um tronco de árvore que ficava parcialmente mergulhado na água. Seu amigo se escondeu debaixo de uma densa camada de samambaia e os bugres não os viram. Desta forma puderam observar, bem de perto, o ataque dos bugres aos pomeranos

sem, no entanto, poder fazer nada para impedi-los. As vítimas eram da região de Warnow. Os índios entraram nas casas, levaram tudo o que os pomeranos possuíam e ainda destruíram tudo o que encontraram pela frente. Felizmente, as pessoas não estavam em casa naquele domingo de manhã; todos tinham saído para ir ao culto e assim ninguém morreu neste ataque. Para se proteger de futuros ataques pediram ao jovem camponês Eduard Hörhahn, que conhecia bem o comportamento dos bugres, para que o mesmo descobrisse as ocas deles. Em pouco tempo ele conseguiu localizá-los e então os pomeranos invadiram o local com a ajuda do governo e prenderam todos, levando-os para uma reserva demarcada. A partir daquele dia os pomeranos de Warnow ficaram livres de ataques dos bugres.

Quando estávamos bem no meio das conversas apareceram os dois irmãos gêmeos Heinz e Horst Rauh. Cantaram uma música popular brasileira, pois se animaram com o clima alegre do restaurante Klitzke que ficava bem perto dali. Porém, para o meu espanto, entendi a letra das músicas e percebi que estavam cantando em pomerano. Resultado: os dois rapazes espertos haviam traduzido a letra da música para o pomerano. Desta forma ouvi pela primeira vez uma moderna música popular, cantada em pomerano. Gravei uma destas músicas que começava da seguinte forma:

"*Ick bün eir Schnierer von dem arste Joahr,*
Ick näh' ne Anzug grod, und dat is wohr,
Ei jao, wat doch eir gräsig Läwen so eir Schnierer hett,
hei hett man Sojabrot un dortau Fett
Un is taufräre, wenn hei' t immer hett!"

(Sou um costureiro desde meus primeiros anos,
costuro ternos bem grandes, isto é verdade.
Ah sim, que vida horrorizada leva um costureiro,
come só pão de soja e passa banha no pão,
mas está satisfeito, se sempre tiver isto disponível).

O refrão passou a ser uma mistura de português com o pomerano e de difícil interpretação. Mas os irmãos Rauh cantavam isto de uma forma tão engraçada que chegava a soar meio estranho. Além disto, chegavam a emitir sons de um violino (rabeca) e se tornou um espetáculo digno de ser apresentado em público.

No dia seguinte visitei o colono Leopold Ramthun. Ele morava no interior, nas terras que seu avô havia recebido quando imigrou da Alemanha para cá. Ele sabia muito sobre a história da imigração e me mostrou fotos

das primeiras casas ali construídas. Também ele havia feito várias músicas em pomerano e com muito custo consegui convencê-lo a cantar uma delas, pois ele era extremamente tímido. A música mais bonita tinha muitas estrofes e descrevia um baile dançante pomerano, a primeira e última estrofe eram:

"*So twei as wi giwt keine mehr,*
wi versuppe dat Gild bet de Büdel is leer.
We hewwe kein Sorge, wi hewwe kein Leed,
so maoke wi Pommern dat beed .....

... Nu is dat glick fief, un de Ball is glick ut,
wi beed, wi tusche nu schnell mit de Bruut,
wi gaohe mit de Mäkes, solang dat noch geht,
so maoke wi Pommern dat beed!"

(Não existem outras pessoas que nem nós dois,
gastamos nosso dinheiro com bebedeiras até zerar o bolso.
Não temos preocupações, nem temos sofrimento,
Assim nós dois pomeranos fazemos...

... são quase cinco horas e o baile logo terminará,
rapidamente nós dois vamos trocar de namorada,
acompanhamos as moças enquanto possível for,
assim nós dois pomeranos fazemos ...).

Os antepassados de Leopold Ramthun vieram de Regenwalde, Piepenburg e Stettin. Ele até guardava cartas antigas. Nestas cartas notava-se quanta saudade os imigrantes tinham da sua pátria, dos seus pais, bem como quantas preocupações os pais tiveram com os filhos distantes.

Depois da visita na casa dos Ramthun, o sr. Teichmann e eu ainda fomos visitar as propriedades das famílias Drews, Klotz e Zielsdorf. Mas não encontramos ninguém em casa porque todos estavam trabalhando na roça. Finalmente chegamos à propriedade de Heinrich Kamchen, cujos antepassados vieram de Stettin – da rua Karlstrasse – como ele observa orgulhosamente. A esposa dele era da família Ramthun e adorava cantar, da mesma forma que o seu irmão. Ela conhecia muitas canções folclóricas em alemão e cantou "*ach bleib bei mir und geh nicht fort...!*" (Oh fica comigo e não vai embora...!).

Precisamos ir embora, já que queríamos ainda visitar a família Rahn, em Testo Alto, que ficava a 10 km de Pomerode. O pai Rahn, veio da Pomerânia em 1878 e havia falecido há pouco tempo, com 92 anos de idade. Ele construiu na localidade uma serraria que já existia há 71 anos. Ele possuía uma grande área de mata virgem, bem como grandes pastagens e bastante

terra cultivada. No início, os Rahn receberam 80 "Morgen" (8 alqueires) de terra e depois compraram mais duas colônias. A renda principal vinha da serraria. Hoje não tinha mais desmatamento de mata virgem e, para cada árvore que cortavam para as serrarias, precisavam plantar uma nova muda em sua propriedade. Isso se tornou lei e desta forma o governo conseguiu combater o desmatamento desenfreado da mata nativa.

Em Testo Alto visitamos uma pequena escola pública, construída com o madeiramento exposto e lembrava as escolas do interior da Pomerânia. Os alunos estavam espalhando pétalas de flores pelo pátio, pois o professor fazia aniversário. Fiz questão de fotografar esta cena, pois onde encontraríamos na Alemanha um lugar em que os alunos ainda enfeitassem o caminho do professor? Quando estacionamos o carro veio o prefeito de Pomerode, Arnold Hass, e trouxe a merenda para os alunos e conversamos sobre o bom desenvolvimento e progresso que Pomerode alcançou nos últimos 15 anos.

As crianças pomeranas de Testo Alto devem muita gratidão ao professor Horneburg, hoje aposentado, que se empenhou no desenvolvimento escolar. Ele me contou das dificuldades que enfrentou:

"*Vim aqui para Testo Alto, no município de Pomerode em 1937. Justamente na época quando todas as escolas particulares foram fechadas e foram assumidas pelo Estado ou pelo município. Pedi demissão e me desliguei na ocasião. No entanto em 1944 chamaram-me de volta e assumi a escola de Testo Alto. Enfrentei muitas dificuldades pois, obrigatoriamente, as aulas deviam ser lecionadas no idioma português. Os colonos e muito mais os filhos somente falavam o pomerano e muitas vezes até tinham dificuldade de falar ou escrever em alemão. Foi uma tarefa muito difícil ensinar o português aos alunos! Mesmo assim, tivemos sucesso e em alguns anos todos dominavam o português, uma vez que os professores dominavam ambos os idiomas. Até os adolescentes aprenderam com certa rapidez o português e transmitiram estes conhecimentos para as crianças menores. Em Pomerode e nas colônias da redondeza todos dominavam a língua oficial do país.*

Na ocasião o nosso lema era: vivemos no Brasil e por esta razão precisamos nos esforçar para aprender a língua oficial do país. Por outro lado, somos descendentes de alemães e por esta razão continuaremos falando a língua alemã e preservaremos a cultura alemã. Portanto, é necessário e de fundamental importância dominar o idioma oficial de um país."

O melhor exemplo de que as crianças podiam dominar os dois idiomas eram os estudantes do ginásio de Pomerode. Durante a aula fiz uma palestra e li algumas histórias do meu livro, em alemão, que foram entendidas sem problemas. Raramente havia encontrado um público jovem tão discipli-

nado e gratificante como esse. Entre eles reinava uma harmonia absoluta e por esta razão, para a despedida, li uma poesia em pomerano e o resultado foi surpreendente. Pois, apesar de os professores estarem crentes que a maioria não entendia mais o pomerano, eles sempre reagiram na hora certa, prestaram atenção e deram altas risadas sobre as minhas anedotas. Isso para mim significava que a maioria ainda entendia a língua materna dos pais!

Depois da palestra, ainda precisei responder muitas perguntas. Principalmente se interessaram sobre a forma como os jovens na Alemanha Ocidental viviam, o que pensavam e quais perspectivas tinham para o futuro. Muitos dos jovens estavam querendo trocar correspondências com jovens da Alemanha, especialmente com descendentes de pomeranos.

O diretor Klemz, cujos antepassados vieram de Kolberg, disse em suas palavras de despedida que agradecia muito a minha palestra e pediu que lá na Alemanha eu fizesse muitos comentários sobre Pomerode e da sua bela escola. Este ginásio foi construído por iniciativa do pastor Liesenberg e com o apoio da instituição "Gustav-Adolf-Werk". As instalações eram bem modernas, com amplas salas de aula e uma admirável ala esportiva. A escola era muito visitada por pessoas de outros lugares e servia de modelo, principalmente para arquitetos e diretores de outros educandários que pretendiam construir escolas mais modernas.

No domingo depois do culto, que foi celebrado em alemão, fiz uma palestra em pomerano para um grande número de expectadores, muito atenciosos. Na parte da tarde viajei com o presidente da igreja para a região de Wunderwald. Lá realizaram um encontro bíblico na casa do colono Borchert. Na enorme sala colocaram bancos e a mesa foi transformada em altar. Foi lido o versículo bíblico e o respectivo sermão contido no *Livro de Sermões*. Todos cantaram em voz alta as várias estrofes dos hinos de igreja, do hinário em alemão. Como o pastor não veio as pessoas estavam meio desanimadas e pareciam estar perdendo o interesse.

Desta forma, senti muito prazer – depois de uma pequena pausa – em poder tirar as pessoas dessa monotonia e decidi contar apenas histórias e anedotas bem animadas. Logo que ouviram que eu falava em pomerano, parecia que ocorria um avivamento no recinto. Ficaram bem ativos e prestavam muita atenção no que eu estava falando. De qualquer maneira, também queriam me contar as histórias das suas vidas. Eles me contaram que ali no interior, nas regiões mais afastadas, o pomerano era falado como língua usual, pois poucas vezes tinham oportunidade de encontrar pessoas que falavam

o português. Os alunos precisavam aprender o português nas escolas, o que para muitos era uma tarefa bem difícil.

Após uma hora de palestra eu queria terminar, quando a sra. Völz disse em voz alta: "*Hei schall man immertau wierer vertelle, ick kann hier noch bet taom Owend sitte u tauhöre!*" (Continue falando sem parar, eu posso ficar aqui sentada e ouvir as suas conversas até à noite!).

No dia seguinte me encontrei com o prefeito de Pomerode, Mário Jung. Ele me levou até o seu escritório e me mostrou as modernas instalações da prefeitura. Na representativa sala de recepção ficavam assentos de canto bem coloridos, nas cores verde escuro, vermelho, violeta e laranja. Nas paredes se encontravam retratos de políticos importantes e que mereciam destaque municipal ou estadual. O prefeito Mário Jung destacou principalmente Ralf Knaesel, que nasceu em Pomerode e muito fez pela cidade natal. Passou a ocupar o cargo de deputado em Brasília. Numa das paredes não tinha qualquer decoração e tomei a liberdade de sugerir que poderiam colocar neste espaço um grande mapa da Pomerânia, que de certa forma manteria vivo o contato dos sucessores com a ex-pátria.

Depois dei mais uma volta pela cidade e dialogamos sobre as relações Brasil-Alemanha. Mário Jung tinha o firme propósito de manter viva a amizade entre os dois povos, como também queria incrementar o contato entre os pomeranos na Alemanha e os descendentes de pomeranos que imigraram para o Brasil.

XV

O pastor Andresen construiu a sua casa no vale verde do Itajaí, bem ao lado do rio, no Salto Weissbach, onde a água da cascata corria espumante. Este senhor de estatura alta era proveniente de Schleswig-Holstein e desta forma, evidentemente, falava o pomerano. Pude imaginar como os pomeranos da região o adoravam e ainda veneravam, apesar de já estar aposentado.

Ele sabia contar muito sobre seus 40 anos de trabalho árduo, durante os quais cavalgou a distância que daria três vezes a volta ao mundo. Ele se lembrou que, antigamente, as senhoras de mais idade se levantavam na igreja e

abaixavam a cabeça, cada vez que no sermão era mencionada a palavra "Jesus Cristo". As camponesas usavam, preferencialmente, vestidos de linho azul e lenços brancos na cabeça. A maneira como o lenço era amarrado tinha um significado, pois algumas amarravam o lenço na nuca e outras embaixo do queixo indicando seu estado civil, ou seja, se eram solteiras ou casadas. Também as vovós amarravam seus lenços grandes de uma forma específica. As empregadas domésticas amarravam lenços pequenos sobre os cabelos soltos.

O pastor Andresen ficava chocado com o grande número de filhos que os pomeranos tinham e lembrou, que nos anos 30, num só domingo fez o batizado de 60 crianças. Esse foi o recorde e o batismo precisou ser realizado em várias etapas, pois do contrário não havia lugar para acomodar tantos pais e padrinhos ao mesmo tempo.

Uma das crianças, um menino, chorava muito e a mãe já não sabia mais o que fazer; ele havia se molhado na chuva durante a viagem. A mãe, que estava sentada na primeira fila no coro da igreja, acabou tirando a roupa do bebê e o segurou pelado no braço. De repente o bebê soltou um jato morno sobre os participantes na ala inferior do lado dos homens e então o pastor disse sorrindo: "É assim que exigem que o pastor permaneça sério durante o sermão na igreja?".

O jantar foi servido na varanda enquanto ouvíamos o barulho do rio Itajaí passando, o que tornava o ambiente bem romântico ao anoitecer. Lembramo-nos de Mathias Claudius e cantamos o hino: "*Der Mond ist aufgegangen* ..." (Nasceu a lua lá no céu...). Me senti como se estivesse em Wandsbeck, ainda mais quando o pastor Andresen levantou e fez uma oração em pomerano:

"*De Ein hett Hunger um kein Brot,*
de Annert Brot un mag nich eten.
Wi hew Hunger un hewwt Brot:
Herr, lat uns nich den Dank vergeten! Amen!"

(Alguns têm fome e não têm pão,
o outro tem pão e não quer comer.
Nós temos fome e temos o pão,
Senhor, não permita que esqueçamos o agradecimento! Amem!)

Depois do jantar o pastor Andresen leu um pouco do livro de Fritz Reuter, "*Läuschen und Rimels*", e depois pediu para eu contar a anedota de Christian que compra berços... Desta forma, festejamos uma noite pomerana ao lado do rio Itajaí, perto de Badenfurt.

No dia seguinte retomamos a vida brasileira e fomos visitar o pastor Wanke, em Badenfurt, que possuía uma grande coleção de discos com músicas românticas brasileiras. Eram músicas cheias de melancolia e textos poéticos e que ficavam gravadas na memória. Tentaram logo traduzir uma delas, cuja letra era:

"*Quem tem um grande amor, não dorme,*
nem de dia e nem à noite.
Rola suavemente para lá e para cá na cama
que nem um peixe se move na água.
Porém, o galho de alecrim cheira mais forte,
quando mais machucado e pisoteado for.
Da mesma forma muitas pessoas:
sofrem muito por amor, mas são ignoradas ..."

As letras destas músicas normalmente tratam de vaqueiros e batuqueiros apaixonados. Contavam da vida na Bahia e do luar do sertão. Precisamos esforçar para não nos deixar dominar pela melancolia destas músicas.

Na parte da tarde viajei em companhia do pastor Andresen para o vale Itoupava. Visitamos o pastor Prinz em Itoupava Central. Da casa pastoral tivemos uma linda vista sobre o vale. Pastor Prinz mencionou que aqui moravam sucessores de todos os ramos alemães, mas a maioria era de pomeranos. Os nomes principais eram Manke, Wachholtz e Lemke. Infelizmente, não tivemos tempo para visitar nenhuma destas famílias.

Entramos numa região lateral onde ficava a fábrica de cordões, franjas e fitas que pertencia a família Conrad. Estavam justamente comemorando o aniversário da proprietária que completava 70 anos de idade e fomos convidados a participar da festa. Nas alas da fábrica encontramos vários funcionários levando flores e presentes para a casa da chefe. A sra. Conrad recebia todos com muito carinho e os abraçava dizendo: "Somos todos uma grande família!".

Também fomos cumprimentados de uma forma bem cordial e ela nos contou como em 1929 veio de Silésia para o Brasil, sem nada. Começou então a fazer franjas e barbantes com apenas oito teares. Mas, como não tinha concorrentes aqui no Brasil, a firma se desenvolveu rapidamente e passou a trabalhar com algumas centenas de teares modernos na enorme fábrica. Ela própria morava numa casa dos sonhos, com instalações elegantes que transmitiam fartura e riqueza. Ela desaconselhou a nossa visita na moderna vila do filho, que ficava do outro lado, com uma simples palavra: "*Hollywood*".

Ficamos pouco tempo na festa e depois voltamos pelo vale Tatutiba.

Neste lugar mais baixo, como se diz por ali, moravam pomeranos com os nomes: Vogt ou Voigt, cujos antepassados vieram de Jakobshagen. Inclusive, o agrimensor Emil Odebrecht, também de Jakobshagen, viveu junto dos pomeranos. Ele foi uma pessoa calma, leal e merecedor de toda confiança. As diversas casas antigas, construídas com madeiramento aparente e dois salões de baile, lembravam muito a Pomerânia Oriental. Perto de Badenfurt visitamos um cemitério, onde encontrei um grande número de nomes pomeranos e numa lápide havia uma inscrição um tanto estranha:

> "Meu nome é Anna Stach,
> estou em viagem para o céu,
> quero ver o que Jesus Cristo está fazendo.
> Queridos filhos, Boa Noite!"

Quando passamos perto das fábricas de tecidos nos arredores de Blumenau o pastor Andresen me contou que os empresários alemães foram os primeiros a fundar jardins de infância e assistência social no Brasil, ou seja, bem antes que isso se tornasse obrigatório pelo governo.

Quando passamos por Blumenau visitamos também a estátua de bronze do famoso Feddersen, um descendente de alemães. Feddersen foi governador e fez muito pelo bem-estar de Blumenau. O seu cocheiro, de nome Konell ou Kanell, vinha da região de Varzin, onde tinha servido ao chanceler Otto von Bismark, na Pomerânia. Certo dia o sr. Feddersen recebeu a visita do governador e comitiva do Rio de Janeiro e Konell devia transportá-los até Blumenau. Durante a viagem de ida Feddersen perguntou ao cocheiro se ele não teria medo de transportar uma visita de tão alto nível e ele respondeu: "oh não, oh não, na minha vida já transportei *animais* bem diferentes".

Naquela época, somente pessoas muito ricas e importantes tinham condições de possuir uma cocheira e manter um cocheiro. Os pastores eram obrigados a montar em lombos de burros ou cavalos. Pastor Andresen me contou que teve um cavalo branco por um período de mais de 20 anos e o usava como transporte até para os locais mais distantes e de difícil acesso.Quando, às vezes, não dava tempo para tirar a batina preta e ele passava montado no seu cavalo branco perto das crianças, as mesmas gritavam, por travessura: "a palavra de Deus 'preto no branco', a palavra de Deus 'preto no branco!'".

Ali também aconteceu uma história bem divertida de papagaio: a moradia da família Paulitz se localizava num cruzamento de estradas que ficavam cheias de lama, de tal forma que muitas vezes os cavalos, carroças e até caminhões ficavam presos no barro, bem diante da casa. Por esta razão o papagaio

aprendeu todas as palavras usadas para se comunicar com os animais e tinha o prazer de soltar as palavras erradas sempre no momento impróprio.

Portanto, quando atolava um caminhão em frente à casa, colocavam quatro ou seis cavalos para puxar o carro da lama. Os empregados davam a partida dos cavalos com chicotadas e tentavam tirar o caminhão da lama. Normalmente, na primeira arrancada, o caminhão já começava a se movimentar, mas o papagaio então falava, "*Prr! Prrr!*", e os cavalos paravam prontamente (por atenderem ao comando de parada) e o caminhão voltava e atolava novamente na lama. Ou quando queriam fazer um intervalo, o papagaio começava: "*Hüh los doch, hüh, hüh!*" que era o comando de partida e os animais retornavam na hora errada.

Estas eram algumas das histórias que o pastor Andresen me contou no meio do caminho entre os colonos. No fim da nossa viagem chegamos em Timbó, uma pequena cidade que tem muita semelhança com Pomerode. Nas casas comerciais vi novamente muitos nomes pomeranos, como: Grambkow, Litzke e Klemz.

No ano de 1970 a cidade comemorou os 100 anos de fundação e para este fim construiu uma imponente cobertura para a realização de festas. A data foi comemorada festivamente. Para o próximo final de semana estava marcada uma festa da cerveja, para a qual já estavam hasteando as bandeiras e estavam enfeitando a ala com as propagandas feitas em papelão, que mostravam grandes canecas de cerveja. Um jovem pomerano loiro estava cercando a área com arame farpado para que os casais de namorados não ficassem se perdendo por aí e sim permanecessem no salão para dançar. Pelo menos, foi isto que ele me disse num pomerano perfeito. Além disso, me contou que nas redondezas ainda tinha muita gente que falava o pomerano.

Até os dois jovens que estavam pescando de barco entenderam a nossa conversa. Também pudera, os nomes deles eram: Werner Bolduan e Heinrich Strunk. Pelos nomes notamos que os antepassados deles vieram da Pomerânia.

Num cruzamento de ruas em Timbó lemos numa placa: "Pomeranos". Isto significava que ali começava a Estrada dos Pomeranos que levava diretamente a Pomerode. Neste local se fixaram há mais de um século os primeiros pomeranos e cada um recebera uma colônia de terras. No meio da paisagem verde, à direita e à esquerda da estrada, ficavam casas típicas de colonos. Entre o madeiramento aparente via-se as lajotas vermelhas. Também aqui muitas portas e janelas eram pintadas de azul. Cultivavam principalmente

arroz e tabaco e atrás das casas ficavam os celeiros altos, usados para armazenar as folhas de tabaco.

O vale pelo qual seguimos na Estrada dos Pomeranos era mais simpático e mais gracioso que os vales Rega. Uma verdadeira imagem de paz e traquilidade. A noite vinha se aproximando e as pessoas retornavam da roça a pé para casa, da cidade, de bicicleta, ou saíam da mata com carrinhos manufaturados de tábuas. Se eu fosse uma pessoa da cidade poderia ter achado isto idílico e estranho, mas como fui criado no campo sabia perfeitamente quanto esforço era preciso investir para poder obter uma boa colheita.

Também as crianças voltavam para casa chegando da escola nos seus uniformes azul e branco. Cada vez admirava mais o grande número de cabeças loiras e me perguntei: Será que nós na Pomerânia também éramos tão loiros? Ou será que o sol daqui teria alguma influência nisto? Pelos rostos inteligentes destes meninos e meninas notava-se que existia neles uma grande perseverança e muita vontade de vencer na vida. Certamente, algum dia hão de vencer a timidez e sua forma desajeitada de ser e assim poderão crescer na vida e ocupar cargos de alta responsabilidade, com os quais seus avós e seus pais sequer se arriscaram a sonhar. Hoje sofrem estudando distante de casa, carregando livros e cadernos embaixo do braço, porém dentro de duas ou três décadas hão de ter seu esforço reconhecido e saber que valeu a pena lutar e que o estudo foi o melhor presente que os seus pais poderiam lhes dar.

ENTRE OS POMERANOS NO RIO GRANDE DO SUL

XVI

“O Brasil possui muitas riquezas e oferece inúmeras oportunidades para quem quiser progredir e viver de uma forma feliz aqui na Terra, bem mais do que qualquer outro país do mundo possa oferecer e proporcionou aos colonizadores um bom desenvolvimento. Por esta razão a Alemanha deverá continuar investindo no Brasil e incrementar cada vez mais o contato com os brasileiros, principalmente dar um impulso aos colonos descendentes de alemães, que podem e devem representar o caminho mais seguro para a manutenção deste contato.”

Isto foi escrito pelo cônsul geral da Prússia, sr. Johann Jakob Sturz e, também, era a opinião de muitas outras personagens importantes, que se preocupavam com as questões dos imigrantes no início do Século XIX. Alexander von Humboldt, reconhecido mundialmente por sua sabedoria, também reconheceu as muitas possibilidades econômicas da América do Sul, destacando principalmente o Brasil e não via apenas a “terra fabulosa” ou a “terra do sol”, como havia sido descrito por Albert von Chamisso, que após a sua estada aqui no Brasil escreveu: “O que mais me impressionou foi a natureza, a grandiosidade da natureza!”.

Johann Jakob Sturz e Alexander von Humboldt foram as pessoas que conseguiram incentivar o interesse do dr. Herrmann Blumenau pelo Brasil. Assim, ele viajou pela primeira vez ao Brasil em 1846 para coordenar a imigração alemã em Santa Catarina, mais especificamente em Itajaí. A cidade que leva o seu nome possui hoje uma população de 80.000 habitantes. É ativa comercialmente e tem muitas indústrias, administradas principalmente pelo caráter alemão.

Porém, os primeiros imigrantes alemães no Brasil chegaram duas décadas antes. O navio à vela “Anna Luise” atracou em São Leopoldo no dia 25 de julho de 1824. Em comemoração desta data foi instalado um grande

monumento, o qual apreciei várias vezes, já que o mesmo fica localizado bem no centro da cidade.

Na região de São Leopoldo moravam poucos pomeranos, porém permaneci ali para fazer palestras nas ditas escolas evangélicas. No seminário "*Spiegelberg*", onde são formados pastores evangélicos, li alguns trechos dos meus livros. Nas discussões apresentadas, notei logo o alto nível cultural destes jovens estudantes. Queriam saber como viviam os jovens na Alemanha, sobre o serviço militar, como viviam os jovens na Alemanha Oriental, sobre as minhas experiências da juventude durante o regime de Hitler, sobre as prisões de guerra na União Soviética. Pois eu havia lido "*Diário de um jovem da época do regime de Hitler*".

Ainda poderíamos ter trocado muitas ideias, porém o próximo programa já estava marcado. No intervalo falei com quatro jovens, descendentes de pomeranos, que viviam ali no internato e estudavam teologia e cujos pais moravam no Espírito Santo. Eles apenas podiam visitar a família uma vez por ano, o que para estes jovens era um ponto negativo, pois perderam o contato mais próximo com os pais.

Após ter visitado também a escola de catequistas em Ivoti, bem como as instalações do internato, o diretor Naumann me levou para visitar uma escola agrícola, muito bem equipada, onde os alunos aprendem técnicas modernas de agricultura. O referido internato se autossustenta e, desta forma, cobra mensalidades bem moderadas.

Logo em seguida visitamos o curtume da escola profissionalizante de São Leopoldo, que era o centro industrial de couro. A escola era considerada como modelo. Possuía máquinas bem modernas, ambientes arejados, um laboratório científico extremamente bem equipado. O diretor Schünemann era descendente de pomeranos e os seus antepassados vieram da região de Neustettin e se instalaram aqui no Brasil em Paraíso, perto de Cachoeira do Sul.

À noite fiz uma apresentação de *slides* sobre a Pomerânia na casa da comunidade em Hamburgo Velho. O nome do local surgiu quando um imigrante de Hamburgo abriu uma venda no povoado, onde as pessoas faziam as suas compras. Desta forma se comentava: "Estou indo lá em cima na venda do Hamburguer!". Ali o pastor Pommer, que era da região de Magdeburgo, trabalhou várias décadas. Ele era muito simpático e também um gênio em organização de contatos. Planejou todos os meus encontros e palestras por ali.

Após a palestra, na qual contei e li algumas histórias bem divertidas,

algumas senhoras exclamaram: "Hoje foi um dia muito feliz para nós. Gostaríamos de poder sentir sempre a mesma alegria quando nos lembramos da Alemanha!".

Em Novo Hamburgo conheci dois pastores jovens que eram descendentes de pomeranos. Como eram filhos de colonos, evidentemente tinham muitas informações sobre os problemas e dificuldades deste povo. Pastor Wilfried Buchweitz, cujos antepassados vieram de Strachmin, na região de Köslin, me contou sobre as dificuldades que enfrentou para conseguir convencer os seus pais e irmãos a trabalharem de uma forma mais moderna na agricultura. Bem como da importância de as crianças deverem frequentar a escola até onde fosse possível para aprenderem a dominar a língua oficial do país. Então, disse-me claramente: "Estamos cientes que os pomeranos se agarram muito aos velhos métodos e antigas tradições. Isto é bonito quando se trata de preservar a tradição, porém, quando isto passa a prejudicar o desenvolvimento, devemos lutar contra a insensatez e a indolência deste povo!".

O pastor Buchweitz visitou comigo a sua comunidade, que se estendia até os arredores da cidade. Na periferia, onde terminavam as ruas, moravam duas famílias pomeranas que se mudaram do interior para a cidade. Aos nossos olhos as casinhas de tábuas não passavam de barracas mas, para eles, que vieram no interior, isso representava um bom começo. Os lotes e também as casas eram próprias, isto é, estavam sendo pagos em prestações mensais. Os homens trabalhavam nas fábricas de calçados e as esposas ficavam em casa cuidando das crianças, pois já existia um número considerável de cabecinhas loiras, que se escondiam timidamente atrás da saia da mãe.

O contato foi feito em pomerano e percebemos a alegria deles por poderem falar em pomerano com o pastor. Eles confessaram que por causa deste contato que mantêm com a igreja evangélica se sentem confortáveis, em casa, na cidade, e não perdidos ou excluídos. O pastor Buchweitz, em conjunto com o pastor Nörnberg, que também era pomerano, tiveram uma ideia fantástica para conseguir apoiar os pomeranos recém-chegados à cidade. Já que estas famílias normalmente se mudavam para as periferias, uma família descendente de alemães mais próxima ficava encarregada de fazer o contato com os novatos e desta forma lhes prestar o apoio informativo e de ajuda que necessitavam. Assim, eram aceitas na igreja evangélica e lá se sentiam em casa e protegidos.

O pastor Nörnberg criou na sua comunidade um centro social que atendia principalmente homens vindos da roça. Lá aprendiam a trabalhar com couro. Ao lado foi criada uma escola de nível mais elevado para adultos, para

que eles pudessem voltar a estudar e se formar. Pois, cada vez mais, tivemos a confirmação de que pessoas que possuíam um certo nível de formação, nunca ficavam sem emprego na cidade.

O pastor Buchweitz planejou a criação de um centro comunitário, no qual os descendentes de pomeranos pudessem se encontrar e viver em comunidade, já que a maioria deles vivia uma vida familiar muito fechada no interior e sentiam falta deste convívio aqui na cidade. A freira da comunidade resolveu fazer algumas excursões aos domingos com as mulheres de famílias descendentes de alemães que moravam na periferia e obteve um bom resultado. Pois, finalmente, essas mulheres tiveram a oportunidade de sair da miséria das suas casinhas e se sentiram felizes por estarem reunidas com outras pessoas do seu nível social.

Conheci muitos pastores exemplares e competentes, mas não posso deixar de mencionar também alguns casos negativos. Um jovem pastor foi designado para assumir uma comunidade, porém, quando chegou lá não quis assumi-la, pois a casa pastoral que deveria ocupar não lhe era luxuosa o bastante. Não pude acreditar nessa história. No entanto, me levaram até o local e me mostraram a casa que, ali no sul, era considerada mais simples, mas era bem espaçosa e se comparada às casas pastorais do norte do Brasil, podia ser considerada uma bela moradia, principalmente para um pastor jovem e que pretendia iniciar um trabalho missionário.

Além deste fato específico ainda ouvi muitas outras versões negativas e muitas vezes me questionaram sobre estes acontecimentos e queriam saber a minha opinião. Isso nos levou a indagar: será que pastores alemães ainda deveriam ser designados para assumirem comunidades no Brasil? A realidade era que já existia um número considerável de pastores descendentes de alemães e formados no Brasil, que futuramente poderiam assumir as comunidades e que evidentemente conheciam melhor as condições locais. Por outro lado, a continuidade do contato com as igrejas da Alemanha era muito importante, pois sempre contribuiram ativamente para o desenvolvimento das igrejas no Brasil.

As comunidades evangélicas do Brasil eram muito dependentes e carentes de verba e essa necessidade muitas vezes sobrecarregava os membros, de tal forma, que muitos não conseguiam pagar as contribuições estipuladas. Mas mesmo assim permaneceram fiéis à igreja evangélica, apesar de existirem outras religiões tentando desviá-los, como: missouries, batistas, sabatistas, pentecostais, que ofereciam atendimento mais em conta. Para os pais, a igreja era tão importante quanto a pátria, mas entre os jovens já se percebia

um grande desinteresse pela religião. Com o domínio do idioma oficial eles melhoraram de nível social e a igreja ficou em segundo plano. O país todo se encontrava em grande ascensão econômica. Será que a igreja saberia avaliar e reconhecer em tempo as novas necessidades? Principalmente, para no futuro, ter disponível um número suficiente de pastores para atender a demanda e que pudessem se adequar às novas condições e situações?

Essas são perguntas que hoje ninguém pode responder. Uma vez disseram que a nacionalidade alemã e o evangelho permaneceriam unidos na vida e na morte! Lema até mesmo usado pelo *Mensageiro Anual* "*Jahrweiser*", de 1936, que era editado anualmente pelo sínodo rio-grandense. Os pastores novos renunciavam a este lema e quiseram impor que nas igrejas evangélicas fosse falado o português. Pois, do contrário, muitos jovens se afastariam da igreja. Por outro lado, os mais velhos insistiam que o culto deveria continuar sendo em língua alemã e não compareciam quando o sermão era feito em português. Desta forma, uma senhora bem alterada disse: "já que é assim, posso logo passar para a igreja católica!".

Também as famílias pomeranas sofreram com este problema, pois ficaram em dúvida, não sabendo em favor de qual idioma decidir, ou mesmo, para que religião deveríam tender. No fundo, eles não gostariam de perder totalmente o contato com o alemão, mas também não gostariam de aceitar totalmente o português. Desta forma permaneceram na indecisão. Um colono pomerano disse: "*Wat ward dat bloss, wenn hier keir mehr dütsch räre kann, denn süht dat doch tau traurig ut bis us!*" (Como vai ser, quando aqui ninguém souber mais falar o alemão, isso seria uma imagem triste demais para nós!). Porém, mencionou que fez questão de que seus filhos, além do alemão, dominassem o idioma oficial do país, o que na opinião dele era correto. No entanto, mesmo não dominando bem o alemão, fazia questão de que o culto fosse dado em língua alemã, já que isso fazia parte da igreja evangélica.

Portanto, para os pomeranos em uma igreja evangélica, em primeiro lugar, o culto deve ser ministrado em alemão e ser composto por muitos descendentes de alemães, mesmo que os descendentes de pomeranos, muitas vezes, não entendam tudo. Para eles, esse é o idioma oficial da igreja e merece o mais alto destaque. Com isto até colocam o pomerano em segundo lugar, como uma língua menos qualificada. Da mesma forma, também não gostavam muito quando alguns pastores faziam o sermão em pomerano. Eles admitiam que os pastores, de vez em quando, até falassem algumas palavras em pomerano, mas o sermão, incondicionalmente, deveria ser em alemão!

XVII

De Porto Alegre, a capital do Estado do Rio Grande do Sul, viajei para o interior de um vilarejo, perto de Santa Cruz, que foi fundado por pomeranos. Nos amplos campos à esquerda e à direita existiam imensas pastagens com grandes rebanhos de gado bovino. Alguns gaúchos, vestidos a caráter e montados em cavalos ágeis, tomavam conta dos rebanhos.

No meio da viagem o ônibus parou diante de um restaurante para nosso almoço. Evidentemente, foi servido churrasco, a carne preferida dos gaúchos. Em Novo Hamburgo eu também tinha sido convidado pelos pastores Nörnberg e Buchweitz para um churrasco, uma refeição composta somente por itens de carne. Primeiro, serviram uma sopa de frango, depois um espeto de coxa de galinha, depois um espeto de linguiça, depois carne de porco e por fim a carne bovina. As carnes fatiadas caíam amontoadas em nossos pratos. As porções eram tão grandes que não dei conta de comer tudo!

No ponto de ônibus conheci um jovem gaúcho pomerano. Desta forma, passamos a conversar em pomerano. Ele me contou que já tinha trabalhado na Alemanha, mas que teve pouco contato com as pessoas pois, curiosamente, em Stuttgart, ninguém entendia o pomerano. No entanto, uma vez foi convidado para um almoço na casa de uma família de suábios e balançando a cabeça disse: "*Dat gaw uk Fleisch, ower de Teller was noch tau seihe!*" (Também deu carne, mas era tão pouca que o fundo do prato aparecia!). Ele não entendera aquilo, pois no Rio Grande do Sul era falta de cortesia oferecer carne para um convidado e deixar transparecer o fundo do prato.

A viagem seguiu vagarosamente e nos aproximamos de Santa Cruz. A linda cidade ficava num grande vale pitoresco. As ruas que passavam no meio das lindas casas eram largas e bem limpas. O pastor Werner me aguardou na rodoviária. Ele era um jovem bem simpático, nascido na Prússia Ocidental e criado em Düsseldorf. Ele sequer perdeu o bom humor quando, de repente, desabou uma tempestade forte de granizo sobre a cidade e pedras do tamanho de um punho caíram sobre os telhados fazendo um barulho ensurdecedor. Muitas janelas e telhas das casas foram danificadas. Essa teria sido a pior tempestade já vista na cidade e as pessoas procuravam se abrigar dentro

das casas. Mal a tempestade havia passado e já se via homens e mulheres em cima dos telhados das casas e indústrias para reparar os danos. Até mesmo o pastor Werner subiu no telhado da igreja para trocar as telhas quebradas. No entanto, foi difícil ainda encontrar vidros e telhas nas lojas, pois dentro de pouco tempo o estoque havia se esgotado.

A casa pastoral felizmente não sofreu danos e era uma casa bem cuidada e bem equipada. A esposa do pastor Werner veio de uma família bem próspera e era filha de descendentes de alemães. O pastor Werner bem que merecia morar numa residência tão agradável, pois quando criança passou quatro anos num presídio de guerra na Polônia e lá passou por muitas necessidades! Durante muitos anos foi pastor do interior e conhecia bem os colonos. Ele se surpreendia quando os novos pastores alemães se assustavam com a miséria e as precárias condições dos colonos do interior e disse: "Por exemplo, como eram os banheiros na Polônia? Muito piores do que os daqui! Não deviam se esquivar dessa situação e sim, fazer algo para tentar melhorá-la!".

Depois do almoço o pastor Werner me mostrou o museu que ficava dentro da escola Mauá. A administradora do museu, que em conjunto com o seu marido colecionou e juntou muitas das peças que ali estavam expostas, me orientou sobre os diversos departamentos, iniciando pelas peças de pedras da pré-história, depois os utensílios usados pelos índios até chegar aos documentos dos imigrantes alemães. Também existiam documentos originais de imigrantes pomeranos, num dos quais estava escrito:

> "*Kätner Wilhelm Beilke de Wulkow, nascido em Rosenfelde, levou uma vida digna no reinado da Prússia e neste momento se desliga da submissão prussiana para emigrar para o Brasil*".

Já que os alemães sempre viveram muito em sociedade ou em clubes, também estavam expostas inúmeras bandeiras de diversas agremiações, bem como condecorações e correntes dos premiados destes clubes. Ao lado ficavam teares, máquinas de fiação, ferro de passar roupa, bíblias bem antigas, livros, lembranças e versículos de confirmação, fotografias antigas, utensílios de latão, xícaras bem altas, que aqui no Rio Grande do Sul são chamados de "*Stotz*", da mesma forma como eram chamadas na Pomerânia. Era impressionante encontrar todo este material num museu, pois muitos itens sequer tinham 60 anos. Mas, na cidade, as coisas brasileiras são predominantes e o que veio da Alemanha já pertence ao passado.

No interior, as coisas ainda eram bem diferentes. Na parte da tarde, quando passamos pela região de Rio Pequeno, tivemos a impressão de estar

numa região da Pomerânia e novamente vimos as casas com madeiramento exposto, quintais de flores, crianças loiras à beira da estrada, charretes, carrinhos de mão. Até vi uma "*Schlöp*" para o qual não existe uma palavra correspondente em alemão. (É um lastrado feito de madeira, que de um lado é apoiado sobre um eixo com duas rodas de madeira, usado para transporte de cargas mais pesadas e era puxada braçalmente por um cabo de madeira que tanto servia para puxar, como para frear quando necessário). Cada camponês possuía uma ferramenta desta.

Quando chegamos, pastor Lübke e a sua esposa estavam justamente cuidando das plantações na horta, pois depois da chuva de primavera a terra estava bem úmida. Logo notamos que eram pessoas que combinavam bem com os pomeranos e que estávamos perante a um verdadeiro filho de colonos pomeranos. Ele preferia falar o pomerano, em vez do alemão, apesar de ter feito os seus estudos na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial e então foi impedido de voltar ao Brasil. Casou-se na Alemanha e sua esposa era de Worms. Ela falava um dialeto da região do Mosela e confessou que ainda não conseguira aprender o português, pois não ouvia falar o português por ali e da mesma forma não tinha com quem falar ou aproveitar o idioma na região.

O pastor Lübke me levou logo para a família Wartchow que possuía uma venda, um armazém e um depósito de tabaco. A família Wartchow era uma família pomerana bem tradicional e dela descendiam quatro filhos pastores. O mais velho dos irmãos logo me ofereceu um espaço para fazer as minhas palestras em pomerano. Ele fazia questão absoluta de ver os *slides* da Pomerânia, de onde vieram os seus antepassados, mas sobre a qual não tinha noção alguma.

Gostaria de ter dito a ele que, a princípio, só precisaria descer a estrada e já saberia como eram as vilas na Pomerânia. Vários carros de boi estavam vindo da roça em direção às casas dos proprietários. Ao lado da estrada asfaltada havia uma pista denominada "*Sommerweg*" (Caminho de Verão) pela qual passavam os carros de boi, quando o trânsito ficava agitado na cidade. Por causa das recentes chuvas ainda havia lama e alguns atoleiros na estrada de chão, como nas antigas estradas de Rügenwalde, quando se dizia aos colonos: "*Wo väl Mess is, is ok väl Gild*" (Onde há muita lambança, também há muito dinheiro).

Os pomeranos daqui certamente não podiam ser considerados pobres, já que o depósito de tabaco da família Wartchow era bem grande. No depósito trabalhavam principalmente mulheres que faziam o sortimento das folhas; depois eram feitos feixes que eram prensados e colocados dentro de

sacos e enfim costurados. O trabalho de transporte cabia aos homens; pomeranos loiros e fortes, bem como mestiços de índios de cabelos preto-azulados.

Falei em pomerano com os mesmos, cujos nomes eram: Kanitz, Panow, Panke e Pranke. Seus antepassados eram de Köslin e os avós do pastor Lübke vieram perto de lá, de Bad Polzin. Todos ali viviam da plantação do tabaco, ao qual deviam a prosperidade do local. Todos tinham contratos fixos com as fábricas de cigarros em Santa Cruz. Entre as fábricas brasileiras, francesas, americanas e inglesas também participavam algumas empresas alemãs, a exemplo da Reemtsma e Brinkmann. Depois que o governo militar permitiu novamente a participação de capital estrangeiro houve um grande avanço na economia local.

Durante a visita ao depósito de tabaco, dentro das possibilidades, me explicaram tudo isto detalhadamente em pomerano. As mulheres e homens que estavam trabalhando prestavam atenção ao nosso diálogo, enquanto os descendentes de índios olhavam perplexos para frente, sem entender nada.

No dia seguinte, sábado de manhã, já havia outro programa de visitas e no final de semana também os pastores do Rio Grande do Sul estariam viajando para atender as filiais mais distantes. Desta forma, viajei com o pastor Lübke para Bela Vista. A comunidade, por merecimento, recebeu este nome pois gozava de uma vista singular. As montanhas altas me lembraram Allgäu. Infelizmente, o tempo estava fechado e chovia muito, mas, por esse motivo, o verde das árvores se destacava ainda mais. Pastor Lübke chamou a minha atenção para a estrada boa e consistente, o que nós europeus sequer percebemos e consideramos isso natural. Mas aqui no interior ela fôra construída há apenas alguns anos e os responsáveis eram dois pomeranos de nome Neitzke e Pahlow.

Quando chegamos à igreja alguns pomeranos já estavam aguardando debaixo de um abrigo coberto com telhas, que lhes servia como proteção da chuva e do sol e como garagem para o pastor, que estacionava o seu Jeep lá. Nos dias de festa era usado para abrigar as barracas e atividades festivas.

Os homens e mulheres me olhavam de uma forma desconfiada e um pouco contra a vontade me davam a mão para me cumprimentar. Apenas se animaram quando passei a falar em pomerano e aí todos queriam falar ao mesmo tempo, de forma que eu tinha dificuldades para entendê-los. O pomerano daqui já não é tão original e é misturado com outros dialetos, o que é natural, pois nas redondezas moravam descendentes de várias etnias da Alemanha.

Os colonos conversavam sobre o bom clima da primavera. Todos estavam satisfeitos com a chuva, que permitiu que terminassem em tempo hábil o plantio do tabaco. Isto me lembrou muito a plantação de nabos da minha época na Pomerânia e pelo que pude constatar no campo, onde as pessoas ainda trabalhavam, o procedimento é o mesmo.

Todos daqui já sabiam da tempestade de Santa Cruz e nem podiam acreditar que havia caído pedras de granizo tão grandes que chegaram a quebrar telhas e vidraças. Assim, eu lhes confirmei que os relatos correspondiam à realidade, pois eu havia presenciado com meus próprios olhos. Já que estávamos falando sobre uma tragédia, eles aproveitaram para reclamar das formigas cortadeiras que destruíam plantações e árvores e do caruncho furador que destruía as raízes do tabaco.

O tema então mudou para a política. Queriam saber algo sobre a Alemanha, sobre o muro de Berlim, que não cabia na cabeça deles. Estavam bem atentos quando tentei lhes explicar o contexto da situação. Quando ouviram que eu trabalhei dois anos na União Soviética queriam saber quantas terras cada um poderia possuir num país socialista, do outro lado do muro. Esta definição era um pouco difícil de fazer, mas lhes contei da minha própria experiência, que para eles era a mais realista.

Estes 15 minutos antes do culto me lembraram demais as manhãs de domingo na Pomerânia Oriental, de forma que cheguei a sentir um aperto no coração. Tive a impressão que via meu pai, meus tios, meus primos na minha frente e ouvia as suas vozes quando contavam sobre política, o tempo e finalmente só conversavam sobre semeaduras e plantações e os trabalhos no campo. Da mesma forma aconteceu aqui, uma hora tranquila antes do culto. Enquanto conversávamos chegavam cada vez mais pessoas de charretes ou em carros de trabalho, descendo a estrada. Homens, mulheres e crianças sentavam nos bancos de madeira que haviam sido instalados nas carrocerias e tentavam se segurar nas grades laterais. Esta também era uma imagem que me levava ao passado, pois quantas vezes nos seguramos nas grades da charrete quando os animais davam um arranque brusco e partiam em alto galope! Assim é a vida, qualquer gesto que eu via ali, me era familiar e trazia memórias da infância.

Finalmente, dirigimo-nos para a igreja, que ainda não possuía uma torre. Ela era toda em madeira e isto tornava o seu interior bem aconchegante. Principalmente o teto, que era forrado de madeira, trazia um clima pacato e sossegado. O pastor ministrou um culto bem compacto em alemão e em pala-

vras bem simples explanou o texto bíblico. Os participantes, nos seus trajes de passeio, se comportavam de forma séria e bem atenta ao que o pastor falava e cantavam com tanto vigor que até chegavam a sufocar o som do órgão.

Depois do culto o pastor carinhosamente me apresentou e passei então a falar sobre a Pomerânia e li algumas histórias em pomerano. Então houve uma grande transformação no meio dos ouvintes, que até então haviam se comportado de uma forma muito séria. Os rostos se transformaram e ficaram contentes por saber que existiam versos escritos em pomerano, sua língua materna. Depois li algumas histórias em alemão, entendidos ali sem problemas, pois, em virtude das atividades do pastor Lübke e do professor Kanitz, todos dominavam o alemão. Todos os jovens da região estudavam e dominavam também a língua oficial do país.

Depois do culto ainda visitamos algumas famílias nos arredores da igreja e alternadamente falamos em alemão e em pomerano. Normalmente, todos respondiam na língua que nos dirigíamos a eles e a troca de um idioma para o outro acontecia de uma forma bem natural e sem problemas. Eles me informaram que na região Ferraz e na colônia Bismarck todos ainda falavam o pomerano. Infelizmente, não soube disto antes e, desta forma, uma visita àqueles lugares não foi possível. Teria gostado de ir, mas reconheci que não era possível visitar todos os lugarejos onde ainda se fala o pomerano em tão pouco tempo. Para isto existem muitos locais aqui no Brasil!

Também eu já tinha uma programação para outro local de nome Sinimbu, bem como ainda precisava voltar para fazer a palestra em Rio Pequeno, na casa dos Wartchow. Quando chegamos em Rio Pequeno, o salão já estava superlotado. O presidente da igreja, sr. Wartchow, me cumprimentou em pomerano, mas sempre ainda observava os meus lábios quando respondia em pomerano. Ele ainda não tinha conseguido se convencer que uma pessoa vinda da Alemanha pudesse dominar a sua língua materna. Quando lhe contei que no Espírito Santo viviam aproximadamente 100.000 pessoas que falavam o pomerano, ele se surpreendeu e lamentou por nunca ter ouvido falar disto antes e disse: “precisa chegar alguém da Alemanha e me contar isto!”.

Inclusive ali em Rio Pequeno podia-se falar tanto em alemão quanto em pomerano, pois todos compreendiam os dois idiomas. Evidentemente, as histórias em pomerano eram as preferidas. Também admiraram muito os *slides* sobre a Pomerânia. Precisei lhes explicar mais uma vez a situação política, para poderem entender o que a divisão da Alemanha representava para a região pomerana.

A palestra em Sinimbu Alto transcorreu de forma semelhante à de Rio Pequeno, outra colonização autêntica de pomeranos. O pastor Budde, que veio de Vestfália, como o professor Dassow e sua filha, cujos antepassados eram das famílias Bublitz e Zitzke, me acompanharam nas visitas. Apesar das pessoas ali trabalharem até bem tarde nos campos de tabaco, todos vieram para assistir a palestra que se deu num grande salão da comunidade. Este local também era usado para todas as festividades do lugar. Ali a dança era livre e não havia proibição qualquer, como nas comunidades do Espírito Santo. Também vieram algumas pessoas negras assistir os *slides*. Ali também falei alternadamente o alemão e o pomerano e ambos eram compreendidos. O povo da localidade era bem humorado e nos intervalos fiz brincadeiras com os participantes. Ali os hábitos e costumes antigos já não eram mais conhecidos. Apenas uma senhora de idade ainda se lembrava da palavra "*Stiepen*", um costume usado na páscoa; os outros sequer conheciam o termo.

Depois da palestra o pastor afirmou que agora entendia alguns hábitos dos pomeranos que até então ele desconhecia. Por exemplo, ele sempre imaginava que os muros em volta das igrejas e cemitérios, feitos com pedras, colocadas umas sobre as outras, fosse um método brasileiro, mas acabara de ver nos *slides* que isto já era feito na Pomerânia e que todos os cemitérios eram murados desta forma. Portanto, quando aqui chegaram, fizeram o mesmo.

Mais tarde, os homens ainda se reuniram no pequeno bar e as mulheres permaneceram a uma certa distância em frente à porta do salão. Da mesma forma, como era hábito na Pomerânia, enquanto os homens tomavam o seu gole de bebidas, as mulheres ficam aguardando em frente às portas e aproveitam este momento para trocar ideias.

No dia seguinte, cedo, o pastor e sua esposa mostraram-me orgulhosamente o hospital evangélico, que tinha acabado de ser ampliado. Para esta obra contribuíram o governo alemão e também a igreja da Alemanha. Irmã Else nos mostrou os quartos limpos dos pacientes, cuja diária variava entre 15 e 20 cruzeiros. Os equipamentos novos da sala de cirurgia foram patrocinados pela "Entwicklungshilfe" da Alemanha. Enquanto apreciava estas instalações luxuosas fiquei imaginando como seria bom se lá no Espírito Santo tivesse algo parecido, onde as pessoas necessitavam muito mais de doações da Alemanha. Qual seria a razão de ali se captalizarem bem mais recursos vindos da Alemanha, do que lá no Espírito Santo? Será que ali conhecíam melhor o caminho para chegar à fonte de se aproveitarem "do bom dinheiro da Alemanha"?

Após a visita ao hospital o pastor Budde me levou de volta para Rio Pequeno, a uma distância de 10 km, onde logo entrei no Jeep do pastor Lübke, que me levou até Sete Wohjahn, uma filial que ficava a 7 km dali.

Este lugar se chamava Sete Wohjahn porque ali se instalaram sete irmãos pomeranos da família Wohjahn que foram os primeiros moradores do lugar. Até hoje quase todos os moradores têm o sobrenome Wohjahn. Ainda não existia uma igreja e o culto era dado numa escola.

Antes do culto fui convidado à casa da família Wohjahn. Na pequena casa de madeira tudo estava limpo e bem organizado, porém dava para se notar a diferença em relação aos plantadores de tabaco bem sucedidos. Em compensação, reinava ali uma hospitalidade extraordinária. Como manda o costume gaúcho, a família toda se reuniu comigo na cozinha para tomar chimarrão. Trata-se de um chá mate verde, que é colocado dentro de uma cuia, em que se coloca água quente por cima e deixa descansar por alguns minutos. Depois ele é sugado com um canudo com uma pipeta de metal na ponta.

Senti-me como se estivesse fumando um "cachimbo da paz". O primeiro a tomar foi o dono da casa, depois a esposa, depois a visita e por fim os filhos, obedecendo à fila ordenada por idade. Desta forma, a cuia de chimarrão sempre circulava entre os presentes. Surpreendentemente, surgiu uma atmosfera aconchegante e a gente se sentia reunido de uma forma bem íntima.

Enquanto apareciam cada vez mais pessoas em frente à porta da cozinha, os Wohjahn conversavam sobre dois assuntos: estavam felizes com a minha visita e sobre a plantação de tabaco. Como ali no vale ainda não tinha luz elétrica, não pude mostrar os *slides* sobre a Pomerânia e desta forma os participantes reclamaram por não terem sido informados sobre a palestra do dia anterior nos Wartchow. Nisto, o sr. Wohjahn disse: "quando querem doação de galinhas para a festa aparece um monte de pessoas, mas quando vem uma visita importante da Alemanha, ninguém aparece para nos informar".

Ao final do culto, na pequena escola, superlotada, foram realizados dois batizados. Os pais eram pessoas ainda muito jovens. Alternadamente prestavam atenção no que o pastor falava e olhavam para o bebê no colo. Depois do batismo eu deveria realizar a minha palestra. Porém, de repente, houve um tumulto e todas as pessoas que estavam assistindo o culto pelas portas e janelas entraram no pequeno recinto da igreja, que já estava superlotada, pois havia começado a cair uma grossa pancada de chuva. Desta forma, a igreja ficou de tal modo cheia que eu nem tinha lugar para ficar em pé para

fazer a minha palestra. Porém, isto não tirou o aconchego do local e as pessoas logo começaram a se manifestar alegremente quando comecei a contar as minhas histórias em pomerano. Também ali pude falar o alemão, pois graças ao pastor, todos dominavam a língua, o que era de grande valia, pois podiam se comunicar melhor por possuírem um vocabulário mais amplo. Também as crianças que já sabiam um segundo idioma tinham mais facilidades para aprender a língua oficial do país.

Para o povo dali, ouvir alguma coisa na sua língua materna e sobre a Pomerânia era motivo de grande alegria. Mesmo que a casa dentro da qual eu falava fosse bem primitiva e até tinha um aspecto triste, o ambiente se transformou num local alegre, cheio de vida. E todos: jovens, adultos e idosos se divertiram bastante e ficaram muito satisfeitos.

Infelizmente não sobrou tempo para visitar Cachoeira do Sul, outra região de colonos pomeranos, principalmente a localidade de Paraíso onde moravam muitos deles, pois recebi esta informação muito em cima da hora. Os antecessores destes pomeranos vieram de Neustettin e eram provenientes das regiões de Lubow e Rackow. O pastor Hunsche contou no seu livro sobre o seu pai, que também atuou como pastor em Linha Nova e Nova Petrópolis, onde a maioria da comunidade era formada por descendentes da Pomerânia Oriental. Em determinado trecho do livro disse: "Eles ainda trouxeram da sua antiga pátria o espírito cristão e a sua dignidade. Entre eles encontramos ainda pessoas que se reúnem para uma hora de oração e levam a sua fé muito a sério. Estas pessoas já haviam participado da hora de oração lá na Pomerânia Oriental, sob influência dos ditos '*Erweckungsprediger*' (Pastores despertadores). Nestas comunidades reinava uma paz absoluta"

XVIII

No ano de 1966 um jovem estudante do Brasil fizera um intercâmbio estudantil em Hamburgo na Alemanha, seu nome era Eugen Leitzke. Certo dia ele apareceu numa "associação pomerana" na Alemanha se expressando em pomerano e disse que estava procurando pelo local de onde seus antepassados teriam emigrado para o Brasil. Evidentemente que as pessoas se surpreenderam: como é que podia aparecer alguém do outro lado do oceano

falando o pomerano? Mais tarde, cheguei a conhecer o Eugen Leitzke e a fazer palestras em pomerano juntos em Schleswig-Holstein. Quando o sr. Leitzke, vindo do Brasil, falava em pomerano e, sobre os pomeranos que vivem no Brasil, todos ficavam perplexos, pois mesmo grandes pesquisadores em linguística nunca haviam tomado conhecimento de que "no meio da mata no Brasil" existissem mais de 200.000 pessoas que falavam o pomerano.

Já naquela ocasião o sr. Leitzke me convidara para visitar o Brasil para seguir os passos dos imigrantes pomeranos. O professor Eugen Leitzke se empenhou muito para descobrir a origem dos seus antepassados. Um pouco antes dele voltar ao Brasil, encontrou parentes que moravam em Berlim e descobriu que o avô dele viera da região de Belgard.

Cinco anos depois, em setembro/outubro de 1971, nos reencontramos em Porto Alegre. Nesse meio tempo ele foi nomeado como diretor do colégio ginasial em Panambi, que antigamente se chamava Novo Wittemberg. Ele até tirou alguns dias de férias e se deslocou por uma longa distância para me levar até as principais colônias e ruas onde residiam os pomeranos.

Porém, antes, eu gostaria de comentar algo sobre a vida dele, já que isto representa um caso típico de filhos de pomeranos que saem de casa por não poder, ou não querer mais seguir a mesma vida. Seus antepassados se instalaram numa região entre Pelotas e São Lourenço, numa estrada chamada "*Pommerstrasse*" (Estrada dos Pomeranos). Todos os filhos Leitzke se tornaram camponeses e desmataram terras para as plantações. Não conheciam nada além da vida no campo. Por esta razão, o filho Eugen enfrentou muitas dificuldades quando informou aos pais que, após ter concluído o ensino obrigatório, queria seguir seus estudos. Os pais não aprovaram a sua saída para a cidade; eles queriam que ele permanecesse em casa para trabalhar na colônia. Porém, como ele se destacara entre os outros alunos, fizeram-lhe uma proposta para que assumisse uma pequena escola lá no interior. Ele aceitou a proposta, mesmo sem ter qualquer curso para poder ser professor. Ele simplesmente passava adiante o que aprendera na escola primária. Isto satisfazia os alunos e os pais, mas não satisfazia a Eugen. Ele se empenhou muito e conseguiu prosseguir com os seus estudos e até chegou a frequentar uma universidade.

Isso se conta de uma forma tão fácil, mas quantas privações e sacrifício ele enfrentou para conseguir alcançar o seu objetivo? Quanta perseverança e disciplina foram necessárias para transformar o filho de camponeses com instrução primária num profissional acadêmico?

Uma situação idêntica viveu também o seu primo Arno Leitzke. A única coisa que lhe favorecia era que seus pais queriam que ele fosse para a cidade e lá continuasse os estudos. Porém, somente alguém que nasceu e foi criado no interior poderá entender quão difícil é a fase de adaptação na cidade, o desenvolvimento estudantil e saber quanta tristeza e sofrimento isto poderá trazer. Arno e seu pai saíram de casa numa charrete até Pelotas. Eles deixaram os animais com uma família descendente de alemães que morava nos arredores da cidade. Então, seguiram a pé à procura de uma escola onde Arno pudesse estudar, quando então passaram em frente a um prédio onde estava escrito "Escola....". Entraram e disseram ao porteiro que queriam matricular o filho para estudar ali. O porteiro ficou tão perplexo que no momento nem sabia o que fazer com aqueles pomeranos da roça. Porém, como os brasileiros por natureza são sempre muito cordiais, ele não os expulsou de lá e resolveu levá-los ao diretor do colégio.

Na recepção do diretor se juntara quase o colégio inteiro para apreciar o pai e o filho de camponeses que ali pretendia estudar e, neste ínterim, descobriram que se tratava de um equívoco, pois lá era uma universidade e tentaram explicar-lhes que primeiro o filho deveria estudar numa escola ginasial e secundária para então poder ser admitido numa "Santa Universidade". Porém, os professores se compadeceram com a situação e foram gentis e explicaram-lhes detalhadamente o caminho que deveriam seguir.

Para Arno Leitzke bastou essa primeira decepção e ele tomou o firme propósito que um dia ele voltaria à universidade para se formar. Ele acabou alcançando seu objetivo, baseado nas seguintes virtudes pomeranas: resistência, perseverança, assiduidade e obstinação. Um caminho percorrido com muito trabalho e paciência, muita força e vontade de vencer, além de muita saudade, pois Arno morou numa hospedaria/restaurante, onde todos os colonos pomeranos paravam quando vinham à cidade.

Não posso deixar de mencionar que Arno Leitzke se formou em odontologia e hoje, quinze anos depois, é um profissional respeitado e, inclusive, leciona na universidade onde aparecera como menino procurando um lugar para estudar.

Estes são comentários sobre dois descendentes de colonos pomeranos lá do Rio Grande do Sul. Depois segui viagem com o Eugen Leitzke, passando pela moderna ponte suspensa sobre o rio Jacuí, sentido sul. A longa estrada reta seguia ao lado da Lagoa dos Patos. Durante a viagem quase não conseguimos avistar a lagoa. Somente quando chegamos perto de São Lou-

renço tivemos uma vista ampla sobre a calma lagoa, na qual se espelhava um lindo pôr-do-sol. Seguimos até a sua margem e subimos uma ladeira de rochas onde o rio São Lourenço desemboca na Lagoa dos Patos. A pedido do prof. Leitzke fiquei na pedra mais alta, com a grande lagoa ao fundo, para fazer uma foto histórica.

Ele descobriu que neste lugar desembarcaram os primeiros pomeranos no ano de 1859. Eles vieram num navio à vela e embarcaram no porto de Hamburgo, na Alemanha e a viagem durou três meses. Fizeram uma parada no porto de Rio Grande e de lá foram transferidos para canoas e levados para São Lourenço e desembarcados nestas rochas. Aqui começou o caminho para o interior, para lá encontrarem uma nova pátria.

Baseado em comentários de seus antepassados, o prof. Leitzke comentou sobre as dificuldades que os imigrantes aqui enfrentaram. Muitos deles nunca poderiam imaginar que o começo seria tão árduo. Muitos sentiram tanta saudade da sua terra natal que se arrependeram amargamente e gostariam de ter retornado para a Alemanha mas, para isso, não tinham mais condições. Eles então fizeram um acordo de economizar o máximo para conseguir o dinheiro para a viagem de volta, mas poucos conseguiram juntar o bastante. Aqueles que no final da vida tinham conseguido juntar o dinheiro, resolveram não voltar mais e se satisfizeram com a certeza de terem o dinheiro disponível, caso resolvessem definitivamente voltar para a terra natal. Porém, isto ficou somente na intenção e nenhum dos imigrantes acabou voltando para a terra natal.

O trabalho árduo dos primeiros anos muitas vezes sufocava as lembranças sentimentais. O organizador da colonização, Jakob Rheingantz, distribuíra as colônias de terra por números. Isto é, cada um sorteava um número, que correspondia ao número da sua colônia de 48 hectares, que aqui no Brasil não era denominado de propriedade ou quinta e sim, desde o início, foi chamado de colônia.

Os homens então começaram a abrir picadas na mata para cada um chegar e ocupar a sua colônia. Depois, em forma de mutirão, construíram casinhas de madeira e limpavam uma área em volta da casa para as primeiras plantações. Somente então voltavam para pegar as esposas e filhos. Plantavam milho e feijão, vendiam as colheitas na feira da cidade e deste dinheiro então compravam animais, como porcos, galinhas, gado e finalmente burros e cavalos. A maior dificuldade para todos, evidentemente, era não passar fome no tempo entre a chegada e a primeira colheita. Depois passaram a se alimentar de uma colheita até a próxima e assim por diante.

Como cada vez vinham mais imigrantes pomeranos se fez necessária a abertura de outras picadas mata adentro e, desta forma, chamaram a picada antiga de "*Ull Straot*" (Caminho Velho) e a nova de "*Pommernstroat*" (Caminho/Estrada dos Pomeranos" e outra de "*Möhlestroat*" (Estrada do Moinho).

Eugen Leitzke passou por todas essas estradas nas quais os sucessores desses colonos pomeranos hoje vivem e moram em lindas propriedades. Paramos em muitos lugares e perguntamos aos moradores, em pomerano, se ainda sabiam algo sobre os seus antepassados que ali imigraram. Porém, a maioria apenas sabia que o bisavô veio da Pomerânia. Alguns poucos ainda se lembravam das casinhas de madeira que haviam construído na beira da estrada. As segundas casas já foram construídas mais afastadas da estrada e as amplas casas atuais, em alvenaria, já se encontravam no meio da propriedade. No início, cada um recebera uma medida de terras de 220 metros ao lado da "*Pommerstroat*" (Estrada dos Pomeranos) e nessa extensão podiam avançar 2.200 metros na mata lateral. Porém, estas colônias hoje, em sua maioria, já foram divididas várias vezes entre os filhos e já encontramos propriedades de apenas seis hectares.

O maior problema dali era o mesmo do Espírito Santo, ou seja, como levar as mercadorias diretamente para o mercado consumidor e desta forma conseguir um preço mais atrativo. A cidade de Pelotas ficava a uma distância de 50 a 80 km dos produtores pomeranos e o longo caminho que antigamente era feito a pé, de burro ou a cavalo, hoje já era feito de carro. Porém, os colonos perdiam muito tempo para percorrer distâncias tão longas. Eugen Leitzke lamentava que no meio dos colonos pomeranos não surgiram cidades, ou que ao menos tivessem instalado fábricas de conservas e sucos que pudessem garantir a venda dos seus produtos.

A mesma preocupação tinha o vice-prefeito de São Lourenço que encontramos no restaurante Germânia. Tratava-se de uma pessoa de estatura forte, de cabelos loiros e se chamava Wetzel. A princípio ele teve dificuldade para se expressar em alemão e então eu falei em pomerano, o que ele dominava fluentemente, pois era a sua língua materna. Depois, no seu escritório, ainda discutimos por mais de uma hora sobre os problemas dos colonos pomeranos, que ele conhecia muito bem, pois era filho de camponeses pomeranos.

Também o prefeito da cidade era um descendente de alemães e se chamava Tomaschewski. Paralelamente ele ocupava o cargo de deputado federal em Brasília e, entre o povo da região, era conhecido como o "deputado das batatas". Isso porque antigamente os pomeranos plantavam por aqui mui-

tas batatas, objetivando bons resultados. Porém, depois que perceberam que o prato principal no Brasil era feijão com arroz, reduziram drasticamente o cultivo de batatas e foram obrigados a se adequar à nova realidade.

Enquanto falávamos com o vice-prefeito Wetzel, conhecemos mais um deputado pomerano que era o sr. Walter Coswig, uma pessoa bem alegre. Ele contou tantas anedotas e de uma forma tão cômica que era impossível não se divertir perto dele. Já que o assunto era sobre batatas ele sugeriu almoçarmos no restaurante Bierhaus onde comemos batatas com carne.

Bem alimentados, seguimos viagem e fomos visitar o jovem pastor Prochnow, cujo nome não deixava dúvidas sobre a procedência dos seus antepassados. Ele já estava aguardando a visita, pois os alunos do ensino confirmatório já tinham lhe contado que tinham visto um carro estranho na região e que os ocupantes estavam filmando na praia. O pastor Prochnow estava recebendo a visita de um dos "pastores livres", sobre os quais os estudantes de teologia já haviam me falado e sobre os quais eu já havia lido muitos comentários negativos. Porém, fiquei surpreendido com o mesmo, pois se tratava de uma pessoa bem agradável e bem culta, que respondia sabiamente às minhas perguntas, ou seja, uma pessoa muito diferente do que eu tinha em mente, ou melhor, o oposto do que haviam comentado comigo. No comportamento cordial do pastor Prochnow com o mesmo, notei que os pastores jovens não condenavam tanto assim os "pastores livres", ao contrário dos pastores mais antigos que eram mais rígidos.

De São Lourenço seguimos para Baronsberg, que recebeu o nome em homenagem ao Barão von Kahlden, que era responsável pela demarcação das terras. Ali existiam dois monumentos para lembrar a imigração alemã no local. Um deles, de bronze, mostrava a foto do responsável pela colonização e distribuição de terras, sr. Jakob Rheingantz. Logo ao lado dos monumentos, no alto do morro, ficava uma construção pública, uma escola desativada. Ali Eugen Leitzke gostaria de colocar em prática seu sonho de fazer um museu dos imigrantes entre os pomeranos. Ele até já colecionou muitos itens que gostaria de expor: bíblias antigas, documentos, certificados, utensílios, documentos familiares, etc. Mencionou: "Hoje ainda temos acesso a muito material deste tipo, mas dentro de mais algumas décadas a maior parte pode se perder e não teremos mais como recuperar peças ou documentos tão valiosos. Por esta razão, devemos dar início a este projeto tão importante".

Durante o caminho em que passamos pela Estrada Pomerana em direção à venda Leitzke, ainda trocamos ideias sobre a organização e instalação

do museu e encontramos muitas crianças que estavam vindo da escola. De repente, fingimos ter errado o caminho e perguntamos às crianças pelo caminho certo. Porém, quando Leitzke perguntou em português, elas se assustaram e chegaram a dar alguns passos para trás. Resolvemos então fazer a mesma pergunta em pomerano e logo após uma pequena pausa, todas vieram em direção do carro e cada uma delas queria informar o caminho certo, dizendo: "*Du musst graorut faohre! Hinner dem Wald musst du rechts afböge! Ower naohher geht dat werrer graorut! Vom Barg ut kannst du dat Huus all seihe!*" (Você deve seguir reto. Depois da mata precisa entrar à direita e novamente vem uma reta, então do alto do morro já podem ver a casa). Isto para as crianças foi uma oportunidade única e quando mais tarde conversamos com alguns pais, eles já estavam sabendo que na região tinha "dois senhores da cidade" que sabiam falar o pomerano.

A venda Leitzke, uma pequena casa comercial do interior, ficava bem localizada num cruzamento de estradas. Entramos e Eugen cumprimentou os parentes de uma forma bem simples. Perguntaram se todos estavam bem e que fim levaram os filhos. A sra. Leitzke, de aproximadamente 50 anos, contou que eles abriram o comércio ali quando os filhos ainda estavam pequenos. Mas quando os filhos cresceram e necessitavam de estudos mais avançados, mudaram-se para a cidade para possibilitar que todos pudessem seguir uma carreira. Agora já estavam todos formados e independentes, ocupando bons cargos; os pais sentiam ter cumprido seu dever e retornaram para o interior, reassumindo a venda.

Ela nos contou isso como se fosse um procedimento normal. No entanto, tal situação representava uma exceção no interior. Eugen Leitzke orgulhou-se pelos parentes desenvolvidos que tinha e disse: "Seria uma maravilha se todos tivessem essa mentalidade!". Da minha parte me lembrei dos dizeres do pastor Miritz, da igreja livre em São Lourenço, quando ele afirmava: "Somente um emprego digno poderá melhorar a vida dos jovens pomeranos do interior, pois dentro de mais 10 anos não teremos mais lugar no interior para estes jovens. Com isto surgirá uma catástrofe, já que as pessoas vão se mudar para a cidade, mas sem estudo e sem profissão não vão conseguir sobreviver lá!".

Seguimos na Estrada Pomerana até a venda do sr. Klug. Esta também ficava bem localizada num cruzamento de estradas, onde já moravam mais algumas famílias. Ele ficou tão contente com a minha visita que me pediu para ficar por mais tempo por lá e que poderia me hospedar na casa dele. Ainda mencionou que eu não precisaria pagar nada e tudo ficaria por conta dele.

Porém, infelizmente, não pude aceitar este convite amigável pois, no meio do caminho, tomamos conhecimento que ainda me aguardavam em outro lugar, ou seja, em Aliança. Marcaram uma palestra para mim onde deveria falar sobre a Pomerânia e os pomeranos.

No meio do caminho ainda fizemos uma parada na família Loges, que tinha uma leiteria e fabricava queijos. Todos da região vendiam o leite para a leiteria, onde era processado. Antes, ali se plantava batatas, mas mudaram para a criação de gado. O jovem Loges estudou na Alemanha e de lá trouxe a sua linda esposa, que era de Friburgo, e que aparentemente se ambientou bem por ali.

Depois seguimos viagem e passamos por lindos vales, aldeias e colônias. Por ali realmente ainda existiam aldeias e as pessoas ainda sabiam o significado da palavra "*Dörp*", que no Espírito Santo se tornara desconhecida, e também as palavras "*Finster*" (vidraça) e "*Kauke*" (bolo) que ainda eram usadas nesta região. O idioma também era muito original e ainda era falado do jeito que os antepassados falavam quando imigraram para cá.

No meio da estrada ultrapassamos um parente distante de Eugen Leitzke, que seguia vagarosamente na sua carroça. Este então nos informou que a minha palestra em Aliança estava marcada apenas para o dia seguinte. Contou que até compraram fogos para soltar na minha chegada e desta forma anunciar que "um pomerano da Alemanha" estaria chegando ao local.

Fiquei muito feliz em saber que não precisaria mais fazer a palestra naquele dia, pois a jornada tinha sido um tanto cansativa e o nosso programa de visitas daquele dia ainda estava longe de terminar. Desta forma, ainda demos uma parada na venda "Schneider" e visitamos a família Schneider. Lá deixamos um recado para o pastor de Aliança confirmando que eu chegaria, pontualmente, no dia seguinte para fazer a palestra.

Em seguida fomos para o outro lado, na linda casa da família Coswig, onde fomos cordialmente recebidos. Na sala elegantemente decorada, o sr. August Coswig, um dentista aposentado, contou dos seus antepassados. Ele sabia que o navio à vela no qual seus avós vieram tinha o nome de "Anna Stürken". Deve ter sido no ano de 1869 quando começou a chegar um grande número de pomeranos que se instalaram nesta região. Os comentários eram idênticos aos já contados pelo sr. Leitzke, ou seja, as dificuldades enfrentadas no início, depois o progresso com o cultivo de batatas, depois a mudança para gado e agora as preocupações com o grande número de sucessores. Ele acreditava que só no Rio Grande do Sul deveriam viver, na época, 100.000

descendentes de pomeranos.

August Coswig disse: "Os pomeranos em primeiro lugar precisam perder o hábito do isolamento e passar a viver de uma forma menos reservada, pois esta forma de vida fechada e presa a velhos costumes não cabe mais nos dias atuais e muito menos neste país, que nos últimos anos teve um grande avanço econômico".

Também ele prevê, para os próximos anos, um grande número de migrantes rurais, principalmente para o noroeste para ocupar novas terras ainda inexploradas no Mato Grosso, Rondônia e Amazonas.

Depois deste dia cansativo, com muitas visitas e muitas conversas interessantes, caímos exaustos nas nossas camas numa pousada rústica em Pelotas. No dia seguinte tomamos café num restaurante que era de um pomerano que tinha se mudado para o centro urbano e fomos visitar a escola agrícola nos arredores da cidade. Estava ciente que ali contavam com o apoio de um engenheiro agrônomo de Vestfália, através da "Entwicklungshilfe". Esta escola tinha um bom conceito no país e os colonos gostavam de mandar seus filhos para lá para se formarem. Ouvi muitos comentários neste sentido em vários lugares.

Quando chegamos no pátio bem cuidado da escola logo fomos cercados por vários alunos que queriam falar comigo. Entre os alunos barulhentos de repente apareceu um senhor com chapéu de palha, uniforme de trabalho e botas de borracha. Imaginei comigo mesmo: isto só pode ser um agricultor da Vestfália e acertei: era o sr. Kurt Boerger.

Ele logo me contou suas experiências positivas com filhos de pomeranos e logo chamou os alunos Karin Bienow, Klaus Bergmann e mais quatro outros jovens. Todos falavam o pomerano. Boerger mencionou que ele como westfaliano, de certa forma, era parente próximo dos pomeranos, pois ambos tinham a mesma cabeça dura. Complementando ainda disse: "O povo da Pomerânia Oriental, provavelmente há 600 anos, eram procedentes da Vestfália e atravessaram o rio Oder, pois ele entendia perfeitamente o que os alunos pomeranos diziam e ele os respondia no dialeto westfaliano e os alunos entendiam também o que ele dizia, desta forma se entendiam extraordinariamente bem".

Os alunos pomeranos queriam saber de mim, principalmente se o pomerano podia ser escrito. Informei-lhes que na Alemanha Baixa[1] até existem normas ortográficas, porém, como todos os dialetos não se enquadram na língua oficial cabe, a cada um, a decisão de como escrever o pomerano da Pomerânia Oriental. Mostrei-lhes a história escrita em pomerano de "Christian compra berços" e então começaram a ler em voz alta e ficaram impressionados e alegres por saber que existiam livros escritos em pomerano. Deram altos gritos de alegria quando conseguiram decifrar determinadas palavras que lhes pareciam mais complicadas.

Da mesma forma, como o engenheiro agrônomo Peter Hartmann no Espírito Santo, Kurt Boerger também me contou sobre as dificuldades encontradas para convencer os colonos pomeranos a aceitarem um sistema de trabalho mais moderno. Suspirando fundo disse: "Quando um colono vê que seu vizinho planta soja com sucesso em vez de plantar milho, espera que o plantador de soja se dê bem por um período de cinco anos e finalmente diz: "*fief Jaohr is dat bi ehm gaut gaohe. Wenn dat noch eis eir Jaohr gaut geht, denn verseuk ick dat ok!*" (cinco anos isto deu certo no vizinho, vou aguardar mais um ano para ver se continua assim e, depois, vou experimentar também!).

Aos colonos pomeranos falta um pouco de flexibilidade e iniciativa própria. Boerger estava convicto que os problemas cresciam de ano para ano e se aqueles camponeses não se adequassem e não mudassem seu modo de ser acabariam numa miséria profunda.

Porém, como Boerger sentia um leve parentesco com os pomeranos, ele acreditava que a nova geração já tinha uma mentalidade diferente e, deste modo, seria possível trabalhar de uma forma mais modernizada num futuro próximo. Também os jovens alunos estavam convictos de que a colônia pomerana poderia progredir, pois o país todo estava numa fase de ascensão econômica e que o povo do interior também teria que mudar de ideia.

No final da tarde seguimos para Aliança, onde logo soltaram fogos para anunciar a minha chegada na região, ou seja, "*De Pommer ut Dütschland is doar!*" (O pomerano da Alemanha chegou!). Quando ainda fomos fazer uma visita na venda Tessmann, vimos como as pessoas estavam apressadas, indo para casa se prepararem para participar da palestra que eu iria fazer à noite na venda Schneider. Também ainda fomos visitar o pastor Venske da igreja livre.

1 (N.do E.) Baixa Pomerânia corresponde às planícies costeiras do nordeste da Alemanha banhadas pelo mar Báltico.

O mesmo nos mostrou seu velho livro de cultos que datava de 1860 e que ainda usava para os sermões de cada domingo. Mostrou também os registros da igreja, nos quais encontrei muitos nomes pomeranos, sendo que muitos vi inúmeras vezes durante a minha viagem. Curiosamente, encontrei até o nome de Henry Vahl e quando eu retornar à Alemanha pretendo contar este fato ao velho "pai da televisão na Alemanha".

Então começou a minha palestra sobre a Pomerânia na venda Schneider. Demorou um pouco para conseguirmos ligar a energia elétrica, pois o sr. Boerger gentilmente havia nos emprestado um gerador de eletricidade para que pudéssemos fazer a apresentação dos *slides*. Porém, antes disto, já havia lido e contado histórias divertidas em pomerano sob a luz da lâmpada de acetileno. Rapidamente formou-se um círculo divertido, onde cada um podia contribuir contando a sua própria história. Muitas histórias e poesias precisei repetir duas vezes, uma vez em pomerano e outra vez em alemão, para que ninguém ficasse sem entender nada.

Depois de um pequeno intervalo começou a apresentação dos *slides* sobre a Pomerânia e as pessoas olhavam estarrecidas para as imagens, para elas um tanto estranhas. Admiraram as rochas brancas em Rügen, os portais de entrada das antigas cidades e os acabamentos decorativos nas portas das igrejas. Quando apareceram algumas igrejas do interior, casas típicas com madeiramento exposto, áreas cultivadas e juntas de cavalos, chegaram a suspirar fundo, pois tudo isto conheciam muito bem de perto e a partir disso passou a reinar um certo sentimento de parentesco entre os pomeranos daqui e os pomeranos lá da Alemanha.

Quando me dei conta havia falado quase três horas e o tempo passou numa velocidade surpreendente, pois todos estavam muito atentos ao que eu estava falando. Sr. Leitzke e também o jovem pastor vieram para a frente e me agradeceram carinhosamente. Todos os ouvintes se levantaram e agradeceram da mesma forma, depois ainda quiseram me apertar a mão, em forma de agradecimento pessoal e cada um deles ainda queria trocar ideias comigo. Ainda respondi a muitas perguntas, o que levou mais duas horas. Durante todo este tempo vi sentada na minha frente uma senhora de idade que me olhava de uma forma muito amável. Pela sua expressão vi que ela gostaria de falar algo e quando me aproximei dela, ela me perguntou: "*Hewwe dei Minsche, dei noch in Pommern gebore sind, alle so eir gaur Gesicht as Du?*". Queria saber se todas as pessoas que ainda nascem na Pomerânia teriam um rosto tão bondoso como o meu.

Isso me tocou de uma forma tão profunda que tive dificuldade de responder, mas com a voz embargada respondi que eu acreditava que a maioria dos pomeranos, independente de onde estejam, ou seja, tanto os que nasceram na pátria antiga como os que hoje vivem numa nova pátria são pessoas de rostos bondosos.

Na despedida muitos homens ainda falavam agradecidos: "*Nu hewwe wi in usem Läwe doch noch eine echte Pommern seihe, dei noch in Pommerland gebore is!*" (ainda tivemos a oportunidade, na nossa vida, de ver um pomerano original que ainda nascera na Pomerânia!).

XIX

Os poucos dias em que Eugen Leitzke ainda podia me acompanhar pelos caminhos dos imigrantes pomeranos passaram-se rapidamente. O ponto principal que ainda faltava era uma visita na casa dos pais dele. Desta forma, saímos da Estrada Pomerana e entramos numa via que levava às montanhas, onde ficava a propriedade da família Leitzke. Porém, por causa da chuva, a estrada estava de tal forma encharcada que o nosso carro ficou atolado num lamaçal.

Felizmente, veio um jovem senhor com uma junta de bois que puxou o carro para fora e assim pudemos seguir viagem. Ele se dirijiu a mim em português, mas respondi logo em pomerano e ele me olhou de uma forma surpreendida. Ainda ficou mais perplexo quando percebeu que eu era da Alemanha, pois ele teve experiências totalmente opostas quando trabalhara por algum tempo na Alemanha e amargurado disse: "*Keir Minsch in Freiburg kunn plattdütsch räre!*" (nenhuma pessoa em Friburgo sabia falar o pomerano!). Desta forma ficou decepcionado e voltou ao Brasil. Casou–se aqui, era um brasileiro convicto e não sonhava mais com uma vida na Alemanha. Ainda mencionou que até mudou seu nome de "Peter" para "Pedro".

Devido ao longo tempo perdido nas estradas precárias, restou-nos pouco tempo para a visita na casa dos Leitzke, ou seja, pouco mais de uma hora.

A propriedade dos Leitzke, ou como se diz por aqui, o lugar dos Leitzke, lembrava muito a vida dos camponeses na Pomerânia: a casa rodeada por um jardim com flores, horta de verduras e celeiros, bem como um lugar

coberto para guardar as máquinas. Na entrada ficava a grande sala de visitas à qual fui convidado a entrar. O pai e a mãe rapidamente trocaram de roupa, pois havia chegado uma visita da Alemanha. Encontrei este gesto em muitos outros lugares. Ninguém gostava de aparecer com suas vestimentas de trabalho e muito menos deixar se fotografar assim. Faziam questão de sempre colocarem antes ao menos uma camisa e uma calça limpa.

Antes que os pais reaparecessem da troca de roupa, Eugen procurou convencer o seu irmão mais novo a tentar a vida na cidade. O professor Leitzke já havia me contado durante a viagem que lutava para levar seu irmão para a cidade para lá aprender um ofício, pois, do contrário, permaneceria em casa trabalhando de empregado para o irmão mais velho que, por direito, assumiria a propriedade. Mas, para o jovem, faltava a garra e a iniciativa que Eugen teve.

Da casa da família Leitzke fomos para Arroio do Padre. Há apenas algumas semanas o pastor Frömming havia iniciado ali o seu pastorado. Como era solteiro vivia de uma forma bem simples e econômica na grande casa pastoral. Quase todos os ambientes estavam vazios e ele dormia numa cama bem simples. Desta forma demonstrava ao pessoal da comunidade que não fazia grandes exigências, como o seu antecessor da Alemanha fez no local. Infelizmente, ele se acidentara num naufrágio. Os pastores formados não tinham uma vida fácil no meio dos pomeranos, pois apenas 10% dos 100.000 pomeranos dali ainda pertenciam à igreja evangélica original; os demais debandaram para as igrejas evangélicas livres. Do ponto de vista da igreja evangélica, estes pastores livres representavam uma degradação na comunidade, já que os mesmos não eram formados e eles próprios escolhiam e elegiam o seu pastor. Isto quer dizer, escolhiam alguém que soubesse ler e escrever bem, independente da sua função. Poderia até ser um alfaiate ou mesmo um marinheiro que largou a profissão.

Os imigrantes uma vez declararam publicamente: "Fomos livres, permanecemos livres e queremos continuar livres! Não queremos mais ficar submissos a uma suprema ordem da igreja de Berlim! "Antigamente, na Pomerânia, eles tiveram más experiências, pois os proprietários mais importantes ditavam as regras na comunidade e os pastores simplesmente aceitavam a imposição dos mesmos. Isto os pomeranos nunca esqueceram e, além disto, a igreja pouco se importou com os mesmos quando se instalaram na região entre São Lourenço e Pelotas. Desta forma, os colonos escolhiam alguém entre si que ficava responsável pela parte religiosa. Esta pessoa designada passava a ler os sermões, fazia os batismos, fazia os matrimônios e fazia os enterros.

Em troca recebia uma pequena contribuição da comunidade. A maioria destes pastores designados recebiam uma colônia de terras, do mesmo tamanho dos demais colonos. O pastor Buchweitz, em Novo Hamburgo, conhecia bem esta situação e informou que estas colônias, nas quais moravam estes pastores designados, sempre pertenceram à comunidade. Isso, certamente, copiaram da Pomerânia, pois lá os pastores também ocupavam o mesmo tanto de terras que os colonos.

Durante os anos de 1930 pessoas de 56 comunidades da igreja livre se reuniram e quiseram fundar uma igreja independente. Porém, com a chegada da Segunda Guerra Mundial, este plano não pôde ser executado e depois o projeto se perdeu.

Em seguida a igreja evangélica começou a reconhecer sua falha e o descuido que teve junto aos colonos pomeranos e começou a fazer uma outra imagem destes *pastores livres*, que antes eram muito criticados. Na literatura sobre a comemoração dos 75 anos de fundação do Sínodo Riograndense encontramos escrito:

> "*Não queremos esquecer que os primeiros pastores destas comunidades livres, que mais tarde se filiaram ao nosso sínodo, eram pastores livres sem qualquer formação teológica. Certamente, existiam entre esses pastores livres alguns elementos que trabalhavam de uma forma duvidosa e entravam nesta doutrina de uma forma desleal, e passavam pelas antigas picadas para indiscriminadamente batizar crianças, bem como confirmar adolescentes sem que tivessem tido o ensino confirmatório ou terem sido preparados para tal. Isso porém, não deve ofuscar a nossa mente e devemos reconhecer que muitos desses pastores se dedicaram à doutrina por amor ou, muitas vezes, por compaixão ou necessidade para resolver um problema religioso, pois não tinham nenhuma assistência religiosa. Privados de muita coisa, dedicavam-se e empenhavam-se da melhor forma possível. Se não tivessem preparado o caminho com seus trabalhos, não teríamos tido a oportunidade de prosseguir com nossos trabalhos mais tarde. Pois, entre os pastores formados na Alemanha, também sempre tiveram alguns que não vieram ao Brasil, exclusivamente, para se dedicar aos interesses da igreja*".

Os pastores novos mostravam boa vontade em manter contato com os tais pastores leigos. Desta forma, acompanhei o pastor Frömming para a comunidade da igreja livre do pastor Venske, que parecia lamentar não pertencer à igreja evangélica "original". O pastor Frömming confirmou minha suspeita, pois me contou que o pastor Venske enviou seu filho para o seminário evangélico de Porto Alegre. Porém, infelizmente, não teve possibilidades financeiras para continuar pagando as mensalidades.

Contrário à precária situação financeira do pastor Venske, que não

teve dinheiro para pagar os estudos do seu filho, outros pastores livres viviam de uma forma bem abastada. Por exemplo, eles me contaram de um pomerano de nome Treptow, que também era pastor da igreja livre formada por 800 membros. Infelizmente não tive oportunidade de encontrá-lo, pois teria sido interessante ouvir sua opinião sobre a igreja evangélica "oficial". Os pomeranos, à toda hora, destacavam que nos estatutos de 1912 constava: "Somos livres e continuaremos livres!"

Isto continuava soando como um protesto dos antigos pomeranos, quando os empregados se revoltaram contra os grandes proprietários que ditavam as regras.

XX

Um domingo em Arroio do Padre era como um domingo há 40 anos numa região da Pomerânia Oriental. Tudo para e apenas as vacas são tratadas e ordenhadas. Os latões de leite são colocados em cima de bancos de madeira em frente às casas, aguardando o transporte. O motorista do carro leiteiro dava uma breve parada nas casas e conversava algumas palavras com os moradores que se encontravam um pouco desajeitados diante das portas. Não sabem bem o que fazer num dia de descanso. Finalmente, se reúnem para uma conversa no restaurante Bonow. Isto normalmente não demora muito, pois ainda precisam se arrumar para ir ao culto. As pessoas começam a aparecer de todos os cantos para participar do culto dominical: os homens vestidos de ternos escuros e as mulheres de vestidos claros de verão. Os sinos batem. As flores nos túmulos do cemitério são regadas, bem como é feita uma limpeza nas lápides com as inscrições.

Eugen Leitzke me levou para almoçar na casa de seus parentes, a família Nörnberg. A recepção na propriedade aconteceu como se visitássemos tios e tias de uma região vizinha na Pomerânia. Em primeiro lugar precisamos apreciar todas as instalações e colheitas. Quantas vezes vi esta cena na minha casa paterna, quando recebíamos visita dos parentes que iam, de celeiro em celeiro, "*üm de Wirtschaft tau bekieke!*" (para apreciar as colheitas e instalações!).

Já que o Siegfried Nörnberg cultivava principalmente tabaco contou-me detalhadamente todas as etapas: do semeio, do cultivo e até a secagem das

folhas nos grandes fornos que ficavam atrás da casa. Também se encontrava no local um funcionário da empresa de tabaco, que controlava as instalações de secagem, bem como fazia a manutenção destas instalações. No almoço fomos servidos como reis. Serviram tanta comida como se fosse uma pequena festa de casamento! Vários tipos de entrada, vários tipos de carne, saladas e outros complementos e até se tornou difícil escolher o que comer. Como sobremesa foram servidos cinco ou seis tipos diferentes de doces e precisamos provar todos.

Durante o almoço ainda falamos mais uma vez sobre o projeto do Eugen Leitzke de fundar num lugar, entre os colonos pomeranos, o museu da imigração. Mas em primeiro lugar existia o problema da falta de verba, pois as despesas para organizar um museu deste tipo certamente não seriam pequenas. Esperavam poder contar com dinheiro vindo da Alemanha e ele queria falar com o cônsul sobre este caso. Também esperavam receber doações de pomeranos da Alemanha, pois dentro em breve seria comemorado o aniversário de 150 anos de imigração alemã no Brasil.

Eugen Leitzke e eu ficamos na expectativa de podermos nos reencontrar na ocasião das festividades dos 150 anos de imigração alemã no Brasil, no Rio Grande do Sul. No fim da tarde precisamos nos despedir e o professor voltou para a sua escola em Panambi e eu segui viagem com o pastor Honório Flemming para Morro Redondo. No meio do caminho ele me contou a sua história de vida quando saiu do interior como filho de camponeses, foi servir o exército, foi professor e finalmente se formou pastor. Ele, com 30 anos de idade, tentava convencer os colonos pomeranos a usarem métodos mais modernos na agricultura e fazia isso usando as terras que pertenciam à comunidade e aplicava lá seus conhecimentos agronômicos. Ele não tinha medo do trabalho pesado e era o primeiro a pegar na enxada, facão, foice e outras ferramentas de campo.

Também o pastor Meirose, em Morro Redondo, me mostrou em primeiro lugar a escola agrícola que ele instalou na comunidade. Ali existiam cursos para a moderna criação do gado, bem como para o processamento do leite. No campo havia plantações de pêssego, cujas frutas amadureciam em diversas estações do ano. Ali reconheceram em tempo hábil que o caminho para a cidade era longo demais para transportar as colheitas e ainda conseguir preços competitivos. Desta forma, construíram fábricas de conservas e processavam as frutas no local. Já que a colheita de pêssego normalmente era de apenas três semanas, as fábricas ficavam ociosas por um período de 11 meses.

Por esta razão fizeram experiências com outros tipos de pessegueiros, que davam frutos em épocas diferentes para que as fábricas não ficassem ociosas tanto tempo e se tornassem mais rentáveis.

Os colonos pomeranos de Morro Redondo encontravam-se numa situação econômica boa. Visitamos as famílias Patzlaff, Fiss e Nörnberg. A sra. Fiss tinha uma forma interessante de se expressar, pois ainda se lembrava bem dos avós que imigraram da Alemanha para cá. Também ela confirmou como os primeiros tempos ali foram difíceis e que a situação deles apenas melhorou quando resolveram abrir uma venda. Durante a época da revolução de 1873/1874, até o Brasil tornar-se República em 1889, aconteceram por ali muito tiroteios, assaltos e incêndios. Felizmente, conseguiram sobreviver ilesos apesar de, por várias vezes, terem tido a sua venda roubada e saqueada. Mas eles eram pouco materialistas e sempre souberam valorizar mais a vida.

A notícia da minha presença ao local se espalhou rapidamente e ainda recebi muitos pedidos de visita. Porém, como não podia visitar a todos, decidimos reunir os interessados na casa da comunidade.

O pequeno salão encheu rapidamente e até vieram descendentes de portugueses e, inclusive, o prefeito da cidade. Pastor Meirose cumprimentou os participantes nos dois idiomas e explicou o motivo do encontro. Fiz a palestra nos idiomas alemão e em pomerano. Porém, pela pouca reação do povo notei que poucos me entenderam e desta forma o pastor Meirose passou a traduzir as mensagens para o português.

Somente começaram a se manifestar quando começou a apresentação de *slides*, pois as fotos dispensavam comentários. Ao final todos me agradeceram de uma forma muito amável, principalmente o pastor e o prefeito que, de forma cortês, me convidou para uma visita à sua casa.

No dia seguinte cedo ainda visitei o jovem sr. Wetzel que administrava uma fazenda experimental de modernas técnicas de agricultura. Ele falava fluentemente o pomerano, assim como seu irmão e vice-prefeito de São Lourenço. Ele fez experiências com plantação de oliveiras e mostrou-me a melhor forma para a conservação dos frutos.

No alto de uma árvore, perto da casa, ficava o papagaio da família Wetzel, que muitas vezes voava para mais longe, porém quando ficava com fome voltava e dizia em pomerano: "*Giw mi eir Botterbrot! Giw mi eir Botterbrot!*" (Me dá um pão com manteiga, me dá um pão com manteiga!).

De tarde, pastor Meirose me levou para a próxima comunidade onde

atuava o seu colega de profissão, Charles Wilfong. Ele era americano e sua esposa alemã. Ela, quando criança, tinha imigrado com os pais para os Estados Unidos.

A pequena cidade de Canguru era simpática e bem limpa. Ali moravam várias famílias descendentes de pomeranos, os quais normalmente moravam nos arredores da cidade ou até mais no interior. Os sobrenomes mais encontrados por ali eram Timm, Manske e Arndt. A família Arndt morava bem ao lado da igreja, numa casinha bem simpática e ele me confirmou que, de fato, eram descendentes do famoso Ernst Moritz Arndt e que, inclusive, conheciam bem sua biografia e até sabiam vários de seus poemas.

De lá o pastor Wilfong me levou para uma filial da sua paróquia de nome Remanso, porque ele queria levar a sra. Eichholz para casa, já que ela havia recebido alta do hospital. Ela tinha sido operada há apenas dois dias, mas logo me convidou para tomar um café na sua casa. Evidentemente, as portas, janelas e bancos eram pintados de azul claro. Alfredo Fernando Eichholz, seu marido, queria me mostrar as terras de 29 hectares, bem como as instalações. Todos os demais membros da família estavam trabalhando na roça. Eles ainda cultivavam batatas, apesar da pouca lucratividade. Ainda não tinham se convencido a fazer parte do programa do governo para a tão prometida plantação de soja. Desta forma é evidente que precisei ouvir muitas queixas sobre as dificuldades e que não conseguiam vender seus produtos por preços razoáveis. Tentei até fazer uma leve crítica, mas que não foi bem aceita.

Mais tarde o pastor me contou, lamentando a intransigência dos pomeramos, dizendo: eles trabalham, trabalham, fazem um esforço sobrenatural e tudo isto em vão, pois trabalham de uma forma totalmente errada e tentam sempre plantar as frutas inadequadas para o local. Um agricultor sempre copia o que o outro faz. Por exemplo: se alguém planta cebola e consegue obter um bom lucro com a colheita, no próximo ano todos plantam cebola e desta forma o mercado não consegue absorver tanta cebola. Para poder fazer plantações racionais deveriam criar cooperativas na região.

Também a situação da saúde nas filiais mais distantes era crítica. Pois nenhum médico ia ao interior sem que lhe pagassem antecipadamente o correspondente a DM 100,00 (cem marcos alemães). Além disso, ainda exigia o dinheiro do táxi, pois jamais iria sujar seu próprio carro nas estradas precárias. O resultado era que os colonos iam para curandeiros ou benzedeiras. Muitos morriam ainda jovens e também havia muitos casos de suicídios.

Fiquei impressionado com as informações do pastor Wilfong, pois

o jovem americano tinha a sua forma segura e neutra de analisar as coisas e sabia enxergar e colocar as coisas do jeito que realmente eram.

Também a sra. Wilfong me relatou casos de visitas que fez nas colônias pomeranas. Ela me contou que das 32 famílias visitadas apenas duas haviam conseguido construir um banheiro. As demais faziam as suas necessidades no meio do mato. Algumas famílias sequer possuíam um filtro de água e bebiam a água do rio. Ela também reclamou sobre a forma inadequada de alimentação dos pomeranos: "Não conseguimos convencê-los a comer mais frutas e verduras e permanecem presos ao hábito de comer arroz, feijão e carne de porco." Uma vez o casal fora convidado para uma festa de matança de porco e a dona de casa então comentara: "*Ick weit nich, wat dem Schwien fählt herr, dat wull u wull nich ansette, dorüm heww wi dat nu schlacht!*" (Não sei qual era o problema deste porco, pois o mesmo não queria engordar de jeito nenhum, desta forma resolvemos matá-lo!).

Muitas vezes o casal de pastores recebia em casa carnes doadas pelos colonos que, desta forma, queriam principalmente compensar favores do tipo: ter levado alguém ao médico ou terem hospedado alguém na cidade. Uma vez, haviam recebido uma galinha de presente com a seguinte observação: "Que poderiam receber o presente de bom grado, pois no terreiro deles tinha a peste da galinha e o galo tinha acabado de morrer de peste".

Quando ouvimos este tipo de comentário, no primeiro momento nos envergonhamos dos nossos compatriotas. Mas, por outro lado, foi bom saber desta realidade tão cruel dos colonos pomeranos e assim passamos a entender o motivo do atraso deles. Pois, em nenhum lugar do mundo podia-se progredir seguindo métodos ainda usados pelos avós.

O jovem casal de pastores chegou à conclusão que, para mudar algo nesta situação, precisavam investir nas crianças já que os adultos eram inflexíveis demais para aceitar uma nova mentalidade. Desta forma, resolveram hospedar três alunos de famílias pomeranas do interior em sua casa para que pudessem frequentar as aulas na cidade. Todos estudavam bem e acompanhavam a turma, mas durante as férias do pastor, que duraram seis meses, os três alunos fugiram para as casas dos pais e não conseguiram mais convencê-los a retornar à cidade para concluir os estudos.

No entanto, isso não desanimou o casal. Quando estive lá de visita tinham novamente alguns meninos e meninas descendentes de pomeranos do interior em sua casa. Quase todos eram filhos de casais separados e al-

guns muito traumatizados. O casal pretendia amenizar os traumas por meio da convivência com os próprios filhos. O casal planejava aceitar mais filhos abandonados e finalmente poder construir um lar para estas crianças.

Depois da minha palestra na casa da comunidade de Canguru, voltei mais uma vez para Arroio do Padre. Quando cheguei lá o pastor Frömming já estava roçando na propriedade da comunidade. Estavam tirando o mato e limpando as terras. Eles chamavam este trabalho de "*Buerdeinst*" (trabalho do camponês). Porém, nem o pastor e muito menos os colonos sabiam o que essa palavra significava, pois a palavra "*Buer*" (colono, camponês) aqui foi substituída pela palavra "colono" e a palavra "*Deinst*" (trabalho), aqui no Brasil, era pouco conhecida e usada somente para descrever a empregada doméstica "*Deinstmäke*".

Desta forma expliquei para eles o significado de "*Buerdeinst*" (Bauerdienst) em alemão. Eles ficaram admirados por esta expressão ter vindo da Pomerânia, pois acharam que havia sido criada durante os tempos difíceis quando muitos trabalhos eram feitos em forma de mutirão.

O pastor também comentou que não conseguiu convencer os pomeranos que, ao arar as terras em lugares elevados deveriam fazer sulcos curvos, para que a terra não fosse levada pela enxurrada e disse: "é contra a honra do pomerano fazer sulcos curvos, pois aos olhos dos pomeranos quem não sabe fazer sulcos retos não é um bom colono". Desta forma, permaneciam estupidamente com a mentalidade prussiana e faziam sulcos retos, subindo e descendo o morro. Somente com a presença de agrônomos vindo das escolas de agronomia de Pelotas é que aprenderam as novas técnicas com sr. Boerger. Trabalhavam contra a vontade dos pais e faziam sulcos inclinados ou em curvas nos morros.

Depois de cada culto o pastor levava os participantes ao seu trabalho-modelo feito nas terras da comunidade para lhes mostrar como a água da chuva era bem melhor aproveitada na terra se os sulcos não fossem em linha reta, subindo e descendo o morro e, sim, feitos em curvas de nível. Depois de constatarem este fato, começaram a coçar a cabeça dizendo: "*Wat de niej Preister doch alles wett!*" (Ficamos admirados com os conhecimentos do novo pastor!). De alguns anos para cá tinha começado a aparecer um outro problema, pois retornavam da Alemanha os primeiros agrônomos, que lá fizeram cursos de dois ou três anos para aprender técnicas agrícolas modernas. Eles agora queriam aplicar estas técnicas ali no Rio Grande do Sul. Porém, como poderiam fazer isto? Eu mesmo falei com dois ou três jovens nesta situação,

que uma vez tinham ficado felizes por terem a oportunidade de ir à Alemanha e estudar agronomia lá. Mas qual foi o resultado? Preferencialmente, gostaríamos de esconder esta realidade, mas não é isto que devemos fazer.

O primeiro jovem que conheci queria aplicar os seus conhecimentos na propriedade do pai, porém o pai lhe proibiu de trabalhar com tais métodos modernos e desta forma cedeu e hoje trabalha pelo sistema antigo. O segundo jovem não possuía terras para trabalhar e nunca teria condições de poder adquirir terras próprias. Por esta razão, passou a trabalhar como motorista de ônibus, pois aprendera a dirigir na Alemanha. O terceiro jovem, com quem falei, estava atrás de um balcão de bar, uma vez que o pai dele havia vendido as terras, mudou-se para a cidade e abriu uma lanchonete.

Estas experiências foram desastrosas e esperamos que isto não aconteça com todos os jovens que atualmente estão estudando na Alemanha e que voltarão ao Brasil.

Na parte da tarde acompanhei o pastor Frömming numa de suas filiais, que por merecimento levava o nome de Triunfo, pois ali 32 famílias da "igreja livre" se juntaram e construíram por conta própria a sua igreja. Orgulhosamente, o presidente me mostrou a pequena igreja. Era impressionante como ele observava detalhadamente cada viga, os detalhes do altar primitivo, cada banco estreito de madeira e até cada tijolo com os quais ele e os demais membros construíram a casa de Deus.

Na reunião paroquial, seguida ao culto, queriam discutir sobre as dívidas que restaram, pois alguns dos membros ainda não tinham quitado a sua parte. As regras eram rígidas, mesmo para um caso que se tratava de um valor ínfimo de apenas Cr$ 7,00 (aproximadamente DM 10,00). A pessoa em questão se ofendeu, sentiu-se injustiçado, saiu alterado da igreja, selou o seu cavalo e foi para casa. Provavelmente, este vai se tornar um membro perdido e certamente voltará para a igreja evangélica livre, que fazia de tudo por um preço mais em conta.

Na viagem de volta ainda falamos bastante sobre a questão financeira destes membros, pois muitos se encontravam numa situação tão difícil que sequer conseguiam pagar as contribuições estipuladas. Já tinha havido casos em que os pastores se recusaram a batizar as crianças, enquanto os pais não pagassem as contribuições. Portanto, não é de se estranhar que um desses pais debandasse então para outra igreja. Porém, esta política da igreja evangélica é um capítulo de difícil solução.

À noite, em frente à casa paroquial de Arroio do Padre, se reuniram muitos curiosos. Os homens conversavam em grupos, as mulheres e as crianças ocupavam seus lugares nos bancos compridos do salão. As pessoas das comunidades vizinhas vinham em cima de caminhões abertos para ouvir a palestra sobre a Pomerânia. O salão ficou tão lotado que se abriram as portas e as janelas e muitos passaram a assistir a palestra através das mesmas.

Também as famílias Leitzke e Coswig vieram e discutimos novamente em que idioma eu deveria fazer a palestra, ou seja, em alemão ou em pomerano. Porém, como as crianças, fora o português quase só entendiam o pomerano, fiz a palestra em pomerano. A repercussão logo foi fantástica. De repente me dei conta que este seria o meu último dia de palestra entre os colonos pomeranos. Então, fiz uma avaliação e retrospectiva sobre a experiência obtida durante as minhas 40 palestras anteriores e consegui agradar bem o público presente.

Todos se manifestaram de uma forma bem alegre e participativa sem a habitual estupidez pela qual os pomeranos eram conhecidos. As risadas eram tão altas e as palmas tão longas que pareciam não ter mais fim! As pessoas mais maduras dali ainda conheciam o costume de "Stiepen", na Páscoa, (quando as pessoas são acordadas com galhos molhados na cama), como também se lembravam dos ensaios natalinos no advento, em preparação à apresentação do nascimento de Cristo. Os mais jovens ficaram admirados; não tinham noção do que os mais velhos estavam dizendo, pois certamente sequer tinham ouvido falar naquilo, já que os mais idosos se envergonhavam de comentar seus costumes e hábitos antigos. Além disto, não podemos perder de vista que todos estes costumes alemães tinham sido proibidos durante a Segunda Guerra Mundial e depois não foram mais reativados por uma razão qualquer. Por exemplo, o "Stiepen" para a Páscoa, tinha sido desativado porque muitas vezes se exagerava e passava-se a machucar ou maltratar as pessoas.

Depois da palestra continuei à disposição para eventuais discussões. Os mais jovens queriam saber como era a vida na Alemanha. Como conseguiram obter uma economia milagrosa; queriam saber o preço de um fusca na Alemanha. Quanto um trabalhador recebia por hora. Qual o lucro de um camponês e onde vendia os seus produtos. No final, disse aos jovens que eu gostaria muito que cada um deles tivesse a oportunidade de um dia visitar a Alemanha, da mesma forma como eu estava visitando e conhecendo a vida dos colonos pomeranos no Brasil. Recebi então uma calorosa salva de palmas e August Coswig me desejou que depois de ter conhecido os pomeranos no Brasil, eu

pudesse rever também a antiga pátria Pomerânia Oriental e lá fazer o mesmo.

Este foi o meu último dia de palestra, e talvez o melhor, entre os colonos pomeranos. No dia seguinte, alguns colonos me contaram que ouviram muitos comentários positivos na rádio sobre o "*Poet ut Pommerland*" (Poeta da Pomerânia). Esta declaração me fez bem, ainda mais porque pediram que eu voltasse outras vezes.

150 ANOS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL

Três anos após a minha primeira viagem voltei às colônias pomeranas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo, pois no dia 25 de julho de 1974 foi comemorado o jubileu dos "150 Anos da Imigração Alemã no Brasil". Com muita antecedência fui convidado para esta comemoração e desde a minha primeira estada no Brasil me comprometi a participar desta festa. Cheguei em Porto Alegre dois dias antes do evento e desta forma acompanhei os últimos preparativos para as principais festividades em São Leopoldo e em Novo Hamburgo.

Num cartaz de propaganda estava escrito em alemão "*Alles blau*" (Tudo Azul), que encontrava-se exposto em muitas vitrinas. Isto significava o equivalente a "*Alles gut*" (tudo bem). Debaixo desta descrição víamos uma caneca de cerveja e uma cuia de chimarrão brindando. A caneca de cerveja era o símbolo alemão e a cuia de chimarão era o símbolo do Rio Grande do Sul. A cuia é feita de um tipo de casca de cabaça para se tomar chimarrão e o chimarão é feito de mate verde.

Num outro cartaz, além da cuia, aparecia um jovem loiro e de olhos azuis tomando chimarrão. Com isto queriam dizer que os descendentes de alemães se sentiam verdadeiros brasileiros e que ao mesmo tempo não esqueceram a sua descendência alemã mas, sim, orgulhavam-se dela.

O terceiro cartaz mostrava um casal de colonos pomeranos olhando pela janela de uma casa típica: ela com um rosto de vovó bondosa e ele com olhos bem penetrantes e com o bigode enrolado, como aparecem em fotos bem antigas. Mais tarde fui informado que se tratava do casal Hein de Itoupava Rega, próximo a Blumenau.

Também no selo comemorativo lançado em homenagem ao jubileu da imigração encontramos uma casa típica de colonos alemães, com madeiramento exposto, em frente à qual aparecia um homem montado num cavalo, mas não era possível decifrar se era a foto de um pastor a caminho de uma filial ou se tratava de um cavaleiro típico.

As ruas de São Leopoldo e Novo Hamburgo estavam enfeitadas com bandeirolas alemãs e brasileiras. As delegações alemãs foram cumprimentadas, entre elas, a Orquestra Juvenil da República Federativa da Alemanha, os grupos musicais do Hunsrück e os grupos de dança folclórica de Oberwesel e Schwaben Internacional.

Na manhã de 25 de julho a festa começou com o hasteamento das bandeiras em frente à Câmara Municipal de Novo Hamburgo. Moças e rapazes vestidos com trajes típicos tiroleses cantavam canções folclóricas em português e alemão. Bandas de músicas escolares os acompanhavam. Depois seguiram para o monumento da imigração, onde o prefeito Miguel Schmitz e o cônsul alemão inauguraram as placas comemorativas dos 150 Anos da Imigração Alemã, com as seguintes inscrições: "*Den Vätern zur Ehr', den Kindern zur Lehr*" (Homenagem aos pais, doutrina para as crianças) e na outra estava escrito "*Unsern Vätern zum Gedächtnis, uns zur Lehr', unserem Vaterland zum Heil*" (Em memória dos nossos pais, para nós uma doutrina, para nossa pátria uma honra).

Depois deste ato comemorativo foi realizado no salão um culto ecumênico, para o qual havia sido convidado um padre católico e um pastor evangélico. Também ali as igrejas conviviam mais de perto, pois reconheciam a necessidade de fazerem um trabalho conjunto e, para isto, as diferenças deviam ser colocadas em segundo plano.

O ponto alto da festa acontecia na parte da tarde num enorme pátio em Rio dos Sinos, pois lá apresentaram em forma de desfile a história da imigração alemã que aconteceu há 150 anos. Na tribuna havia um grande número de participantes e, apesar da chuva fina, um enorme número de expectadores vieram para assistir ao espetáculo.

Pontualmente, o Presidente da República, general Ernesto Geisel ocupou a tribuna de honra e foi cumprimentado gentilmente de todos os lados. Ernesto Geisel foi o primeiro presidente descendente de alemães e evangélico do Brasil. Os antepassados dele eram de Kronberg, em Taunus. Várias palestras e cumprimentos foram feitos. O presidente da comissão organizadora da festa, Rodolpho Englert, declarou cheio de entusiasmo: "Aqui em São Leopoldo fica o berço da imigração alemã e a eles queremos prestar os nossos sinceros agradecimentos pela manutenção da fé e da cultura; pelo amor que tiveram ao trabalho e os valores que deixaram de herança para nós. Estamos aqui ao lado do Rio dos Sinos e lembramo-nos dos trabalhadores valentes que abriram os primeiros caminhos e tentamos nos colocar no seu lugar e feste-

jamos a sua bravura. Respeitosamente, queremos inclinar as nossas cabeças perante estes pioneiros que muito contribuíram para o desenvolvimento e crescimento do Rio Grande do Sul e, consequentemente, do Brasil".

Depois das palestras veio um grupo de cavaleiros montados nos seus inquietos animais e entraram na arena. A seguir entraram as carroças de duas rodas, representando aquelas usadas para apanhar os imigrantes na área do desembarque. No rio, os "imigrantes" encontravam-se em cima de um barco superlotado, remado por "escravos" com remos de madeira. Quando chegaram próximo à margem, homens, mulheres e crianças desceram do barco para terra firme. Estavam vestidos de imigrantes em trajes típicos antigos como os usados em 1824. Um casal de jovens estava vestido com um traje de pescadores pomeranos e nesta hora me lembrei que, há mais ou menos um ano, o cônsul alemão de Porto Alegre havia solicitado um molde de costura deste tipo de traje na *Associação Pomerana em Hamburgo*, na Alemanha. Continuando a representação, os poucos pertences que os "imigrantes" trouxeram estavam acondicionados em caixas de madeiras, que os "escravos" colocaram em cima das carroças. Em seguida, os gaúchos receberam os "imigrantes" e os levaram até à tribuna, onde um padre católico e um pastor evangélico os receberam com um culto ecumênico. Eles pediram pela benção e proteção divina nas novas terras, que dali por diante seria a nova pátria deles. Depois os "imigrantes" subiram nas carroças nas quais foram transportados até os alojamentos a eles destinados, para aguardar a distribuição da documentação dos lotes de terras.

Esta encenação histórica demorou mais de uma hora. Depois se apresentaram vários grupos de danças folclóricas da Alemanha e do Brasil que foram muito aplaudidos. Depois de duas horas de festividades nós, jornalistas, acompanhamos a comitiva do presidente Geisel, bem como as delegações da Alemanha, entre as quais se encontrava o ministro Bernhard Vogel de Renânia, que veio para participar de uma feira industrial em Novo Hamburgo e para o qual haviam organizado uma comemoração no "Bierhaus" (Casa de Cerveja) em estilo "Hunsrück". O banquete se deu em meio às apresentações de bandas de músicas da Alemanha, bem como de grupos folclóricos do Hunsrück. Em nome do Ministro de Cultural da Alemanha, dr. Vogel, o organizador do grupo de viagem dos turistas da região Rêno-Hunsrück ofereceu ao presidente da república trajes do Hunsrück para serem expostos no museu da imigração alemã. Ao final, o ministro da Alemanha perguntou ao presidente Geisel se ele gostaria de ouvir alguma música preferida. Então ele mesmo respondeu em alemão: "A banda se apresenta de uma forma tão fantástica que o que tocam no momento passa a ser a minha música preferida!". A ban-

da estava executando a música "*Alte Kameraden*" (Velhos Companheiros) do compositor pomerano Karl Teike.

As festividades para a Comemoração da Imigração Alemã no Brasil ainda se seguiram por alguns dias. Numa recepção organizada pela esposa do embaixador alemão de Brasília, sra. Röding, passei a conhecer muitas autoridades brasileiras, entre elas um deputado descendente de pomeranos de nome Oscar Westendorff, que representava a região de São Lourenço, na qual se concentram os descendentes de pomeranos. Fiquei muito feliz em saber que os pomeranos tinham um representante oficial de sua procedência e que, inclusive, falava o pomerano. Pelo contato feito em pomerano, logo passamos a ter uma grande afinidade e o Westendorff me convidou para participar de uma grande festa política na sua região e, evidentemente, aceitei de imediato este convite.

Dois dias depois, a Lufthansa ofereceu uma grande festa no "*Orfeu*" em Porto Alegre, onde compareceram mais de 2.000 pessoas para desfrutar dos bons vinhos e cervejas recém-trazidos da Alemanha, deixando o ambiente bastante animado. Corais cantavam canções folclóricas em alemão e em português, grupos com trajes típicos dançavam polcas e valsas. Também reencontrei aqui o deputado Oscar Westendorff, que no Congresso Brasileiro era conhecido como "o deputado das batatas". Na mesma noite ele me levou junto para sua casa. Andamos várias horas de carro, em meio à neblina, até finalmente alcançarmos a casa dos pais dele.

A família Westendorff me recebeu com grande hospitalidade. Para o almoço serviram "*Spickgans*" (ganso defumado), que Oscar evidentemente chamava de "*Spickgaus* ou *Spickbost*". Não sobrou muito tempo para o descanso, pois seguimos para Baronsberg, onde se iniciou a colonização pomerana na região.

De longe avistamos os dois monumentos brancos do Baronsberg. No meio das estradas que eram conhecidas como "*Pommerstraot*" (Estrada dos Pomeranos) e "*Möhlerstraot*" (Estrada do Moinho) encontramos muita gente se dirigindo ao local da festa. Quando lá chegamos ficamos surpresos com o grande número de pessoas que estavam no local. Pela contagem oficial teriam sido mais de 15.000 participantes.

Num dos monumentos hastearam as bandeiras do Brasil e da Alemanha e cantaram os dois hinos nacionais. Na placa ao lado constavam os nomes dos primeiros imigrantes, entre eles os irmãos Zibell, da Pomerânia.

As pessoas se aglomeravam ao redor do palco instalado e, apesar do sol quente, permaneciam firmes no local. Primeiramente o pastor pomerano da Igreja Evangélica, Osmar Prochnow, fez um sermão. Depois, o padre da Igreja Católica falou sobre a imigração alemã. Ambos se estenderam bastante nas suas falas e as pessoas começaram a ficar impacientes. Então Oscar Westendorff interveio, decidido, pegou o microfone e falou de uma forma enérgica e sucinta. Em seguida ele apresentou-me ao público e eu passei a fazer a minha palestra, iniciando com as seguintes palavras: "*Mien leiwe pommersche Lüür...*" (Meu querido povo pomerano...).

Surpreendido com as minhas palavras o povo ficou em total silêncio. A seguir, quando expliquei quem eu era e qual o objetivo da minha palestra, teve início uma calorosa manifestação e eu, em resumo, disse: "Estou seguindo o caminho dos pomeranos na Alemanha para os pomeranos no Brasil". O povo ficou tão entusiasmado que me pediu para continuar falando cada vez mais. Porém, eu não podia, como os dois religiosos, abusar da paciência deles e nem ocupar o tempo dos outros, pois os "*Hunsrücker*" também queriam falar e enriquecer a festa com apresentações de bandas de música e danças.

Desta forma me despedi do público e Oscar Westendorff bateu nas minhas costas e disse-me: "Você viu como os pomeranos reagiram quando notaram que alguém da Alemanha falava a língua deles? Você pode estar certo, que deu um grande incentivo a este povo, que desta forma passa a não mais se envergonhar da sua língua materna".

Durante a festa ainda precisei falar com muitas pessoas e evidentemente sempre em pomerano. Muitos me deram a sua mão forte e calejada e se apresentaram espontaneamente: Luckow, Neitzel, Pollnow, Saalfeld, Lewin, Lüpke, Oswald, Röpke, Leitzke ...

Às 18:00 horas a cerveja acabou e Oscar Westendorff constatou: "*Över dreihunnert Kiste Beir hewwe de Pommern utsoape! Minschenskind, könne dei wat verdräge!*" (Os pomeranos entornaram mais de 300 caixas de cerveja! Puxa, como bebem!).

Nesta festa, com um público de 15.000 pessoas, cheguei a conhecer muitos deputados, pastores, professores, que pediram-me para ir à sua região para fazer palestras em pomerano. Como não gosto de recusar convites, passei os 15 dias seguintes ininterruptamente pelas estradas, para chegar aos lugares longínquos onde moravam os descendentes de pomeranos. Cheguei a lugares onde já tinha estado anteriormente, mas também cheguei a lugares, bem no in-

terior, onde ainda viviam comunidades de pomeranos bem fechadas e isoladas.

Um dos casos mais impressionantes encontrei em Paraíso, perto de Cachoeira do Sul, pois lá a colonização se deu de uma forma bem diferente dos demais lugares, pois todos os pomeranos dali vieram do mesmo lugar da Pomerânia, ou seja, de Lubow da região de Neustettin. No cemitério, nas antigas lápides, ainda se via gravado: nascido em Lubow, Pomerânia. Algumas vezes também encontramos Rackow, local vizinho. Os nomes se repetiam: Schünemann, Becker, Dumke, Milbradt, Schumacher, Glasenapp, Zibell, Schütz, Kohl, Böck, Vedder, Radiske, Drewanz, Wegner, Witt, Timm, Beck, Lange, Trojahn ...

Cada uma destas famílias, na ocasião da colonização, recebera um lote de 48 hectares de terra. Com o tempo, alguns tinham menos do que isto, mas a maioria possuía mais terras do que originalmente tinham recebido. O lugar ficava localizado num lindo vale e por ser um lugar tão bonito os imigrantes o denominaram, com razão, de Paraíso. Um dos senhores mais idosos, Karl August Lüdtke, que nasceu e foi criado ali, me levou de carro até o alto da montanha, mostrou-me orgulhosamente a região e disse: "Também poderiam ter chamado o local de Nova Lubow, pois todos os moradores daqui são de Lubow".

O nome "Paraíso" hoje se mencionava de uma forma meio tímida, pois as pessoas dali transformaram o local num inferno, por causa de brigas na igreja. Chegou a tal ponto que abriram um processo contra o pastor, que foi agredido com arma, fecharam-lhe as portas da igreja e até o esbofetearam!

Entretanto a comunidade revoltada acabou recebendo a pessoa certa: o jovem pastor Kich, filho de camponeses. Sua esposa era da família Kielerin. Ele plantava trigo nas terras da comunidade, pois entendia muito de agricultura. Ele conseguiu conquistar a confiança dos pomeranos apesar de, no início, terem se surpreendido quando o viram trabalhando na roça de calça jeans. Muitas vezes ainda apareceram para investigar o que o pastor estava fazendo e quando encontraram tudo em ordem, acreditaram que deveria ser um bom pastor, pois quem sabia coordenar bem as plantações deveria ser uma pessoa que merecesse confiança.

A minha palestra à noite foi feita na igreja, pois este era o maior espaço da região. O filme que gravei há três anos foi apresentado na parede, atrás do altar. As pessoas estavam bem humoradas e alegres. Todos se divertiram muito, deram altas risadas e gostaram da minha palestra e das histórias

em pomerano. Também ficaram satisfeitos por terem aparecido muitos participantes da igreja livre e desta forma me senti realizado por ter conseguido quebrar o gelo e, quem sabe, aberto o caminho para a reunificação das duas igrejas. Pelo menos durante a palestra esqueceram as brigas, se divertiram juntos, lembrando-se da Pomerânia, terra dos seus antepassados.

No dia seguinte segui em direção às serras. Lá no alto haviam se fixado alguns jovens que não tinham mais terras nos vales. Esta região se chamava Serra dos Pomeranos. Um dos mais antigos colonizadores me contou que quando falou com o seu pai que ia se mudar lá para o alto, seu pai lhe perguntou: "*Wat wist du dor bowen? Pogge trecke?*" (O que você quer fazer lá em cima? Criar sapos?).

Bem, apesar de lá no alto haver brejos, ele não chegou a criar sapos, mas também não conseguiu conquistar riqueza na Serra dos Pomeranos. Porém, tiveram uma vida pacífica e tinham o bastante para comer e viver. Mas, o que me impressionou foi que as pessoas ali viviam de uma forma mais comunitária, ajudando um ao outro, o que ali chamam de "*Puscheru*" (mutirão).

Quando alguém da região passava por um problema sério de doença, morte na família ou outros motivos e não conseguia colocar o seu trabalho em dia, todos da região se reuniam e, num só dia, em forma de mutirão, faziam todos os trabalhos da roça que tinham se acumulado. Em troca, a dona de casa ficava responsável de fornecer-lhes as refeições do dia. Neste trabalho comunitário os trabalhadores se divertiam e cantavam. Depois do trabalho, continuavam festejando até à madrugada do dia seguinte, ou como um dos pomeranos me disse: "*Solang as de Musik spält!*" (Até quando a música tocar!).

Uma senhora me contou uma história que a avó dela havia contado muitas vezes aos netos: "As minhas irmãs e eu imigramos de Lubow para o Brasil. Minha mãe já tinha falecido e desta forma nos preocupamos muito com o nosso pai lá na Pomerânia. Um dia, eu estava na janela e vinha vindo um senhor de idade. Enquanto aquele senhor idoso subia o morro eu imaginei que o mesmo tinha uma certa semelhança com o meu pai. Quando ele se aproximou mais constatei que, realmente, era o meu pai. Nós nos abraçamos e choramos muito e ficamos sem palavras. Ele havia economizado o dinheiro da viagem e depois aqui em Cachoeira andou vários dias a pé para ter a oportunidade de viver perto das filhas".

Em poucos dias ouvi tantas histórias de vida que muito me impressionaram e que despertaram a minha atenção. Foram experiências de uma

geração que viveu ali há cem anos: “Pátria, estas são as pessoas que amamos e adoramos!”.

De Serra Pomerana, seguimos pela serra das Flores para Priesterbach, Santa Augusta e Harmonia, onde ainda acabei conhecendo muitos pomeranos alegres e divertidos. No meio do caminho ainda visitamos o sr. Ernst Timm, de 92 anos, e que havia nascido em Stargard, na Pomerânia. Ele me contou como veio, ainda criança, para o Brasil e das dificuldades que os pais enfrentaram até conseguirem a sua própria subsistência. Ele era um senhor bem alto e quando nos despedimos, depois de uma curta visita, ele perguntou: “*Will wi nich eir Geschäft moke?*” (Você não quer fazer um negócio comigo?). Perguntei-lhe: “*Wat wist du mi denn verköpe?*” (O que você quer me vender?). Respondeu-me rindo: “Gostaria de lhe vender tempo, já que você tem tão pouco tempo!”. Precisei concordar com ele, pois eu realmente necessitaria de alguns meses de tempo para conseguir visitar todos os pomeranos no Brasil.

Em alguns lugares como aqueles o *modus vivend* do mundo pomerano estava tão intacto que tive a impressão que o tempo ali havia parado por pelo menos 50 anos. Porém, no futuro, as circunstâncias históricas certamente deverão mudar o comportamento da população desses locais, da mesma forma como as pessoas mudaram na Alemanha Ocidental. Isto será inevitável, mesmo que a sra. Coswig tenha me falado no salão onde dei a minha palestra em Harmonia: “*De Lüür möge noch so väl rere, ick hol de pommersch Sprok ümmer noch hoch un in Ehren!*” (Por mais que as pessoas falem, eu considero e honro a língua pomerana!).

As festividades do jubileu dos “150 Anos da Imigração Alemã no Brasil” deram aos descendentes de alemães no Brasil a oportunidade de reavivar a consciência. O professor Theo Kleine, do Centro Cultural 25 de Julho, enfatizou durante a sua palestra no primeiro dia da festa: “Afirmo que existe de fato o ‘brasileiro, descendente-de-alemães’, apesar de muitas vezes gostarem de apagar o hífen que une as duas palavras. Ser brasileiro, descendente de alemães significa: ser sempre um brasileiro íntegro e completo, sem qualquer desvio ou concessões; como também significa ser herdeiro e transmissor de uma vasta cultura que possuiu grande força na formação do caráter pessoal”.

RETROSPECTIVA HISTÓRICA

O conde Moritz von Nassau-Siegen responsável pela invasão holandesa no nordeste do Brasil escreveu para Friedrich H. von Oranien o seguinte: "Sugiro que enviem um número máximo de pessoas para o Brasil que empobreceram durante a guerra dos 30 anos e que perderam suas terras e bens, pois aqui existem muitas terras produtivas e o país encontra-se governado por um reinado alegre e simpático". Realmente, no final da guerra (1648) o empresário Peter Suetmann recebeu do governo português a autorização para trazer 130 pessoas para a ilha de Santa Catarina. Porém, o projeto desta operação foi interrompido pela morte do Suetmann.

No entanto, 50 anos depois, quando surgiu uma grande imigração para além-mar, somente os americanos aceitavam estrangeiros para a sua colonização. O Brasil ainda permanecia a terra dos imigrantes portugueses, pois o haviam descoberto em 1500. Porém no primeiro navio, sob o comando do capitão Álvares Cabral, veio o alemão "Meister Johannes". Desta forma os historiadores afirmam, com razão, quando dizem: "A história alemã no Brasil se iniciou com a descoberta do Brasil".

O primeiro alemão famoso que veio ao Brasil foi o Hans Staden, de Hesse, que escreveu histórias e vivências reais sobre as suas viagens feitas entre 1548 e 1555. Escreveu sobre a terra dos "selvagens", dos despidos, dos temidos antropófagos encontrados na nova América, cujas terras eram desconhecidas em Hesse, antes e depois de Cristo... Estas histórias impressionantes e aventuras vividas e descritas no seu relatório de viagem tornaram o Brasil "conhecido" na Alemanha e, por esta razão, essa literatura representa hoje um grande valor histórico.

Alexander von Humboldt, o famoso e sábio pomerano de família nobre, comandou a primeira pesquisa sobre a América do Sul e abriu os olhos do mundo para este continente. Ele falava com grande expectativa sobre o futuro da América do Sul e acreditava numa breve libertação e independência das colônias espanholas e portuguesas.

Após a fuga do rei de Portugal para o Rio de Janeiro, em 1808, iniciou-se no Brasil uma nova era. Em 1815 passou a ser Reinado e em 1822 conseguiu tornar-se independente de Portugal.

Porém, o país enorme era pouco habitado e a ordem era conseguir povoar as terras. Foi criada uma lei de colonização bem atraente, que possibilitava contratos de colonização bem favoráveis, nos quais eram oferecidas as viagens marítimas gratuitas, bem como terras e uma casa provisória.

Propagandistas do Brasil chegaram à Alemanha e fizeram acordos com as grandes empresas marítimas para o transporte de imigrantes e organizaram associações de imigração e colonização. O imperador do Brasil, da casa dos Habsburgos, deu preferência aos alemães, por sempre terem se mostrado bons trabalhadores e colonizadores. Quando D. Pedro I se casou com a princesa Leopoldina, foi influenciado por ela a procurar colonizar as terras brasileiras com imigrantes da Alemanha e da Áustria.

Depois das guerras napoleônicas, a Alemanha havia se tornado um país pobre e por esta razão as propagandas sobre o Brasil tiveram grande repercussão. A primeira colonização alemã ocorreu na Bahia em 1818 e, em homenagem à princesa, recebeu o nome de Leopoldina. Porém, ganhou força apenas em 1824. O navio holandês "*Argo*" trouxe agricultores e soldados que desembarcaram no Rio de Janeiro no dia 13 de janeiro de 1824. O navio saiu de Amsterdam, via Teneriffe, demorou muito tempo para chegar ao Rio de Janeiro, ou seja, levou 122 dias. Vieram da Alemanha neste navio 251 camponeses com as suas respectivas famílias e mais 29 homens do serviço militar. Quatorze pessoas morreram durante a viagem, dentre elas duas crianças. O segundo navio de imigrantes, o "*Carolina*", saiu de Hamburgo e teve uma travessia mais rápida, ou seja, 80 dias. No terceiro navio, "*Anne Luise*", vieram 269 homens, 16 mulheres e 40 crianças, de Hamburgo via Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul (a antiga província de São Pedro) e chegou lá no dia 25 de julho de 1824. Esta data nunca foi esquecida e vale hoje como data da imigração alemã no Brasil.

Mais de 4.000 camponeses alemães se instalaram em São Leopoldo até 1830. Assim consta na ata da reunião do ministério, responsável pelas leis na época:

> "*A população do império aumenta dia a dia; com o clima agradável e as terras férteis que o Brasil possui, o país deverá crescer na mesma proporção do que os Estados Unidos na América do Norte. O comércio dos escravos está diminuindo e temos a necessidade de suprir esta lacuna. O Brasil necessita de gente pobre, assídua e trabalhadora!*"

No seu discurso real de 3 de maio de 1829, D. Pedro I disse: “É estritamente necessário facilitar a viagem marítima dos imigrantes, o que aumentará o número de imigrantes camponeses pobres que nós necessitamos aqui”.

Apareceram outros agentes para atrair camponeses alemães para o Brasil. Foram criados mais centros de imigração e associações de colonização.

Os primeiros imigrantes alemães vieram da região sul da Alemanha: Baden, Württemberg e Baviera, inclusive do Böhmerwald. Mais tarde vieram imigrantes das regiões: Hesse, Rio Reno e Hunsrück. Na Prússia, de acordo com as leis vigentes na época, todos os cidadãos precisavam de uma autorização oficial para emigrar para outro país. Os agentes responsáveis pela autorização de emigração na Prússia até ficaram, temporariamente, proibidos de conceder este documento para pessoas que pretendiam emigrar para o Brasil. Mesmo depois, quando a cena política mudou drasticamente no meio do Século XIX, a resistência contra os emigrantes continuou pois estavam perdendo grande parte da sua população trabalhadora. As palavras ditas por Bismark num dia de comemoração imperial se espalharam rapidamente e diziam: “Um alemão que abandona o seu país, como abandonam uma roupa velha, no meu entender não é mais um cidadão alemão e não tenho mais qualquer interesse patriótico nele”.

Por esta razão, a imigração de famílias pomeranas só se intensificou a partir de 1859[1], com maior ênfase nas décadas de 1860 e 1870. A decisão, se deviam ir para os Estados Unidos ou para o Brasil, ficou mais pelo acaso. Ou seja, qual dos agentes caçadores de imigrantes lhes oferecia mais vantagens. O que mais desejavam era poder possuir um pedaço de terra própria. Quase todos eram diaristas, empregados, empregadas domésticas, pastores de ovelhas ou até mesmo pequenos camponeses. Porém, a maioria mesmo, era de famílias que trabalhavam como diaristas nas grandes fazendas da Pomerânia Oriental. Um grande número de imigrantes pomeranos saiu das seguintes regiões: Köslin, Kolberg, Belgard, Regenwalde, Greifenberg, Schievelbein e Neustettin. Em número menor, das regiões de Stolp, Schlawe, Naugard e Bublitz. Já que na própria pátria não tinham qualquer perspectiva de se tornarem proprietários algum dia, a oferta dos agentes de poderem receber terras além-mar, do outro lado do mundo, os fascinava bastante.

---

1 (N.do E.) A primeira grande leva de imigrantes pomeranos para o Espírito Santo desembarcou em Vitória em 28 de junho de 1859.

Muitos pomeranos também decidiram emigrar por não tolerarem mais as pressões rígidas por parte dos grandes proprietários. Desta forma contou-me a mãe de Heinrich Velten, em Domingos Martins, o seguinte:

"*Auguste Wilhermine Guse trabalhava na propriedade Grünwald e que lá teria sido muito explorada, pois precisava trabalhar até altas horas da noite nos teares e no dia seguinte levantar às quatro horas da madrugada para tratar das criações e tirar leite no curral. Ela também me contou que seu cunhado Wruck não aguentava mais a pressão do seu patrão e certo dia o patrão de novo lhe criticara injustamente e ele se ofendeu, de tal forma, que pegou um pedaço de madeira e bateu na cabeça do patrão. O jovem Wruck então fugiu e conseguiu alcançar um navio cheio de emigrantes e, assim veio feliz para o Espírito Santo, onde o sobrenome Wruck ainda é muito comum*".

Isso, evidentemente, era um caso isolado, mas a maioria dos imigrantes veio atraída pelas terras e por poderem se tornar livres e independentes. Porém, mesmo assim, todos os imigrantes tinham boas recordações da sua antiga pátria e muitos sofriam de saudade, pois a viagem e os primeiros tempos no meio da mata virgem foram muito difíceis, apesar de terem sido recebidos em Hamburgo com placas de boas-vindas nas quais estava escrito:

"*Iniciamos agora a viagem para a Terra Brasil.*
Senhor, esteja conosco e nos indique o caminho certo.
Esteja conosco no mar e estenda a sua mão sobre nós.
Desta forma chegaremos seguros à Terra Brasil.
'Bem-Vindos', diz o Imperador, bem-vindos sois a mim!
Vocês farão parte da comarca do país.
Irei protegê-los com a minha mão misericordiosa.
Vós, meus subalternos na Terra Brasil ...".

Porém a viagem e a chegada transcorreram de uma forma totalmente diferente e, num relatório daquela época, podemos ler:

"*Ficamos três dias em Hamburgo hospedados na nova Hospedaria dos Emigrantes. No dia seguinte fui ao porto para ver de perto o navio que devia nos levar para a América. Fiquei chocada, pois numa área de duas milhas, somente se via mastros. Porém, ninguém sabia me informar qual destes navios era o nosso. As águas daqui do porto eram bem calmas e eu imaginava que isto permaneceria assim durante a travessia.*

No terceiro dia o nosso navio à vela atracou e tinha o nome de 'Franklin'. Nós mesmos fomos obrigados a transportar a nossa bagagem até o porto, porém a bagagem somente foi embarcada na manhã do dia seguinte e logo depois um rebocador veio pegar os passageiros e nos levou até o local de embarque.

Lá permanecemos por três dias e quando partimos pelo canal inglês encontramos um forte vento, no sentido oposto, que nos desviou por mais de 100 milhas em direção ao Mar do Norte. Estávamos acostumados com o frio porém, aqui, o frio era muito

mais intenso. Aí veio o enjoo marítimo e em cada canto estava deitado alguém doente. É difícil imaginar de que forma estávamos acomodados.

Viajamos num ambiente semi-aberto e superlotado que mais parecia um galinheiro; éramos 250 pessoas sem o pessoal de bordo. As acomodações eram duplas: uma espécie de beliches onde 4 ou 5 pessoas dormiam na parte superior e mais 4 ou 5 pessoas na parte de baixo, mas por causa do enjoo marítimo, nada parava no estômago e tínhamos nojo de tudo! Era algo tão desagradável que somente alguém que viveu essa situação poderia avaliar.

Oito dias depois estávamos de volta no mesmo lugar de onde havíamos partido. Então, novamente, seguimos em direção ao canal inglês. Tentamos passar mais duas vezes e o navio sacudia tão fortemente que ficamos apavorados pensando que não conseguiríamos sobreviver e que teríamos chegado ao fim da nossa vida.

Desta forma chegamos ao Mar do Norte. No meio da densa neblina os navios se comunicavam apenas por badaladas de sinos ou outros tipos de sinais. Durante à noite soltavam fogos. Mesmo assim quase perdemos a vida. Veio um navio, estranho, diretamente em nossa direção e por muito pouco não se chocou com o nosso. Por sorte o nosso marinheiro conseguiu desviar a embarcação, de tal forma, que um navio passou raspando pelo outro. Depois disto chegamos no mar aberto e não víamos mais nada além de céu e água.

A viagem até poderia ter sido agradável. Porém, na segunda-feira de Pentecostes, bem como na terça e quarta-feira, convivemos com uma grande tempestade de modo que nós, doentes do enjoo marítimo, sequer podíamos sair para a proa para respirar um pouco de ar puro. Então, nos prenderam num ambiente fechado e não sabíamos o que estava acontecendo lá fora. Por sorte o nosso navio estava muito pesado, pois do contrário o vento o teria derrubado e teríamos morrido presos naquele ambiente claustrofóbico. Quando finalmente nos soltaram e pudemos ir até à proa, o capitão confessou que nunca tinha vivido situação semelhante. Não chegamos a passar fome, mas era uma comida estranha para nós e a água que nos davam para beber era insuportável. A carne servida era boa, mas muito salgada e, desta forma, dava muita sede. Mas a água, armazenada em tonéis, era fétida e cheia de insetos e a gente nem podia ver a mesma. Quando eu precisava beber água, sempre fechava os olhos e apertava o nariz. As torradas que eram servidas no navio, no lugar do pão, pareciam ter sido produzidas há anos, pois eram tão duras que nem pedra. Se atiradas na testa de alguém, poderiam até matar.

Também vimos tubarões e baleias, bem como peixes voadores com os quais nos divertimos, pois caíam na proa do navio, ficavam presos e depois eram preparados na cozinha. Já estávamos em alto mar por três meses, ou seja, entre o céu e a água e ainda não dava para avistar terra alguma. Já estávamos tão desesperados quanto a comitiva de Cristóvão Colombo!

Numa bela manhã chuvosa e densa neblina, um dos passageiros viu um ponto escuro e fomos dar a notícia ao capitão, que pegou seu telescópio e confirmou que realmente era terra. Todos exclamamos em júbilo: 'finalmente, terra!'".

Algumas pessoas com mais de 90 anos contaram-me pessoalmente

sobre estas longas e incômodas viagens. Principalmente, contavam que muitas crianças tinham falecido no meio da travessia. A sra. Tietz disse: "a minha irmãzinha morreu no meio do oceano e então lançaram-na ao mar". A sra. Dummer me contou que o seu irmãozinho teria sido a primeira criança que faleceu no meio do oceano. Foi colocado num pequeno caixão branco e lançado ao mar e, por muito tempo, ainda viram o caixãozinho branco boiando sobre as ondas. Porém, os outros que morreram simplesmente eram colocados em sacos e lançados ao mar. Por terem sofrido muita fome durante o longo percurso, denominaram o navio "*Humboldt*" de "*Hungerboldt*" (Lugar da Fome).

Outros tiveram uma viagem mais tranquila e pouco mencionaram nos seus relatórios. Assim escreveu Wilhelm Butzke na sua biografia com o título "*Lebenslauf und Lebenskampf*":

> "*Meus queridos pais eram diaristas em Wusterbarth e trabalhavam para o arrendatário Villnow. Nasci em Wustebarth, na região de Belgard, Pomerânia, no dia 20 de abril de 1843. Frequentei a escola dos seis aos catorze anos de idade. Dos 17 aos 20 anos trabalhei num haras. Aos 20 anos entrei no 6º Regimento de Infanteria Pomerano, Nr. 49, 2ª Corporação do Exército Pomerano. No dia primeiro de setembro de 1863 precisei me apresentar em Schievelbein, e Stargard passou a ser a minha guarnição. Lá eu fui treinado e formado ...*"

Wilhelm Butzke então participou das guerras de 1864 e 1866 e foi liberado no final da guerra. Ele escreveu:

> "*Na noite do dia 23 de dezembro cheguei às três da madrugada na minha pátria, Wusterbarth. A alegria dos meus pais era indescritível. O arrendatário Villnow logo me contratou como cocheiro e fiquei nesta profissão até que emigrei para o Brasil.*
>
> *Vários conhecidos da nossa região já haviam emigrado para Blumenau. Escreveram que em Blumenau comprava-se grandes quantidades de terras virgens por pouco dinheiro. Isso chamou a minha atenção. No dia 6 de abril eu e mais seis famílias abandonamos a Alemanha. Foi no ano de 1869. O navio tinha o nome de "Humboldt". Embarcamos neste navio à vela em Hamburgo. No mês de junho chegamos ao porto, antigamente chamado de Barra. De lá fomos transportados de canoa até Blumenau. De Blumenau até Indaial a nossa bagagem foi transportada por carroças. Em Indaial soubemos que haviam terras férteis disponíveis em Cedro. Sorteei o meu lote de terras que foi o número 20. Lá ergui uma barraca de palmito.*
>
> *Eu estava acostumado a passar por trabalhos árduos na Alemanha, mas este início, no meio da mata virgem, tanto para mim quanto para os outros colonos imigrantes, foi muito penoso. Os mantimentos eram poucos e muitas vezes passamos fome. Além disso, precisamos ficar atentos dia e noite por causa dos índios bugres. Até fomos visitados por onças que na região fizeram muitos estragos.*

Quando aqui chegamos, em 1869, o Brasil ainda era monarquia e fomos muito bem recebidos e nos deram bastante apoio".

No meio dos grupos de imigrantes que vieram da Alemanha a partir de 1859, os pomeranos representavam a maioria. Desta forma o pastor Hesse escreveu sobre a sua comunidade: "Aqui em Blumenau estão representadas quase todas as regiões da Alemanha e na comunidade existem: prussianos do leste e oeste, pomeranos, bem como imigrantes de Mecklenburgo, Schleswig-Holstein, Oldenburgo, Holanda, Renânia, Baden, Baviera, Boêmia e Suíça. Não mencionei o total das províncias prussianas, mas todas estão representadas aqui. No entanto os pomeranos são a maioria e apesar da renitência deles, são os filhos preferidos do pastor".

Graças aos trabalhos organizados de colonização do dr. Blumenau, dentro de alguns anos se formaram grupos-modelo de colonizadores na região do Itajaí. Mas o início também aqui foi muito duro e desta forma, Emil Manke, de 84 anos, contou ao seu pastor:

"*Imigrei da Pomerânia para cá com os meus pais em 1877 e era um garoto de seis anos de idade. Depois de uma viagem tumultuada chegamos aqui em Blumenau. Naquela época era ainda uma vila insignificante. No escritório do dr. Blumenau pudemos escolher uma colônia. Optamos por um lote de terras numa estrada lateral do vale Itoupava, aproximadamente 25 km distante de Blumenau. Nos primeiros tempos, o pai levou as crianças menores para a casa de parentes no Vale Selke. Então ergueram uma barraca provisória na nossa colônia de terras que era feita de palmito e cipó preto. Meu pai e meu irmão mais velho iniciaram com desconhecidos os árduos trabalhos no meio da mata e, em pouco tempo, foi possível irmos todos para lá. Parecia que o início estava feito.*

Numa bela manhã veio uma desgraça. Há muito tempo percebiam a presença de indígenas porém nunca alguém tinha sido atacado. Num dia estávamos reunidos para o café da manhã (que era feito de milho torrado) e meu pai estava justamente tomando um gole quando uma flecha lhe arrancou a caneca das mãos e ficou presa entre os troncos de palmito da barraca. Ficamos surpresos com a flecha e perguntei: "O que é isto que está preso na parede?" Para nos manter calmos, a minha mãe respondeu: é um chicote, porém, logo em seguida, o barulho aumentou e não restava mais dúvida: os índios estavam invadindo a nossa barraca. Meu pai pegou as crianças menores e fugiu para dentro da mata e nós, maiores, seguimos os passos da nossa mãe. A minha mãe tropeçou e caiu três vezes por causa dos troncos das árvores mas, cada vez, era a salvação para escapar de uma flechada. Depois encontramos 21 flechas que foram disparadas no decorrer da fuga.

Depois de algumas horas voltamos com alguns vizinhos e encontramos a nossa barraca totalmente destruída. Levaram tudo o que possuíamos. Um índio bugre estava justamente saindo com uma panela de banha nas costas. Conseguiram acertá-lo com

um tiro e ele deixou cair a panela. Mais tarde encontramos as penas que recheavam os cobertores no meio da floresta. Precisamos começar mais uma vez do zero!".

O professor Johann Ehlert contou dos seus antepassados:

"Rio Testo, hoje um distrito da cidade Blumenau, foi fundado pelo dr. Blumenau no ano de 1850 e colonizado entre 1860 e 1880, principalmente por colonos pomeranos. No seu país de origem quase todos eram pessoas pobres, pois trabalhavam como diaristas para os grandes proprietários e desta forma aceitaram fácil o convite da emigração. Eles nem se importaram em abrir mão de muitas coisas e tampouco com as dificuldades que poderiam enfrentar no país de destino. Tinham apenas o firme propósito de serem proprietários de terras em algum lugar. Chegaram aqui totalmente desprovidos, pois o pouco dinheiro que tinham já haviam gasto durante a viagem e nesta situação entraram no meio da mata. Apesar de no início receberem alimentos do governo para a sobrevivência, o começo deste povo foi muito difícil, pois não conheciam os métodos de trabalho do Brasil. Além disso, desconheciam os perigos que deveriam enfrentar no meio da mata. Muitos morreram na derrubada de árvores, outros de picadas de cobras, além do constante perigo de serem atacados por onças ou mesmo pelo enfrentamento com os índios.

Pudemos imaginar quantas e quantas lágrimas não foram derramadas! Que vontade tiveram de voltar ao país de origem, porém, para isto faltava o dinheiro. Desta forma foram obrigados a permanecer aqui e se adaptar às novas condições. Para os homens a adaptação foi mais fácil do que para as mulheres, que pelo resto de suas vidas sentiram muita saudade da antiga pátria.

Para amenizar um pouco a saudade, passaram a denominar os rios e lugares com nomes da antiga pátria. O de maior destaque foi Pomerode, seguido de Rega e Rega de Cima, pois lá, três rios e três regiões levaram o nome de Rega. Inclusive, a estrada que passava no meio da colonização foi chamada de "Pommerstraot" (Estrada dos Pomeranos)".

Uma descrição bem original sobre as dificuldades enfrentadas no início da colonização encontra-se na literatura "*Plaudereien eines alten Blumenauer Kolonisten*" (Palestras de um Velho Colono de Blumenau), onde entre outros encontramos:

"Não muito longe do desembarque do rio Garcia, em Itajaí, ficava o alojamento dos recém-chegados imigrantes. Era uma construção nada atrativa e tinha um aspecto triste, tanto por dentro quanto por fora. Era um prédio estreito e comprido e parecia mais um estábulo de ovelhas abandonado, no qual se separava os machos das fêmeas.

O prédio não tinha janelas e nem vidraças. A porta ainda não estava instalada e somente existia uma grande abertura no local da entrada e por isso era bem ventilado. O chão era de terra virgem, mas esqueceram-se de nivelá-lo. Esta construção triste levava o nome de "Empfangshaus" (Casa de Recepção). As repartições eram chamadas de quartos. Porém, como os imigrantes ainda não haviam esquecido as situações precárias dos navios semi-abertos aceitaram sem reclamações as condições ali impostas.

O tempo que passamos no alojamento foi o tempo mais difícil para os imigrantes. Não recebíamos qualquer assistência e muitos se tornaram anêmicos. Se eventualmente encontrássemos um trabalho era para ganhar muito pouco e em pouco tempo estávamos endividados. A isso se juntavam as altas temperaturas, os insetos, dos quais não conseguíamos nos livrar, o tipo de comida estranha, problemas de adaptação ao clima, etc. Tínhamos saudades. Enfim, passamos por situações difíceis pelas quais todos os imigrantes novatos aqui também passaram para conseguir se integrar e se adaptar às novas condições de vida.

Alguns conseguiram se adaptar rapidamente, mas outros levaram muito tempo para esquecer a antiga pátria. Conheço alguns dos nossos companheiros de viagem que até hoje enchem os olhos de lágrimas quando relembram a antiga pátria, mesmo passado tantos anos. Pois temos uma ligação mais profunda com o país no qual nascemos e fomos criados. Esquecer, de fato, certamente ninguém conseguiu! Porém, se tivessem tido a possibilidade de voltar, somente uma minoria teria voltado, pois, apesar das dificuldades, encontramos aqui o que para os pobres no nosso país de origem teria sido impossível alcançar, ou seja: liberdade e propriedade da terra!".

Porém nem todos conseguiram progredir, já que muitos morreram durante os primeiros anos de febre e outras epidemias. Muito temida era a febre amarela que ceifou muitas vidas. Para a maioria, o maior problema era a solidão, o abandono e os índios. Não tinham uma vida comunitária. Por esta razão se empenharam em construir, logo que possível, uma igreja e uma escola no local. Em todos os lugares colonizados por pomeranos a igreja passou a ser o ponto principal de suas vidas. Todos os colonos faziam sacrifícios para pagar as contribuições para a construção da igreja e além disso ainda contribuíam, gratuitamente, com o próprio trabalho braçal, como estava escrito no relatório de Emil Manke:

"*No início os cultos eram dados nas casas dos colonos. Depois criamos uma Associação da Igreja Evangélica. O dinheiro era pouco e a contribuição que cada membro devia pagar mensalmente se tornara um grande sacrifício para a maioria. Além disso, veio a construção da igreja. A comunidade, recém-criada, pagou o valor de 600 mil réis pela casa do Wilhelm Denker, que foi transformada numa capela. Desta forma, o primeiro passo foi dado e tínhamos então um centro comunitário, onde todos os novos imigrantes puderam se sentir acolhidos na nova pátria*".

Assim, os pomeranos em Santa Catarina, ou seja, de Blumenau, Pomerode, Itoupava, Timbó, Massaranduba, Alto do Rio Testo e a região alta do Rega conseguiram progredir e passaram a se sentir bem na nova pátria, de tal forma que o colono Friedrich Möller escreveu aos seus familiares:

"*Vivo aqui satisfeito e tenho uma vida livre. O meu único desejo é que todos os meus irmãos e irmãs pudessem me seguir em breve; aqui sou uma pessoa de vida livre,*

enquanto lá eu era um empregado tratado como escravo, que precisava se sacrificar pelos outros".

Parecida com a história de Santa Catarina, transcorreu a colonização dos imigrantes no Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil. A colonização de lá teve início do lado ocidental da Lagoa dos Patos, em São Lourenço. Em 1856 Jakob Rheingantz adquiriu oito milhas quadradas de terras em Pelotas, para lá criar uma colonização. Ele se responsabilizou de, em cinco anos, fazer as medições das terras e fixar lá pelo menos 1.440 colonos. O governo pagava por cada imigrante, com idade entre 10 e 45 anos, um valor de 30 mil réis por ano. O dinheiro da viagem era adiantado aos colonos pelo sr. Rheingantz.

Os primeiros colonos que chegaram num navio à vela, da Holanda, não foram considerados adequados para a colonização. Somente em 1859 quando chegaram os colonos pomeranos foi que começou a distribuição de lotes de terra. Foram então abertas picadas no meio da mata para que cada um pudesse chegar até o seu lote. Foram então chamados de "*Pommernpicade*" (Picadas dos Pomeranos) e "*Mühlerpicade*" (Picada do Moinho). No relatório do dr. Borchard, do ano de 1868, lemos:

"*São Lourenço é uma colônia genuinamente alemã e tem aproximadamente 1.650 habitantes. Entre todas as demais colonizações é destacada como a mais próspera e a mais desenvolvida e, devido ao fácil acesso que tem com o Rio Grande e Pelotas, conseguem vender seus produtos por um preço quase igual ao da capital, Porto Alegre. Desta forma, os assíduos colonos, em pouco tempo, ou seja, entre 8 a 10 anos, conseguiram pagar as suas dívidas subsidiadas para a vinda, de 800 a 1000 mil réis e se encontram numa situação próspera*".

Dr. Borchard veio destinado a São Lourenço devido à precária situação religiosa no local, pois em todos os lugares apareciam leigos como pastores. As comunidades escolhiam alguns professores da região que ocupavam paralelamente essa função. No fundo, a comunidade apenas desejava um pastor para fazer os ofícios de batismo, matrimônio e enterros. Para os cultos dispensavam os pastores. Além disso, os pomeranos exigiam que todos os ofícios devessem ser em pomerano, da mesma maneira como em seu país de origem. Eles não tinham qualquer noção ou conhecimento das normas religiosas de Württemberg. Assim, somente poucas comunidades tinham um pastor formado e a igreja ficou negligenciada. Para reverter essa situação o dr. Borchard foi enviado para o local.

Apesar de os pomeranos da Picada dos Moinhos e em Quevedos já terem contratado professores para ministrar os cultos, dr. Borchard conse-

guiu convencê-los a contratarem um pastor formado. Em Picada Feliz encontrou uma pessoa digna, como presidente da igreja, que ainda usava farda da Prússia, decorada com moedas reais.

Em muitos lugares os professores eram contratados para celebrar os cultos pois, por lá, não apareciam pastores evangélicos. Desta forma, Friedrich Wilhelmy executou o seu ofício com muita honra e dignidade. De Canguçu, ele escreveu:

> "*Espero que a minha presença e o meu trabalho possam influenciar moralmente o povo daqui e perante o reconhecimento da necessidade e como representante alemão, não quero deixar de cumprir as minhas obrigações e achei oportuno, também, assumir as doutrinas religiosas. Referente a este assunto já fiz várias reuniões com o povo para lhes esclarecer o que realmente é a religião, respectivamente, o que é a religião evangélica, pois a maioria dos moradores acredita que os protestantes não deveriam ser denominados de cristãos*".

Na maioria das vezes as tentativas de fundar uma comunidade fracassava por falta de dinheiro. Os colonos não só ficavam responsáveis pela construção da igreja, da casa pastoral e pagamento do salário do pastor mas também, por iniciativa e por conta deles, se responsabilizavam pelo pagamento do professor e pela manutenção das escolas. Uma regra ditada entre os colonizadores quando chegaram dizia: "*irmãos iguais, responsabilidades iguais*". Desta forma todos pagavam a mesma contribuição e as despesas extras eram divididas em quotas iguais. Esta regra permaneceu válida ainda por muitos anos, quando já haviam surgido grandes diferenças entre os colonos e, em alguns lugares, ainda era aplicada na ocasião da minha visita.

Uma segunda colonização de colonos pomeranos se deu no Rio Grande do Sul, na região perto de Santa Cruz, sobre cuja filial Ferraz, dr. Borchard escreveu:

> "*A igreja é uma construção simples e bonita, construída com madeiramento exposto e as paredes de estuque, com torre em cuja ponta existe um catavento, pois os colonos diziam: na terra de origem era assim. As famílias que aqui moram são pomeranas e investem no melhor material para a construção da comunidade*".

Na região de Paraíso e Serra Pomerana chegaram 128 famílias provenientes de Neustettin. O primeiro pastor, Wittlinger, fez os seguintes comentários:

> "*A maior parte dos membros da comunidade de Paraíso moram ao lado direito e esquerdo ao longo do vale, que é cortado por um riacho. No início existiam algumas picadas secundárias laterais. Os primeiros habitantes eram pomeranos que vieram sob o comando do Barão von Kahlden, um senhor simpático que muitas vezes sofreu ameaças*

de processos por meio de alguns pomeranos e, sob-orientação dele a região conseguiu progredir nos últimos 15 anos. Os pomeranos incansáveis conseguem se desenvolver rapidamente. Neste meio-tempo também vieram imigrantes da Renânia e Boêmia que ocuparam terras ao lado das picadas. A igreja aqui é bem visitada, principalmente os pomeranos têm um forte espírito religioso".

Como será que os imigrantes alemães, em especial os pomeranos, foram recebidos por parte dos brasileiros, descendentes de portugueses? A resposta mais provável podemos encontrar no romance escrito por Érico Veríssimo, "*O Tempo e o Vento*". Lá é contado que próximo à cidade de Santa Fé foi criada uma colonização alemã que era chamada de Nova Pomerânia, já que a maior parte desses imigrantes era da Pomerânia. As famílias lá construíram as suas casas e viviam constantemente sob os olhares curiosos dos já domiciliados no país que ficavam admirados com o que viram:

"*São casas pequenas, bem acabadas e bonitas, que até tem cortinas nas janelas. Além disto, elas têm quintais bem cuidados em frente das casas, com canteiros caprichosos de plantas e flores. Vagarosamente o local se transformou e cada dia apareciam mais áreas plantadas, mais agricultura, mais cercados e mais derrubadas. Tudo isto era um sinal que os estrangeiros estavam começando a dominar as terras*".

O povo de Nova Pomerânia começou a cultivar batatas, arroz, milho e feijão enquanto os já domiciliados continuaram com a criação de gado. De certa forma os brasileiros eram bem tolerantes com os novos colonizadores, porém ficavam admirados com o aspecto e os costumes diferentes dos pomeranos.

Muitas pessoas de Santa Fé nunca tinham visto uma pessoa loira na vida ou uma mistura de etnias brancas, com cabelos ruivos, ou quase dourados. Também os olhos verdes, azuis, ou cinzentos representavam uma grande novidade.

Um morador de Santa Fé disse: "*Como o pai pode identificar os filhos, pois todos têm o mesmo rosto?*" E complementa com um profundo suspiro: "Estrangeiros são mesmo um povo esquisito! Os pomeranos festejam a Páscoa com cestas cheias de ovos, que o coelho da Páscoa trás, enquanto os bugrinhos protestam que o coelho não bota ovos. Os imigrantes festejam o Natal com uma árvore enfeitada com flocos de algodão branco e velas acesas. Então diziam que o Hans, com a barba artificial e a roupa vermelha, trazia um saco cheio de presentes para as crianças. Aos poucos foi constatado que tudo não passava de costumes dos alemães".

Aos poucos os brasileiros acabaram copiando os costumes de outras procedências. Até adotaram algumas palavras em alemão ou pomerano. Des-

ta forma surgiu a palavra *cuca* que veio da palavra alemã "*Kuchen*" (bolo) e a palavra "serigote" para sela, que veio da expressão "*sehr gut*" e surgiu quando um seleiro fez uma sela para um imigrante e este, ao provar a sela, disse: "*sehr gut*"! (muito boa!). O brasileiro pensou que esse era o significado de sela.

O livro "O Tempo e o Vento" é considerado até hoje como uma das melhores obras literárias sobre o Rio Grande do Sul na literatura brasileira. Porém, essa não é a primeira vez que os colonos pomeranos foram mencionados em romances brasileiros. Enquanto na obra de Érico Veríssimo os alemães apareceram apenas numa linha secundária, no romance "Canaã", de Graça Aranha, os pomeranos receberam destaque na história principal. Graça Aranha descreveu a vida dos colonizadores pomeranos no Espírito Santo, que subiram pelo rio Santa Maria, para lá encontrarem a terra prometida de Canaã:

> "*Naquela região a terra se apresenta em perfeita harmonia ambiental: O rio não é grande e suas quedas d'água não chegam a amedrontar, pois são quedas suaves. A rede de montanhas não é gigantesca e suas copas não ficam escondidas nas nuvens e não transmitem um ar de tristeza que domina os nossos sentimentos, como se estivessem nos chamando para a morte. O rio Santa Maria é um pequeno filho das montanhas que no início corre rapidamente, depois é obstruído por muitas rochas por uma longa distância que parecem querer represar o seu curso e contra os quais ele luta para encontrar uma saída, quando se espreme entre as pedras para depois seguir novamente o seu curso livre de forma alegre e furiosa ...*".

O início da colonização alemã no Espírito Santo foi em 1846[1], quando chegaram pelo rio Jucu 38 famílias do Hunsrück. Os primeiros pomeranos chegaram em 1859. De acordo com um relatório de 1860, moravam entre os alemães 174 prussianos, como se referiam aos pomeranos na época. Os imigrantes pomeranos inicialmente registraram-se para a colonização do Rio Grande do Sul, porém, lá não davam conta dos *serviços de agrimensura* das colônias. Desta forma os imigrantes ficaram por um longo tempo nos alojamentos no Rio de Janeiro até que, finalmente, o imperador D. Pedro II os chamou para a colonização alemã no Espírito Santo e prometeu terras a cada uma dessas famílias.

Os imigrantes pomeranos, no Espírito Santo, desembarcaram no porto de Vitória e de lá subiram o rio Santa Maria, transportados em canoas

---

1 (N.do E.) O desembarque do primeiro grupo ocorreu em dezembro de 1846 no porto de Vitória. Contudo os imigrantes chegaram à Colônia de Santa Izabel, na região serrana circunvizinha a Vitória, somente nos primeiros meses de 1847.

até o porto fluvial de Santa Leopoldina. Ali cada um recebeu o seu lote de terras, que era sorteado em uma urna.

Para que cada um deles pudesse chegar às suas terras foram abertas picadas no meio da mata. À esquerda e à direta destas picadas eram fincadas estacas de madeira a cada 200 braças (1 braça = a 2,20 metros) de distância. Cada família recebeu uma colônia de aproximadamente 50 hectares de terra.

Os primeiros imigrantes alemães em terras tropicais tiveram muitas dificuldades a superar, pois não existiam ali organizadores para as colonizações, como dr. Blumenau em Santa Catarina ou Jakob Rheingantz no Rio Grande do Sul. Muitas vezes estavam desprovidos de qualquer ajuda e entregues à própria sorte, à mercê das autoridades brasileiras. Um crescimento econômico apenas se deu quando vieram outros 400, até 600 imigrantes pomeranos, como escreve dr. Ernst Wagemann:

"*Fôrça é convir que os pomeranos, chegados, às centenas, de 1870 a 1879, apesar do Rescrito de Heydt, incentivaram, com a energia colonizadora, o progresso posterior. É verdade que não estavam acostumados, de casa, a vencer as dificuldades de regiões montanhosas, mas tinham sido jornaleiros de tarefas pesadas e distinguiam-se pela sobriedade, força de vontade e capacidade de trabalho. Constituem, hoje, a parte principal dos povoadores protestantes alemães do Espírito Santo. De Santa Leopoldina, expandiram-se para o sul e para o oeste e, recentemente, também para o norte, penetrando em terreno acentuadamente baixo.*"

Sobre a evolução dos costumes religiosos dos pomeranos em Santa Maria de Jetibá e Jequitibá, escreve o pastor Fischer:

"*O grande respeito que os pomeranos têm pela autoridade religiosa, provavelmente se deve ao grande desejo que tiveram de algum dia poder ter, ou poder pagar um pastor. Como ex-diaristas e hoje como colonos livres, isto é autoexplicável. Mas de certa forma consideram o pastor como um tipo de empregado e que deve se submeter às ordens da comunidade. Desta forma, o pastor Hasenack era solicitado por muitos da região, não para serviços de sacerdote, mas sim, pelos seus conhecimentos medicinais. Exigiam dele quase o impossível e em tempos ruins, quando ninguém podia sair de casa, queriam que o pastor fosse à cavalo atender pessoas adoentadas. Desta forma, durante os primeiros 15 anos, muitas vezes se fez necessário um pedido de perdão em público, por terem ofendido o pastor.*"

Quando os pastores conseguiam desenvolver certa autoestima e independência, ficavam reféns das autoridades e advogados brasileiros, por não saberem se defender no idioma oficial e desta forma dependiam dos magistrados. Os maiores abusos foram feitos pelas autoridades em casos de inven-

tários pois, pelas leis brasileiras daquela época, os bens somente poderiam ser divididos entre os herdeiros, depois de avaliados e repartidos judicialmente. Graça Aranha era juiz em Santa Leopoldina, Espírito Santo, e no seu romance *Canaã* mencionou cenas impressionantes. Para se ter uma noção, basta um pequeno resumo:

> "*– Você se chama Franz Kraus? – Perguntou o mulato de cima da montaria, desdobrando uma folha de papel, que tirara do bolso.*
> *O colono disse que sim.*
> *– Pois, então, tome conhecimento disto. – E desdenhoso entregou o papel ao outro.*
> *Kraus olhou o escrito, e como, apesar de estar no Brasil havia trinta anos, não sabia ler o português, ficou embaraçado.*
> *– Não posso ler... Que é?*
> *– Também vocês vivem aqui na terra a vida inteira e estão sempre na mesma, brandou o mulato. Venho por aqui furando este mundo, e de casa em casa sempre a mesma coisa: ninguém sabe a nossa língua...*
> *Que raça!*"

O colono ficou chocado com o tom desaforado e estava preparando uma resposta, quando o mulato prosseguiu:

> "*– Pois fique sabendo que isto é um mandado da justiça. É um mandado do senhor Juiz Municipal para que vosmecê dê a inventário os bens de seu pai Augusto Kraus. Não era assim o nome dele? A audiência é amanhã, aqui, ao meio-dia... A Justiça pernoita em sua casa.*"

Quando o colono ouviu a palavra Justiça tirou o chapéu e, humildemente, abaixou a cabeça perante o oficial que o agredira grosseiramente.

Logo depois do meio-dia a Justiça apareceu na sua colônia. O escrivão trabalhou duas horas no inventário e depois foram vistoriar todos os bens da propriedade. Quando estavam parados debaixo de um pé de laranja carregado de frutas, o juiz municipal disse:

> "*– A ordem e limpeza desta colônia é impressionante. Aqui não falta nada, tudo cresce e frutifica, tudo aqui impressiona a gente. Como é diferente quando chegamos em terras habitadas por brasileiros natos!*"

Em outra ocasião, o escrivão chama:

> "*– Viúva Schulz! – chamou Pantoja.*
> *Depois de hesitar um pouco a camponesa, ainda jovem e de estatura alta, se aproximou.*"

Então o escrivão perguntou:

"– Há quanto tempo seu marido é morto? – Perguntou o Escrivão, iniciando o interrogatório diante da apatia do juiz Municipal."

Continuou perguntando:

"– Quantos pés de café tem a sua colônia?"

Ela respondeu:

" – Quinhentos..."

Ele indagou:

"– Só? Não minta ...senão temos conversa no Cachoeiro."

Ela respondeu:

"*– Mas, senhor, pode ser que tenha mais ou menos, não contei um por um, meu defunto marido avalia em quatrocentos... eu plantei uns cem nestes dois anos.*".

O escrivão então disse:

"*– Bem, eu arredondo a cifra.*
E calado, sem nada dizer à interessada, que, além de tudo, não sabia ler o português, escreveu: Mil e quinhentos pés de café.
Continuava Pantoja a lançar os termos do inventário, segundo o seu velho processo de tudo fazer ele mesmo, aumentando descaradamente o valor dos bens para acrescer seus lucros."

"*Num papel escreveu várias parcelas, somou-as resmungando e disse consigo afinal:*
– cento e oitenta mil-reis.
– Está direito; olhe, leve consigo o dinheiro das custas. Trezentos mil-reis. Ouviu?"

A inventariante exclamou abismada:

"*– Trezentos mil-reis!... Trezentos mil-reis... Meu Senhor!*"

Ele respondera:

"*– Não tem meu senhor em nada; aqui não se faz esmola... e dê-se por muito feliz, porque não houve demanda. Se tivese de meter um advogado, é que havia de ser bonito... trezentos mil-reis. Nada de conversa e bico calado. Se seu souber que vosmicê andou batendo a boca pelo mundo, tem de se haver comigo.*
A colona lançou olhos de súplica para os dois magistrados, que continuavam indiferentes a sua palestra. Sem apoio, esmagada, saiu cabisbaixa da sala da audiência."

"*E o inventário foi feito como os outros, com as mesmas extorsões e violências. No fim, quando o Escrivão intimou a colona a que lhe desse duzentos mil-réis, esta começou*

a chorar.

– Deixemos de cenas... Querem obrigar a Justiça a trabalhar de graça... Era só o que faltava."

A senhora respondeu:

"*– Mas não posso arranjar tanto dinheiro.*"

Disse ele:

"*– Venda a casa.*"

Ela disse:

"*– Sim, meu senhor, vou vender o que tenho para pagar as dívidas de meu marido, dívidas da moléstia, e depois trabalhar para outras novas.*"

Nisto o oficial disse:

"*– Primeiro a Justiça... Se não quiser nos pagar, não venderá a casa nem o roçado; eu prendo os papéis, e agora vamos ver.*"

"*E batendo no ombro de Franz Kraus, que o fitou espantado da intimidade, acrescentou num gesto de irônica cortesia:*

– Muito obrigado pela hospedagem, camarada... mas ainda falta alguma coisa.

– Que é? – interrogou inquieto o colono.

– As nossas custas, meu amigo. Você pode...E por isso dê-nos logo. Está me cheirando mal o fiado... vá buscar... Quatrocentos mil-réis.

O homem vacilou, como para cair. Uma vertigem o ia tomando; na garganta a voz morreu-lhe num espasmo. O Escrivão empurrou-o de manso, dizendo-lhe zombeteiro:

– Vá, amigo, não se espante. Olhe que o negócio podia ser pior... Advogados, demandas, penhoras...

Sob aquela pressão, o colono foi caminhando automaticamente para casa."

"*Depois de alguma demora, que os ia impacientando, apareceu o velho Kraus. Tinha os olhos vermelhos, as faces inchadas e rubras. Chorara.*

Pantoja recebeu o dinheiro e contou. O colono olhava-o mudo e abatido."

"*E montou. A cavalgada partiu.*

– Parabéns – disse Itapecuru a Paulo Maciel: – está chovendo na sua roça.

O juiz municipal, sem dar-lhe resposta, olhou-o com um grande nojo.

Em pé, no meio do terreiro, de chapéu na mão, a cabeça ao sol, o colono via com os olhoes desvairados a Justiça sumir-se na estrada... E quando ela desapareceu e tudo voltou ao sossego profundo, ficou ele longo tempo com a vista pregada na mesma direção.. Subitamente, numa raiva imensa e cobarde, murmurou olhando medroso para os lados.

– Ladrões!"

Como podemos ver na descrição destas cenas Graça Aranha se com-

padeceu com os colonos. Com grande admiração destacou os homens que se ajudavam entre si e em conjunto fizeram as derrubadas das matas:

> "*Eram homens com mãos de ferro, corpos de Hércules, bigodes cheios e avermelhados, olhos bem azuis, muito semelhantes entre si e pareciam todos irmãos*".

Mas ele também mencionou a indecisão, a forma desajeitada e a timidez dos colonos, quando iam à cidade vender seus produtos e disse:

> "*O pomerano se sente à vontade na sua colônia, é corajoso e capaz de derrubar matas virgens, fazer queimadas e plantar café, milho e feijão com muita garra, porém, logo que sai de lá e se depara com um comerciante da cidade, ele fica inseguro e deslocado*".

Mas isso na Pomerânia não era diferente, uma vez que lá as pessoas do campo também tinham vergonha de ir à cidade e se sentiam rebaixadas perante os comerciantes. Porém, no Espírito Santo, o grande problema era que não dominavam a língua oficial do país e desta forma tinham grandes dificuldades para se fazer entender. Em alguns lugares mais distantes no interior, como em Jequitibá, com o passar do tempo, até se perdeu o idioma alemão e, desta forma, somente falavam o pomerano. Num relatório de 1912, encontramos:

> "*Até o próprio idioma alemão foi afetado e tornou-se uma língua estranha, pois com a mente desviada para o pomerano, o mesmo tornou-se o único idioma falado e usado. Os coitados nunca ouviram em casa uma só palavra em alemão e nem nas escolas, a não ser quando havia exceções e haviam algumas escolas direcionadas neste sentido. Nesse caso, durante três anos assistiam, três vezes por semana, algumas horas de aulas onde ouviam o alemão e passavam a entender alguma coisa, mas não o bastante para poder se comunicar no idioma. Muitas destas crianças inteligentes, depois de três anos de curso, mal conseguiam repetir frases, por não compreenderem o sentido da frase, já que em pomerano a formação da frase era diferente*".

Que perspectivas essas escolas poderiam ter para o futuro, se durante 20, ou até 33 anos, obtiveram resultados tão frustrantes? Desta forma, chegamos à conclusão que o pomerano ali falado ainda deveria dominar por mais algumas décadas!

A mesma situação era encontrada em Jequitibá, no Espírito Santo, e também na segunda região de colonização, ao lado do rio Santa Maria. Porém, ali, por ter surgido uma pequena cidade, aos poucos as pessoas se desenvolveram mais no seu estilo de vida. Este desenvolvimento em grande parte se deve ao pastor Hermann Roelke, que ainda cheguei a visitar em sua bela casa. Ele deixou à minha disposição muitas anotações que fez de uma forma bem humorística:

> "*No Espírito Santo – nas terras do Espírito Santo – tudo é santo. Com exceção*

dos seus habitantes, pois tudo leva o nome de algum santo: as cidades, os rios, os cemitérios, as igrejas e as capelas. Então, porque não fundar uma igreja sem ter nome santo?

Como aqui não tínhamos as colonizações fechadas, como existiam no sul do Brasil – cada colono se sente como um pequeno rei em sua propriedade. Também os rios ou regiões não foram denominados pelos imigrantes[1] *mas, sim, as regiões eram chamadas pelos mesmos nomes dos rios que passavam pelos vales onde os imigrantes se instalaram. Como o rio Santa Maria, por aqui, era o maior rio, a região foi chamada de Santa Maria.*

Os colonos imigrantes, valentes e famintos por terras, (quase todos descendentes de pomeranos que na sua terra trabalhavam como empregados para os grandes fazendeiros) começaram a se instalar no vale de Santa Maria. Entre eles tinham também alguns imigrantes vindos de: Renânia, Hesse, Luxemburgo; holandeses e até alguns poloneses. Porém, como os pomeranos eram a grande maioria, os demais imigrantes assimilaram a cultura e religião dos pomeranos. Em 1889 fundaram na região o primeiro cemitério. Dois anos depois já tinham construído a primeira escola. Os pais queriam evitar que seus filhos crescessem como analfabetos e eram obrigados a se manter por conta própria na escola. O governo apenas assumiu essa responsabilidade bem mais tarde".

A falta de escolas era o maior problema dos imigrantes pomeranos. Os imigrantes mais antigos trouxeram os seus conhecimentos ainda da Pomerânia e também os filhos maiores tinham frequentado escolas ainda no país de origem. Porém, os filhos menores não tiveram qualquer possibilidade de instrução, nem ao menos aprenderam a ler e a escrever. Quando dr. Wagemann, antes da Primeira Guerra Mundial, visitou os colonos pomeranos no Espírito Santo, escreveu:

"*Apesar disso, todos tiveram a idéia de construir escolas. Por impulso próprio, os descendentes de pobres jornaleiros pomeranos fizeram grandes sacrifícios, a fim de proporcionar aos filhos, as noções elementares que não puderam ter. Em Santa Joana, comunidade nova, a contribuição anual, por menino, para a escola, é de 16 mil réis, mais de 20 marcos; em Campinho, 10 mil réis, e em Santa Leopoldina, 6 a 12. Soube, em Campinho, de um colono que contratou por 200 mil réis por ano, um professor a domicílio. Os saxônios e os suíços foram os que mais fizeram pela educação.*

Ainda hoje, o ensino de que a juventude desfruta se restringe ao mais elementar.

O aprendizado dura pouco. Frequenta-se a escola, durante 2 anos, três vêzes semanalmente, ou no espaço de três anos, 2 vêzes por semana. O dia escolar tem 4 a 5 horas.

A maior parte das crianças são instruídas pelo pastor, porém os que moram muito

---

1 (N.do E.) Os imigrantes pomeranos no Espírito Santo denominaram de Alta Pomerânia a região colonizada por eles na antiga Colônia Santa Leopoldina (região que atualmente corresponde à grande parte do município de Santa Maria de Jetibá).

distante dependem das escolas nas colônias, das quais em cada comunidade existem algumas. Nestas escolas, nas colônias, as aulas são ministradas por leigos e lembram as antigas escolas nas aldeias pomeranas. Normalmente, é um camponês que sabe ler e escrever e que faz isto por dedicação ou, em poucos casos, alguém que tem interesse de dar aulas para ganhar um dinheiro extra. Desta forma não é de se admirar quando notamos que às vezes, as aulas eram ministradas por colonos que não tinham qualquer vocação para isto. Entre os professores também encontramos um que havia sofrido um naufrágio e conseguira chegar vivo em terra firme e refugiou-se no meio da mata. Desta forma podemos imaginar a qualidade do ensino quando estamos cientes que apenas é dada alguma importância ao ensino confirmatório, no qual aprendem a ler precariamente, alguns aprendem a copiar textos e outros até são capazes de redigir alguns trechos!"

Já que os pastores e as escolas do interior não deram mais conta de atender o crescente número de alunos e também não tinham mais condições de construir mais escolas, foram solicitados professores e diáconos da Alemanha. Principalmente logo depois da Primeira Guerra Mundial, um grande número de jovens queria sair da Alemanha. Eles eram bem-vindos no meio das comunidades pomeranas no Espírito Santo. Um dos pastores que morou com sua família em Palmeira[1], atuou lá como professor e escreveu:

"*Era impossível o pastor dar conta do trabalho que tinha a fazer em sua comunidade, que ficava espalhada numa grande extensão. Assim, pude auxiliar em primeiro lugar no trabalho com os jovens, pois via esta necessidade no meio dos alunos daqui e em Paraju*[2]*. Foi uma feliz ideia e o resultado foi muito positivo. Sendo assim, conseguimos centralizar as escolas na matriz e, em conjunto, pudemos direcionar melhor os ensinamentos.*

Além dos meus trabalhos como professor, que eu adorava, consegui reunir também os jovens adultos para o esporte ou jogos no pasto da comunidade. Cantamos canções folclóricas antigas e novas e muitas vezes cantamos em conjunto com as meninas, o que deixava os rapazes mais felizes. As meninas aprenderam trabalhos manuais com a minha esposa, o que despertou um grande interesse na maioria delas. Uma vez por semana os jovens treinavam numa banda de trombonistas, que chegou a se apresentou em público, numa inauguração de uma capela vizinha.

Inesquecíveis foram os treinamentos para o Natal, nos quais participavam tanto as crianças como os jovens adultos. Os olhos das crianças brilhavam de felicidade quando viam as velas acesas na árvore de Natal ...".

1 (N.do E.) Itaguaçu (ES)

2 (N.do E.) Interior de Domingos Martins (Região Serrana do Espírito Santo)

Porém, o crescimento favorável foi interrompido quando no ano de 1938 passou pelo país uma onda de nacionalização e logo, um ano depois, veio a Segunda Guerra Mundial. De acordo com o presidente geral da Igreja Luterana, cuja comunidade ficava em Palmeira, todas as escolas foram afetadas e ele escreveu:

> "*Baseado numa lei nacional,*[1] *todas as escolas das comunidades foram fechadas e qualquer ensino foi proibido, inclusive o ensino religioso em alemão. A casa da comunidade foi ocupada pelo governo para aulas em português. Qualquer protesto da nossa parte teria sido inútil, ou até poderia piorar a situação. Até mesmo os encontros bíblicos, ensinos religiosos e encontros noturnos foram proibidos. De uma só vez, foram cortadas na nossa igreja todas as atividades que estávamos desenvolvendo com sucesso junto aos jovens. Qualquer tentativa de prosseguimento com estes trabalhos tão promissores era inútil. Por mais que isto fosse difícil e contra a nossa vontade, ficamos limitados em poder transmitir os nossos valores culturais. A preparação dos jovens para a confirmação ficava a cargo dos pais e é claro que este resultado ficava muito aquém do desejado*".

A proibição das escolas comunitárias foi um golpe duro para os imigrantes alemães no Brasil, ainda mais que em muitos lugares sequer tinham uma escola pública, ou não tinham professores que pudessem lecionar. Desta forma, os filhos se tornaram analfabetos. Somente depois da Segunda Guerra Mundial, quando as leis se tornaram menos rígidas, as condições começaram a melhorar lentamente e iniciaram a construção de escolas públicas no interior, próximas dos colonos. No sul do Brasil as crianças tinham mais opções e oportunidades para aprender o português do que no Espírito Santo, onde as crianças não tinham qualquer oportunidade de contato com pessoas que falavam o português. Isto ainda era assim na ocasião da minha visita.

O professor Horneburg, de Pomerode, me contou de que forma essas barreiras linguísticas poderiam ser vencidas:

> "*Depois da guerra, a situação era muito difícil pois, de repente, todo o ensino devia ser dado em português. Os nossos colonos e muito mais as crianças apenas sabiam falar em pomerano e muitas vezes sequer entendiam bem o alemão. Como foi difícil ensinar o português para estas crianças! Mesmo assim conseguimos vencer pois, nós professores, dominávamos os dois idiomas, o que facilitava o entendimento. Também os alunos*

---

1 (N.do E.) Renato Viana Soares em *Spini nei Fiori: a nacionalização das escolas de imigrantes no Espírito Santo na era de Vargas* (Vitória, 1997) analisa o impacto da nacionalização das escolas estrangeiras (alemãs e italianas) e a consequente legislação coercitiva, no Espírito Santo, pelo governo de Getúlio Vargas quando todos os imigrantes de várias nacionalidades e seus descendentes foram profundamente afetados.

maiores aprenderam rapidamente o português e desta forma auxiliavam os menores quando tinham dificuldades. Em Pomerode, agora todos dominam o português, mesmo nas colônias mais distantes. Naquela ocasião reconhecemos em tempo o lema: Vivemos no Brasil e precisamos nos esforçar para aprender o idioma do país. Por outro lado, somos também descendentes alemães e por esta razão vamos preservar o nosso idioma e a nossa cultura. No entanto é estritamente necessário dominar o idioma oficial do país".

Repito mais uma vez as palavras do professor Horneburg, pois são de fundamental importância para o futuro dos descendentes alemães no Brasil: "Aprender o idioma do país, não só é uma obrigação do cidadão, mas sim uma exigência para o progresso social". Muitas vezes tive a comprovação que os descendentes pomeranos são capazes de dominar os dois idiomas, ou seja, além do português poderão continuar falando o pomerano.

Muitas vezes ouvi a desculpa que as crianças não teriam possibilidade de dominar dois idiomas ao mesmo tempo. Isso, talvez, tenha sido no passado. Porém, com o avanço do rádio e da televisão, da construção de novas estradas, que facilitam o contato dos colonos com as cidades e da crescente industrialização, também as crianças pomeranas, que ainda moram no interior, têm estas possibilidades. Porque, o futuro não pertence àquele que sabe cultivar bem as suas terras, mas sim, àqueles que tiveram a oportunidade de estudar.

Ao final da minha viagem ainda fiz palestras no colégio Olinda, em São Paulo, no colégio Humboldt, em Santo Amaro, e como despedida e a convite do Instituto Hans Staden, fiz uma palestra no salão da comunidade da Igreja da Paz. Ali eu não falei somente sobre a Pomerânia e sobre a Alemanha, mas principalmente sobre a minha viagem pelo Brasil. O boletim alemão "Brasil-Post" e o "Noticiário Alemão" tinham publicado vários artigos sobre a minha viagem e minhas palestras e desta forma veio um número muito grande de expectadores, de tal modo que nem todos encontraram um lugar para se sentar.

Evidentemente, ainda não pude mostrar os *slides* feitos na viagem e desta forma precisei improvisar. Mas parece que o público estava gostando justamente disto e assim puderam fazer perguntas sem restrições e eu tive o maior prazer em respondê-las. Porém, logo percebi que este público da cidade nunca tinha ouvido falar dos pomeranos que viviam no interior do país. Eles ficaram surpresos e não quiseram acreditar que no interior do Rio Grande do Sul existiam mais de 100.000 descendentes de pomeranos, em Santa Catarina aproximadamente 40.000 e no Espírito Santo aproximadamente 100.000. Destes, 250.000 habitantes, quase a metade ainda falava o pomerano no seu dia-a-dia, em casa. Portanto, bem mais do que na Alemanha. Se um linguista hoje

quisesse pesquisar o dialeto pomerano precisaria vir ao Brasil. Também, se alguém se interessar em saber algo mais sobre os costumes pomeranos, estes poderão ser encontrados nos Estados de colonização pomerana.

Falei mais de duas horas sobre as minhas experiências e vivências da viagem, de encontros com pessoas do mais alto nível em Blumenau até os camponeses mais humildes no Espírito Santo; de estudantes ginasiais que falavam vários idiomas em Pomerode e até com crianças humildes de colonos pomeranos em Jequitibá (ES) que somente tinham um vocabulário de aproximadamente 200 palavras em pomerano. Todos os antepassados destes descendentes de pomeranos imigraram da Pomerânia para a terra prometida com as mesmas chances de vencer. Porém, pudemos constatar uma grande diferença sócio-cultural e econômica em relação aos pomeranos localizados em terras do Espírito Santo, que se encontram muito aquém dos demais.

Alguns dos expectadores comentaram que, nas próximas férias, pretendiam ir ao Espírito Santo para visitar os colonos pomeranos. Outras senhoras perguntaram como poderiam ajudar estas famílias necessitadas. O Instituto Hans Staden e o pastor Zander se comprometeram em enviar livros para os pastores das comunidades, já que eu tinha recebido muitos pedidos de livros. Acredito que isto já seria um bom começo, enquanto os membros mais abastados da cidade se prontificavam a ajudar as famílias de colonos mais necessitadas. Isto, certamente, também desencadearia um senso comunitário entre os pomeranos necessitados, que por si só já existia pela semelhança do idioma.

Tudo isto foi amplamente discutido na noite depois da minha palestra em São Paulo. Os diversos pontos foram detalhadamente analisados entre os expectadores.

Também foi interessante observar o desinteresse político por parte dos descendentes de pomeranos. Da mesma forma como os antepassados obedeciam fielmente às ordens do rei da Prússia, os pomeranos daqui foram sempre a favor do governo. Davam valor à estabilidade política e eram a favor do lema da bandeira, “Ordem e Progresso”.

No romance brasileiro “O Tempo e o Vento” é citado como os colonos pomeranos criaram uma aldeia com o nome de “Nova Pomerânia”, onde o partido de oposição criticava os pomeranos, por votarem sempre no partido do governo. Porém, eram poucos que criticavam, já que a maioria sempre era a favor de um candidato descendente de alemães como representante político. Isso ainda é assim, pois pelo menos não ouvi qualquer reclamação contra o

atual governo[1]. Muito pelo contrário, sempre elogiavam o grande progresso e crescimento tecnológico dos últimos anos. Na visão deles o maior destaque foi o grande esforço que o governo estava fazendo para acabar com o analfabetismo.

Evidentemente, num país tão grande, depois de uma viagem de quatro meses, não estava em condições de poder discutir atos políticos e condições de vida em geral. Meu objetivo era estudar as condições e a vida dos pomeranos no Brasil para descobrir os seus problemas e relatar o que encontrei nas colônias pomeranas no Brasil. Por dominar o pomerano, tive a oportunidade de me aproximar de tal forma dos descendentes como nenhum outro brasileiro falando o português ou um outro alemão falando somente a lingua alemã teria tido.

O Brasil é o país do futuro que está começando a se desenvolver. Historicamente é um país muito novo e por esta razão deve crescer no âmbito mundial. Também é formado por uma nação jovem na qual se encontram todas as etnias. Os 250.000 habitantes pomeranos[2] não tem tanta representatividade em relação à população do país, porém eles vão continuar existindo e saberão se afirmar.

O Brasil é um dos países mais ricos do mundo e sempre será a terra do sol, pois quem o visitou uma vez, jamais esquecerá suas belezas fascinantes e sempre terá saudade de voltar. Para mim, pomerano que sou, isto representa saudade dobrada, pois vivem aqui muitas pessoas cujos antepassados vieram do meu país de origem. Eles ainda falam fluentemente o pomerano e muitos ainda mantêm as tradições e costumes. Quando chegávamos para visitar uma residência de pomeranos, sentíamos como se estivéssemos chegando em nossa própria casa na Pomerânia.

Pátria! Estas são as pessoas que falam o seu idioma materno. Com elas sempre devemos nos sentir unidos. O contato que pude fazer nesta viagem deveria ser intensificado e mantido para que permaneça sempre uma firme união entre os pomeranos da Alemanha e os pomeranos do Brasil, sob o Cruzeiro do Sul.

---

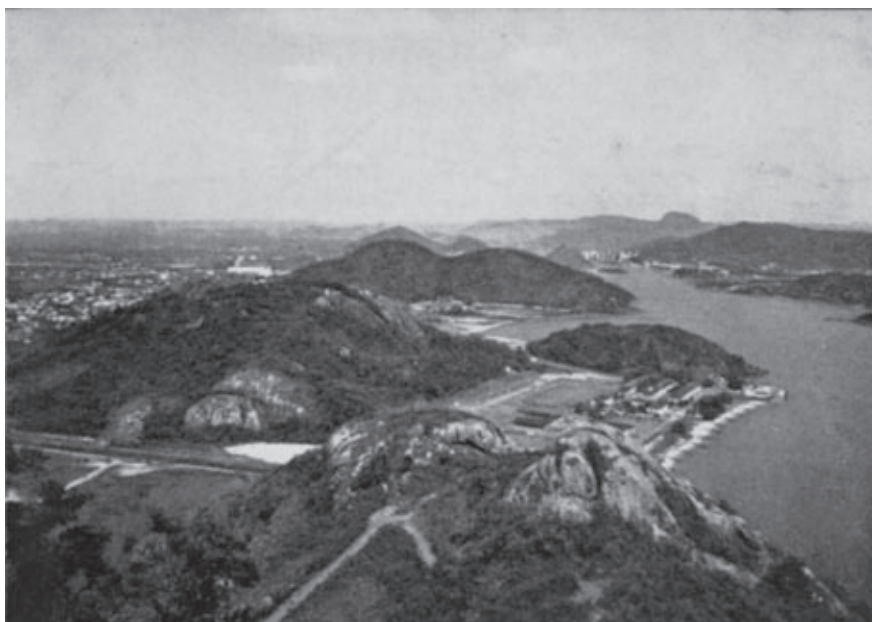
1 (N.do E.) Governo do General Ernesto Geisel. Granzow espanta-se com o fato de que, em plena ditadura militar (um dos períodos mais terríveis da história brasileira) a visão conservadora prevalecia entre uma boa parte dos descendentes de alemães.

2 (N.do E.) Atualmente os pomeranos no Espírito Santo tem uma presença significativa em vários municípios: Santa Maria de Jetibá, Santa Leopoldina, Domingos Martins, Afonso Cláudio, Laranja da Terra, Baixo Guandú, Itarana, Itaguaçu, São Gabriel da Palha, Vila Pavão, Pancas, Grande Vitória, entre outros.

Dir, lieber Valdemar,
herzlichst gewidmet
von Deinem

Klaus Granzow

Neuendettelsau, d. 15. 11. 72.

Dedicatória de Klaus Granzow no livro *Pommeranos in Brasilien* ao senhor Valdemar Holz.
(Fonte: *Pommeranos in Brasilien* de Klaus Granzow, Alemanha, 1972.)

Vitória, capital do Espírito Santo na década de 1970. Aqui os pomeranos chegaram em navios à vela. Em seguida subiram em canoas o rio Santa Maria (que deságua na baía de Vitória), até a colônia Santa Leopoldina onde ocuparam seus lotes em região montanhosa e de lá se espalharam por vários pontos do Estado do Espírito Santo.

Casa típica de colonos pomeranos nas terras altas do Espírito Santo.
(Fonte: *Pommeranos in Brasilien* de Klaus Granzow, Alemanha, 1972.)

Família de colonos pomeranos colhendo café no Espírito Santo.
(Fonte: *Pommeranos in Brasilien* de Klaus Granzow, Alemanha, 1972.)

Pacientes chegando de longe para o “médico milagroso” Besert, em São João (Afonso Cláudio - ES).

Local para secagem de café num arrendatário de Carl Hartwig em Lagoa Serra Pelada (Afonso Cláudio - ES).

Rua principal em Lagoa Serra Pelada (Afonso Cláudio - ES).

O local da festa decorado com bandeiras coloridas. As pessoas vieram de longe para participar da festa da igreja em Lagoa Serra Pelada (Afonso Cláudio - ES).
(Fonte: *Pommeranos in Brasilien* de Klaus Granzow, Alemanha, 1972.)

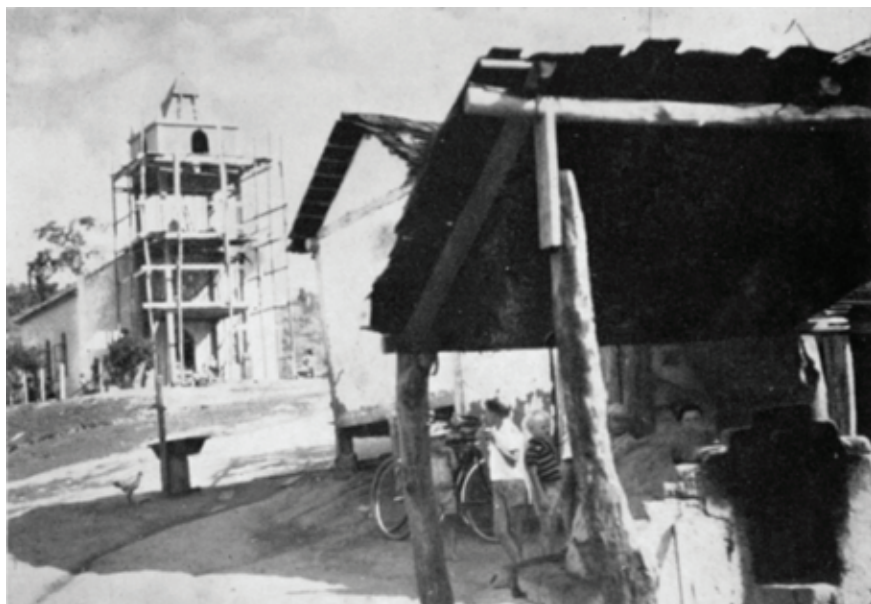
Pomeranos numa festa da igreja em Lagoa Serra Pelada (Afonso Cláudio - ES).

O coro de trambonistas toca no lançamento da pedra fundamental de uma nova igreja evangélica em Lagoa Serra Pelada (Afonso Cláudio - ES).
(Fonte: *Pommeranos in Brasilien* de Klaus Granzow, Alemanha, 1972.)

Klaus Granzow filmando um bananal na propriedade de Carl Hartwig
em Lagoa Serra Pelada (Afonso Cláudio - ES).
(Fonte: *Pommeranos in Brasilien* de Klaus Granzow, Alemanha, 1972.)

Menina pomerana no meio de um bananal no Espírito Santo (década de 1970).

Klaus Granzow filmando uma tropa transportando o café das íngremes montanhas capixabas para os locais de escoamento situados nas partes baixas do território.

(Fonte: *Pommeranos in Brasilien* de Klaus Granzow, Alemanha, 1972.)

Igreja em Trancredinho (São Rogue do Canaã - ES):
no primeiro plano, à direita um forno à lenha ("Backowe").

O Mensageiro (convidador) segue a frente dos noivos em direção à casa do casamento, em rio Perdido (Baixo Guandu - ES).

(Fonte: *Pommeranos in Brasilien* de Klaus Granzow, Alemanha, 1972.)

Os noivos, juntamente com a comitiva principal, a caminho da celebração na igreja (ES).

(Fonte: *Pommeranos in Brasilien* de Klaus Granzow, Alemanha, 1972.)

Mathias Nickel no seu serpentário em Melgacinho, Califórnia (Domingos Martins - ES).

Pastor Maruhn com suas crianças pomeranas em uma Confirmação em Laranja da Terra (ES).
(Fonte: *Pommeranos in Brasilien* de Klaus Granzow, Alemanha, 1972.)

Casa da família Dummer em Palmeira (Itaguaçu - ES).

Casa e família do colono Prezilius em Palmeira (Itaguaçu - ES).

Ponte de 1 km sobre o Rio Doce, Klaus Granzow de paletó branco à direita (Colatina - ES).
Essa ponte foi o principal acesso de entrada de milhares de famílias pomeranas (da quarta geração) provenientes da Região Serrana Capixaba para o noroeste e norte do Espírito Santo.

Wilhelm Gröner em frente à sua casa em Córrego Bley (São Gabriel da Palha - ES).

Karl Schmidt com sua concertina em Córrego Bley (São Gabriel da Palha - ES).
À direita, Klaus Granzow.

Igreja e casa pastoral em Córrego Bley (São Gabriel da Palha - ES).

Casa colonial do Capitão de Cavalaria Livonius em São Paulo.

Casa típica de colonos na Estrada dos Pomeranos (SC).

Pomerode (SC), na década de 1970.

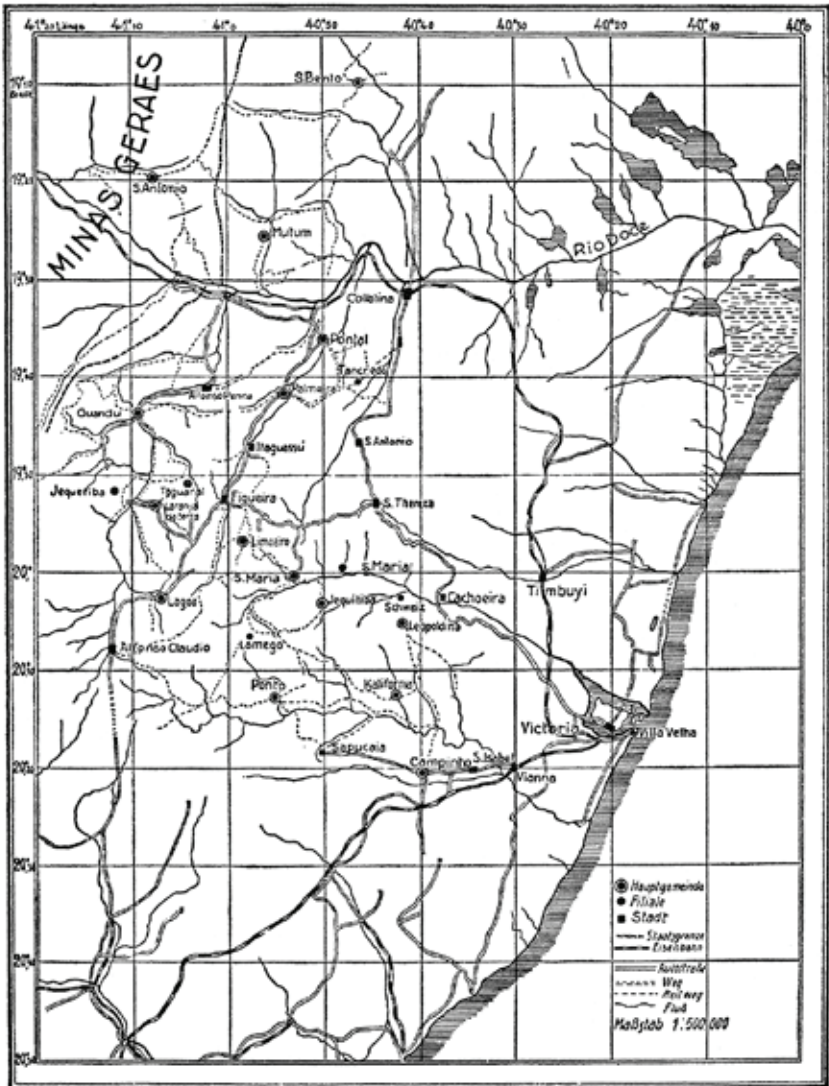
Rua principal em Blumenau (SC), década de 1970.

Escola no interior de Testo Alto (Pomerode - SC).

Estudantes do Ginásio em Pomerode (SC).

O colono Willy Krüger enfrente da sua casa em Pomerode (SC).

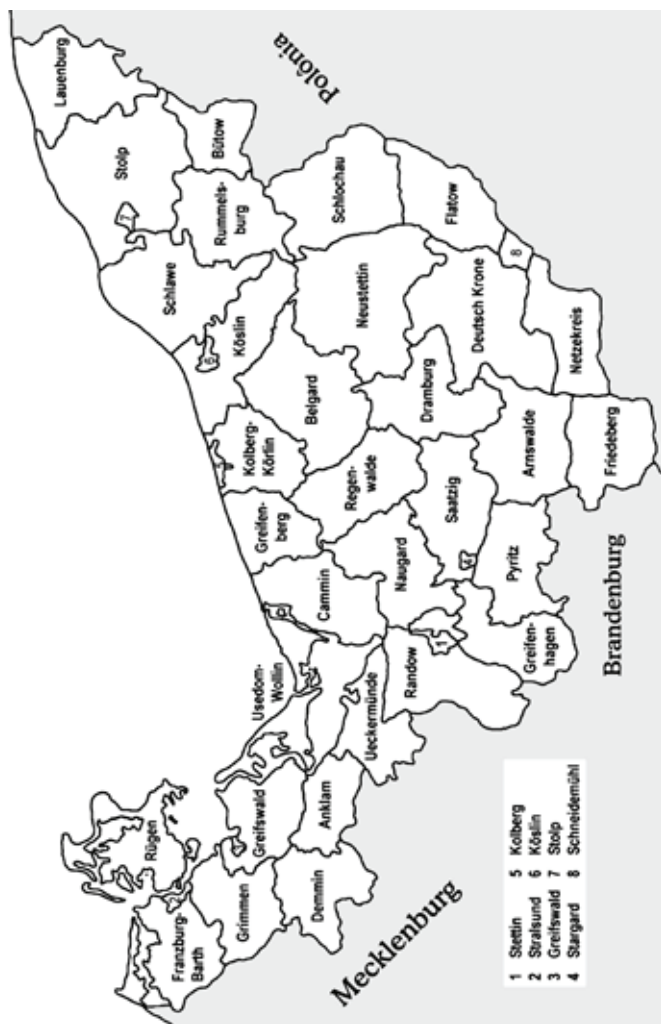
Transporte de crianças em balaios de Blumenau (SC) para Pomerode (SC).

MAPAS

Zona antiga de assentamento pomerano no Estado do Espírito Santo, próxima à capital, Vitória.

ESPÍRITO SANTO
RIO DE JANEIRO
ITABUNA
PORTO SEGURO
LEOPOLDINA
NOVA VENECIA
TEÓFILO OTONI
COLATINA
BAIXO GUANDU
SANTA TERESA
VITÓRIA
SANTA LEOPOLDINA
DOMINGOS MARTINS
AFONSO CLAUDIO
CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM
ATLÂNTICO
OCEANO
CAMPOS
SETE LAGOAS
BELO HORIZONTE
OURO PRETO
CONGONHAS
CANTAGALO
CABO FRIO
NOVA FRIBURGO
JUÍZ DE FÓRA
NITERÓI
PETRÓPOLIS
RIO DE JANEIRO
VOLTA REDONDA
Rio Grande
POUSO ALEGRE
OURO FINO
N
S
0
50
100
200
300 Km

SANTA CATARINA
RIO GRANDE DO SUL
JOINVILLE
RIO NEGRO
SÃO BENTO
CORUPÁ
RIO NEGRINHO
JARAGUÁ
MAFRA
POMERODE
BLUMENAU
BRUSQUE
FLORIANÓPOLIS
PORTO UNIÃO
RIO DO SUL
VIDEIRA
TREZE TILIAS
JOAÇABA
LAGUNA
CHAPECÓ
MARCELINO RAMOS
ERECHIM
MONDAI
ITAPIRANGA
ARARANGUÁ
TORRES
PASSO FUNDO
PALMEIRA DAS MISSÕES
ARGENTINA
CAXIAS
GRAMADO
SANTA ROSA
PANAMBÍ
TAQUARA
IJUÍ
SANTO ÂNGELO
CRUZ ALTA
LAJEADO
NOVO HAMBURGO
SÃO LEOPOLDO
TAQUARI
ESTRELA
VENÂNCIO AIRES
PÔRTO ALEGRE
SANTA CRUZ
OCEANO ATLÂNTICO
SÃO BORJA
SANTA MARIA
LAGOA DOS PATOS
SÃO LOURENÇO
PELOTAS
RIO GRANDE
URUGUAIANA
BAJÉ
LIVRAMENTO
URUGUAI
0
50
100
200
300 Km
N
S

Zonas de imigração germânica no Espírito Santo.
Mapa produzido por Klaus Granzow no início da década de 1970.
(Fonte: *Pommeranos in Brasilien* de Klaus Granzow, Alemanha, 1972.)

Etapas de ocupação do território capixaba pelos imigrantes e seus descendentes.
(Fonte: *Pommeranos in Brasilien* de Klaus Granzow, Alemanha, 1972.)

Província da Pomerânia, 1939.

PRINCIPAIS LOCAIS DE ORIGEM DOS COLONOS POMERANOS NO BRASIL

CIDADES

Bad Polzin
Belgard
Bublitz
Daber
Falkenburg
Greifenberg
Körlin
Köslin
Kolberg
Labes
Naugard
Neustettin
Plathe
Pollnow
Regenwalde
Schievelbein
Schlawe
Schneidemühl
Stargard
Stettin
Stolp
Wangerin

DISTRITOS

Alt-storkow
Bramstedt bei Arnhausen
Cartzin
Clannin
Curtsdorf Bei Regenwalde
Dimkuhlen
Grün(E)wald
Jacobshagen
Kamnitz Bei Köslin
Kraks Bei Regenwalde
Lechow Bei Butzenhagen
Lubow
Mögenthin Bei Bublitz
Natzmersdorf
Piepenburg
Ponicken
Pobloth(Tz?)
Quisbernow
Rackow
Rosenfelde
Rossnow
Seeger
Strachmin
Trieglaff
Tietzow Bei Belgard
Varzin
Wusterbarth
Wusterwitz
Zietlow

ÍNDICE ONOMÁSTICO

V

W

Z

BIBLIOGRAFIA

BLAU, Josef. Baiern in Brasilien (Bavários no Brasil). München, Editora Edmund Ganz, Gräfelfing bei, 1958.

FLOSS, Heinrich Max. Unsere Väter (Nossos Pais). São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Editora Rotermund, 1961.

GRAÇA ARANHA, José Pereira. Canaã. Rio de Janeiro, Editora Ediouro, 2ª. ed., 2002.

PLEMPE-CHRISTIANSEN, Ingeborg. Die Sprache der Pommerschen Nachkommen im Staate Espírito (O idioma dos descendentes de pomeranos no Espírito Santo – dissertação não publicada).

ROCHE, Jean. Die Deutschen im brasilianischen Schriftum, Romantisches Seminar der Universitaet Bonn, Bonn.1968.

SCHRÖDER, Ferdinand. Brasilien und Wittemberg. Berlin e Leipzig, Editora Walter de Gruyter & Co. 1936.

SÍNODO LUTERANO: Lutherische Kirche in Brasilien: Literatura sobre o jubileu dos 50 anos do Sínodo Luterano em 9 de outubro de 1955. Joinville, Santa Catarina.

SÍNODO RIOGRANDENSE: 75 Anos do Sínodo Riograndense 1886 – 1961. Rio Grande do Sul, Editora Sinodal de São Leopoldo.

SUDHAUS, Fritz. Deutschland und die Auswanderung nach Brasilien im 19. Hamburg, Editora Hans Christians Verlag, Jahrhundert, 1940.

STADEN, Hans. Zwei Reisen nach Brasilien (readaptado ao idioma moderno por Karl Fouquet). Marburg an der Lahn, Editora Trautvetter & Fischer Nachf., 1970.

VERÍSSIMO, Érico. Die Zeit und der Wind (O Tempo e o Vento). Stuttgart, Berlin, Editora Paul Neff-Verlag, Wien, 1954.

VON TSCHUDI, Johann Jakob. Reisen durch Südamerika. Leipzig, Editora F.A. Brockhaus Verlag, 3ª. Ed., 1867.

WERNICKE, Hugo. Deutsch-Evangelisches Volkstum in Espírito Santo, Eine Reise zu den deutschen Kaffeebauern in einem tropischen Staate Brasiliens. Postdamm, Editora Schriftunsverlag, 1910.

WAGEMANN, Ernst. Die deutschen Kolonisten im brasilianischen Staate Espírito Santo. München e Leipzig, Editora Duncker & Humbolt , 1915.

OBRAS DE KLAUS GRANZOW
NO CATÁLOGO DA BIBLIOTECA NACIONAL ALEMÃ

1 Schlesien - Augsburg : Weltbild, 2007

2 Erinnerung an Pommern - Würzburg : Flechsig, 2003, Sonderausg.

3 Letzte Tage in Pommern - München : Langen Müller, 2002, 5. Aufl.

4 Pommern ... wie es lachte - Würzburg : Flechsig, 2002, Sonderausg.

5 Typisch Pommern - Würzburg : Flechsig, 2001, Sonderausg.

6 Pommern in 1440 Bildern - Würzburg : Rautenberg im Verl.-Haus Würzburg, 2001

7 Schlesien in 1440 Bildern - Würzburg : Rautenberg im Verl.-Haus Würzburg, 2001

8 Pommern in alten Ansichtskarten - Würzburg : Weidlich, 2001

9 Schlesien in 1440 Bildern - [Rheda-Wiedenbrück : RM-Buch-und-Medien-Vertrieb {[u.a.], 2001, Ungekürzte Lizenzausg.

10 Pommern in 1440 Bildern - [Rheda-Wiedebrück : RM-Buch-und-Medien-Vertrieb {[u.a.], 2001, Ungekürzte Lizenzausg.

11 Pommern, wie es lachte - Würzburg : Weidlich Flechsig, 1991, 3. Aufl.

12 Meine Heimat Pommern - Augsburg : Weltbild-Verl., 1989, Genehmigte Sonderausg.

13 Erzählungen aus Pommern - Stuttgart : Thienemann, Ed. Erdmann, [1988], [5. Aufl.]

14 Typisch Pommern - Frankfurt am Main : Weidlich, 1988, 2. Aufl.

15 Erzählungen aus Pommern - Augsburg : Weltbild-Bücherdienst, 1987

16 Pommern - Würzburg : Weidlich, 1987, 4. Aufl.

17 Pommern in {1440 [vierzehnhundertvierzig] Bildern - Leer : Rautenberg, 1986

18 Pommern, wie es lachte - Würzburg : Weidlich, 1986, 2. Aufl.

19 Tagebuch eines Hitlerjungen - Granzow, Klaus. - Wiesbaden : Limes-Verlag, 1986

20 Wat heww wi us doch amüseert! - Granzow, Klaus. - Kiel : Jung, 1985, 1. Aufl.

21 Letzte Tage in Pommern - München : Langen Müller, c 1984

22 Erzählungen aus Pommern - Stuttgart : Thienemann Edition Erdmann, 1984, 4. Aufl.

23 Sie wussten die Feste zu feiern - Granzow, Klaus. - Leer : Rautenberg, 1982

24 Typisch Pommern - Frankfurt am Main : Weidlich, 1982

25 Der Tanz auf dem Gardersee - Granzow, Klaus. - Leer (Ostfr.) : Rautenberg, [1981?]

26 Pommern in alten Ansichtskarten - Frankfurt am Main : Flechsig, 1980

27 Hans Bredow - Bonn : Bund d. Vertriebenen, 1979

28 Pommern, wie es lachte - Frankfurt am Main : Weidlich, 1979

29 Pommern - Frankfurt am Main : Weidlich, 1978, 2. Aufl.

30 Willkommen, Herr von Puttkammer! - Granzow, Klaus. - Hamburg : Pommerscher Buchversand, 1977

31 Erzählungen aus Pommern - Tübingen, Basel : Erdmann, 1977, 3. Aufl.

32 Ein heller Streifen Eis - Granzow, Klaus. - Hamburg : Pommerscher Buchversand, 1975

33 Pommern - Frankfurt am Main : Weidlich, 1975

34 Pommeranos unter dem Kreuz des Südens - Granzow, Klaus. - Tübingen, Basel : Erdmann, 1975

35 Erzählungen aus Pommern - Tübingen, Basel : Erdmann, 1974, 2. Aufl.

36 Tagebuch eines Hitlerjungen - Granzow, Klaus. - Hamburg : Pommerscher Buchverlag, 1974, 2. Aufl.

37 Erzählungen aus Pommern - Tübingen, Basel : Erdmann, 1973

38 Grün ist das Tal am Rio Itajai - Granzow, Klaus. - Hamburg : Pommerscher Buchversand, 1972

39 Pommernland - Granzow, Klaus. - Hamburg : Pommerscher Buchversand, 1971

40 Wenn es Frühling wird - Granzow, Klaus. - Hamburg : Pommerscher Buchversand, 1970

41 Krischan vertellt - Granzow, Klaus. - Hamburg : Pommerscher Buchversand, 1969

42 Tanz im Krug und andere pommersche Geschichten - Granzow, Klaus. - Hamburg : Pommerscher Buchversand, 1968

43 Der rote Husar und die Jungfrau - Hamburg : Verl. Pommerscher Buchversand, 1967

44 Es war die schönste Zeit - Granzow, Klaus. - Hamburg : Pommerscher Buchversand, 1967

45 Bei uns im Dorf - Granzow, Klaus. - Hamburg : Verl. Pommerscher Buchversand, 1967

46 Leise rieselt der Schnee - Granzow, Klaus. - Hamburg : Verl. Pommerscher Buchversand, 1966

47 Tagebuch eines Hitlerjungen, 1943 - 1945 - Granzow, Klaus. - Bremen : Schünemann, 1965

48 Granzow, Klaus - 1927- / Dt. Schriftsteller aus Pommern

Links relacionados

[Klaus Granzow no Catálogo da Biblioteca Nacional Alemã]
https://portal.d-nb.de/opac.htm?query=atr%3D124321178+OR+nid%3D124321178&method=simpleSearch

[Coleção e Arquivos Klaus Granzow no Museu da Pomerânia em Greifswald]
http://www.pommerscher-greif.de/service/granzow.htm

[Klaus Granzow na Wikipedia Alemã]
http://de.wikipedia.org/wiki/Klaus_Granzow

OBRAS DA COLEÇÃO CANAÃ

Vol. 1 – *O Estado do Espírito Santo e a Imigração Italiana (fevereiro 1895)*. Relato do Cavalheiro Carlo Nagar, Cônsul Real em Vitória. Tradução: Nerina Bortoluzzi Herzog (Vitória, 1995).

Vol. 2 – *Projeto de um Novo Arrabalde (1896)*. Relatório de Francisco Saturnino Rodrigues de Brito. Edição fac-similar (Vitória, 1996).

Vol. 3 – *Catálogo de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Espírito Santo (1585-1822)*. Organização de João Eurípedes Franklin Leal. (Vitória,1998).

Vol. 4 – *Donatários, Colonos, Índios e Jesuítas:* O Início da Colonização do Espírito Santo. Nara Saletto (Vitória, 1998).

Vol. 5 – *Viagem à Província do Espírito Santo:* imigração e colonização suíça - 1860. Johann Jakob von Tschudi. (Vitória, 2004).

Vol. 6 – *Colônias Imperiais na Terra do Café:* camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras. Espírito Santo 1874-1900. Renzo M. Grosselli (Vitória, 2008). Tradução: Márcia Sarcinelli.

Vol. 7 – *Viagem de Pedro II ao Espírito Santo*. Levy Rocha (Vitória, 2008).

Vol. 8 – *História do Estado do Espírito Santo*. José Teixeira de Oliveira (Vitória, 2008).

Vol. 9 – *Os Capixabas Holandeses:* uma história holandesa no Brasil. Ton Roos e Margje Eshuis (Vitória, 2008). Tradução: Ruth Stefanie Berger.

Vol. 10 – *Pomeranos Sob o Cruzeiro do Sul:* colonos alemães no Brasil. Klaus Granzow (Vitória, 2009). Tradução: Selma Braum.

Os volumes acima, entre outros documentos e obras raras, podem ser consultados no site do APEES, em formato pdf, dentro do projeto Biblioteca Digital, no seguinte endereço:

www.ape.es.gov.br